



UFES

Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional
Universidade Federal do Espírito Santo
Linha 1 – Subjetividade, Saúde e Clínica

JESSICA TATIANE FELIZARDO

IMAGENS DE UMA CAÇAMBETEIRA:
UMA NARRATIVA FEMINISTA DO HOSPÍCIO COLÔNIA DE BARBACENA (MG)

Vitória (ES)
2021

JESSICA TATIANE FELIZARDO

**IMAGENS DE UMA CAÇAMBETEIRA:
UMA NARRATIVA FEMINISTA DO HOSPÍCIO COLÔNIA DE BARBACENA (MG)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional, na Linha de Pesquisa: Subjetividade, Saúde e Clínica

Orientador: Jésio Zamboni

Vitória (ES)
2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

F313i Felizardo, Jessica Tatiane, 1992-
Imagens de uma caçambeteira: Uma narrativa feminista do hospício Colônia de Barbacena (MG) / Jessica Tatiane Felizardo. - 2021.
2021 f.

Orientador: Jésio Zamboni.
Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Feminismo;. 2. Subjetividade;. 3. Loucura;. 4. Narrativa;. 5. Gênero;. 6. Sexualidade.. I. Zamboni, Jésio. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

JÉSSICA TATIANE FELIZARDO

**IMAGENS DE UMA CAÇAMBETEIRA: UMA NARRATIVA FEMINISTA DO
HOSPÍCIO COLÔNIA DE BARBACENA-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Aprovada em 30 de setembro de 2021

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Jésio Zamboni
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Luziane de Assis Ruela Siqueira
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Alexandro Rodrigues
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Heliana de Barros Conde Rodrigues
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Daiane Baroni
Universidade Federal de São João Del Rey

Aqui nesse momento desarmamos o nosso corpo coletivo, e como máquina de guerra, nós aqui desistimos das memórias trágicas. Olhamos para frente e continuamos um futuro onde possamos recriar nossa existência¹.

¹SILVA, 2019, p. 27.

.Agradecimento.

Este escrito é fruto daquilo que acredito, tem muitas coisas que gosto. Tem pessoas. Tem cheiro. Tem música. Tem documentário. Tem neologismo. Tem estórias. Tem vírgula, ponto, palavras e sugestões de gentes. Tem estórias transmitidas por pessoas que, apesar de tudo, querem contar estórias! Querem falar sobre a vida, suas memórias e recordações. Existe uma vontade comum entre nós, que diz de estudar, de ler, de escrever, de ouvir e de contar estória. É uma vontade em comum de transmitir as coisas que a gente aprendeu. Aqui, podemos sentir uma brisa, um vento, um afeto, o bafo, a respiração de pessoas. Tem alma dos mortos, tem corpos, corpos existente, de vida.

Fizemos esta dissertação nestas condições, sentindo o bafo um do outro/a, como sempre, parte de uma comunhão. Os agradecimentos não têm limite, digo e desejo *Txai* (palavra da língua dos índios Kaxinawa [...] adotada por índios, seringueiros e ribeirinhos no Acre como tratamento de respeito e carinho a todos, todas, todes aliadas dos povos da floresta. Companheiras: Uma metade de mim)²

Jésio Zamboni, José Luiz de Oliveira; Libia Vilas Boas; *in memoriam* Nilcia Felizardo; Anelieste Castro Carlos; Roseni das Dores de Souza Felizardo; Silverio de Souza Felizardo; Jaciara Lima de Souza Felizardo; Gabriela de Souza Felizardo; Daniela de Souza Felizardo; Pierre Dominic de Oliveira Felizardo; Iara Felizardo Casarino; Lucia Helena da Silva; Isaac Ribeiro; Carla de Jesus; Amanda Veiga; Daniela Diniz; Cristina Duarte; Carlos Alexandre de Paiva; Flávio Honorato da Silva; Valmira de Oliveira Santos; Ludovyco José Viol Moras; Ana Lúcia Feliciano; Thais Andressa da Silva; Shênia Souza Giarola; Marcos Breza; Rafael Siqueira Araújo; Eric Tadeu Miguel; Pamela de Azevedo Primo; Elvis Arapa Díaz; Wellington Antônio Dias; Robert Willian Lyra Ribeiro; Lidiane Campos Villanacci; Roque Raphael de Souza Ercolin; João Matheus dos Santos Barbosa Villas Bôas Maia; Claudia Miranda; Daiane Francisco Medeiros; Samara Emília Campos; Alexandre Moraes; Simone de Assis; Rogério Rios; Beatriz Rodrigues Torres; Silvino Ananias da Silva; Pedro Pereira; Djair Marcelino Trindade; Luiz Guganti; Caio Luiz Carvalho Penha; Leandro José Maria Silva; Rogerio Lucas de Carvalho; Natalie Souza Freitas Zamprognio; Evandro Cândido; Francine Estanislau; Angélica Santos da Costa; Daniela Diniz; Carlos Antônio Conceição; Andrea Boari; Lays Paula Pereira; Helaine Borges; Martha Waryu; José Adélcio Oliveira Júnior; Roselaine Silva; José Moraes Elenito; Alexsandro Rodrigues; Heliana de Barros Condes Rodrigues; Daiane Baroni; Luziane de Assis Ruela Siqueira; Emerson Nogueira; Alexandre Moraes; Zelia Brito; Joel Hirtz do Nascimento Navarro; Adriely Oliveira Clarindo; Rafaela Werneck Arenari Martins; Rosane Di Paula; Caico Barbosa; Alice Dudu Sampaio; Daniel Barros Bermudes; Karolyne Lima de Araujo; Maria Victoria Bastos; Julia Lima Cascardo; Monica Miniguite de Nadai; Murilo Kill; Adilson Casarino; Maria Casarino, Maria das Dores de Souza; Vera das Dores; Theresa das Dores;

² Disco *Txai*, de Milton Nascimento.

Alana Araújo Corrêa Simões; Aline Gomes Tavares Matias; Eduardo Luiz Hubner Pereira; Felipe Santana Criste; Gabriel Pirovani Dias; Gustavo Alves Eduardo; Izabela Pinheiro Campos; Jéssica Mariana Parrilha da Silva; Juliana Oliveira Silva; Kettle Silva; Lucas da Silva Roberto; Maiara Borlini Vescovi; Tássio Jubini Ventorim; Adriano Pereira Jardim; Ana Paula Figueiredo Louzada; Ariana Lucero; Fabio Diaz Camarneiro; Ileana Wenez; Janaína Mariano César; Marcia Roxana Cruces Cuevas.

Ao bando: Desorientantes³; GPLEHANB⁴; GUEPS⁵ e a quarta turma de Esquizoanálise⁶.

Aos membros da família Felizardo e Vilas Boas.

Às minhas tias, contadoras de estórias: Tia Sirlene Felizardo; Tia Eliane Felizardo; Tia Raimunda Felizardo; Tia Silvia Felizardo; Tia Fátima Vilas Boas; Tia Nice Vilas Boas; Tia Cidas Vilas Boas; Tia Rosa; Tia Mônica; Tia Li; Tia Dinha; Tia Maria.

Aos meus tios, contadores de estórias: Tio Mané; Tio Paulinho; Tio Zecão; Tio Celso; *in memoriam*: Tia Gambira; Tio Sirlei; Tio Silas.

As caçambas de lixos espalhadas por este mundão a fora!

Ao Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho (PPGPSI)!

À Capes, por ofertar a bolsa de estudos e contribuir com atravessia da corpa pesquisadora!

Quero, por fim, agradecer aos que esquecem e andam longe.

Finalmente, ao meu pé de Limão!!!

³ Grupo de orientação coordenado pelo prof. Dr. Jesio Zamboni.

⁴ Grupo de Estudo e Pesquisa em Hannah Arendt, Norberto Bobbio e Claude Lefort, coordenado pelo prof. Dr. José Luiz de Oliveira.

⁵ Grupo de Estudo e Pesquisa em Sexualidades, coordenado por Prof. Alexsandro Rodrigues; prof. Dr. Illena Wwnetz, e prof. Dr. Jesio Zamboni.

⁶ Escola Nômade (São Paulo), coordenada por Luis Fuganti.

Água de beber
Bica no quintal
Sede de viver tudo
E o esquecer
Era tão normal que o tempo parava
E a meninada respirava o vento
Até vir a noite e os velhos falavam
Coisas dessa vida
Eu era criança
Hoje é você
E no amanhã, nós
Eu era criança
Hoje é você
E no amanhã, nós
Água de beber
Bica no quintal
Sede de viver tudo
E o esquecer
Era tão normal que o tempo parava
Tinha sabiá
Tinha laranjeira
Tinha manga rosa
Tinha o Sol da manhã
E na despedida
Tios na varanda
Jipe na estrada
E o coração lá
Tios na varanda
Jipe na estrada
E o coração lá
Tios na varanda
Jipe na estrada
E o coração lá⁷

⁷ Canção *Fazenda*. Composição de Nelson Angelo, cantada por Milton Nascimento

Maria das Dores: “Eu não fugi, não! Eu não fugi. Eles iam buscar a gente lá, né”⁸?

“Maria levou muito choque, mais muito!
Com 82 anos, ela não lembra mais de nada!
Ela começou a frequentar hospícios muito
novinha”⁹.

⁸Fala de Maria das Dores de Souza, que fugiu do hospício Colônia com a sua vassoura de bruxa. Conferir detalhes em *Imagens de incêndios na infância: a história de Verinha* e *A fuga do hospício através da vassoura da bruxa*.

⁹DORES, Thereza. Entrevista, 2021.

.Resumo.

O presente trabalho tem como finalidade traçar a alegoria de uma narradora caçambeteira-trapeira, que ouviu memórias de subjetividades “locas” mal comportadas, que tiveram experiências com o trem de louco. As experiências transmitidas que compõem a pesquisa sustentam rastros de um território, que diz de uma cidade, Estado, País. Nesse contexto, são memórias não individualizadas, e sim coletivas, que marcam a história de um povo e problematizam a histórica única e hegemônica de vidas exiladas no hospício Colônia de Barbacena-MG. Nesses termos, a produção de “cenas analisadoras” da pesquisa compõem uma narrativa feminista, de um grupo de mulheres que regorjeiam cantos, protocolos e dispositivos clínicos, saberes, resistência e força de existir e fabricar a existência, não parte de uma escrita sem implicação, mas da arquivivência. A prática discursiva para a formulação das narrativas partiu dos encontros com o narrador Adilson Casarino e narradoras: Líbia Vilas Boas, Maria Madalena Casarino, Maria das Dores de Souza, Vera das Dores, Thereza das Dores, Carla de Jesus. As entrevistas sucederam no Estado de Minas Gerais, nas regiões de Lavras, Perdões, Cerradinho, São João Del-Rei. O encontro com os arquivos-vivos é uma exaltação da arte de contar histórias. De tal modo, as trapaças e o ofício estético-político de uma narradora caçambeteira ganham força quando se encontra com Walter Benjamin, Judith Butler, Michel Foucault, Jota Mombaça entre outros autores. Com efeito, a ética de uma narradora é ter ouvidos de uma caçamba de lixo, que ao recolher memórias, deseja contar, narrar histórias sobre o trem de doido, que capturou subjetividades “loucas”, “insubmissas” frente à produção de discursos ocasionados por vontades de verdade de práticas comandadas pelo padrão.

Palavras-chave: Feminismo; Subjetividade; Loucura; Narrativa.

.Resumen.

El presente trabajo tiene como objetivo rastrear la alegoría de un narrador cazador-trapeira, que escuchó recuerdos de subjetividades “locas” mal portadas, que tuvieron experiencias con el tren loco. Las experiencias transmitidas que componen la investigación sustentan huellas de un territorio, es decir de una ciudad, estado, país. En ese contexto, las memorias no son individualizadas, sino colectivas, que marcan la historia de un pueblo y problematizan la historia única y hegemónica de vidas exiliadas en el Hospicio Colônia de Barbacena-MG. En estos términos, la producción de “escenas de análisis” de la investigación componen una narrativa feminista, de un grupo de mujeres que se regocijan en canciones, protocolos y dispositivos clínicos, saberes, resistencias y fuerzas para existir y fabricar existencia, no parte de una escritura sin implicación, pero archivado. La práctica discursiva para la formulación de relatos partió de encuentros con el narrador Adilson Casarino y las narradoras: Libia Vilas Boas, Maria Madalena Casarino, Maria das Dores de Souza, Vera das Dores, Thereza das Dores, Carla de Jesus. Las entrevistas ocurrieron en el Estado de Minas Gerais, en las regiones de Lavras, Perdões, Cerradinho, São João Del-Rei. El encuentro con los archivos vivos es una exaltación del arte de contar historias. De esta forma, la artimaña y el oficio estético-político de una narradora de caza cobran fuerza al encontrarse con Walter Benjamim, Judith Butler, Michel Foucault, Jota Mombaça, entre otros autores. En efecto, la ética de un narrador es tener oídos de basurero, que al recolectar recuerdos quiere contar, narrar historias sobre el tren loco, que capturó subjetividades “locas”, “insumisas” frente a la producción de discursos provocados por voluntades de verdad de prácticas comandadas por el patrón.

Palabras-clave: Feminismo; Subjetividad; Locura; Narrativa.

.Résumé.

Le présent travail vise à retracer l'allégorie d'un narrateur chasseur-trapeira, qui a entendu des souvenirs de subjectivités "loca" mal conduites, qui ont eu des expériences avec le train fou. Les expériences transmises qui composent la recherche entretiennent les traces d'un territoire, qui dit d'une ville, d'un état, d'un pays. Dans ce contexte, les mémoires ne sont pas individualisées, mais collectives, qui marquent l'histoire d'un peuple et problématisent l'histoire singulière et hégémonique des vies exilées à l'Hospice Colônia de Barbacena-MG. En ces termes, la production de « scènes d'analyse » de la recherche compose un récit féministe, d'un groupe de femmes qui se réjouissent des chansons, des protocoles et des dispositifs cliniques, des connaissances, de la résistance et de la force d'exister et de fabriquer l'existence, et non d'une écriture. sans implication, mais archivistique. La pratique discursive pour la formulation de récits a commencé à partir de rencontres avec le narrateur Adilson Casarino et les narrateurs : Libia Vilas Boas, Maria Madalena Casarino, Maria das Dores de Souza, Vera das Dores, Thereza das Dores, Carla de Jesus. Les entretiens ont eu lieu dans l'État de Minas Gerais, dans les régions de Lavras, Perdões, Cerradinho, São João Del-Rei. La rencontre avec les archives vivantes est une exaltation de l'art de raconter. Ainsi, la ruse et le métier esthétique-politique d'une narratrice de chasse se renforcent lorsqu'elle rencontre Walter Benjamim, Judith Butler, Michel Foucault, Jota Mombaça, entre autres auteurs. En effet, l'éthique d'un narrateur est d'avoir les oreilles d'une benne à ordures, qui, lors de la collecte de souvenirs, veut raconter, raconter des histoires sur le train fou, qui a capté des subjectivités « folles », « insoumises » face à la production de discours provoqués par des volontés de vérité de pratiques commandées par le modèle.

Mots-clés: Féminisme; Subjectivité; Folie; Narration.

Rastrear na quebrada, as forças¹⁰.

Imagem 1: Caçamba de lixo localizada no bairro Andorinhas, Vitória (ES)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

¹⁰ MOMBAÇA, 2021, p. 21.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Caçamba de lixo localizada no bairro Andorinhas, Vitória (ES)	10
Imagem 2: Os girassóis de Van Gogh	31
Imagem 3: Livros de matrícula com informações das pacientes exiladas no Colônia	73
Imagem 4: Museu da Loucura – Barbacena (MG)	85
Imagem 5: Grade em frente à fotografia	91
Imagem 6: Cadeado que se encontra se abaixo da mesma imagem	91
Imagem 7: Câmera estereoscópica Imagem	96
Imagem 8: Câmera com múltiplas objetivas	96
Imagem 9: Abaporu	98
Imagem 10: Uma aula clínica na Salpêtrière	105
Imagem 11: Iconografia fotográfica del grande Isterismo	106
Imagem 12: Prática de masturbação	108
Imagem 13: Vibrador movido a manivela	109
Imagem 14: Augustine	113
Imagem 15: Fotografia de Augustine reproduzida em fototipia na lâmina XIV	114
Imagem 16: Molde de gesso para o museu de Charcot na Salpêtrière	116
Imagem 17: Início de um ataque de grito, 1878	119
Imagem 18: Pavilhão B	123
Imagem 19: Escombros e cruz	125
Imagem 20: Linhas de uma parede do hospício	126
Imagem 21: Enquadramento de uma das alas do Milton Campos	127
Imagem 22: Ala B9 – Pavilhão Milton Campos	128
Imagem 23: Corredor	129
Imagem 24: Registro das “locas” da Colônia	132
Imagem 25: Hilda	139
Imagem 26: Elza	142
Imagem 27: Augusta	145
Imagem 28: Maria	148

Imagem 29: Guatá	150
Imagem 30: Bernades	152
Imagem 31: Carta 1 frente: De Roseni das Dores para Libia Vilas Boas	162
Imagem 32: Carta 1 verso: De Roseni das Dores para Libia Vilas Boas	163
Imagem 33: Carta 2 frente: De Roseni das Dores para Libia Vilas Boas	164
Imagem 34: Carta 2 verso: De Roseni das Dores para Libia Vilas Boas	165
Imagem 35: Carla de Jesus	173
Imagem 36: Fundação Porphiria e José Máximo de Magalhães (Pensionato)	181
Imagem 37: Maria Julia e João (filhos de Carla de Jesus).....	184
Imagem 38: Sebastião Casarino	186
Imagem 39: Imagem 39: Sítio da Alegria	189
Imagem 40: Chafariz situado na praça Augusto Silva (Lavras, onde Maria se banhava)	207

CENAS DE UMA PESQUISA

1 SUBJETIVIDADE E A POLÍTICA DO ARQUIVO-VIVO.....	14
Manual de uma caçambeteira	15
A caçambeteira e a política da narrativa como aposta de outros possíveis	17
O academicismo enterrou minhas avós? Ressignificando os girassóis	31
2 VIDAS PERIGOSAS FABRICADAS PELA TEORIA MÉDICA	42
Convite para uma viagem de trem para casa das <i>locas</i>	43
A história de mais um lixo.....	44
Quando o corpo não sobrevive e as palavras sobrevivem para dizer	58
Corpos que pesam para o Comitê: um relato em primeira pessoa	70
O espetáculo da loucura diante da ferida aberta	85
3 IMAGENS ANALISADORAS	95
Fotografias: apenas enquadramentos.....	96
Invensão da histeria no hospício Salpêtrière	102
Martinha, a vendedora de consolos	109
Augustine e o discurso médico	112
Não diga que estamos mortos: imagens arrebatadoras e a escrita dos restos	122
Lampejos de uma escrita a partir da imagem: ficcionando a estória.....	131
4 MEMÓRIAS MALDITAS E PERIGOSAS:.....	158
A menina que menstruava e foi parar no hospício Colônia.....	159
A sambista e a cidade dos loucos	173
O homem que perdeu os dentes de ouro na Colônia	186
Imagens de incêndios na infância: a estória de Verinha.....	198
A vassoura da bruxa e a fuga do hospício: Maria das Dores contra seu tempo	207
INCONCLUSÃO.....	218
Tirando a caçamba da rua	219

1 SUBJETIVIDADE E A POLÍTICA DO ARQUIVO -VIVO

Manual de uma caçambeteira

Fala da vizinha Penha ao seu companheiro Zezão: 'Fecha a janela que a Jessica está estudando'(Diário de campo – 10-08-2021 às 12h05).

- Pensar a pesquisa como um plano de experimentação, como um descaminho, que se perde para encontrar uma inconCLUSÃO;
- Tomar a escrita como invenção, transformação de si e do mundo;
- Assumir a experiência de pesquisar e escrever COM, assumindo os riscos e desafios, que nos são colocados a partir do encontro;
- Descansar das hipóteses, protocolos e regras; e apostar na escrita dos restos e da experiência;
- Estar presente na experiência do encontro com as narradoras (intercessoras);
- Fazer um bom uso da experiência dos tédios, desconfortos, desassossegos e dúvidas;
- Desinformatizar e apostar nas conversas com abertura para construção de novas possibilidade de entradas, e bifurcações;
- Tomar a rua, o cotidiano, como material de pesquisa;
- Intercalar o que nos acontece com a narrativa;
- Ter um caderno de notas na bolsa (fazer do diário de campo um dispositivo para a reinvenÇÃO);
- Cuidar do corpo pesquisadora, respirando na arte, na música, no teatro, nas conversas CASEIRAS, que nos alimentam e geram forças;
- Apostar na política da amizade como apostas para começar quantas vezes for preciso;
- Escrever debaixo de um pé de limão;
- Ir tomar café com a avó mesmo sabendo que na defesa ela não estará presente (*in memoriam* a Nilcia Felizardo);
- SapaViadar amando a vida e apostando no ofício da pesquisa como produção de saúde. Se tirar esse ofício de pesquisar, você consegue seguir? Caso não. Então, aposte na pesquisa, naquilo que a move como desejo.
- Ter a coragem de deixar as hipóteses;
- Esconder-se debaixo de pés de limoeiro;
- Fazer desta encomenda de pesquisar um fazer político-poético;

- Prestar atenção às cenas-analisadoras do cotidiano (para uma caçambeteira, tudo, absolutamente, tudo pode ser material de pesquisa);
- Descobrir a escrita, experimentando;
- Tomar a escrita como estratégica micropolítica de produção de resistência para habitar o território acadêmico;
- Resgatar o tesão de escrever no mundo acadêmico;
- Fazer do caos conexões potentes e produtivas;
- Atentar para as pistas em conversas nas esquinas, bares, corredores da universidade, cafés (Na pandemia, com ensino remoto, apostar nos bandos *on-line*, grupos de estudo, desorientação. Não se isolar, buscar conexões mesmo que seja por meio da tela);
- Narrar histórias que afetem as pessoas, que as façam invadir seu dia numa manhã para compartilhar o que sentiram ao ler o manuscrito (cenas de Monica Moniguite de Nadai, a loca);
- Ler documentários, músicas, obras de arte, textos-vidas;
- Escrever a inutilidade não vista, ou fingida, da rua [restos];
- Ser artista apostando na criação como fonte de singularizar o processo.

A caçambeteira e a política da narrativa como aposta de outros possíveis

“Tem gente que não se aguenta com ele [o lixo]”¹¹.

Calcei

meu

all Star vermelho, enroupei um vestido longo preto de girassol, ajeitei meus óculos de grau (sou míope), acendi um cigarro e sai andando em seguida pelas ruas da cidade. Uma das questões que me chama atenção é a caçamba de lixo. Sou o tipinho de pessoa fanática por elas. Ao passar por uma, faço o esforço de decifrar os rastros, marcas que ali foram deixadas ou esquecidas. Não suportamos conviver no meio dos lixos. Ao mesmo tempo, temos urgência em fabricá-los. Antes de apanhá-lo ou jogá-lo na caçamba, ele, o lixo, é produzido, fabricado e enquadrado para ser despejado em algum “lugar”! Assim, as caçambas de lixo são responsáveis por acolher as sobras, restos e dejetos e guardar toda a pobreza de uma cidade. A caçamba pode ser interpretada como uma heterotopia, conforme cunhou Michel Foucault, isto é, lugares outros no campo social: “[...] lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que contraespaços”¹². Há quem deduza que o lixo só fede, só apodrece ou entulha, ou que ele não tem nenhuma serventia. Passa-se, assim, por esquecido, por isso é lixo! Alguns de vocês, leitoras, têm essa posição, porque não conheceram nenhuma trapeira/sucateira, pois elas/eles, sim, sabem lixaar, dão-nos uma aula. Carolina de Jesus foi uma sucateira (catadora de papelão) e sabia recolher sobras/restos que eram jogados no lixo da cidade e dar outros usos para conseguir sobreviver. Foi ela que deu cor à fome. Disse que era amarela. Utilizava o papel que recolhia para escrever seu cotidiano e seus segredos. No dia 15 de julho de 1995, a escritora disse:

Aniversário de minha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo de gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente, somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então, eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de

¹¹ Estamira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uFQI3uGV7Ss&t=840s>>.

¹² FOUCAULT, 2013, p. 20.

toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se¹³.

Outra trapeira, catadora de lixo, é Estamira, enquadrada como psicótica. É a partir dos restos e sobras do lixo que ela consegue garantir sua sobrevivência e de sua família. No documentário intitulado *Estamira*, de Marcos Prado, seu cotidiano e modo de vida, é exposto como reinvenção de outros modos de habitar o mundo, de criar outros possíveis. Nas palavras de Luiz Fuganti: “Que potência filosófica ela tem de criar conceitos e definir modos de pensar”¹⁴. Estamira não se deixa ser capturada pelo discurso da psiquiatria, que muitas das vezes medicaliza a vida, enfraquecendo-a; pelo contrário, Estami faz um outro uso frente aos seus traumas e abusos, que lhe ocorreram. Põe-se num derradeiro questionamento das normas e de modos outros de sentir a existência. Em outras palavras, sua vida é uma aposta ética, e não moralista de viver, pois ela se coloca como uma pensadora nômade, que inventa uma maneira de viver mediante os dejetos do lixo.

Outro sucateiro que sabe lixaar é Antônio Bispo do Rosário. No dia 22 de dezembro do ano de 1928, ele saiu andando pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro e foi perguntado: “Você é o Cristo?” Ele então respondeu: “Não! Sou filho do Cristo”¹⁵. Logo, foi colocado sob as grades no hospício para alienados na praia vermelha, sendo enquadrado como esquizofrênico paranoico. Posteriormente, foi internado na Colônia Juliano Moreira. Num pavilhão solitário, passou sete anos produzindo seu acervo artístico! Fez do lixo um luxo. Sua obra tem como marca sustentar a insignificância às sobras do lixo. Tal experiência foi uma forma de resistir aos maus-tratos do hospício e aos eletrochoques na época.

A partir dessas reflexões a respeito do lixo, Walter Benjamin¹⁶ sinaliza que é a partir do lixo que os poetas encontram adubo; ou seja, assuntos. Na visão do pensador, o poeta Baudelaire seria um exemplo de um traço de um trapeiro. Assim, essa figura, como aquela

¹³ JESUS, 2000, p. 9.

¹⁴ Ler mais em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O6U3vTnSgbs>>.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ISt22V1U-hY&t=80s>>.

¹⁶ BENJAMIN, 1987.

que recolhe as sobras no lixo de uma cidade, traz também, como significância, o modo de ser de uma narradora, que, ao colocar sua caçamba de lixo sobre o território de uma cidade, recolhe merdas sagradas, que estão espalhadas e circulam pelas cidades. Jeanne Marie Gagnebin disse que uma narradora é como uma trapeira ou sucateira que apanha o lixo. Em suas palavras: “[...] catador de sucata e de lixo, esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder”¹⁷. Desse modo, o lixo aqui neste trabalho é entendido como uma produção de força, tem voz, narra estórias, transmite experiências, é entendido como um tesouro, pérolas preciosas. Possui uma marca singular, a ponto de conseguirmos rastrear as heterotopias de desvios e de crises de uma cidade mediante seus despejos, restos. Por heterotopia de desvio, entendem-se espaços onde são encaminhados indivíduos transviados da norma, ditos como indigentes, os vistos como os entulhos de uma sociedade. Assim, os hospícios seriam um dos exemplos¹⁸ de espaço hererotópico de desvio.

Ao me meter com gente que atira merdas sagradas em caçambas de lixo, abri os meus ouvidos de caçamba. Trago comigo narrativas que compõem, como rastros depositados na caçamba, uma narração dos vencidos¹⁹ em meio aos escombros da história. Escutar narrativas em tempos pandêmicos, cujo ano de 1928, Walter Benjamin²⁰ já havia decretado como o fim da narração tradicional, tendo em vista que enfrentamos a pobreza do narrar, já que este foi substituído pelo romance e pela informação. UMA HIPÓTESE para apreciar os tempos atuais, onde “não há a marca do narrador no vaso de argila”, como diz Benjamin? advertindo pistas para outra narração. Nesta perspectiva de alçar outra narração, pus-me a observar o cotidiano da cidade, um “olhar atento e ligeiro a tudo”²¹. Se estamos pobres em narrar experiências frente a uma sociedade capitalista, na qual ninguém tem tempo para narrar e nem escutar experiências, fiz-me prestar atenção naquilo que fede

¹⁷ GABNEBIN, 2009, p. 53.

¹⁸ FOUCAULT, 2013.

¹⁹ Estou utilizando aqui e, entendendo possibilidade de usar como linguagem neutra.

²⁰ BENJAMIN, 1987.

²¹ “Essa atenção aberta, sem focalização específica, permite a captação não apenas dos elementos que formam um texto coerente e à disposição da consciência do analista, mas também do material ‘desconexo e em desordem caótica” (KASTRUP, 2020, p. 36).

e apodrece pelo esquecimento num tempo-agora (*Jetztzeit*). Assim, a caçamba de lixo acontece num tempo saturado de ágoras, e exige cuidado e atenção, SIM! Ela é responsável por acolher os escombros, ruínas, detritos ou aquilo que sobra e, por fim, é excluído, isolado. Alguns lixos ou merdas fedem, outros ficam ali à mercê do esquecimento ou abandonados, são notados e desnotados o tempo todo! Aproximar-se de caçambas de lixos seria uma pista de modo a se fazer outra narração dada por Walter Benjamin, pois é “uma narração nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas”²². Seria um modo, também, de refletir sobre a heterotopia da caçamba de lixo, uma vez que ela cria outro espaço dentro da cidade e permite, a partir de sua subjetivação, refletir sobre o despejo e o respiro de recolher. É, assim, que eu, pesquisadora, sapatão, bruxa feminista, caçambeteira, narradora de cu mestiço, classificada como parda, mas negra, politicamente reconhecendo meus privilégios por ter um pigmento de cor mais clara no Brasil, de all-star vermelho, com uma escrita não sexista, chego com a minha caçamba de lixo no território mineiro nas cidades de Lavras, Perdões, Cerradinho e São João del-Rei, e convido os corpos-arquivos a narrarem estórias dos vencidos exilados na época da existência no hospício Colônia (1903-1975)²³. Vou apanhando os tesouros desta aposta política, que é a arte de narrar e escutar memórias perigosas e malditas do hospício, onde o diabo deixou o rabo²⁴. Com uma escuta de uma caçambeteira narradora, faço o exercício de narrar as merdas e lixos sagrados, que foram transmitidos para a minha caçamba. Faço minhas palavras as de Jota Mombaça, não vim cantar a esperança, mais menos com menos dá mais, eu vim para cantar à revelia, onde desloca “um passado que passou e não passou”²⁵.

À vista disso, falar de caçamba de lixo é algo muito caro para mim! Aprendi que não é todo Estado que banca ter uma caçamba em cada bairro de uma cidade. Em Minas Gerais, por exemplo, nas cidades do interior, ter uma caçamba de lixo num bairro é *status*, é luxo! O aluguel varia de R\$150 a R\$300 reais com permanência de apenas três dias! Foi no

²² GABNEBIN, 2009, p. 53.

²³ De acordo com Arbex (2019, p.83), o hospício “[...] teve a última cela desativada somente em 1994”.

²⁴ FIRMINO, 1982.

²⁵ MOMBAÇA, 2021, p.14.

bairro conhecido como Andorinhas, localizado na cidade de Vitória (ES), que pude ter uma aula do que uma caçamba de lixo é capaz! Fui perceber, da janela do meu quarto, que a caçamba de lixo era muito habitada. Pude observar que ninguém tinha vergonha de jogar o seu lixo lá, mas tinha receio, vergonha de apanhá-lo! Alguns chegavam com passos finos, desconfiados, e olhavam para frente, para trás, para os lados! Ninguém poderia vê-los se aproximando da caçamba de lixo. Algo que se coloca diferente para uma trapeira ou sucateira. A caçamba, por si mesma, chamava atenção! Ela era uma sapata não binária em busca de construir um modo de vida outro: caçambes-*queer*. Elu²⁶ conquistava todos os olhares, e nem precisa fazer muito esforço, basta ser daquele jeitinho: “Parada, muda e com a sua função de recolher o lixo!” Alguns lixos, que ali são colocados, não são lixos para outres²⁷! O meu olhar atento da janela do meu quarto ficava observando os andarilhos de rua. Eles paravam, observavam, iam catando o que lhes interessava! Lembro-me de uma cena de um sujeito alto, negro. Ele encontrou um desodorante aerossol! Quando viu que ainda tinha algo ali, levantou os dois braços e se pôs a se perfumar todo!!! Outra cena é de livros que eram abandonados ali na caçamba... Esses materiais despertavam atenção e interesse nas pessoas que habitavam a caçamba! Quando algum trapeiro achava, colocava-se a ler ali mesmo! Parava o tempo lendo diante de uma caçamba!²⁸ Outra cena colocada no meu cotidiano era sobre o cuidado e o manejo dos trabalhadores, que recolhiam o lixo da caçamba. Os operários buscavam retirar o lixo mediante um trabalho coletivo. Tinha certo jeitinho. O sorriso circulava entre eles. Mas, para aquela gente trabalhadora, cuja função era recolher o lixo, tudo era realmente lixo. Outra cena, para finalizar, que me chamava muita atenção no meu cotidiano em Andorinhas observando a caçamba de lixo, é que, pela madrugada, a caçamba também era habitada! Dessa vez, por ratos! Era uma família atenta. Havia entre elus²⁹ uma política de aliança e a liberdade sexual era algo visível naquele bando! Alguns ousavam fazer sexo explícito na beiradinha da caçamba. Às seis da manhã, quando o Sol ia se pondo, os ratinhos³⁰ desapareciam da rua.

²⁶ Estou utilizando aqui u,entendendo possibilidade de usar como linguagem neutra.

²⁷ Estou utilizando aqui e,entendendo possibilidade de usar como linguagem neutra.

²⁸ Ver o documentário: “Meu amigo Nietzsche”, disponível, em: <https://www.youtube.com/watch?v=FroyMvgYfm0&t=8s>

²⁹ Estou utilizando aqui u,entendendo possibilidade de usar como linguagem neutra.

³⁰ Estou utilizando aqui e,entendendo possibilidade de usar como linguagem neutra.

Já em Minas Gerais, em uma cidade do interior, conhecida como cidade dos ipês ou das escolas (Lavras), vovó Líbia Vilas Boas teve a iniciativa de alugar uma caçamba de lixo com o intuito de jogar seus entulhos. A caçamba foi colocada na rua Joaquim Geraldo, bairro Jardim América, nº 353. Ela ligou para a loja de construção e passaram o valor de R\$150 reais pelo uso de três dias! Logo, trouxeram a caçamba! No dia seguinte, o senhor João veio me ajudar a limpar o terreiro da minha avó! Tiramos telhas, entulhos, blocos e folhas secas, que caem do limoeiro! Nesse dia, passamos algumas horas negociando com vovó Líbia o que a deusa queria que fosse para a caçamba e o que iria permanecer no seu terreiro! Ao mesmo tempo em que despejávamos os entulhos na caçamba, iam chegando mais gente e gentem com seus outros entulhos, sobras de lixos! Foram três dias de muito furdunço³¹ na rua, pois as pessoas da rua abaixo e de cima chegavam com seus carrinhos de mãos com o intuito de despejar o que não lhes serviam mais. Até o vizinho do lado animou fazer uma faxina no seu quintal. Ao mesmo tempo que havia uma movimentação de pessoas que jogavam, os sucateiros “apanhavam”. Quando vovó Líbia se deu conta, a sua caçamba estava totalmente entupida de lixos. Ela reconheceu que alguns eram seus; outros, não! Era muito. No dia em que os operários da loja de construção vieram pegar a caçamba, foi uma confusão. Eles alegaram que o lixo estava por demais, que era complicado levantar a caçamba para levá-la embora. Um deles chegou a questionar: “Onde vamos jogar tudo isso?” Um outro, disse: “Meu deus, como fede esse lixo! Onde a senhora tirou tanto lixo?” Então, a vovó se irritou com aquela gente. Ela explicou que a sua caçamba foi invadida pela vizinhança! Ela disse: “Oh, aqui é um povim sem ética. Eles não entendem que só eu tinha o direito de jogar o meu lixo, porque fui eu que paguei!” Em seguida, ela bateu com uma de suas mãos na caçamba. Foi aí que saiu um cheiro que ninguém dava conta de ficar por perto! Ela, então, aproveitou esse momento, correu para dentro de sua casa e fechou o portão com cadeado. Foi, em seguida, para a cozinha e começou a gritar: “Hipócritas, hipócritas!” Ligou, posteriormente, para a polícia e lhe informou sobre tudo que estava se passando. Disse que sua caçamba de lixo foi invadida pela vizinhança e que os camaradas da loja de construção não queriam levar o lixo, pois a acusavam de ter passado o limite de lixos na caçamba. O que, então, aconteceu? A polícia chegou ao local. Os camaradas, quando avistaram os homens de farda, deram no pé,

³¹ Algazarra, desordem.

puseram a caçamba de qualquer jeito no caminhão e saíram incendiando a todes³² com aquele mau cheiro que ninguém dava conta! Fedia lesbofobia, loucofobia, idosofobia, racismo, sexismo e misoginia.

Depois desse acontecimento, no dia 1º de junho de 2021, eu me mudei para o apartamento 301A, na avenida Duque da Rocha, nº 18, bairro Vila Ester, Lavras (MG). Ao chegar ao local, uma das coisas que avistei da janela do terceiro andar foi uma lixeira de rua, que lembra uma caçamba de lixo! Desci, no outro dia pela manhã, para jogar meus lixos, e não é que dei de cara com a caçamba de lixo trancada com cadeados. Fui, então, ter uma conversa com o porteiro sobre a lixeira de rua. Ele advertiu que era proibido jogar lixo lá e que ela estava chamando atenção dos sucateiros, trapeiros. Assim, resolveu colocar umas caixas na escada dos apartamentos e frisou que ele mesmo ficaria responsável por recolher o lixo pela manhã de todas as moradoras. Aquele porteiro disse que estava havendo certo incômodo das pessoas que ali residiam ao avistarem os moradores de rua, andarilhos e trapeiros habitarem a frente de seus territórios.

Dito tudo isso sobre a caçamba de lixo, comecei, então, a ficar atenta como cada território trata seus lixos e suas caçambas de lixos. Devo advertir a leitora que as pessoas, ao visualizarem uma caçamba de lixo, correm para jogar seus entulhos, as tais quinquilharias que ninguém sabe o que fazer com elas... Assim, também, ocorre com os espaços tidos como heterotopias de desvios, os hospícios: “[...] isto significa que os lugares que a sociedade dispõe em suas margens, nas paragens vazias que a rodeiam, são antes reservados aos indivíduos, cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida”³³. A experiência do hospício Colônia de Barbacena (MG) assinala que vidas foram enquadradas e consideradas como descartáveis, expostas à tortura, assédio, patologização e violência. O *status* de louco/louca, enquadrado nas normas do hospício,

³² Estou utilizando aqui e, entendendo possibilidade de usar como linguagem neutra.

³³ FOUCAULT, 2013, p. 22.

implica pensar que existiu um enquadramento de normas, que diferiu que uma pessoa fosse aceita e não aceita para fazer parte da violência e precariedade do hospício.

Nesta perspectiva, o hospício Colônia de Barbacena, uma heterotopia qual a caçamba de lixo. As histórias das subjetividades não comportadas, transviadas e inclassificáveis do hospício irão ser transmitidas a você, leitora, à vista que a narradora “[...] precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados”³⁴. É na tentativa de escutar e transmitir as experiências dos vencidos, que se fazem valer as pistas da narrativa neste trabalho, carecendo de “[...] transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda”³⁵. O ofício da narradora com ouvidos de uma caçambeteira é narrar o imaginável, o inarrável frente aos restos, uma vez que a experiência de acolher o lixo e as merdas sagradas abre as portas para uma nova narração, a qual já nos advertia Walter Benjamin no seu escrito *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*.

A caçambeteira está à espera de pessoas, que deixem na caçamba a transmissão de experiências, haja vista que ela é a matéria-prima de qualquer narradora. Nessa perspectiva, é uma experiência também narrar e um desligar-se de tudo, esquecer-se de si, voltar toda a corpa para o presente. É em meio a este exercício de presença na escuta que haverá fôlego para transmitir a experiência. Passa-se, assim, nesta travessia, que não é pouca coisa, a experiência da minha corpa (pesquisadora), que se torna autonarrativa, pois a minha corpa de pele e carne me expõe aos olhos de quem me narra sua história. Ela pertence à esfera pública. “Minha corpa é e é não minha”. Ela carrega a marca de ser do mundo, da vida social. Assim, a minha corpa me possibilita estar com pessoas, a narrar sobre suas histórias e, ainda, a apostar na escrita de si. A minha corpa se torna, desse modo, escrevivente de memórias malditas e vivências minhas como pesquisadora. Pensemos na escrevivência que borra as obras de Conceição Evaristo. A escritora engloba uma escrita

³⁴ GAGNEBIN, 2009, p. 47.

³⁵ GAGNEBIN, 2009, p. 54.

borrada, que se mistura com a sua vivência e a criação de possíveis (fabulação/ficção)³⁶ e nos permite pensar na “escrita e vivência, escrita e existência”³⁷. Nesse sentido, ao apostar na política da narrativa o qual diz de uma escrita da experiência, vivência e existência como método neste trabalho, não carecemos de um modelo padrão ou formas condicionadas para se narrar, pois, como pontua Judith Butler:

O ato de relatar a si mesmo, portanto, adquire uma forma narrativa, que não apenas depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência com transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativas, direcionadas a um público com o objetivo de persuadir³⁸.

De tal modo, a narrativa, ao começar por uma boca ou por uma escritura, tem seu fim, mas, ao ser contada novamente, faz-se semelhante à teia de Penélope: “[...] desfaz-se toda manhã o que se terminou de fazer na noite anterior”³⁹. Aquela pessoa que tem certa experiência, que está conectada com a transmissão de passagem, que passa de geração em geração, deixa sua marca como pegadas na areia da praia. A ouvinte, ao escutar, repassa a narrativa atualizando-a num tempo de agora. Torna-se um ser falante, que tem um saber, uma lição, uma parábola, um conhecimento, que lhe foi ensinado devido à experiência que lhe foi compartilhada. “Dito de outro modo, ‘experiência’ denota conhecimento acumulado por gerações que é transmitido em geral por meio de fábulas, histórias, parábolas ou provérbios”⁴⁰. É, assim, que a contação de estória é política e estética: ao mesmo tempo, ela nos possibilita transmitir a experiência, deixar um legado, sendo este a preservação de memórias malditas e perigosas de um passado. As memórias malditas e perigosas marcam um território, uma cidade; marcam o tempo, as pessoas que circulam pela cidade, as quais narram algo que foge da história única, que nos ensinaram ou contaram sobre o hospício Colônia. Esses arquivos vivos (arquivivência) são entendidos aqui, neste trabalho, num sentido de que carregam algo para narrar no corpo: “são histórias que fazem parte de nossas vidas e que continuam em nós, marcadas a ferro e fogo”⁴¹. Cecília Coimbra nos ajuda a entender sobre essa dimensão do que acabei de referenciar. Em suas palavras: “As

³⁶ Ver a conversa de Conceição Evaristo e Jota Mombaça, em: <https://www.youtube.com/watch?v=EIIUCvI9rw8&t=3696s>

³⁷ EVARISTO, 2020, p. 31.

³⁸ BUTLER, 2015, p. 13.

³⁹ ARENDT, 2014, p. 107.

⁴⁰ LIMA; BAPTISTA, 2013, p. 462.

⁴¹ COIMBRA, 2021, p. 27.

memórias malditas e perigosas dos vencidos – aquelas que não constam nos livros oficiais e que o Estado tenta incessantemente fazer desaparecer – ainda hoje insistem em nossos corpos”⁴². Com isso, há uma disputa no campo da memória entre os vencidos e vencedores da história! Ter atenção para quem e como nos conta a história é um meio de se atentar para as disputas de narrativas. Ngozi Adichie diz:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre o poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer ‘ser maior do que outro’. Assim, como o mundo econômico e político, as histórias também são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende do poder⁴³.

Ser maior do que outra, como expõe Ngozi Adichie, é entender que as histórias, que também nos são contadas, são políticas e perpassam por uma relação de poder. Isso nos ajuda a questionar: quais são os corpos/corpas pertencentes aos mortos? Quais vidas têm sido lutáveis? Nesse viés, o que pode uma narrativa no presente de agora? Quem tem medo da narrativa após a profecia de Walter Benjamin, que diz que estamos pobres de experiências, tomadas pela incapacidade de contar?

Certamente, o tempo, sobre o qual escrevo, não é o mesmo tempo de Walter Benjamin, mas nossas angústias são semelhantes. Walter Benjamin escreveu em tempos de guerra. Eu escrevo em tempos de COVID-19, de bolsonarismo, de políticas de redução de danos e de saúde do trabalhador desmontadas, de revanche dos manicômios etc.! Benjamin nos advertiu que a história é concedida por meio das ruínas e dos cacos. Ela, por si só, seria um retorno aos fragmentos do passado. Nesse sentido, por que não pensar que é em tempos de ruínas que se guarda toda desconstrução e construção de uma sociedade? Como narradora com a escuta de uma caçambeteira, acesso memórias que guardam destruição dando um sentido de que a partir das ruínas e escombros se constrói e desperta o passado e se faz valer outro uso do mesmo no presente, tendo a chance de transformar o que ocorreu. Um dos meus votos de força no presente se rastreia cada vez que leio o último texto de Walter

⁴² COIMBRA, 2021, p. 27.

⁴³ ADICHIE, 2019, p.22-23.

Benjamin, escrito no ano de 1940 e conhecido como “as teses da história”: “[...] constituem um dos textos filosóficos e políticos mais importantes do século XX”⁴⁴. O autor das teses foi perseguido pelo regime nazista por ser judeu e de esquerda! Mediante esse acontecimento, Walter Benjamin criou estratégias de enviar cópias do manuscrito aos/às amigos/amigas como modo de salvar seu último trabalho⁴⁵. Diante dessa informação, reflito: como estaria o corpo do pensador ao enviar uma cópia das teses a Hannah Arendt, sua grande amiga?⁴⁶ O que se passava ao enviar uma cópia das teses junto à obra *Passagens ao Georges Bataille*?⁴⁷ Ele já pensava que seu/sua amigo/amiga, Hannah Arendt e Georges Bataille, pudessem fazer vir à tona as teses como um relampejo no presente, um porvir. Isso ocorre devido ao seu medo de ser encaminhado para um campo de concentração, de viver uma experiência de choque e voltar mudo, pois “[...] aqueles que escaparam das trincheiras voltaram mudos e sem experiências a compartilhar, nem histórias a contar”⁴⁸. Outros afetos inarráveis o fizeram optar, “[...] em setembro de 1940, pelo suicídio”⁴⁹, tornou-se um suicidado da sociedade nazista. Foi a Alemanha nazista que o matou! Ao ter sido morto, tornou-se imorrível. Ao mesmo tempo, espalhou-se como um vírus pelo mundo! Assim, leio as teses no aspecto de sentir o deslocamento de outros possíveis no tempo presente, que me provoca e me afeta em pensar a história a contrapelo, narrá-la mediante os vencidos:

Essa frase é fundamental. A proposta de revisão total da história do ponto de vista dos vencidos e oprimidos leva a uma reconexão do trabalho histórico com a política. Essa tese nos instrumentaliza hoje para uma radical revisão da história do ponto de vista feminista, LGBTQ, decolonial e a todo projeto de reapoderamento ocorrido em função das lutas no agora⁵⁰.

⁴⁴ LOWY, 2005, p. 17.

⁴⁵ SILVA, 2020.

⁴⁶ “Trata-se de uma versão muito importante, tanto por ser provavelmente a mais antiga que possuímos quanto por suas inúmeras variantes e por conter também palavras e frases contadas, que dão preciosas pistas para a leitura e interpretação das teses” (SILVA, 2020, p. 20). Hannah Arendt (2008), na obra *Homens em tempos sombrios*, escreve em memória a Walter Benjamin. O texto tem uma sutileza e um tom poético. Uma amiga escreve as vivências e as potências de um trabalho sobre um amigo.

⁴⁷ “É a versão datilografada que Benjamin entregou a Georges Bataille, junto com os manuscritos de *Passagens* e do seu trabalho sobre Baudelaire e que foram escondidos em diversos locais da Bibliothèque Nationale de Paris. Em 1945, Bataille passou esses papéis para o amigo de Benjamin, Pierre Missac, que, em 1947, os entregou para Adorno em Nova York. De modo inexplicável, essa versão das teses, no entanto, ficou com Bataille e sua viúva a repassou para Giorgio Agamben apenas em 1981, a única com uma tese XVIII com ideias totalmente ausentes das demais versões” (LUIZ, 2020, p.21).

⁴⁸ GAGNEBIN, 2013, p. 59.

⁴⁹ LOWY, 2005, p.33.

⁵⁰ SILVA, 2020, p. 74.

Assim, é com este fôlego de carregar compaixão alguma ou empatia pelo vencedor, sendo aqueles que ora dominam a história, que me desafio a arriscar a andar num caminho, que não sei se pude chegar a algum lugar, mas preferi pôr minha caçamba na rua e juntar todas as merdas, lixos, restos e sobras sagradas, que foram despejados, e ir com elas para algum lugar. Elas, narradores: Líbia Vilas Boas, Carla de Jesus, Maria das Dores de Souza, Vera das Dores, Teresa das Dores, Adilson Casarino e Maria Madela Casarino, me contaram histórias, segredos. Ao mesmo tempo me adubaram, me desorientaram, despertaram meus demônios, me deram cortes como presentes, me encheram de forças, estratégias, de possíveis, me alimentaram num momento em que estava precisando de alimento saudável. Finalmente, a convivência tensamente com a heterotopia da caçamba, ora com cadeados, e outras disponíveis na rua, entre um “luxo e lixo”⁵¹, que o presente trabalho tem como aposta na contação de história a contrapelo do hospício Colônia de Barbacena (MG), cortando a pele, sangrando, fazendo mal!!! Trata-se de localizar pessoas com histórias para contar sobre o hospício de Barbacena, dispostas a jogarem merdas sagradas na caçamba! Fiz-me ouvi-las e narrar suas vivências no hospício! Com isso, assumo-me, de antemão, como uma narradora caçambeteira, aquela que apanha “segredos”, que foram jogados na caçamba de lixo! Como CAÇAMBETEIRA, apanhei os lixos tesouros e pude montar um arquivivência com aposta de lutar contra a política do esquecimento das práticas e discursos, que atravessaram a internação de homens e mulheres no hospício Colônia. Todas essas estórias compõem a cidade! Algumas delas trazem as experiências de entes queridos⁵², que já faleceram e foram exilados na Colônia de Barbacena. Estórias que foram transmitidas a testemunhas como filho⁵³, tia, que, de certa forma, se afetaram e continuam transmitindo. Assim, nasce um desejo desses narradores de conservar, de resguardar, de salvar o passado do esquecimento. Meu ofício, como narradora caçambeteira, NÃO foi de dar atenção aos fatos, mas atentar para A EXPERIÊNCIA DA TRANSMISSÃO DA NARRATIVA. Como nos ensina Walter Benjamim, a narradora não é somente a pessoa que vive a experiência, mas também a que narra e transmite a experiência. Dessa maneira, a experiência se torna coletiva, não individualizada. Sendo assim, a ética da narradora é

⁵¹ Guilherme Altmayes (2020, p. 373) comenta: “O Brasil é um dos países mais socialmente desiguais do mundo ocidental. Convivemos tensamente entre o luxo e o lixo”.

⁵² Estou utilizando aqui e, entendendo possibilidade de usar como linguagem neutra.

⁵³ Estou utilizando aqui e, entendendo possibilidade de usar como linguagem neutra.

contribuir para que essas estórias, essas memórias malditas continuem a reverberar, a dar força no presente: “A ética da narradora é se tornar narradora também dessa história”⁵⁴. Finalmente, há uma mistura de vozes, que se encontram aqui por estas folhas A4. É um emaranhado de força de vozes, que eu ouvi e agarrei para cantar um coro! A experiência compartilhada, a qual nos ensina Walter Benjamin, contagia o bando, já que toda capacidade de narrar se atém à “experiência”. Não nos identifique pelos nossos nomes, nem pelos nossos rostos, mas pela nossa força de contágio, de afeto, de sopro nos ouvidos! Porque, agora, “O LIXO VAI FALAR, E NUMA BOA!”⁵⁵

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALTMAYES, Guilherme. Pensamento Feminista hoje: sexualidades do sul global. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tropicuir**: Linhas tortas na escrita de histórias transviadas .1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.p. 366-384.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. Prefácio Eliane Brum. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Tradução Denise Bottmann. Posfácio Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. **A vida do Espírito**: o pensar, o querer, o julgar. Tradução Cesar Augusto R. de Almeida, Antônio Abranches e Helena Franco Martins. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. Tradução Sergio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COIMBRA, Cecília. **Fragmentos de memórias malditas**: invenção de si e de mundos. São Paulo, SP: N-1 edições, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**: a escrita de nó: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Organização Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. Ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

⁵⁴ Jésio Zamboni. Orientação coletiva do dia 26 de junho.

⁵⁵ GONZALEZ, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**. As heterotopias. Posfácio Daniel Defert. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GABNEBIN, Marie Jeanne. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. 8.ed. São Paulo:Ática, 2000.

KASTRUP, Virgínia. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia;ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. Porto Alegre: Sulina,p. 32-51 2020.

LIMA João Gabriel; BAPTISTA Luis Antônio. **Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin**. Revista Princípios 20 (33): p. 449-484, 2013.

LOWY, Michael. **Walter Benjamin**: Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant. Introdução das teses Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Muller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SILVA, Márcio Seligmann. Sobre o conceito de História Walter Benjamin. In: **Apresentação sobre o conceito de História de Walter Benjamin**. Organização e tradução Adalberto Muller e Márcio Seligmann Silva. 1. ed. São Paulo: Alameda, p. 9-28, 2020.

O academicismo enterrou minhas avós? Resignificando os girassóis

Os girassóis, por exemplo, que vistos assim de fora parecem flores simples, fáceis, até um pouco brutas. Pois não são. Girassol leva tempo se preparando, cresce devagar enfrentando mil inimigos, formigas vorazes, caracóis do mal, ventos destruidores. Depois de meses, um dia pá! Lá está o botãozinho todo catita, parece que já vai abrir. Mas leva tempo, ele também, se produzindo. Eu cuidava, cuidava e nada. Viajei por quase um mês no verão. Quando voltei, a casa tinha sido pintada, muro inclusive, e vários girassóis estavam quebrados. Fiquei uma fera. Gritei com o pintor: ‘Mas o senhor não sabe que as plantas sentem dor que nem a gente?’ O homem ficou me olhando tão pálido quanto aquele vizinho. Não, ele não sabe. Entendi. E fui cuidar do que restava, que é sempre o que se deve fazer⁵⁶.

Imagem 2: Os girassóis de Van Gogh



Fonte: Os Girassóis, 1889, óleo em tela, Museu Van Gogh em Amsterdã.

⁵⁶ Conto *A morte dos girassóis* (ABREU, 2016, p. 140).

Carta ao Walter Benjamin

Caríssimo Walter Benjamin. Ao ler o seu texto *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov e Experiência e pobreza*, você atesta que o/a (narrador/a) não está mais presente entre nós em sua atualidade viva e que a arte de narrar está em extinção! E mais para frente do texto, frisa que estamos cada dia mais pobres em experiências! Aí... Walterminho, disseste isto, porque você não teve a oportunidade de conhecer minhas avós Líbia Vilas Boas (materna) e Nilcía Felizardo (paterna). Certamente, você iria dizer que elas são narradoras, que sabem dar conselhos, são sábias! Eu diria que elas passaram uma rasteira em Nikolai Leskov. Assim, concordo em partes contigo sobre suas colocações no seu texto! Explico-me: estou de acordo que estamos cada vez mais pobres de experiência. No entanto, posso assegurar que ainda existem narradoras, que circulam no meio de nós, e pessoas interessadas em escutar histórias, lições e experiências, que as contadoras têm a compartilhar! Certamente, tendes razão que a troca de experiência pela via da narrativa regrediu muito de uns tempos para cá! Veja, Walterminho. Nasci em uma família de narradoras. Meu pai, um homem preto, tinha como tarefa entregar leite nas casas das pessoas. Tal profissão é conhecida como leiteiro. No caminho da entrega, papai era conhecido como o leiteiro contador de histórias. Depois, passou a trabalhar em uma fazenda em que saía de casa às 06 horas da manhã em sua bicicletinha vermelha. Pedalava cerca de 1 hora da cidade até a roça. Foi nas estradas que meu pai ouviu e também pôde compartilhar suas experiências com outros narradores de histórias. Ao chegar em casa, às 17 horas, era costumeiro acender o fogão à lenha e cozinhar. Papai aguardava a chegada da mãe para repetir os mesmos casos, que havia compartilhado conosco... Ele era capaz de fazer gestos. Mudava de tom de voz para se tornar sempre mais compreensível. Na casa de minha avó paterna Nilcía Felizardo, falecida no ano de 2020, e vovó materna Líbia Vilas Boas se encontram outras narradoras de histórias. Suas histórias giram em torno da temática da subjetividade feminina, das parteiras e apanhadoras de café. Elas sempre trazem lições de vida! Algumas narrativas carecem de tempo para elaborar e digerir a lição. Em suas casas, as

estórias narradas são passadas para as netas e netos ao redor de uma mesa de quitandas, deliciosas guloseimas como pão de queijo, broa de fubá, pamonha, rosquinhas e café, que, por sinal, as mesmas apanhavam os grãos de café e torravam no fogão à lenha. Por necessidade, eu sempre apreciei ficar perto de minhas avós paterna e materna. Adoro as verdades nas mentiras que elas dizem! Na velhice, percebo que a solidão ronda o/a narrador/a de estórias. Eles/Elas não encontram pessoas tão abertas a escutá-lo/as! Meu pai lembra com orgulho as experiências que seu pai, Paulo Felizardo, transmitiu a ele. Tais memórias são uma espécie de relíquia. Esse é um dos tesouros, que, segundo meu pai, substitui qualquer tipo de herança relacionada a bens materiais. Meu avô paterno, Paulo Felizardo, era um homem preto e analfabeto, que fez muitos negócios em prol da sua arte de negociar! Faleceu por questões de conflitos de herança de terra. Veio a falecer deixando onze filhos. Esses narradores/as, ao morrerem, seus respectivos familiares os/as enterram como se fossem um tesouro! São arquivos vivos. Assim, a narrativa está tão próxima de mim, Walterminho. Vem de gente que afirma a vida em sua singularidade existencial, que deseja viver e construir o mundo mediante a contação de estórias! Como você diz, não precisa sair pelo mundo em busca de experiências. A narrativa consiste na transmissão de experiência, que é passada de pessoa a pessoa! Esse seria o carro chefe de uma narrativa. Walterminho, quero que saiba que eu aprecio seus textos. São potentes. Suas sacadas são marginais. Convido-o a vir a Minas Gerais e ao Espírito Santo, e, na oportunidade, iria apresentá-lo a alguns contadores e contadoras de estórias. Você irá gostar de conhecê-las, camarada. Que a narrativa seja uma prática de conservar as experiências, que elas possam produzir encontros, afetos, afirmação de vida, singularidade e liberdade de existir.guardo ansiosa debaixo de um pé de limão seu retorno e uma possível data para o nosso encontro. Por favor, se vier, traga charutos e bebidas da sua região. Anseio experimentar. Um abraço, carinhoso!!!

Cresci

em

uma família de girassóis. Meus antepassados não tiveram a experiência e a oportunidade de cursar a Universidade Pública. Meus pais estudaram até a quarta-série. O fato de terem intimidade com a terra, saberem plantar girassol, colherem frutos e desafiarem o limite da vida faz florescer girassóis em suas demais existências. Quando engravidaram, foram tomados por uma inquietação! Papai e mamãe optaram por sair da roça e viver na cidade. Tinham a perspectiva de que as quatro filhas teriam oportunidade de frequentar a escola. Lembro que, antes de habitar o território da cidade, mamãe fez uma reunião conosco. Ela disse que, nos próximos dias, residiríamos em outra casa e teríamos um endereço situado em uma rua. As coisas iriam mudar. Era preciso cuidado e atenção. Não era só porque teríamos acesso à TV, luz e chuveiro elétrico. Passearíamos de Fusca nas ruas iluminadas da cidade mineira. Sentiríamos o mundo de uma outra forma. E foi mesmo. Criamos e afirmamos outra corpa, outros modos de vida, outras subjetividades. Na cidade, fui criada observando que “algumas coisas eram para nós, outras não”. Com apoio mútuo e luta, meus pais plantaram girassóis. Todavia, ser filha de um homem educado em um contexto conservador, decerto, é ser uma mulher marcada pela opressão sexista e de gênero. Essas práticas doí, e deixam marcas na pele, elas foram abertas não das vezes que meu pai gritou, ou das vezes que me agrediu de correia, ou das vezes que ele falou em um tom mais alto comigo, e, sim, das vezes que ele me diminuiu e disse que eu não daria conta por ser uma mulher. Na verdade, eu sempre o ignorei. Jamais permiti que essas violências sexistas diminuíssem a minha potência de vida. Sempre tive o cuidado e a paciência de entender que este homem, meu pai, tem uma história, que veio de outro contexto. Mas, decerto, era machismo, foi machismo, é machismo. Conforme bell hooks, explicita:

Homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar. Mas esses benefícios tinham um preço. Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam, fazendo o uso de violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto⁵⁷.

⁵⁷ HOOKS, 2019, p. 13-14.

Segundo bell hooks⁵⁸, para entender o feminismo, necessariamente carece de entender as práticas do sexismo. Ela nos dá pista de que o feminismo é um discurso para acabar com tais práticas, com a exploração e a opressão contra as mulheres. Ler os escritos bellhookianos foi uma experiência muito importante e sensível para mim de modo que me afetou a ponto de elaborar minhas memórias e vivências enquanto uma mulher cis sapata. Nas obras de hooks, encontramos, como referência, memórias de suas experiências em primeira pessoa, enquanto mulher negra, ativista, intelectual, feminista, além das de sua mãe e avó. Há uma escrevivência aos modos de Conceição Evaristo, que atravessa toda a obra da autora. Depois que comecei a lê-la, despertei-me para as existências e as realidades da minha mãe, e avós materna (Libia) e paterna (Nilcia). Atentei para as suas lutas, as suas bandeiras, os seus feminismos, as suas invenções de compor a existência.

Partindo dessas reflexões, as primeiras mulheres feministas com as quais tive contato não foram Simone de Beauvoir, Judith Butler, bell hooks, Angela Davis, Lélia Gonzalez e tantas outras feministas com seus feminismos e discursos. Todavia, foram essas pensadoras que me ajudaram a entender que a minha mãe e avós foram as primeiras mulheres, que me envolveram com as práticas do feminismo, seja com as suas ferramentas, estratégias ou pertencimentos.

Nasci, então, em um território de narradores. Minha avó paterna foi lavadora de roupa; depois, passou a ser apanhadora de café. Minha avó materna, também, foi apanhadora de café. Meu pai foi leiteiro. Hoje, trabalha em uma indústria de carne na parte frigorífica. Minha mãe foi apanhadora de café. Hoje, é trabalhadora doméstica em uma casa de família! Ao ir para o seu trabalho, tem dias que prefere ir de ônibus, outros vai caminhando em companhia de outras mulheres, que, também, seguem para o trabalho! No percurso, vão contando histórias. Sucintamente, teço uma narrativa dessas mulheres, endossando seus feminismos, ferramentas e pertencimentos.

⁵⁸ HOOKS, 2019.

Começo pela avó paterna, Nilcia Felizardo, mulher negra. Ela ficou viúva em um contexto rural com 11 filhos para educar. Uma vez, ela relatou que, após a morte de meu avô, um homem começou a rondar a casa à noite. Ela não queria ter nenhum tipo de relacionamento afetivo com ele, mas ele insistia em continuar a rondar a casa. Um dia, com medo, ela pegou a espingarda, debruçou-se na janela e apertou o gatilho. Não atingiu partes como o coração e a cabeça, mas acertou o pé do desgraçado. Após isso, ela relatou que ele nunca mais voltou para perturbá-la. No ano de 2018, tomamos um café. Ela me presenteou com um cofre de madeira em formato de casinha. Disse que era para eu cuidar dessa casinha, que fora da mãe dela. Quando a recebi, coloquei-me a pensar a respeito das mãos, que já tinham tocado e feito o uso daquele cofre, a começar pelas mãos de minha bisavó, depois avó Nilcia e, posteriormente, as minhas mãos. A avó Nilcia criou 11 filhos. No ano de 2020 morreu, aos 87 anos. No mês de abril de 2020, tive a notícia de que ela foi diagnosticada com câncer no pâncreas. Com a experiência da COVID-19, a quarentena me possibilitou ir tomar café com ela todos os dias. As cenas se repetiam em sua casa. Era às 16 horas que alguns de seus filhos chegavam com trouxinhas de bolo, quibe e pão de queijo. Muito magra, a gente já entrava na sala dizendo: “A senhora precisa se alimentar”. Após o café, como de costume, avó Nilcia era de mostrar o seu jardim e punha a compartilhar conosco o nome das plantas medicinais e das flores.

Quando avó ficou doente, era proibido lá em casa de falar a palavra “câncer”. É como se fosse algo muito inofensivo. Quando o médico compartilhou o quadro com uma de suas filhas, ela, então, tomou a iniciativa de fazer uma reunião com todos os demais filhos. Logo na semana seguinte, eles resolveram não contar para avó que ela estava com câncer e que iria morrer até o mês de dezembro. A pandemia e a narração. Não lhe contaram, contudo, que iria morrer.... nem tudo é narração, às vezes é a idiotice da confissão....e pode ser silenciada. Ela, então, foi levada para uma casinha na roça. Com o quadro avançado, a gente via, em cada encontro, uma possível despedida. Foi ela, minha avó, que me ensinou a

se despedir do mundo, porque tudo que morre tem também a força de nos deslocar para uma outra experiência com o mundo, de renascer não para fora, mas para dentro de nós. Daniel Lins⁵⁹, diz que precisamos nos educar a fazer outro uso da morte, pois ela também é um acontecimento da existência.

Já vovó materna Líbia Vilas Boas trabalhou a vida toda na roça. Levantava às 3 horas da madrugada para tirar tarefa na roça. Hoje, com 75 anos de idade, ela transborda memórias de um passado em que teve que pegar na “inchada”⁶⁰ e trabalhar ao Sol. Foi uma das filhas responsáveis por cuidar de seus pais até a morte. Para se aposentar, ela sempre lembra, em nossas conversas, que teve orgulho de mostrar suas mãos calejadas de ter pegado na “inchada”. Vovó Líbia encontra-se com a velhice. Ansiosa, espera por visitas o dia todo. Pensa em bailes, folia de reis, em mesas com quitandas e em rodas de conversa. Aos finais de semana, adora ir para a roça catar lenha e cozinhar no fogão à lenha. Na pandemia, passou a ter muitas dores no estômago e a dormir pouco pela madrugada. A COVID-19 a afastou da aglomeração, que tanto ama, e também das missas aos finais de semana e das visitas e festas em família. Vi, muitas vezes, a minha avó, desesperada dentro de casa, caçando coisas para passar o tempo. Um dia, ela pegou o livro *Assim falou Zaratustra*. Passou meia hora, ela o colocou na estante e disse: “Que bosta! Escreve-se para gente não entender? Qual é a graça, disso”? Comprou um celular com *WhatsApp* e tem preguiça de responder às mensagens. Gosta mesmo da prosa, do abraço, do afeto. Ao ter topado participar desta pesquisa, cedendo a contação de uma estória da sua prima Maria das Dores, ela me dizia sempre quando me via: “E aí, escreveu já o meu caso? Falou do sina piso para o Jésio?” Em comemoração à defesa deste trabalho, vovó já comprou o vestido e quer a presença de um sanfoneiro para tocar. Seu passado no campo é um passado de muita luta, mas ela está aí: vivíssima! Ela nos contamina com as suas estórias e saberes.

⁵⁹ Ver a palestra, intitulada: “Morte como um acontecimento” de Daniel Lins. Disponível, em: <https://www.youtube.com/watch?v=3xRzABqInTw&t=2175s>

⁶⁰ Optei por usar “inchada” ao invés de “enxada”, pois, aqui, o termo se coloca no sentido das mãos que aumentam o volume.

Em um contexto da zona rural em que a mulher⁶¹ é destinada a ficar em casa, cuidando do lar e das filhas, mamãe trilhou outros caminhos produzindo um movimento de libertação. Ter sua independência financeira era algo feroz para essa mulher, que, aos 18 anos, era mãe. Ir para a “panha” de café foi uma prática, que desafiou os padrões da época. Minha mãe estava “à frente do seu tempo”. Levava as filhas para a panha e andava com um bando de mulheres, que almejavam sua dependência financeira. Os almoços eram feitos em rodas com outras mulheres debaixo de sombras de árvores. As histórias eram compartilhadas nas ruas do café. Mãe de quatro filhas, deu as tripas e o coração para incentivá-las a estudar. Ensinou que o caos tem saída, que o dia sempre acorda para tentarmos de novo. Hoje, é trabalhadora doméstica, ama o que faz, tem orgulho de ter um emprego e faz dos maus encontros um bom uso.

Fui criada neste contexto, em contato com a história e as experiências dessas mulheres. Minhas avós são mulheres carcarás. Mesmo tendo que lidar com as práticas do machismo⁶² e da opressão sexista, essas corpas criaram modos de resistir e me ensinaram a plantar girassóis.

Enquanto uma mulher cis sapata, narradora, caçambeteira, sempre volto para a vida de ambas e me lembro da luta, da resistência, da força, da alegria de viver delas. Assim, achei importante começar este ensaio contextualizando minhas referências feministas, as corpas que me afetaram e me fizeram criar outros modos de compor a vida. Ler feministas é ter compreensão dos primeiros cuidados com outras mulheres, que cuidaram de mim. Assim, neste trabalho, a partir da narrativa, me encontro com uma escrita feminista, que aposta na

⁶¹ De fato, “uma vez que a nossa sociedade continua sendo primordialmente uma cultura ‘cristã’, multidões de pessoas continuam acreditando que deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens no ambiente doméstico” (HOOKS, 2019, p. 18).

⁶² hooks (2019, p. 14) nos ajuda a entender que “a maioria dos homens ficam perturbados pelo ódio e pelo medo de mulher, e pela violência se sentem assim. mas eles têm medo de abrir mão dos benefícios. eles não têm certeza sobre o que vai acontecer com o mundo que eles já conhecem tão bem se o patriarcado mudar. então, acham mais fácil apoiar passivamente a dominação masculina mesmo quando sabem, no fundo, que estão errados”.

escrita a partir da experiência, “[...] escrever a experiência como experiência. Desde a experiência. Contar o que nos passa. Narrar o que nos acontece. Escrever o que nos toca” [...]⁶³.

A primeira experiência com a escrita acadêmica me forçou a enterrar minhas avós, minhas vivências e raízes ancestrais. O território academicista tem como escopo frisar uma escrita não implicada, neutra: “[...] aprendemos a escrever de um modo mecânico e padronizado, sem estilo próprio”⁶⁴. Jorge Larrosa⁶⁵ diz que parece sintomática na academia a preocupação ora com o método, e não com a escrita. Escrever e ler por prazer parece ser algo que se distancia do ambiente acadêmico. Quem já não foi tomada por um sentimento de desejo de ler, mas nunca se tem tempo, pois nos tornamos leitoras de conteúdos, que estão distantes da vida, do que acontece fora dos muros da academia.

A escrita acadêmica tem se tornado uma escrita burocrática, vedetismo sem mundo. Escreve-se de costas para o mundo, de frente para um espelho. Escreve-se para engordar um currículo lato, vazio, puro número. Para que escrevemos hoje no mundo acadêmico? Para que abrimos e dispomos a escrita para outros? Parece que chegamos a um desses momentos em que se faz necessário parar de escrever, mas não parar de pensar⁶⁶.

Assim, a escrita acadêmica aqui neste trabalho foi pensada de modo a nos colocar em outro estado, seja de afectos de raiva, ou de alegria, haja vista que “[...] a escrita acadêmica é alérgica ao riso, à subjetividade e à paixão”⁶⁷. A experiência de cursar o mestrado no PPGPSI⁶⁸ fez-me refletir sobre minhas apostas metodológicas. Costumo dizer que, a partir desta experiência estética, ética e política de experimentar pesquisar no Programa PPGPSI-UFES, desencadeou outro modo de habitar a existência, e voltar para uma escrita o qual me permitiu desenterrar minhas avós. Esse resgate se deu pela força de ler bell hooks. Em vista disso, apostei na escrita como uma prática engajada com a invenção de si e do mundo. A escrita aqui, se faz com restos, sobras e entulhos, que foram jogados na caçamba

⁶³ RIBETTO, 2016, p. 59.

⁶⁴ LARROSA, 2013, p.107.

⁶⁵ LARROSA, 2013.

⁶⁶ KOHAN, 2016, p.56.

⁶⁷ LARROSA, 2013, p. 109.

⁶⁸ Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional.

de lixo, tendo a capacidade de afetar e lampejar a leitora. Esses restos, detritos, são de narradoras, que se dispuseram a narrar suas memórias, e de pessoas, que a partir do encontro, estão a beirar uma caçambeteira. É uma escrita, que traz rastros, marcas, borra a vida, cria possíveis, mundos outros:

Para tal entendimento, faz-se necessário o desprendimento da noção tradicional – e especialmente da noção tradicional acadêmica e científica – de caminho como aquilo que deve se dar em linha direta e reta rumo ao objetivo, acelerando e afinando o percurso com o auxílio das viseiras equinas as quais impedem o pensamento de se inquietar e distrair com aquilo que, beirando a estrada e atravessando a vereda, faz o mundo interpelar o pesquisador em debutantes intensidades e insiste em querer desviar-lhe da rota⁶⁹.

Com esta conversa, é insurgente criar estratégia micropolítica de produção de resistência para habitar o território acadêmico. UMA PISTA é apostar em bandos, que estejam apostando na afirmação da vida, e não em sua mortificação com diagnósticos, protocolos e regras, que normatizam, rebaixam e moralizam a vida. Outra PISTA, aposte na vadiagem discernida na noção tradicional acadêmica, como um campo de pesquisa, e possibilidades, de encontros potentes. A cidade, em meio aos rastros e cheiro dos vencidos, e às caçambas de lixos, nos dão pistas para acessar outras experiências de contorno possível de uma escrita a partir das marcas, e dos acasos que permeiam o cotidiano. Nas palavras de Danichi Hausen Mizoguchi⁷⁰, “a cidade tida como plano de pesquisa, um território fértil no qual fragmentos de inconclusas respostas podem ser e são esboçados”⁷¹. O escritor Ítalo Calvino, na obra *As cidades invisíveis*, ensina outra PISTA ao habitarmos a academia: “[...] tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”. Façamos, assim, então, leitora: abramos espaços para respirar, criar, inventar outros modos de produção, de escrita no espaço acadêmico! Cabendo ressaltar que é neste espaço que se produz conhecimento com risadas tomando um café de dois reais na cantina do Onofre, que se pensa com outras cabeças linhas de fuga, que se força resistência em manifestações na rua, que se produz gingas, danças e encontros que nos arrebatam para uma vida toda. Escrever passa aqui a ser uma produção de saúde, uma alegria imensa viver e pesquisar andarilhando pela universidade. Desse modo, foi o que tentei fabricar por estas

⁶⁹ MIZOGUCHI, 2013, p. 17.

⁷⁰ MIZOGUCHI, 2013.

⁷¹ MIZOGUCHI, 2013, p. 13.

folhas A4, ou seja, me/nos fazer viva, hsjs vista que a minha prática de escrita está conectada às vivências com a rua, com o cotidiano, com experiências transmitidas. Por fim, bell hooks torna-se, assim, uma marginal na academia bem como todas as caçambeteiras, que colecionam muambas, quinquilharias, e fazem da escrita uma invenção de si, e um pertencimento ao mundo.

Referências

ABREU, Caio Fernando. **Pequena Epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Ana Luiza Libâno. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n.2, p.101-115, 2013.

KOHAN, Walter Omar. Sobre a escrita acadêmica e a política e a amizade. In: CALLAI, Cristina; RIBETTO, Anelice Ribetto (Org.). **Outra escrita acadêmica**. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 48-562016.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. **Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós**.2013. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

RIBETTO, Anelice. Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica. In: CALLAI, Cristina; RIBETTO, Anelice Ribetto (Org.). **Outra escrita acadêmica**. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 58-67, 2016.

2 VIDAS PERIGOSAS FABRICADAS PELA TEORIA MÉDICA

Convite para uma viagem de trem para casa das locas

Antes de trazer as quinquilharias, e muambas que recolhi nas caçambas de lixos, gostaria primeiramente de convidar a leitora para uma viagem de trem. As cenas analisadoras da presente viagem são de extrema importância para ajudar nas questões que iremos deparar pela frente deste trabalho. São questões que nos colocam a refletir sobre o contexto da Loucura em Barbacena (MG), o enquadramento das imagens da loucura. Cabe por fim frisar que esta viagem para casa das *locas*, foi suporte e adubo para a pesquisa.

A história de mais um lixo

Se tem uma coisa que o Brasil não precisa é de moral cristã e ordem militar. Tudo o que a gente teve até hoje é porrada e missa. E a gente é a prova viva do fracasso de ambos. Ninguém no Brasil nunca fez merda em nome do Capeta, da Maconha ou da Sacanagem. Toda vez que mataram, escravizaram e torturaram no Brasil foi em nome de Deus, da Pátria e da Família. ‘Nossa bandeira jamais será vermelha’, dizem os cidadãos de bem, vestindo verde e amarelo. Já é vermelha há muito tempo, graças a vocês⁷².

Na idade Média, a bicha francesa,

diz que o leproso ao ser descoberto era expulso da sua própria comunidade. “O mecanismo da exclusão era o mecanismo do exílio da purificação do espaço urbano. Medicalizar alguém era mandá-lo para fora e, por conseguinte, purificar os outros. A medicina era uma medicina de exclusão”⁷³. A experiência da lepra e a peste, são episódios que a medicina intervém a partir do seu saber-poder alçando por fim, a exclusão. Entre a lepra e a peste, ocorrem práticas diferentes no campo médico. No início da História da Loucura: na idade clássica, no capítulo “Stultifera navis”, o autor inicia ressaltando sobre a lepra, que teve altos índices de aparecimento na Europa, e averigua que foram criadas instituições para acolher os leprosos, como o caso de Saint Lazare, de Nancy. Segundo Foucault: “[...] teriam existido 29 hospitais em Toulouse por volta do fim da época medieval: 7 eram leprosários, mas no começo do século XVII, apenas são mencionados: Saint-Cyprien, Arnaud-Bernard e Saint-Michel”⁷⁴. No ano de 1635, foi realizada uma cerimônia para agradecer a Deus pela libertação da lepra. Ao retirar os leprosos do convívio social, a exclusão era benéfica ao leprosário. A igreja reforçava em seu discurso que o seu aparecimento era uma manifestação de Deus, era costume o padre abençoar o leproso e, logo, o excluir do vínculo familiar, da igreja e dos fins sociais em prol de sua salvação. Isto é, sua exclusão era vista como comunhão com o sagrado.

⁷² DUVIVIER, 2018, p. 09.

⁷³ FOUCAULT, 2019, p. 154-155.

⁷⁴ FOUCAULT, 2013a, p. 7.

Ao desaparecer a lepra e a figura do leproso, as práticas de exclusão e segregação vão ser retomadas depois de dois ou três séculos mediante as subjetividades infames sendo os pobres, vagabundos, putas, presidiários, alcoólatras. A exclusão como prática dos lazarentos retorna o excluído e quem exclui. Torna-se sinônimo de salvação: “Com um sentido inteiramente novo, e numa cultura bem diferente, as formas subsistirão – essencialmente, essa forma maior de uma partilha rigorosa que é a exclusão social, mas reintegração espiritual”⁷⁵. Os doentes passam a ser acolhidos nos hospitais.

A figura médica começa, então, a cuidar dessa questão com suas práticas de tratamento, entre outras. O fato curioso é que, voltando para o quesito do internamento, o problema da doença venérea se isola e surge, a partir disso, em um contexto médico, a loucura em um espaço moral de exclusão. O francês diz que, antes de a loucura ser definida na metade do século XVII, ela circulava com as experiências da Renascença. É nessa perspectiva que o francês traz como símbolo da Renascença a Nau dos loucos, “o estranho barco que desliza ao longo dos calmos rios da Renascença e dos canais flamengos”⁷⁶. Isso demonstra que sempre houve exclusão ao que ameaça, não tardando o mesmo a ocorrer na Modernidade com a criação de hospícios, cujo maior objetivo era proteger uma sociedade que se dizia sadia e excluir os considerados não sadios, degenerados e anormais: “Tal apropriação médica da loucura terminou por transformar também a Medicina e a Psiquiatria e suas percepções, situando-as como saberes que tinham, doravante, poder de determinar os dizeres e fazeres dos doentes que precisariam ser normalizados”⁷⁷.

Observamos como a loucura, após ter sido amparada como um objeto do saber médico, mudou de direção. Eram encaminhados para os hospícios indivíduos, que, por questões moral, econômica e político-cultural, atentavam contra a ordem pública por rejeitarem a norma e a disciplina. Todavia, devido ao discurso científico, foram vistos como doentes mentais sobre uma normalização da loucura associando os desviantes da moral aos

⁷⁵ FOUCAULT, 2013a, p. 10

⁷⁶ FOUCAULT, 2013a, p. 13

⁷⁷ MOTTA, 2000, p. 186

alcoólatras, homicidas, ladrões, delinquentes juvenis, homossexuais, indígena⁷⁸, prostitutas e negros. Eram estes vistos como os perigosos, os marginais da sociedade.

No século XVII, foram fundadas instituições, que antecederam os manicômios. Nesse século, surgiram, na Europa, grandes instituições destinadas a banir das ruas inválidos, pobres, miseráveis, mendigos, libertinos, prostitutas e insanos:

Vi-os nus, cobertos de trapos, apenas um pouco de palha para abrigarem-se da fria umidade do chão sobre o qual se estendiam. Vi-os mal alimentados, sem ar para respirar, sem água para matar a sede e sem as coisas mais necessárias à vida. Vi-os entregues a verdadeiros carcereiros, abandonados à sua brutal vigilância. Vi-os em locais estreitos, sujos, infectos, sem ar, sem luz, fechados em antros onde se hesitaria em fechar os animais ferozes, e que o luxo dos governos mantém com grandes despesas nas capitais⁷⁹.

O corpo passa a operar como um instrumento de controle, ele é uma realidade biopolítica. O poder médico o atinge na medida que esta vida se coloca como uma vida de risco. Nas aulas ofertadas nos anos de 1974-1975 no Collège de France, intitulada “Os anormais”, Michel Foucault se empenhou a analisar o surgimento da nova psiquiatria, que se constrói e se articula em torno da figura dos “anormais”. Esse discurso, acerca das doenças psiquiátricas, vai capturar subjetividades de riscos, não comportadas. Caponi assevera:

Assim, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, começa a se consolidar uma verdadeira biopolítica das populações consideradas de risco (para si e para os outros). Surge uma multiplicidade de novas classificações nosológicas de patologias psiquiátricas que dará lugar a novas estratégias de intervenção, a novas terapêuticas e a um discurso higiênico preocupado em prevenir e identificar possíveis desvios patológicos⁸⁰.

Assim, a biopolítica torna-se uma estratégica para a medicina, uma produção de práticas e discurso que sustentam uma verdade. Seu foco é a população, os mecanismos do ser vivo e

⁷⁸ Ver o documentário: “Reformatório krenak”. Trata-se, do hospício fundado no período da ditadura em prol de encarcerar a população indígena dita desajustada. Disponível, em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qpx8nKVXOAO>

⁷⁹ FOUCAULT, 2013a, p. 49.

⁸⁰ CAPONI, 2012, p. 12

os processos biológicos. É uma ação direta sobre o corpo e a vida: “fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana⁸¹”.

Ela foi cunhada, pela primeira vez, em solo carioca, em uma conferência intitulada “O nascimento da Medicina Social”, no ano de 1974, no Brasil. De antemão, a biopolítica comparece na publicação oficial “A História da sexualidade: A vontade de saber”. No item citado, encontramos algumas provocações de Michel Foucault a respeito do nascimento da medicina social, que, segundo este, não tem a ver com o nascimento do capitalismo, e sim com o controle do corpo social. A hipótese de Michel Foucault é que a medicina moderna é uma medicina social, que caracteriza a prática do controle sobre o corpo. Assim, o “[...] corpo é uma realidade biopolítica”⁸². Surge o levantamento da estatística, a geografia epidemiológica, juntamente à medicina para o controle e medida dos corpos e da população. Estas práticas minuciosamente, interferem em “Distribuir os indivíduos uns aos outros, isolá-los, individualizá-los, vigiá-los um a um, constatar o estado de saúde de cada um, ver se está vivo ou morto e fixar, assim, a sociedade em um espaço esquadrinhado, dividido, inspecionado [...]”⁸³. A partir do filósofo, a medicina é situada como uma biopolítica sobre a vida, a qual torna-se um projeto médico, que ganha força sobre o outro, tendo o poder de medicalizar e psiquiatrizar a população. À vista disso, houve uma organização médica sobre a vida da população, uma organização sanitária das cidades no século XVIII.

A Psiquiatria, a Medicina, a Justiça Penal e a Criminologia ocuparam uma posição, cujos fins era a manifestação da verdade nas normas do conhecimento de uma produção de verdade. A Psiquiatria é um saber produzido por meio do discurso médico a respeito da loucura, que a compreende como doença mental. É uma prática que tem como objetivo o controle por meio de um tratamento físico-moral. Isso se concretiza na história, no momento em que a loucura se torna doença mental: “[...] fenômeno patológico, mas

⁸¹ PELBART, 2003, p. 24.

⁸² FOUCAULT, 2019, p. 144

⁸³ FOUCAULT, 2019, p. 157.

doença diferente, exigindo, por conseguinte, um tipo específico de medicina para tratá-la, justamente a psiquiatria”⁸⁴.

Em um dos textos, datado de 1973-1974 é nomeado de “O poder psiquiátrico”, Foucault traz algumas pontuações sobre o tratamento referenciado ao louco tendo como base as abordagens de Pinel e Esquirol. Antes do século XVIII, a loucura não era internada, pois era tratada como uma forma de erro ou ilusão. Ainda no século XIX, o internamento do indivíduo visto como louco ocorria quando a loucura não era considerada como um erro em relação à conduta regular e normal. Dessa maneira, ela não aparecia mais como perturbadora, mas como confusão na maneira de agir, de querer experimentar paixões, de tomar decisões e de ser livre⁸⁵. No contexto da Idade Clássica, ela era vista como pertencente às quimeras do mundo e era acolhida. Não tendo que se ausentar: “[...] compreende-se que, nessas condições, que o lugar privilegiado em que a loucura podia e devia explodir em sua verdade não podia ser o espaço artificial do hospital”⁸⁶. Ao contrário do hospital, vê-se a natureza sendo o espaço visível para a verdade; ou seja, para a loucura aparecer. Os cuidados prescritos pelos médicos aos loucos eram: viagem, repouso, retiro e corte com o mundo artificial e a cidade⁸⁷. Esquirol, em suas teorias, descreve caminhos para projetar o Hospital Psiquiátrico. Ele pontua que cabe a cada pátio ter uma vista para o jardim, demonstrando a relevância que uma das técnicas terapêuticas seja o teatro e explorando no doente uma natureza inversa, da qual ele poderia rir de seu próprio sofrimento, vindo a transformar em comédia sua própria loucura.

Hospital Psiquiátrico é, assim, um território de produção de verdades, frente a diagnóstico e provas, resultante de teorias aberrantes de cunho científico; lugar de classificação, de divisão das doenças por pátios; espaço fechado em um campo institucional de submissão.

⁸⁴ PORTOCARRERO, 2002, p. 8.

⁸⁵ FOUCAULT, 2014.

⁸⁶ FOUCAULT, 2006, p. 248.

⁸⁷ FOUCAULT, 2019.

Logo, os ditos nomeados médicos da época, conhecidos por seus saberes, como Charcot, Kraepelin e Leuret, inserem os indivíduos em um discurso sobre adoecimento e tratamento compulsório, para, então, ofertar seus cuidados e curas tendo como apoio a produção de uma verdade científica. Suas práticas tinham como escopo fazer do médico o mestre da loucura, aquele que produz sua verdade. Seus procedimentos, nesses espaços institucionais, consistem em:

[...] o isolamento, o interrogatório privado ou público, os tratamentos-punições como a ducha [fria], os discursos morais (incentivados ou censurados), a disciplina rigorosa, o trabalho obrigatório, as recompensas, as relações preferenciais entre o médico e alguns de seus doentes, as relações de avassalamento, de posse, de domesticidade, às vezes de servidão entre os doentes e o médico⁸⁸.

Todas essas práticas se explicam mediante o conhecimento do poder do médico, entre o sujeito conhecedor e o objeto conhecido. Conforme ressaltou Franco Basaglia, o psiquiatra dispõe de um poder, mas que não serviu para compreender o doente mental: “[...] em seu diagnóstico, prevalece-se, portanto, de um poder e de uma terminologia técnica para sancionar aquilo que a sociedade já executou, excluindo de si aquele que não se integrou ao jogo do sistema”⁸⁹. Os recursos terapêuticos utilizados na época confirmam a prática da classe dominante, que marca os corpos dóceis, por meio do poder disciplinar, dos “ditos loucos”. Justamente o que Michel Foucault já advertia acerca das práticas dentro de um hospício, em especial no século XIX. Frente a tudo isso, essas práticas tinham como objetivo “[...] fazer do personagem médico o ‘mestre da loucura’: aquele que a faz aparecer na sua verdade (quando ela se esconde, quando permanece escondida e silenciosa) e aquele que a domina, apazigua e a faz desaparecer, depois de tê-la sabiamente desencadeado”⁹⁰. Todavia, essas técnicas de poder são práticas, que soaram de uma produção de verdade. À vista de que, nas palavras de Foucault, “[...] a verdade não existe fora do poder ou sem o poder”. A verdade torna-se parte do contexto da existência. A verdade teve êxito na construção do hospício mediante os acordos entre a elite e o Estado ou políticos⁹¹.

⁸⁸ FOUCAULT, 2014, p. 250.

⁸⁹ BASAGLIA, 1985, p. 125.

⁹⁰ FOUCAULT, 2014, P.250.

⁹¹ FOUCAULT, 2019, p. 51.

Tais práticas européia chegam até o Brasil, Esquirol foi um dos precursores a influenciar a psiquiatria da loucura brasileira. A medicina social, ao interferir na sociedade civil, trata o louco como um elemento de desordem urbana e propõe um lugar institucional para a sua exclusão: “[...] Ao reivindicar ou louvar, em suas teorias, o isolamento do doente mental no asilo, seguindo o exemplo de Pinel e Esquirol, os médicos brasileiros formulam coerentemente o fundamental de seu saber e de suas pretensões”⁹². Nessa perspectiva, a cientificidade é a veracidade de toda prática imbuída na aplicação de tratamento moral. A psiquiatria é transformada em um espaço de saber privilegiado para garantir a defesa da sociedade de qualquer vida, que ameace a ordem social, havendo uma atenção para o crime, a loucura moral e a raça entre outros.

Os espaços de reclusão da loucura, no século XX, dariam seguimento com a psiquiatria introduzida por Juliano Moreira, tendo como modelo a teoria do alemão Emil Kraepelin, responsável em lançar para a Psiquiatria novos discursos e práticas, frisando um novo saber acoplado às novas práticas repercutidas na Europa. Os conceitos de normalidade e anormalidade, que agrupariam, além dos doentes mentais, degenerados, alcoólatras, sífilíticos, criminosos etc., Kraepelin, no ano de 1926, propuseram o Tratado da Psiquiatria, no qual ele classifica cientificamente todos os comportamentos anormais. Assim, no século XX, a preocupação foi com os perigosos desviantes da norma. As práticas psiquiátricas, também, penetrariam instituições, como a família, a escola e as Forças Armadas, com a proposta terapêutica e preventiva de lutar contra a criminalidade, a baixa produtividade e a doença mental vista como anormalidade⁹³.

Desde 1830, havia, entre os psiquiatras, o desejo da fundação do hospício em prol da ordem social. Segundo os médicos alienistas, os loucos não deveriam mais caminhar pelas ruas ou ser encaminhados para enfermarias da Santa Casa de Misericórdia. No mesmo ano

⁹² PORTOCARRERO, 2002, p. 9.

⁹³ PORTOCARRERO, 2002, p. 14.

de 1830, a Medicina lançou um slogan referenciando a seguinte frase: “Aos loucos, o hospício”, pontuando, assim, que o lugar dos loucos não era nas ruas, nas prisões ou nas Santas Casas da Misericórdia. O novo acordo entre a Medicina e a sociedade previa que essa população fosse cuidada pela figura médica em uma instituição nomeada de hospício. Foi em meio a essa ruptura com a Santa Casa que se criou o Hospício. Isso surgiu com a lei do deputado Teixeira Brandão, que “[...] faz do hospício o único lugar apto a receber loucos, subordinando sua internação ao parecer médico”⁹⁴. Mediante isso, toda anormalidade pode se transformar em uma doença mental:

Torna-se fundamental a psiquiatrização não somente do louco propriamente dito, mas do louco em potencial, representado por todo e qualquer indivíduo normal, na medida em que este pode, por um processo de degeneração, adquirir uma doença mental; e, principalmente, dos anormais, degenerados – alcoólatras, epiléticos, sífilíticos etc. – mais vulneráveis e sujeitos, pela decadência moral e degenerescência física, à loucura. A psiquiatria começa a dedicar seu saber ao conhecimento da anormalidade, dos desviantes – criminosos e degenerados⁹⁵.

Desse modo, com Juliano Moreira, incidiram novas técnicas terapêuticas e preventivas voltadas à assistência aos alienados, cujo caso se refere ao desvio moral de todo tipo: alcoólatra, epilético e criminoso, e uma atenção ao indivíduo ainda normal, principalmente a “criança”, que, por uma educação defeituosa ou pré-disposta à hereditariedade, pode vir a se tornar um doente mental. Há, também, um olhar voltado às instituições sociais, como a escola, a família e o Estado, psiquiatrizando-os, disciplinando-os e educando-os para que estes se tornem aliados da ação de terapia e prevenção contra a loucura⁹⁶. O tratamento científico se transformou no objetivo central das práticas da Psiquiatria do século XX no Brasil, sendo justificadas para a sociedade como o reforço em erguer uma nova sociedade, pautando-se na ciência para expor o que prejudicava os preceitos individuais e o desenvolvimento econômico, social e político da Nação.

As novas modalidades ressaltadas pela Psiquiatria refletem sobre os indivíduos normal e anormal: “Tal força não pode ser perdida, mas deve, antes, ser normalizada, assistida,

⁹⁴ PORTOCARRERO, 2002, p. 97.

⁹⁵ PORTOCARRERO, 2002, p. 103.

⁹⁶ PORTOCARRERO, 2002.

sendo os anormais considerados degenerados, que necessitam de tratamento especial para se transformarem em elementos úteis para a sociedade”⁹⁷. Em meio a esse comboio de ideias, de práticas e de discurso, surgiram as tais ditas “doenças sociais”, que ocasionavam grande risco para o desenvolvimento da Nação. Por meio do conhecimento científico, foram fundadas “Colônias agrícolas”, nas quais passou a ocorrer intervenção psiquiátrica fora e dentro dos asilos. Essas “Colônias” eram voltadas para epiléticos e alcoólatras, manicômios judiciários para criminosos e loucos bem como assistência familiar para os alienados. Ocorreu, também, uma reforma no hospício, aparentando-o conforme um hospital. Polarizaram-se, ainda, as práticas de interferir na escola e na família, ditando as normas de cunho científico produzidas pelo saber médico. Dessa maneira, se no século XIX a preocupação com a anormalidade era com os que fugiam da ordem, no século XX a figura do anormal se transformou no patológico, sendo o inconveniente a disciplina, cabendo ao saber médico conduzi-lo ao tratamento⁹⁸.

Isto posto, o discurso da psiquiatria no Brasil, tem como prática o movimento da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), fundada no ano de 1923, por Gustavo Ridel no Rio de Janeiro. Mediante o cenário em que se encontrava o Brasil, passando por uma brusca mudança social e política, como a “falsa abolição” de 1888, a República sendo declarada em 1889 e a circulação de novos emigrantes. Isso acarretou uma desenfreada urbanização produzindo severos problemas sociais e urbanos. Nesse parâmetro, a nova constituição foi decretada com o “Novo Estado” tendo um viés alçado de práticas antiliberais e repressivas. Assim, a LBHM foi forjada, em especial para melhoria e governança do nível de saúde da população. Machado et al. salientam:

A higiene será um tipo de intervenção característico de uma medicina que coloca em primeiro plano a questão de sua função social; que produz conceitos e programas de ação através de que a sociedade aparece como o novo objeto de suas contribuições e a saúde dos indivíduos e das populações deixa de significar unicamente a luta contra a doença para se tornar o correlato de um modelo médico-político de controle contínuo⁹⁹.

⁹⁷ PORTOCARRERO, 2002, p. 113.

⁹⁸ PORTOCARRERO, 2002.

⁹⁹ MACHADO *et al*, 1978, p. 53.

Esse mesmo discurso higiênico, preocupado com a saúde dos indivíduos, lança uma preocupação com o controle da vida, preocupados com a raça, sexualidade, classe, com o indivíduo inculto, sendo: pobre, mendigo, louco, vagabundo, homossexual, cigano curandeiro, parteira, homeopata etc. “O discurso médico tinha endereço certo. Ele se dirigia à família de elite, letrada, que podia educar os filhos e aliar-se ao Estado”¹⁰⁰. De certa forma, a medicina social, por meio de sua política higiênica, produziu os mal nascidos e reduziu a família a um estado de dependência do saber médico em prol também de salvar os indivíduos da catástrofe, que proliferava no ambiente social. Então, a higiene insinuou sua intimidade em suas vidas.

Cabe referenciar que o programa de Higiene Mental é tomado por características da eugenia, que já compunha a psiquiatria nazista: “[...] a eugenia, avaliada fora de suas condições socioculturais de origem, serviu de garantia científica às palavras de ordem nazistas e fascistas que até hoje nos deixam perplexos”¹⁰¹. Jurandir Costa¹⁰² chega até a ressaltar que a psiquiatria brasileira tem marcas de uma psiquiatria nazista. A preocupação dos membros da LBHM perpassa sempre, a raça, a sexualidade e a deficiência:

Este preconceito levou-os a elaborar programas de higiene mental baseados na noção de prevenção eugênica nascida da Psiquiatria nazista. Para eles, a eugenia era um conceito científico, logo inquestionável. Uma vez aceito este pressuposto, restava impor aos brasileiros as receitas da Psiquiatria nazista. Os psiquiatras passaram a pedir a esterilização sexual dos indivíduos doentes, a pregar o desaparecimento da miscigenação racial entre brasileiros, a exigir a proibição de emigração racial entre brasileiros, a exigir a proibição de emigração de indivíduos não brancos, a solicitar a instalação de tribunais de eugenia e de salários-paternidade eugênicos¹⁰³.

¹⁰⁰ COSTA, 1979, p. 69.

¹⁰¹ COSTA, 1989, p 11.

¹⁰² No debate intitulado: “Roberto Machado e o IMS: A história da psiquiatria e da medi.brasil”, Jurandir narra que ao estar em Paris, teve a oportunidade de participar do curso “O poder Psiquiátrico”, ministrado por Michel Foucault. Para conferir o encontro, acessar em: <https://www.youtube.com/watch?v=z-0oOgCSERs&t=1565s>

¹⁰³ COSTA, 1989, p. 59.

Embora a eugenia esteja presente no ideal da LBHM, ela ocorre antes do movimento higiênico no Brasil. Em particular, a partir dos anos 1910 com Renato Kehl, “[...] a eugenia [se] baseava em fundamentos racionais. Todo o corpo teórico da Psiquiatria organicista caucionava as esperanças dos eugenistas”¹⁰⁴. Havia, entre os precursores do movimento, uma preocupação com a Nação e a degeneração do País.

Nos séculos XIX e XX, em especial no ano de 1857, foi dada visibilidade aos discursos para intervir na população tendo como escopo a prática conhecida como teoria da degeneração fundada por Morel: “Definiu-se, então, um novo espaço classificatório de doenças e anomalias que permitirá a proliferação, na segunda metade do século XIX, de um conjunto de doenças relacionadas a comportamentos”¹⁰⁵. Morel fundamenta que os seres degenerados formarão família e criarão vínculos, transmitindo isso que eles são. A misoginia, sexismo e a masculinidade tóxica prevalecia fortemente: “[A mulher] Devia, além do mais, ser passiva, submissa, coquette, caprichosa, doce, meiga, devotada etc. O homem devia ser mais seco, racional, autoritário, altivo, menos amoroso, mais duro etc.”¹⁰⁶. Por conseguinte, a Psiquiatria ajudou a criar um sujeito disponível ao Estado e à pátria. João Silvério Trevisan, sobre isso, ressalta:

Se o padrão higiênico burguês colaborou para extinguir os bestiais castigos de período colonial, também é verdade que cobrou seu preço, ajudando a criar um cidadão autorreprimido, intolerante e bem-comportado, inteiramente disponível ao Estado e à pátria. A nova ordem que a normalização higiênica instaurou utilizava o cientificismo para exercer um controle terapêutico que substituiu o antigo controle religioso. Ao se distanciar progressivamente do universo da lei (secular ou religiosa), a ideologia higienista colocava suas referências no terreno da norma científica. Agora, os cidadãos deviam obediência menos a Deus do que ao médico. E, em lugar do dogma cristão, passou a imperar o padrão de normalidade. Por essa brecha é que a psiquiatria pôde entrar, para aprimorar o controle da ciência sobre pessoas com prática sexual considerada desviante¹⁰⁷.

¹⁰⁴ COSTA, 1989, p. 60.

¹⁰⁵ CAPONI, 2012, p. 12.

¹⁰⁶ COSTA, 1979, p. 237.

¹⁰⁷ TREVISAN, 2018, p. 171.

Esse movimento higiênico conseguiu sair dos consultórios e adentrar a intimidade da população. A mesma família que leva o indivíduo para os cuidados psiquiátricos ou que julga as pessoas que perambulam nas ruas é a mesma que vai ser acusada de incapacidade, de higienizar crianças e adultos. Observa-se que o resultado do discurso sobre a educação higiênica se impõe pela norma familiar produzida pela ordem médica. Isto é, houve uma disciplinarização da família e uma normalização sendo alçada pelo discurso médico. De acordo com Jurandir Costa, a ordem médica vai produzir uma norma capaz de produzir um cidadão domesticado e colocado à disposição do Estado, tomando como guia as práticas da família burguesa. Todavia, percebe-se as cumplicidades frente a esses discursos da verdade, que perpassa a família, bem como toda a sociedade. De certa forma, podemos nos indagar que a família brasileira desejou os manicômios? Isto é, compramos e desejamos essas práticas fascistas e microfascistas, por que não suportamos lidar com a diferença em um mundo em que a hospitalidade e a hostilidade nos são vendidas.

Finalmente, quem aí tem doença social, levanta mão? Como Minas Gerais não tem mar, o barco Nau dos Loucos no Brasil vai ser conhecido como o trem de doido. Era através desse transporte que as pessoas eram deportadas para o hospício Colônia de Barbacena (MG). Essas vidas enquadradas pela doença social, vão ser excluídas do convívio social, segregadas como loucas e loucos. A psiquiatria Brasileira vai se pautar na higiene, limpar as ruas, vai forçar o despejo daqueles que incomodavam os preceitos e costumes da santa família burguesa catequizada para servir o Estado e a pátria em nome dos médicos e depois de deus. A vista disso, as vidas deportadas no trem de doido, vão ser marcadas pela moralidade de um Brasil que ainda se faz Colônia, que retrocede elegendo Jair Bolsonaro como presidente que discursa a domesticização de cidadãos a serviço do Estado, que retrocede com as políticas públicas e de cuidado à saúde mental, que declara guerra aos povos quilombolas, a toda a população LGBTQI+; população indígena, mulheres, os mais vulneráveis e pobres. Feito dizer, “você está doente?” Eu inventei um negócio: você corta seu antebraço e deixa sangrar. Então, isso se chama sangria e faz

quatro mil anos que não dá certo”¹⁰⁸. Nosso trenzinho "anda que te anda pelos ares e pelos mundos" com o intuito de queimar as bruxas e bruxos. Então, por essas folhas aqui, percorre a memória de um povo, de um Estado, de um país. Estas histórias das locas, dizem de nós, não precisa ter vergonha, ou permanecer num lugar do constrangimento em dizer sobre... essas histórias são nossas, de todos nós, do mundo inteiro. Em tempos que dizer o óbvio passa ser dificultoso, erguemos contra o negacionismo, e apostamos na ética da narrativa, do cuidado, e da memória.

Referências

- BASAGLIA, Franco. **As instituições da Violência**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- CAPONI, Sandra. **Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada**. Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz, 2012.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 1989.
- DUARTE, Maristela. **Ares e luzes para mentes obscuras: o Hospital Colônia em Barbacena: 1922-1946**. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.
- DUVIVIER, Gregório. Prólogo. In: **O ódio como política: A invenção das direitas no Brasil**. Luiz Felipe Miguel ... [et al]; organização Esther Solano Gallego; [ilustração Laerte, Luiz Gê, Gilberto Maringoni] -1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução MariaThereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)**. Tradução Eduardo Brandão. Revisão técnica Salma Tannus Muchail e Márcio deFonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso dado no Collège de France (1974-1975)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2010.

¹⁰⁸ DUVIVIER, 2018, p. 09.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução J. T. Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

GALENO, Eduardo. **Mulheres**. Tradução de Eric Neponuceno. – Porto Alegre : L & PM , 2015.

MACHADO, Roberto. **Por uma genealogia do poder**. O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974). Tradução Eduardo Brandão. Revisão técnica Salma Tannus Muchail e Márcio de Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma**: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MOTTA, Manuel. Michel Foucault. **Problematização do sujeito**: Psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Florense, 2000.

PELBART, Pál. Vida Capital: **Ensaio de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PORTOCARRERO, Vera. **Arquivos da loucura**: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz, 2002.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. rev., atual e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Quando o corpo não sobrevive e as palavras sobrevivem para dizer

– Ô, seu doutor. Eu quero uma escova de dentes e uma pasta. Eu já pedi para aquele outro doutor ali – disse, apontando um atendente –, mas acho que ele está me embrulhando.

–Eu quero um violão barato. Eu toco sentindo mesmo. Tocava lá fora, porque não posso tocar aqui? Um violão barato, não precisa ser caro, não. Um violãozinho à toa.

Outro idoso diz: – Quero ir embora. Sou pai de família, tenho mulher, filhos para cuidar. Eu escrevi uma carta pra minha mulher, mas não sei se eles aqui puseram no correio. Será que puseram?

– A comida aqui é desgraçada. Vem com barata e tudo.

– Ô doutor. Não faz isso comigo, não. Tira eu daqui?¹⁰⁹.

As “locas” do hospício Colônia combinaram de não morrer, mas era preciso que eles também combinassem de não as matar¹¹⁰. “Loca” tomando como sentido a produção de outros modos de reinventar a vida, criando outros possíveis frente aos enquadramentos do saber psiquiátrico e da precariedade manicomial. “Loca” não de doente, mas de força, de combate, de enfrentamento. Chocar com enunciados de vidas imorríveis, é rastrear forças na precariedade, na quebrada. É outro modo de assuntar a história, que nos força a chocar com outras narrativas e outras experiências dos vencidos. É o que explicita Jota Mombaça: “Falo de uma força que não é nem o sujeito e nem o mundo, mas atravessa tudo”¹¹¹.

É diante dessa força, que atravessa tudo, que escrevo em tempos de quarentena, em uma cidade do interior de Minas Gerais, em companhia de um pé de limão. No mês de julho, sinto bastante frio nas pernas. Minha boca fede cigarro desde às sete da manhã quando me coloquei de frente à tela do computador para escrever sobre essa “gentem loca”¹¹² do hospício Colônia de Barbacena (MG). Todos os dias, pela manhã, noite, às vezes pela madrugada, fica em mim um pouco dessa “gentem loca”. Então, recolho-me num cafezinho bem quente, sento-me à mesa junto com meus livros e ponho-me a refletir que as

¹⁰⁹ FIRMINO, 1982, p. 71.

¹¹⁰ “Em homenagem a Conceição Evaristo, a gente combinamos de não morrer, precisávamos também que eles tivessem combinado de não nos matar” (MOMBAÇA, 2021, p. 29).

¹¹¹ MOMBAÇA, 2021, p. 24.

¹¹² Gentem no sentido de que são muitos e muitas, são em plural, porque andam em bando, em grupo, no coletivo.

dissidências minoritárias do hospício Colônia lampejam pelos territórios das montanhas das Gerais! O acontecimento da loucura, que assediou a capital dos loucos, se espalhou pelos territórios das cidades. A cada esquina, bar, supermercado, rua ou igrejinhas mineiras, encontra-se alguém com uma estória para narrar sobre algum parente, amiga/amigo, que foi capturada/o pelo trem de doido da época. Minha pesquisa começa a atravessar meu cotidiano na cidade. Todos os cronogramas feitos saíram do controle. Tomamos outros percursos, apostamos nas experimentações, e no acaso. A qualquer momento, posso me encontrar com um arquivo vivo circulando pela cidade. Vou compreendendo que essas gentes da Colônia são vírus, um bando que se transformou numa espécie de pestes e se espalhou pelos territórios da cidade. Tenho a seguinte hipótese: o hospício Colônia não morreu! Com isso, volto a Michel Foucault, que diz que só quando o passado não nos envergonha mais, é que as ciências e nações podem seguir. Essas pessoas, que foram deportadas para Barbacena no trem de doido, ainda se fazem vivas e se tornaram imorríveis cada vez que dizem seus nomes ou narram suas memórias pelo cotidiano da cidade:

[...] eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestaram umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo e contra ele¹¹³.

Assim, falar do hospício Colônia de Barbacena é se lembrar de alguém próximo; é tocar na ferida às vezes aberta, ainda não cicatrizada; é atizar um segredo, expor uma vergonha. Os arquivos/testemunhas são narradoras espalhadas pelo território da cidade. Suas narrativas dizem sobre a prática da loucura, dos territórios que marcaram a cidade diante de seus acontecimentos, ressaltam subjetividades capturadas pelo discurso do trem de doido, por fim, expressam um Estado e dizem da memória do nosso País.

¹¹³ MOMBAÇA, 2021, p. 28.

De acordo com Michel Foucault¹¹⁴, o hospício é este outro lugar no espaço social que exclui o indivíduo e ao mesmo tempo mantém em extremidade a sociedade. É um lugar heterotópico do desvio: um laboratório aberto, que recebe as sobras, restos e entulhos de lixo do moralismo social; lugar que comporta as subjetividades não comportadas, revoltadas, transviadas, sapaviadas; subjetividades borradas pela degenerescência e pela hipocrisia de uma sociedade que vive entre o profano e o sagrado, entre o lixo e o luxo. A loucura, assim, atravessa o cotidiano, está aqui, ali, lá. Mas, afinal: quem é a “loca”?

Foi na cidade conhecida como “das rosas” que a heterotopia do desvio foi criada “[...] pela Lei nº 290, de 16 de agosto de 1900, regulamentada pelo Decreto nº 1.579, de 21 de fevereiro de 1903”¹¹⁵. Trata-se de um espaço de “muros altos, grossos, pátios no meio, tipo senzala, onde os doentes ficam confinados”¹¹⁶. A Colônia fundada na cidade foi um hospício político, que adiantou a morte de muitas pessoas em nome de uma ciência e do progresso social. Era um local conhecido pelas/pelos internas/internos como o lugar onde o diabo deixou o rabo¹¹⁷. Antes de ser enquadrada como “loca” nos porões da loucura do hospício, carecia, primeiramente, de ser deportada num vagão de trem. Esse era um dos transportes conhecido como “trem de doido”, termo cunhado por Guimarães Rosa¹¹⁸, utilizado para transportar subjetividades profanas, que incomodavam a reputação moral das famílias ou da sociedade da época. As vidas inafmes, ao embarcarem no trem, recebiam o passaporte para a Colônia da morte. Eram despejadas ali como pária (a excluída da sociedade), uma ninguém, sem nome, sem documentos, abandonadas pelas famílias e pelo Estado. Foi o trem que levou a mãe e a filha do Sorôco:

A hora era de muito sol – o povo caçava jeito de ficarem debaixo da sombra das árvores de cedro. O carro lembrava um canoão no seco, navio. A gente olhava: nas reluzências do ar, parecia que ele estava torto, que nas pontas se empinava. O borco bojuo do telhadinho dele aluminava em preto. Parecia coisa de invento de muita distância, sem piedade nenhuma, e que a gente não pudesse imaginar direito nem se acostumar

¹¹⁴ FOUCAULT, 2013.

¹¹⁵ FIRMINO, 1982, p. 81.

¹¹⁶ FIRMINO, 1982, p. 54.

¹¹⁷ FIRMINO, 1982.

¹¹⁸ ROSA, 1988.

de ver, e não sendo de ninguém. Para onde ia levar as mulheres, era para um lugar chamado Barbacena, longe. Para o pobre, os lugares são mais longe¹¹⁹.

Mas, afinal, quem adoeceu essa gentem da Colônia para curá-las? E quem foi cúmplice de toda essa barbárie? Falar sobre os “locos”, e “locas”, de suas experiências, é apostar no lugar da memória frente um país que apaga e queima seus arquivos. O retorno a produção de subjetividades infames, que foram apagadas, e não choráveis quando foram suicidadas pela sociedade higiene no território manicomial, nos faz indagar: porque choramos certas vidas e outras não? O que suas experiências e memória podem nos ajudar no presente (aqui e agora)?

Judith Butler ressalta que todo humano ao vir ao mundo, torna-se precário, mas existem vidas que se apresentam desde sempre precárias. De acordo com certos enquadramentos, algumas vidas nunca serão apreendidas como merecidas de ser vividas ou perdidas, pois existem sujeitos, que são reconhecidos enquanto um humano, e outros não! Os enquadramentos que diferem uma vida da outra, nos possibilitam ter um entendimento quando uma vida, foi perdida ou lesada. Sua ausência nos toca a ponto de deslocar a experiência de um luto público ou mesmo um choro público. Com isso, o que a filósofa enseja, é refletir sobre a exposição, a precariedade e os enquadramentos, que moldam a diferenciação às vidas e como a comoção ao luto está conectada à estrutura do enquadramento das normas e poder, que auxiliam na apreensão de certas vidas como valiosas e outras não. “Assim, há ‘sujeitos’ que não são reconhecíveis como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente ou, melhor dizendo, nunca são reconhecidas como vidas”¹²⁰. A vida, segundo a autora, exige condições sociais e econômicas para ser mantida enquanto uma vida! O não suporte básico para manter sua sobrevivência, como: (alimentação, trabalho, abrigo, cuidados médicos, educação, direitos contra maus-tratos de opressão) condiciona uma precariedade fundamentada na ausência desses cuidados: sociais e políticos. Assim, denota-se que a condição de uma vida ser passível ou não de luto, consiste com a apreensão da vida precária.

¹¹⁹ ROSA, 1988, p. 18-19.

¹²⁰ BUTLER, 2018, p.17.

Dessa maneira, as subjetividades deportadas no trem de doido para a Colonia de Barbacena (MG), passaram a ser enquadradas como “pária, os/as ninguém, sem nome” na história por meio de diagnósticos da psiquiatria. As práticas moralistas enquadradas pelo saber psiquiátrico como loucura, introduz um projeto de vidas não enlutadas, enquadradas como subjetividades não comportadas, forasteiras, corpos estranhos; passíveis de eletrochoque. O discurso e a exposição à precariedade no território manicomial se distanciam dos cuidados básicos como: abrigo, alimentação, redes de apoio, cuidado, aliança e trabalho. O distanciamento desses cuidados aumenta as violências e a mortalidade dentro do hospício, condicionando a precariedade às vidas, que não são valiosas, e lamentáveis de serem oferecidas a elas cuidados básicos para a sobrevivência. Com isso, essas vidas de risco, exiladas no hospício, foram suicidadas por serem enquadradas como vidas já perdidas frente a um diagnóstico, tornando-se não passíveis de luto: “[...] são consideradas como ameaça à vida humana como a conhecemos, e não como populações vivas que necessitam de proteção contra a violência ilegítima do Estado, a fome e as pandemias”¹²¹. Essas vidas lesadas, perdidas e sacrificadas não são lamentáveis. Na perspectiva de Judith Butler, sem a experiência da lamentação, não ocorre o luto. Em suas palavras:

Conseqüentemente, quando essas vidas são perdidas, não são objetos de lamentação, uma vez que, na lógica distorcida que racionaliza sua morte, a perda dessas populações é considerada necessária para proteger a vida dos vivos¹²².

À medida em que vidas estão neste lugar de vidas precárias, é preciso preservá-las ou elas perderão a força do luto mediante os enquadramentos do poder de discursos, que vão sendo produzidos por uma prática do saber, como foi o caso das experiências do hospício. Assim sendo, existe uma distinção de luto, de uma divisão de vidas enterradas e não enterradas, haja vista que “[...] certas vidas humanas provocam mais luto que outras”¹²³.

¹²¹ BUTLER, 2018, p. 53.

¹²² BUTLER, 2018, p. 53.

¹²³ BUTLER, 2019, p. 51.

Há uma tragédia grega relevante para pensar que toda a vida importa e que a prática do enterro dos mortos é uma forma de chorar em público e manifestar o luto. A peça de Sófocles relata a força e a ousadia de uma mulher conhecida como Antígona, que desobedece a lei em prol de enterrar seu irmão, Polinices. Seu crime “[...] foi enterrar o irmão após Creonte, seu tio e rei, ter publicado um decreto proibindo tal enterro”¹²⁴. Polinices é líder de um exército inimigo do governo. Seu desejo é conquistar o cargo de poder, que seu tio Creonte ocupa em Tebas. Polinices tem mais um irmão, que se chama Eteócles. Devido aos conflitos de disputa de poder pelo trono, Eteócles bem como Polinices morrem. Seu tio materno Creonte, o rei de Tebas, considera Polinices como inimigo, traidor; por isso, nega o enterro adequado: “[...] na verdade, ele deseja que o corpo seja deixado nu, desonrado e corrompido”¹²⁵. Antígona discorda de seu tio Creonte. Ela acha que seu irmão deve, sim, ser enterrado de forma digna. Ela, então, o enterra duas vezes secretamente! Na segunda vez, é capturada pelo exército de Creonte. Na frente do rei, ela diz: “Eu fiz o feito! Fiz, não nego!” O ato de Antígona, ao enterrar o próprio irmão produz um ato de desobediência civil, essa ação é interpretada pelo exército de Creonte como um ato masculino, induzindo Creonte a afirmar que nenhuma mulher iria jamais governar Tebas e que, se isso ocorresse, ele mesmo morreria. Nas palavras de Judith Butler: “Antígona, portanto, acaba agindo de forma que é considerada masculina não apenas porque ela desafia a lei, mas também porque ela assume a voz da lei ao cometer seu ato contra esta”¹²⁶. A peça nos provoca a refletir sobre o lugar da coragem de uma mulher frente a práticas e leis masculinas. De certa forma, toda vez que uma mulher burla a lei, ela é vista como Maria-macho, logo é punida por isso. Ao mesmo tempo, Antígona nos ensina e convoca-nos a burlar as leis frente a uma sociedade masculina, reivindica de nós, vivos, O CHORO PUBLICAMENTE, E A CONDIÇÃO DE TODES SER ENLUTADO.

Nessa perspectiva, nossa preocupação em nos atermos para o luto público dos mortos da Colônia de Barbacena é de suma importância neste trabalho, haja vista que uma das

¹²⁴ BUTLER, 2014, p. 24.

¹²⁵ BUTLER, 2014, p. 35.

¹²⁶ BUTLER, 2014, p. 29.

práticas que atravessa a história das pessoas, que foram exiladas no hospício, foi o não direito ao enterro digno, uma vez que suas mortes não foram lamentadas publicamente. Os corpos eram vendidos às faculdades de Medicina no Brasil. No ano de 1971, foi feita uma denúncia na Assembleia Legislativa a respeito do comércio de cadáveres entre o hospício e as faculdades de Medicina no Brasil. Os mesmos vereadores, que denunciavam, se aproveitavam do momento para se promoverem politicamente: “[...] era permitida a venda de cadáveres ao preço de R\$200,00 cada um”¹²⁷. Em suma, quem foi enterrado e quem foi vendido na Colônia de Barbacena? Consoante a obsessão pelo progresso, produziu-se um discurso de que o hospício, ao fornecer os corpos dos indigentes para as faculdades de Medicina, estaria sendo solidário, fazendo um bem à sociedade, na medida em que possibilitaria aos médicos avançarem em seus estudos. Com isso, o hospício Colônia passou a ser um território político, onde sempre tinha alguém ganhando algo em troca. Eventualmente, o primeiro paciente do hospício Colônia a ser enquadrado como louco e capturado pelo poder manicomial, como consta no livro de matrícula em 27 de dezembro do ano de 1903¹²⁸, foi Francisco Gonçalves Lamas. Ele foi encaminhado em dezembro. Sua idade era 27 anos e o diagnóstico atesta: “Excitação maníaca”. Francisco morreu no dia 1º de abril de 1905 de gripe intestinal. Não se sabe se os familiares conseguiram realizar o enterro ou mesmo se foram comunicados sobre o seu falecimento conforme era prática o hospício comunicar o falecimento dos pacientes por cartas. O documento era entregue pela polícia aos familiares¹²⁹. Essas produções de subjetividades, foram submetidas à violência, ao extermínio, e apagadas da história. Quando morriam, não eram passíveis de choro. É relevante ressaltarmos que as mortes e violências de algumas minorias no hospício permanecem irrepresentáveis. As dissidências sexuais são um exemplo disso. A esse respeito Judith Butler, diz que: “A violência não mostrada é um apagamento pela oclusão”¹³⁰. Com isso, é importante frisarmos que houve uma intervenção do Estado, que feriu a integridade dos direitos dessas pessoas em vida e em morte, já que tiveram seus corpos vendidos, comercializados, tirando toda autonomia do reconhecimento da

¹²⁷ FIRMINO, 1982, p.80.

¹²⁸ Ver a reportagem: “Loucura e liberdade: saúde mental em Barbacena”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6zaOfJpOZMk>

¹²⁹ Informações datadas a partir da entrevista realizada com Vera e Thereza das Dores presentes na narrativa *Maria das Dores contra seu tempo*.

¹³⁰ BUTLER, 2018, p. 178.

vulnerabilidade que se mostra. Nas palavras de Judith Butler: “Portanto, a possibilidade de ser enlutada é um pressuposto para toda vida que importa”¹³¹.

São esses corpos enquadrados pelo poder psiquiátrico, vidas não enlutáveis, que deixaram seus gritos e manifestos como marcas de resistência. O jornalista Hiram Firmino, na obra *Porões da loucura*, viu e ouviu as dissidências minoritárias da Colônia, que buscavam por hospitalidade no mundo. O autor narra as experiências de algumas internas ao percorrer os 16 pavilhões do hospício Colônia. Segundo ele, elas/eles tinham nomes, desejos, sabiam seus endereços de casa, eram lúcidas e transbordavam afetos. Em suas palavras:

Pessoas que, fora das crises, vivem lúcidas o tempo todo. Sabem quem são, o que fazem ali. O que as espera no fim de mais alguns dias, alguns anos. Pessoas que pedem para ser fotografadas, pedem a publicação de seus nomes. Insistem em voltar à sociedade, à família, ao afeto, à liberdade¹³².

O passeio que Hiram faz pelos 16 pavilhões nos permite ter uma visão do hospício. Por ali, havia uma produção de precariedade, como o cheiro de gentem esquecida, marcada por um diagnóstico da loucura, ou por uma prática moralista da época.

As pessoas morrem feito ratos nesses locais malcheirosos e horrorosos. As pessoas, porque são loucas, são permanentemente tratadas onde quer que estejam: ambulatórios, serviços de clínica geral, unidades de internação. Com preto, pobre e psicótico se fazem coisas que jamais seriam feitas com pacientes privados: excesso de neurolépticos; medicação endovenosa de alto risco; medicação anti-hipertensiva sem *follow-up*. A ética da Psiquiatria termina onde começa a pobreza e o asilo. A gente tem de dizer isto, em alto e bom som. Calar é cumplicidade¹³³.

Uma senhora adverte e caçoa do jornalista Hiram: “Cuidado com os ratos, hein? Aqui, tem cada ratazana deste tamanho”¹³⁴. Hiram entra no pavilhão Galba Velloso destinado só para mulheres. Uma confusão se faz num formato de roda e muitas risadas, porque todas gostariam de dizer de si, narrar suas memórias e experiências. Hiram narra o que elas

¹³¹ BUTLER, 2018, p. 32.

¹³² FIRMINO, 1982, p.47.

¹³³ COSTA, 1989, p. 48.

¹³⁴ FIRMINO, 1982, p.62.

contaram. Ele vai entendendo que todas aquelas pessoas foram enquadradas pelo discurso e emolduradas pelas normas da psiquiatria, e da sociedade daquela época.. Josefina grita desesperadamente para procurar o Francisco, seu irmão, na feira em Belo Horizonte. Exigiu do irmão que ele a tirasse dali: “Aqui, tudo é ruim”¹³⁵. Outra mulher é Hildinha. Na dúvida, pergunta a Hiram Firmino se ele a acha louca! São seis anos convivendo com todos aqueles abandonos ali. Uma sem nome, segundo as demais colegas, desde 1966, repete a mesmo enunciado: “Eu vou embora hoje”¹³⁶. Isabel de Lima é da cidade de Coronel Fabriciano. Foi despejada pela família! Um ano e meio que ela não os vê! Maria Jacinta, de 18 anos, residia no bairro das Indústrias, na rua Domita, nº 348. Ela é responsável por dar banho nos doentes. Maria diz: “Você saiu do normal, não obedeceu às ordens, é prisão nocê”¹³⁷. Josefa Gomes da Silva, de 55 anos, mãe de três filhos, paulista, é a única que não sabe o que é ficar na cela, pois tem bons comportamentos. Josefa professa: “Você está vendo a nossa situação, não está? Veja o meu caso, por exemplo. Eu estou aqui há um ano e sete meses, mas isto não significa que sou imprestável. Eu sirvo ainda para trabalhar fora, fazer qualquer coisa útil, não sirvo?”¹³⁸. Uma paciente chora no cantinho. Motivo? Seria dor de dente. Hiram a questiona: “Não tem remédio?” Ela responde dizendo que não, que só arrancando. Do outro lado, Suely Aparecida Resende, internada ali por dez anos por motivo de ser uma menina namoradeira, ecoa um canto:

Ô seu Manuel, tenha compaixão
Tira nós todos desta prisão
Estamos todos de azulão
Levando o pátio de pé no chão
E mais atrás vem a sobremesa
Banana podre em cima da mesa
E mais atrás vêm as funcionárias
Que são as putas mais ordinárias.¹³⁹

Mas, é essas “gentem loca” da Colônia de Barbacena que produziram outros movimentos, se permitiram cantar, rir, dançar frente aos escombros do hospício. Tiveram a coragem de inventar e produzir outros afectos diante da precarização manicomial. Alimentaram-se de cascas de laranja, dormiram sobre o capim, deixaram marcas pelas

¹³⁵ FIRMINO, 1982, p.64.

¹³⁶ FIRMINO, 1982, p.64.

¹³⁷ FIRMINO, 1982, p.64.

¹³⁸ FIRMINO, 1982, p.64.

¹³⁹ FIRMINO, 1992, p. 71.

paredes dos pavilhões, escreveram seus nomes no chão, repassaram bilhetes aos visitantes, que são hoje manifestos. Um bilhete, por exemplo, foi repassado para Hiram Firmino. Foi escrito por uma mulher, que estava sob o encarceramento no hospício por fazer uso de maconha. Ela diz:

Aqui, a injustiça prevalece contra a justiça. Eu estou neste lugar desprezível há dois anos e três meses. Acho, ou melhor, tenho certeza absoluta, que, aqui, quem passa só pra conhecer e também quem é internado, já pagou seus pecados como eu. Imaginemos vocês, um lugar onde se pensa que o diabo deixou seu rabo perdido. Um lugar onde tem 0% de bom e 100% de ruim. Um lugar onde as almas se contraem, se curvam, se esquivam, mas são sempre atormentadas pela injustiça. Pense nos rostos transfigurados pela dor, marginalizados pelo sofrimento. Onde os seres supremos são incapazes de mostrar-se como são. Usam máscaras que deformam, máscaras de cinismo, de tirania cheios de medo de perderem o lugar de tiranos. E que, às vezes, gostam de enganar-nos com máscaras de compreensão, bondade, caridade. Mas olhem bem no fundo dessas pessoas. Sabe o que encontrarás? Hipocrisia fedendo, autodestruição e todos os males do mundo. Imaginamos? Pensem bem se isso não revolta a gente! E não cura! Eu acho que Deus não abençoou este mísero lugar¹⁴⁰.

Certamente, esse bilhete é um manifesto, pois nos ajuda a pensar que o hospício era um lugar heterotópico de subjetividade desviantes, um local responsável por esconder os lixos, entulhos, vergonhas, segredos produzidos pela moralidade da sociedade. As pessoas que estiveram encarceradas na Colônia de Barbacena sabem bem que País é este além de saberem nitidamente os nomes de seus familiares e endereços. Nesse espaço aberto heterotópico, ou conforme foi dito por Franco Basaglia, “campos de concentração”¹⁴¹, foram inventados saberes de cuidado em prol de resistir e sobreviver. Há uma cena muito sensível narrada por Daniela Arbex, que diz respeito à prática de as pessoas se juntarem em bando num abraço nas noites de inverno em Barbacena em prol de esquentar e amanhecer vivas:

Ao seguirem pelados para o pátio, os considerados loucos iniciaram o mesmo ritual da madrugada anterior. Em movimentos ritmados, agrupavam-se tão próximos que formavam uma massa humana. Vagavam juntos, com braços unidos, para que o movimento e a proximidade ajudassem a aquecer. Os de dentro da roda, mais protegidos do vento,

¹⁴⁰ FIRMINO, 1992, p. 65.

¹⁴¹ ARBEX, 2019; TOLEDO, 2008.

trocavam de lugar com os de fora. Assim, todos conseguiam receber calor, pelo menos por algum tempo¹⁴².

O bando da Colônia de Barbacena era, pois, um povo que produzia cuidados de sobrevivência. Andava em matilha. Ao pôr minha caçamba na rua da cidade, recolhi saberes, provérbios e estórias sobre as invenções e práticas de resistência para escapar do trem de louco, ou dos choques experimentado na pele por mulheres/homens do hospício Colônia. Vou percebendo que foi a Colônia que matou as infâmias da loucura, e que Barbacena continua a morrer e a amedrontar a “gentem loca” da Colônia apesar de eles combinar de não morrer. Lembra da cena do bando que se embrulhou num abraço de urso para vencer o frio? Da malandragem dos bilhetes? Dos cantos? Da política do revezamento? Das fugas em cabos de vassoura? Da política do cuidado e da amizade? É essa “gentem loca” que combinou de não morrer. Cada vez que se diz deles/delas/delus, elas/elas/elus se espalham como vírus e nascem como girassóis. Elas/eles/elus são semeados, aqui neste trabalho, como alimento para que as gerações mais jovens possam ler e transmitir essas estórias e tantas outras que estão em segredo por estas terras de Minas Gerais a Espírito Santo. Por conseguinte, os hospícios não acabou. A Colônia de Barbacena não morreu, suas práticas estão vivas circulando com outras roupagens. insistimos ainda em questionar quais tipos de práticas manicomiais estamos reproduzindo no atual presente aqui e agora?

Referências

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. Prefácio Eliane Brum. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

BUTLER, Judith. **Vida precária: Os poderes do luto e da violência**. Tradução Andreas Lieber. Revisão técnica Carla Rodrigues. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BUTLER, Judith. **O clamor de Antígona: Parentesco entre a vida e a morte**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

¹⁴²ARBEX, 2019, p. 50.

COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 1989.

FIRMINO, Hiram. **Nos porões da loucura**: reportagem. 2.ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**. As heterotopias. Posfácio Daniel Defert. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

MACHADO, Roberto *et al.* **Danação da norma**: a medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

ROSA, Guimarães Rosa. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Corpos que pesam para o Comitê: um relato em primeira pessoa

Feito uma cobra rasteira
 Ela vem me visitar
 Canta pra subir
 Sobe pra levantar
 Levanta pra cair
 Rasteja pra golpear
 Cobra rasteira
 Frutos do mar
 Cobra rasteira
 Ela veio me visitar
 Toda nua cheia
 Feito uma cobra rasteira
 Ela vem me visitar
 Canta pra subir
 Sobe pra levantar
 Levanta pra cair
 Rasteja pra golpear
 Cobra rasteira
 Frutos do mar
 Cobra rasteira
 Ela veio me visitar
 Cobra rasteira
 Filhas e frutos do mar
 Raízes, mandingas, lençóis
 Delírios, vertigens mortais
 Mulher de Ló, mulher de lá
 Mulher de Ló, mulher de lá
 Sol, sal, sós
 Mulher de Ló, mulher de lá
 Sol, sal, sós.¹⁴³

Carta ao comitê de ética de Barbacena (NEP-CHPB)

Minas Gerais 25 de maio 19:38

Caríssimo avaliador técnico da Gerência e Pesquisa (NEP-CHPB), saudações! Há momentos na vida que as coisas tendem a dar tudo errado, há momentos que a vida flui como um fluxo de um rio, outros, semelhante a queda de uma cachoeira. Há momentos que a gente não abre a porta com delicadeza e educação, a gente dá socos, chutes para quebrar a "porra" da porta. É com estas atitudes de uma forasteira, e com a

¹⁴³ Canção *Cobra Rasteira*. Compositores: James Connolly, Aaron David Ross, Nick Weiss e Yasmine Dubois.

escuta de uma caçambeteira que de vez ou outra eu chuto portas com intuito de ocupar espaços que produzem, cada vez mais, um ar sufocante, em meio a diagnósticos, práticas moralistas e normativas que enfraquecem, embrutecem e enfraquecem a vida. Nesta medida, apostar nos desvios, no fracasso como amparo para criar outros possíveis é ganhar potência através dos bons encontros aos modos de Spinoza¹⁴⁴, que alias, nos conduz a experimentar caminhos até então não pensados, deslocando-nos aos riscos e outras experiências. Assim, O NÃO nos empurra para outras bifurcações, outras beiradas, outras quebradas. O sim nos faz continuar e ganhar movimento na travessia. O NÃO nos joga a outras travessias... "Os momentos em que as coisas dão errado têm a potência do deslocamento, convidam (às vezes, empurram) o pesquisador para que este se deixe afetar"¹⁴⁵. Assim, entre continuar e deslocar, eu me desloquei com o acontecimento analisador a negação ao acesso ao arquivo infame intitulado "Livros de matrícula de pessoas que foram internadas no hospício Colônia de Barbacena (MG)". Este arquivo, como a vossa senhoria técnica da Gerência e Pesquisa (NEP-CHPB) compreende, é datado de 1903 até 1930 e contém as seguintes informações como: nome, data, raça, motivos de internação, escolaridade e gênero. Atualmente, encontra-se disponível na Gerência e Pesquisa (NEP-CHPB) localizada na cidade de Barbacena (MG) no antigo pavilhão Antônio Carlos, o qual hoje é uma secretaria e biblioteca da instituição. É exatamente numa estante junto com outros livros, dissertações e teses a respeito do hospício que o material se encontra. O que eu entendo desses papéis empoeirados e arquivados politicamente? Entendo que há uma memória que atravessa o arquivo! Os internos e internas, por estas folhas empoeiradas e amareladas pelo tempo, são vidas singulares, existências mínimas que brotam desejo em nós, de recolhê-las. Traz como marca o rastro de vidas, que foram suicidadas pela sociedade higiênica, que no atual presente são devoradas por carunchos e pela poeira do esquecimento. Estas vidas, nas palavras de Michel Foucault, "são existências reais"¹⁴⁶. Seus nomes podem não

¹⁴⁴ SPINOZA, 2019.

¹⁴⁵ TSALLIS, 2014, p. 128.

¹⁴⁶ FOUCAULT, 1992, p. 91.

nos dizer nada, e nem o que se encontra escrito, pois podem partir de diagnósticos falsos, enganosos e injustos. Meramente, essas vidas de riscos, que foram propensas a uma violência advinda de uma prática política engajada no país tropical, entrelaçado a produção de uma verdade a partir do discurso da loucura, por trás de seus extermínios, e linchamentos político, “tenham havido homens que viveram e morreram, com seus sofrimentos, as suas malfeitorias, os seus ciúmes, as suas vociferações¹⁴⁷”. Para chegar até o documento dessas vidas de riscos, era preciso, pois, um feixe de luz no aqui e agora para iluminá-las. Algo que não ocorreu, pois houve a interferência de vossa autoridade que apagou as luzes ao invés de acender. Disso, vossa autoridade apagou, em lugar de acender essas vidas infames. Ilustradamente, o nosso trabalho aponta, caríssimo avaliador técnico da Gerência e Pesquisa (NEP-CHPB), que a memória dos (loucos/loucas) não prevalece somente neste arquivo, haja vista que a narrativa sobre as “locas” da Colônia se espalharam pelos territórios da cidade, suas histórias estão na boca dos arquivos-vivos ambulantes da cidade. Quero compartilhar com a vossa senhoria que, depois de ter lido o seu parecer, me senti convocada à fabricação de novos arquivos! Por falar sobre isto, passei a conviver com meus próprios arquivos-vivos em no meu cotidiano, caríssimo. Há nesses ambulantes arquivos-vivos um transbordamento de experiências, saberes e segredos para serem transmitidos para as gerações mais jovens que desconhecem a história do hospício Colônia de Barbacena (MG). Assim, escrevo para dizer-vos que, ao negar acesso ao arquivo, vossa senhoria me forçou a trilhar outros caminhos, e lembro a todas demais pesquisadoras caçambeteiras, que estejam com a intenção de pesquisar sobre as vidas infames que estiveram encarceradas no manicômio Colônia, que há inúmeros caminhos para se fazer descobrir, re-inventar, criar e pesquisar... Aprendi que, quando comitês de ética negam a oportunidade de lampejar acerca das vidas mínimas no derradeiro presente, essas práticas, por si mesma, dizem de um microfacismo que se atualiza em tempos presentes. Mesmo que o inimigo não tenha cessado de vencer, os arquivos-vivos, nos contam

¹⁴⁷ FOUCAULT, 1992, p. 91.

sobre algo mais importante do que a vitória: a alegria e a doçialidade de abrir portas com chutes. Dessa maneira, comitê que nega acesso aos arquivos põe em movimento a produção da invenção de outros caminhos, dá pista para as arquivivências! Encerro aqui, com muito mal estar, em escrever para um homem cis, hétero, branco que ainda insiste em produzir pesquisas aderindo ao discurso dos benefícios de utilizar o uso do eletrochoque! Uma pessoa como vossa senhoria, deveria estar plantando couve, menos ocupando tal cadeira dita de ética. Por fim, lembrando o que Felix Guattari, disse: "O melhor é a criação, a invenção de novos territórios de referência [...]"¹⁴⁸. Despeço com um baita curspe caríssimo.

Imagem 3: Livros de matrícula com informações das pacientes exiladas no Colônia



Fonte: Documentário: Holocausto Brasileiro, 2019.

Em busca de acessar o arquivo da loucura datado de 1910 até 1930, conhecido como Livros de matrícula de crianças, homens e mulheres, que tiveram suas vidas capturadas

¹⁴⁸ GUATTARI, 1992, p. 15.

pelo poder manicomial no hospício Colônia de Barbacena (MG), submeti um projeto à plataforma Brasil e ao avaliador técnico da Gerência e Pesquisa (NEP-CHPB), para ter acesso aos documentos. Todavia, nem tudo é tão simples como foi para Michel Foucault, que, aparentemente, não teve dificuldades de acessar arquivos, os quais foram utilizados por ele em suas respectivas pesquisas. Por curiosidade, Michel Foucault teria conseguido escrever suas obras estando no Brasil tendo que enfrentar a antiética dos comitês e a plataforma Brasil? No Brasil, no país onde escrevo e penso, há uma política de apagamento da memória de seu próprio povo. Frente a essa experiência, o que fazer mediante as barreiras, burocracias e falácias, que geram esgotamento? É sobre essas questões que gostaria de refletir com você, leitora.

O manuscrito se faz em primeira pessoa, justamente porque faz parte da minha experiência ao me encontrar com a avaliação técnica da Gerência e Pesquisa (NEP-CHPB) no ano de 2019. Literalmente, em minha opinião, é um comitê que espanta as pesquisadoras. Tenho a sensação de que o arquivo sobre a tutela (NEP-CHPB) esteja sendo adorado para o apagamento e esquecimento. A luta antimanicomial começou a se movimentar no sentido de cuidar desses arquivos da loucura situados no Brasil. Todavia, ainda assim, há muito trabalho pela frente. Muito daqueles que estão tutelando os arquivos são pessoas que não abraçam a luta antimanicomial! Esse é um analisador de extrema importância, pois: quem está com nós? E quem está contra nós? Quem seriam o/as corpo/as que pesam para o comitê de ética? Ao pensar no arquivo “Livros de matrículas” de pessoas loucas no hospício “Colônia”: quais seriam as visibilidades de enunciados ao habitar esse arquivo? Quais visibilidades da loucura e visibilidades médicas comparecem em tal época? Como disse Gilles Deleuze, “[...] uma época se define por aquilo que ela vê e diz”. É diante desses ensejos que a proposta da minha pesquisa foi encaminhada à plataforma Brasil e à avaliação técnica da Gerência e Pesquisa (NEP-CHPB). Após ter passado pelas duas intuições de comitê, o projeto não entrou na modelização de um paradigma cientificista no (NEP-CHPB)! Tendo em vista a minha experiência, afinal, uma proposta com a intenção de ter acesso a documentos no século XX carece de passar por um comitê de ética, haja

vista que as pessoas que estiveram encarceradas na instituição psiquiátrica já estão em óbito?

É relevante lembrar que há uma Lei (nº12.257/11), que permite acesso aos documentos públicos, não sendo necessário acionar a Justiça. O inciso XXXIII, do artigo 5º, da Constituição Federal, é muito claro quando diz:

Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo, ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado¹⁴⁹.

No inciso II, do parágrafo 3º, do artigo 37, lemos: “O acesso dos usuários a registros administrativos e a informações sobre atos de governo, observado o disposto no art. 5º, inciso X”¹⁵⁰; e, finalmente, no parágrafo 2º do artigo 216: “Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem”¹⁵¹. Mas, diante desses incisos como ressaltai acima, confrontamos a análise técnica da Gerência e Pesquisa (NEP-CHPB) sobre o porque ela insiste em reprovar um projeto de pesquisa? A justificativa deles ao não acesso ao arquivo diz respeito aos objetivos não condizerem com a realidade do arquivo, de o projeto ter um escopo ideológico e de a escrita ser panfletária e injuriosa, não condizer, por fim, com uma escrita acadêmica, como se espera em uma pesquisa de pós-graduação. Bom, de fato quando escrevi o projeto, não estava interessada em construí-lo com o comitê da instituição psiquiátrica, a ponto de ter havido interferência nos objetivos da pesquisa, sendo que o referido comitê tentou me direcionar para outros caminhos. O mesmo comitê (NEP-CHPB) se lança como um coautor, propondo sugestões de mudanças no que tange aos objetivos gerais e a produzir uma escrita compactuada com “a ciência” dele, neutra, “científica”, embranquecida e europeizada. Ao terem negado a oportunidade de relampejar os livros de matrícula por razões que justificam um poder manicomial, o que

¹⁴⁹ BRASIL, 1988, p. 14

¹⁵⁰ BRASIL, 1988, p. 38.

¹⁵¹ BRASIL, 1988, p. 38.

podemos aprender com tudo isso? Quantas pesquisadoras não conseguiram acessar o arquivo, que traz rastros da loucura, em suas respectivas pesquisas porque se confrontaram com a antiética do comitê? O que se estaria desejando preservar com essa interdição?

Autores como Silveira e Hüning¹⁵², Tomanik¹⁵³ e Jesio Zamboni¹⁵⁴ teceram discussões, que nos ajudam a ter uma visão crítica dos comitês de ética. De acordo com Tomanik¹⁵⁵, no ano de 1947, a partir de práticas científicas realizadas com judeus nos campos de extermínio na Segunda Guerra,

[...] o mundo, estarrecido, tomou conhecimento da participação de cientistas no desenvolvimento de formas de extermínio sistemático e em grande escala de civis e em projetos de pesquisa conduzidos graças ao desrespeito, humilhação, mutilação e morte dos prisioneiros pesquisados.

A partir disso, surgiu a necessidade de criar órgãos, que regulassem as ações dos cientistas em consequência de um dos maiores crimes contra a humanidade. Diretamente de Nuremberg, após o julgamento de 23 cientistas envolvidos em experimentos com seres humanos na época do Holocausto, foi estabelecido o documento intitulado *Código de Nuremberg*. Pois bem, em termos de Brasil, conforme Silveira e Hüning¹⁵⁶ chamam atenção, foi publicada a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata de pautar normas e diretrizes com pesquisas, que envolvam seres humanos: “[...] a Resolução de 1996 define que toda pesquisa que envolva seres humanos deve ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)”. Tal pauta permitiu, assim, a criação de comitês, em que agentes possam averiguar se haverá ética ou não no âmbito da pesquisa. Nessa medida, a ética passa, então, a ser incorporada aos comitês, que estão espalhados nas universidades ou em instituições de pesquisa. A análise de Silveira e Hüning sobre o comitê é que este, por si só, torna-se “estranho” por diversas razões. A primeira é acerca do controle sobre as instituições ou comunidades, nas quais a pesquisadora está inserida. Tal controle chega a ser tão exacerbado a ponto de interferir na

¹⁵² SILVEIRA; HÜNING, 2010,

¹⁵³ TOMANIK, 2008.

¹⁵⁴ ZAMBONI, 2011.

¹⁵⁵ TOMANIK, 2008, p. 395-396.

¹⁵⁶ SILVEIRA; HÜNING, 2010.

realização de uma pesquisa. É o que tem acontecido com algumas pesquisadoras e pesquisadores no Brasil, que enfrentam os encaixes, normas, regras ou questões ideológicas e partidárias em comitês.

Quando o meu projeto foi reprovado na análise técnica da Gerência e Pesquisa (NEP-CHPB), alguns colegas me disseram: “Para você passar no comitê, precisa estar atenta à técnica, aos modelos padrões e hegemônicos de métodos e à escrita neutra. Você tem que omitir e não ser clara o suficiente com o que fará no campo”. Ora, quando escrevi o projeto, estava apostando num paradigma estético e ético, que percorresse a ética num sentido de que “existe uma escolha ética em favor da riqueza do possível, uma ética e uma política do virtual, que descorporifica, desterritorializa a contingência, a causalidade linear, o peso dos estados de coisas e das significações que nos assediam¹⁵⁷”. Essa escolha ética em uma pesquisa diz de uma aposta, que se possa ressingularizar o processo e agenciar campos possíveis e que faça uma recusa às receitas dos modelos hegemônicos acadêmicos, interrogando as forças instituídas do presente, problematizando e refletindo, ao mesmo tempo, os instituídos no exercício de pesquisar/escrever/pensar. Todas as receitas e práticas do comitê capturam a máquina de criação de uma pesquisa e as forças de movimento dos “acazos” em uma pesquisa. Em uma das disciplinas que cursei no primeiro semestre do mestrado, houve uma frase, que foi dita em sala de aula por uma das professoras da pós, em que ela disse: “Para que a gente faz pesquisa?”¹⁵⁸ Esta pergunta: “Para que a gente faz pesquisa?” se torna relevante para não perdemos o nosso fio condutor do labor ético e do cuidado, que é fazer uma pesquisa, já que “A ética, aqui, não é a tentativa de seguir a regra moral, mas o processo de produção da norma, visando tornar-lhe meio em vez de coação”¹⁵⁹. Por isso, ao me submeter às regras e modelos científicos ditados pelo comitê de ética, posso correr o risco de me tornar uma pesquisadora descomprometida com a minha própria pesquisa, assim como os próprios profissionais da ética, que acabam gerando um

¹⁵⁷ GUATTARI, 1992, p. 42.

¹⁵⁸ Frase da Prof. Dr. Janaína Mariano César

¹⁵⁹ ZAMBONI, 2011, p. 58-59.

não cuidado com a produção do conhecimento, que nos entopem “goela a baixo” com “[...] valores sem carne e ossos”¹⁶⁰.

Estou de acordo com a pontuação que Walter Benjamin¹⁶¹ descreveu, no ano de 1915, em *Documentos de cultura. Documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Ele diz que a estudantada deveria se implicar com a construção de novos métodos, novos modos de se fazer pesquisa. Dessa forma, questionar as práticas de um comitê é uma das formas de começar a se implicar com essas pistas que Walter Benjamin sinaliza. Em suas palavras:

O estudantado deveria envolver a universidade, que difunde o acervo metodológico junto com a experimentação cautelosa, ousada, porém exata de novos métodos, tal como as ondas indistintas do povo envolvem o palácio do soberano, como lugar da revolução espiritual permanente, onde se preparam os novos questionamentos de maneira mais abrangente, confusa e inexata, mas, às vezes, talvez com uma intuição mais profunda que os questionamentos científicos. O estudantado deveria ser considerado em sua função criativa como o grande transformador que teria de traduzir em questões científicas, com um enfoque filosófico, as novas ideias que costumam despertar mais cedo na arte e na vida social do que na ciência¹⁶².

Afinal, como o cuidado com a produção de conhecimento vai mudar assim? Sinto-me desrespeitada em ter que enquadrar meu pensamento em modelos e protocolos, em ter que ser neutra, em ter que ser obrigada a escrever o que o comitê deseja, a confeccionar uma escrita deles. É preciso saber jogar com essa gente! Não é assim que nos dizem? Acredito que, se continuar dessa maneira, as coisas vão ficar do jeito que estão. É necessário ir para o confronto ou, senão, vamos sempre comer migalhas e ser representadas por gente, que joga com pedras, e não com flores. Produzir uma escrita como transformação e invenção de si e que transborde o vivido é um risco frente a uma escrita científica, neutra, por fim não panfletária e injuriosa. Não me canso de lembrar o que foi ensinado por Conceição Evaristo, parafraseando-a: “Escrever é uma maneira de sangrar. Acrescento e de muito

¹⁶⁰ SILVEIRA; HÜNING, 2010, p. 392.

¹⁶¹ BENJAMIN, 1986.

¹⁶² BENJAMIN, 1986, p. 156.

sangrar, muito e muito”¹⁶³: “Escrever é uma abertura para se deixar sangrar”. Isso me fez lembrar, também, de Friedrich Nietzsche¹⁶⁴, em uma de suas passagens em *Assim falou Zaratustra*, que diz: “[...] de tudo quanto se escreve, agrada-me apenas o que alguém escreve com o próprio sangue”. Então, devemos lutar por essa escrita de sangue, por uma “ciência que afirme e aposte na vida” e transborde as experiências do vivido, já que tudo que tem vida se permite sangrar.

É pensando assim, nessa ordem compulsória, do não-cuidado e autoritária, presente nas práticas do comitê, que aposta na produção de uma vida redutora, medíocre, reativa, conservadora, que interpela com pedras no meio do caminho, como dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade¹⁶⁵, que semeio flores de girassol nas práticas do “Comitê” . Em vista, que não entendo essa prática de ética, a qual me impõe modelos e modos de escrever, e rebaixa a vida, a minha corpa pesquisadora narradora caçambeteira. Em meio a tudo isso, cada um de nós, que já enfrentou a antiética de um comitê, pode ser uma semente de girassol no jardim, em busca de fazer do NÃO ACESSO AOS ARQUIVOS uma oportunidade de abrir brechas para outros possíveis. Desse modo, acredito na força, na potencialidade e na contaminação de um bando, que não concorda com as práticas do paradigma cientificista do comitê e vai para o enfrentamento, confronto produzindo um paradigma estético, ético, político.

A aposta aqui é de pensar o comitê de ética em meio ao paradigma “ético, estético e político” formulado por Felix Guattari¹⁶⁶. Isto é, pensar o comitê de ética como uma máquina de criação com aposta num paradigma estético com implicações ética e política. Com isso, quero ressaltar a criação que envolve outros modos de se fazer pesquisa, tendo responsabilidade com a coisa criada. Essa escolha, estética por si só, é ética, pois abre

¹⁶³ EVARISTO, 2017, p. 109.

¹⁶⁴ NIETZSCHE, 2008, p. 58.

¹⁶⁵ ANDRADE, 1967.

¹⁶⁶ GUATTARI, 1992.

outros campos, que ganham vida e se distanciam de um paradigma científico, possibilitando uma aposta a outros territórios, e movimentos que possibilite outros mundos possíveis, que, até o momento, não haviam comparecido em manuais ou protocolos. Dessa maneira, o paradigma estético está em volto à criação, ao ineditismo jamais pensado.

É, por assim dizer, um fazer ético, porque é uma escolha! A “ética” toma a dimensão de ser experimentada pelos encontros, que se produzem no corpo, seja por via de afectos tristes ou felizes, como bem ressaltou Spinoza¹⁶⁷ em seu livro *A ética*. À vista disso, a ética se daria ao se questionar que tipo de encontro esse elemento causa ou produz em uma vida ou subjetividade. Por fim, ela recusa, severamente, a moral, sendo por definição a lógica da binariedade por via do que é bom ou ruim, do que está certo ou errado. Por “estética”, compreendo a prática de criação, que afronta a tentativa de destruição de práticas ou modos tradicionais materializados pela norma, sendo que não há criação sem destruição. O destruir torna-se a tentativa de criar outras experiências e possibilidades possíveis. Por fim, político, pois é um processo, que aposta na desconstrução em prol de suceder a singularização, o novo; pauta outros olhares, que intercambiam as práticas de reinvenção. É um “agir”, “fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada”¹⁶⁸. Resumidamente, seguindo aqui este parâmetro ético-estético-político, penso ser possível o nascimento de um comitê de ética “crítico-criação”, que se autocritica e se reinventa mediante tal criação de seus intercessores e da pesquisadora no modo de fazer e experimentar uma pesquisa.

Ademais, precisamos de aliadas, que estejam atentas às vidas que os enunciados relampejam. Acessar esses materiais é narrar a história a contrapelo e forçar a política do não apagamento da história dos vencidos como atesta Walter Benjamin. Sobre tal assunto, a filósofa Judith Butler diz que, por mais que avançamos na história:

¹⁶⁷ SPINOZA, 2019.

¹⁶⁸ GUATTARI, 1992, p. 137.

Ela continua cuspidando e empilhando as pessoas que não têm mais o apoio de uma história que as estabelecerá como sujeitos. Elas são, na verdade, expelidas da nação como entulho, indiscerníveis de uma paisagem cheia de lixo¹⁶⁹.

Com isso, Michel Foucault já apontava que, em uma sociedade, nem tudo pode ser dito, pois o discurso é “[...] controlado, selecionado, organizado e redistribuído”. Finalmente, quem pode contar a história dos vencidos do hospício Colônia? Quem pode ter acesso aos arquivos manicomiais? Porque, ao nos aproximarmos desses arquivos infâmes, somos rechaçadas com nossas escritas panfletárias, que vêm apostando na produção e afirmação de vida tomando a escrita como invenção e transformação de si?

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Uma pedra no meio do caminho**: Biografia de um poema. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1967.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura**. Documentos de barbárie: escritos escolhidos. Seleção e apresentação Willi Bolle. Tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa *et al.* 1. ed. São Paulo: Cultrix; Ed. da USP, 1986.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organização Alexandre de Moraes. 16. ed. São Paulo: Atlas, 1988.

BUTLER, Judith. **Caminhos divergentes**: Judaicidade e crítica do sionismo. Tradução Rogério Bettoni. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

CONNOLLY, James; ROSS, Aaron David; WEISS, Nick; DUBOIS, Yasmine. **Cobra Rasteira**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7Ei3Xkrh3ig>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

¹⁶⁹ BUTLER, 2017, p. 105-106.

MELVILLE, Herman. **Bartleby**: O escriturário. Tradução Cássia Zanon. Editora Rurial, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVEIRA, Alexsandro Teles da Silveira; HÜNING, Simone Maria. A tutela moral dos comitês de ética. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 388-395, 2010.

SPINOZA. **Ética**. Tomaz Tadeu. 2. ed., 9. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

TSALLIS, Alexandra. **Caros Colegas Pesquisadores**. Cartas para pensar políticas de pesquisa em Psicologia. Organização Marchezi Tavares, Marcia Morais e Anita Guazzelli Bernades. Vitória: EDUFES, 2014.

TOMANIK, Eduardo Augusto. A ética e os comitês de ética em pesquisa com seres humanos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 395-404, abr./jun. 2008.

ZAMBONI, Jésio. **Paradoxos do motor**: uma esquizoanálise da atividade dos motoristas de ônibus do transporte coletivo urbano da grande Vitória – ES. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

ANEXO PARECER



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Núcleo de Apoio ao Pesquisador

Belo Horizonte, 04 de dezembro de 2019.

PARECER TÉCNICO 213/2019

SEI: 2270.01.0051470/2019-60

De: DIGEPE/Gerência de Ensino e Pesquisa

Para: NEP-CHPB

Data: Belo Horizonte, 04 de dezembro de 2019

Projeto de Pesquisa “Interseccionalidades entre o gênero, raça, classe e a sexualidade nas práticas de internação dos internos do hospital Psiquiátrico Colônia de Barbacena (1923-1934)”

Unidade: CHPB

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Jéssica Tatiane Felizardo

Ilmo(a) Coordenador(a) do NEP- CHPB,

Projeto apresentado acompanhado de check-list, FR, links para os lattes, arquivos enviados via SEI. Não pertence a grupo de pesquisa da FHEMIG. Check-list e FR de difícil visualização, pela qualidade da imagem.

Trata-se de projeto de dissertação de Mestrado da pesquisadora, dentro do programa de Psicologia Institucional da UFES.

O objetivo geral apresentado é “analisar a presença de internos tomando como eixo a interseccionalidade de gênero, raça, classe e sexualidade, encaminhados para o Hospital Colônia de Barbacena, a partir dos registros de internação”. Seguem-se alguns objetivos específicos que contêm declarações do escopo ideológico que se pretende dar ao tema. A redação dos objetivos necessita ser profundamente reformulada, de forma a refletir a pergunta de pesquisa.

O desenvolvimento teórico que justifica a proposta não dá a necessária margem ao contraditório, como se espera no texto científico. A linguagem é panfletária, afirmativa, algumas vezes até com generalizações injuriosas. Também é preciso efetuar uma profunda revisão do texto para adequação à norma culta, como se espera no nível de uma Pós-Graduação. Não se trata de mero formalismo, o avaliador realmente tem dificuldades de acompanhar o texto e, conseqüentemente, sua lógica.

A hipótese do estudo é incompreensível: não é possível compreender qual é exatamente a pergunta de pesquisa. Não fica claro o que a autora pretende dizer com a hipótese de ter havido “uma prática que atravessa a interseccionalidade”.

A falta de clareza da pergunta de pesquisa se reflete não apenas na hipótese e nos objetivos, mas contamina também a metodologia. Não fica claro que tipo de informações se pretende extrair dos livros de internação. Não fica claro como a autora pretende identificar as situações de internação com fundamentação higienista. A autora afirma que pretende resgatar “anunciados” (enunciados?) dos discursos, mas não fica claro de que tipo de documento se pretende resgatar significados. Não se apresenta o critério para se selecionar os registros de internação de “vidas obscuras”. A falta de clareza impede que se avalie como adequado o mérito científico da proposta.

Finalmente, o cronograma é inadequado e o orçamento não indica a fonte de financiamento.

Diante do exposto, no exercício das atribuições estabelecidas pela Portaria Presidencial FHEMIG Nº 1.529 de 14 de dezembro de 2018, consideramos o projeto REPROVADO.

Atenciosamente,

Fernando Madalena Volpe

FHEMIG/DIGEPE/Gerência de Ensino e Pesquisa/Núcleo de Apoio ao Pesquisador



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Madalena Volpe, Servidor(a) Público (a)**, em 04/12/2019, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 47.222, de 26 de julho de 2017](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.mg.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **9720263** e o código CRC **1F40C1D3**.

O espetáculo da loucura diante da ferida aberta

Gasolina

Eu sou o pão vivo que desceu do céu
 E quem comer deste pão para sempre viverá
 esse é o meu sangue
 Eu andarei por aí
 Pela vida a fundo
 E quem come da minha carne e bebe do meu sangue
 permanece em mim e eu nele¹⁷⁰.

Imagem 4: Museu da Loucura – Barbacena (MG)



Fonte: foto de Marcelo Valle no ano de 2019.

Eu me lembro que caminhei até a rodoviária de São João del-Rei/MG, comprei um café com pão de queijo e fui à procura da cabine da Transur com destino a Barbacena (MG). Entreguei duas notas de dez e noventa centavos em moedas na compra da passagem. Embarquei às 15h30min. Meu intuito, naquele dia, era visitar o Museu da Loucura. Sentei na poltrona que vi na frente. No caminho, avistei montanhas e fui ouvindo Gilberto Gil, o álbum *Luminoso*. Ao mesmo tempo, deparava-me com prosas dentro do ônibus, que, por sinal, estava lotado. Em uma das paradas, entrou um homem bêbado no ônibus. O cheiro de cachaça e silagem de milho (cheiro de curral) incendiou o local! Aquele cheiro forte de

¹⁷⁰ CARNEOSSO, 2016.

curral me lembrou de papai, que trabalhou por anos numa fazenda. Era costume papai chegar bêbado em casa aos finais de semana! Eu e minhas irmãs (Daniela, Gabriela e Jaciara), quando ouvíamos a voz de papai, corríamos para ajudá-lo a retirar a bicicleta dele da caminhonete e brigávamos para ver quem iria carregar a mochila dele. Avistá-lo era partir para a folia, pois papai, bêbado, iria dançar conosco, abraçar-nos e contar estórias. Era, assim, todos os finais de semana lá em casa. Mas, aquele homem bêbado no ônibus estava mal-humorado. Somente o cheiro dele de curral me fazia lembrar-me de meu querido pai. As pessoas no ônibus, ao avistá-lo, punham-se a cochichar e a dizer que as palavras dele só sabiam soar asneira, porque ele havia entupido de cachaça. Mas, não! Ele só dizia piadinhas homofóbicas e sexistas. Era agressivo com quem não ria! O tal homem pôs-se a olhar desconfiado para mim. Parece que estava procurando algo! Logo, andou uns passos e se assentou ao meu lado! Encarei os olhos dele e me retirei em seguida. Fui até o motorista e comuniquei que, assim que estivéssemos próximos ao Museu da Loucura, era para ele fazer um sinal, pois, ali, eu desceria! Saí do ônibus e dei um suspiro de alívio! A loucura é como uma sombra que nos persegue. Ela se espalha feito uma peste. Onde está a loucura? Está aonde eu chego? Ou onde eu percorro?

Caminho até o Museu da Loucura e atento-me que o Museu traz cenas de homens, que, ao terem como práticas o consumo de bebida alcoólica, iam parar no hospício Colônia. A partir disso, reflito que tal cena da loucura me acompanhava como sombra no meu percurso dentro do busão: era eu, as passageiras, o bêbado e o motorista. A loucura está em tudo quanto é canto! Ela não está isolada apenas no hospício. Ela escapa, foge, atravessa, flui e percorre nas relações como um todo, de várias formas.

As sete salas do Museu da Loucura dão pistas do que pode ser esquecido e do que deve ser lembrado acerca do hospício Colônia. O Museu força uma narrativa de sepultamento do passado, que passou e não passou. O chão, sobre o qual piso, sabe muito mais dessa história do que eu, do que você, leitora: “Mostrar a loucura, fazer com que ela ‘apareça’,

construir para ela um sentido inicial de tragédia que é parte do passado e, desta forma, ocultá-la, remetê-la para um tempo distante”¹⁷¹. Seria, talvez, este o papel do Museu-exorcista, ocultar a história? Os testemunhos e os sobreviventes são aqueles que não devem e não podem ser vistos, lembrados, pois suas existências ameaçam as representações e narrativas da história única? Habitar as sete salas do Museu e ver o confronto entre os vencidos e os vencedores da história, é defrontar com os fantasmas dos vencedores. Deparei-me com o rosto do psiquiatra bem aparentado, Juliano Moreira, os objetos foliados¹⁷² a ouro, trazem uma joia enlouquecida, marcada pela loucura, trazendo um traço genocida. Seu brilho é a faísca do brilho da loucura. As cadeiras, as máquinas de eletrochoque dos vencidos e os enquadramentos fotográficos de rostos sem nomes dos vencidos fazem ressaltar o que Walter Benjamin já alertava: “[...] Não há um documento da cultura que não seja ao mesmo tempo um documento da barbárie”¹⁷³.

O Museu produz cenas, que incidem sobre a espetacularização da loucura. A nudez, presente nas imagens de homens e mulheres, me chama atenção a respeito do modo como a dor do outro foi enquadrado e, logo, exposto como museificação e festilização. É possível levantar o lugar do sexo e da sexualidade no eugenismo em ação no Hospício Colônia como uma biopolítica. De acordo com Michel Foucault, o sexo nas sociedades modernas se tornou o eixo para a biopolítica. Ele se integra com a disciplina e o biopoder. A respeito disso, Agamben ressalta:

Foucault, como vimos, define a diferença entre o biopoder moderno e o poder soberano do velho Estado territorial mediante o cruzamento de duas fórmulas simétricas. Fazer morrer e deixar viver resume a marca do velho poder soberano, que se exerce, sobretudo, como direito de matar; fazer viver e deixar morrer é a marca do biopoder, transformando a estatização do biológico e do cuidado com a vida no próprio objetivo primário¹⁷⁴.

¹⁷¹ MARZANO, 2008, p. 86.

¹⁷² Seria, gramaticalmente, “folheados”, mas, ao trazer o termo “foliados”, faço uma referência à folia, que é sinônimo de festa e brincadeira, mas também de confusão e briga.

¹⁷³ BENJAMIN, 2020, p. 74.

¹⁷⁴ AGAMBEN, 2008, p. 155.

Para tanto, o estar nu, indica esse lugar do sexo para o controle da biopolítica. Se o sexo sempre foi negado, escondido, associado ao pecado, o poder mostra o que se esconde da forma mais crua. Esse poder tem como função “[...] ser repressivo e reprimir com particular atenção as energias inúteis, a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares”¹⁷⁵. A colocação da nudez, do sexo e da sexualidade no discurso da loucura atravessa as experiências dos internos e internas do hospício. Esta nudez, presente nos registros fotográficos de Luiz Alfredo, parte do discurso biopolítico da eugenia e do higienismo, que conseguem chegar até o corpo e enquadrá-lo como uma vida nua, “que nos assemelha aos bichos”¹⁷⁶.

Há cenas diante das sete salas do Museu da Loucura, que dão ênfase a um memorial às vítimas sem nome, anônimas (o anonimato não seria, de certa maneira, apostar no apagamento dessas existências infames, que foram exiladas no hospício e que se chocaram com o poder manicomial?). Diante das divisões das salas, percebemos que a cultura não é livre da barbárie. O que enxergamos no Museu vem de mãos que o organizaram com intuito de nos contar o que podem e desejam nos narrar.

Na última sala situada no último andar de cima, vemos a fotografia de uma mulher negra, nua, com uma grade de ferro frente ao seu corpo. Sua boca está fechada, seus seios estão à mostra e suas mãos são levantadas em direção a câmera como se pedissem para não a fotografarem na situação em que se encontram. Ela esconde seus olhos atrás das grades e cruza as pernas. A réplica do enquadramento é um corpo abusado pelas grades e pelas lentes. A imagem é exposta na última sala do Museu. Uma grade é colocada em frente à imagem. A imagem me persegue. Essa mulher, por sinal, tem um nome, uma história, que foi apagado com a inserção de uma grade, e um diagnóstico da loucura dentro de uma

¹⁷⁵ FOUCAULT, 1988, p. 15.

¹⁷⁶ AGANBEM, 2008, p. 17.

sociedade heteronormativa¹⁷⁷ e machista, tendo seu corpo sexualizado no Museu. A cena, a qual o Museu produz, é muito delicada, sensível (respiros): “Será que essa mulher gostaria de ser apresentada assim ao público?”

Ao olhar para essa imagem, há uma força que paira num sentido de desejar saber mais sobre a existência dessa mulher. É como se ela me cobrasse por um relato! Seu rosto é exposto e enquadrado como rosto da loucura. Encarar o que me olha me força a mergulhar nesse encontro doloroso com essa imagem. Esse enquadramento fotográfico me promove a um encontro desencontrado, invisibilizado, mas que diz, ao mesmo tempo, o resto e rastros dessa luta! O que eu poderia tirar do encontro com tal imagem? Por ora, podemos apenas lembrar de um corpo a partir do enquadramento fotográfico: “É sempre a imagem que alguém escolheu; fotografar é enquadrar, e enquadrar é excluir”¹⁷⁸. Assim, o enquadramento da fotografia e o desejo de tornar-se espetacular, de produzir o choque diante daquilo que traz uma ferida aberta, a dor, é frisar um registro que objetifica, “transforma o fato ou uma pessoa em algo que se pode possuir”¹⁷⁹.

Para tanto, as fotos do hospício Colônia presentes no Museu da Loucura são-nos apresentadas como sexualização do corpo da mulher negra, lembranças de morte, de sofrimento. À medida que os vencidos são apresentados num processo de apagamento e repulsa, por que os apresentar? O corpo da mulher negra é enquadrado como um bicho atrás das grades, animalizado, uma vez que, quando se expõe um corpo nu para outras pessoas verem, quando esse corpo está em domínio de um homem branco, há rastros dos reflexos da colonização, da relação de poder sobre como esse corpo passa a existir. Estaria ali, naquele território, a reprodução da cena da mulher Vênus negra de hotentote?

¹⁷⁷ BUTLER, 2016.

¹⁷⁸ SONTAG, 2003, p. 42.

¹⁷⁹ SONTAG, 2003, p. 69. Sobre essas questões, sugiro ouvir o novo disco da Linn da Quebrada, *Trava Línguas*. A cantora diz sobre a monetização das feridas e a comercialização das dores.

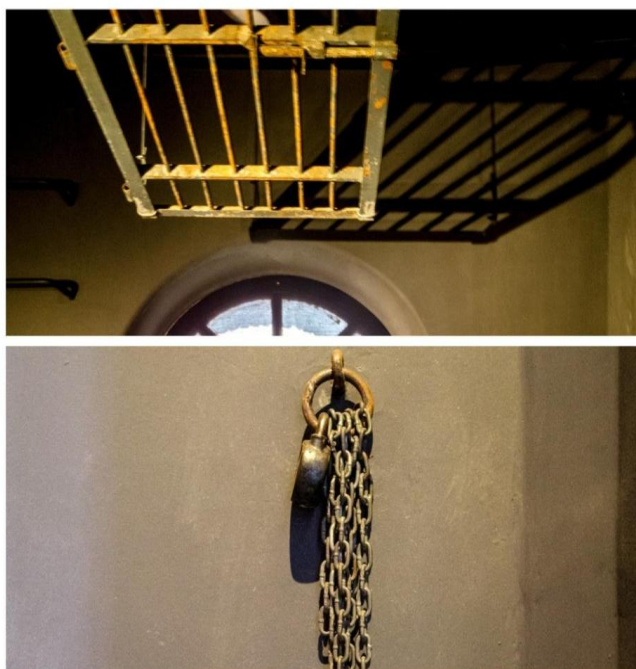
No século XIX, no contexto da Europa, Saartjie Baartman tornou-se objeto de festilização. Os colonizadores a chamavam de Vênus. Saartjie deixou a África do Sul como escrava de Cezar e foi obrigada a exhibir seu corpo ao público de Londres. Seu corpo passou a ser um molde de teatralização e de hipersexualização pelo fato de ter grandes traseiros. Ela possuía as nádegas ocasionadas pelo acúmulo natural de gordura na região, conhecido como esteatopigia. A mulher Saartjie Baartman teve seu nome apagado, passou a ser conhecida como Vênus pela sua bunda/nádegas e foi tratada como um animal exótico.

Essa mulher que atraía multidões para um espetáculo exclusivamente protagonizado por ela, que atraía inúmeras pessoas curiosas que não perdiam a oportunidade de vê-la em seu dantesco palco. O clima era de pouca luz, uma jaula e roupas que retratam um corpo, volumoso, de curvas diferentes e negro. Nas capitais mais visitadas do continente europeu, como Londres e Paris, as pessoas se acotovelavam para assistir àquela manifestação do exótico¹⁸⁰.

Nesse contexto, tanto a Vênus como a mulher, que é enquadrada pela câmera e, logo, exposta no Museu da Loucura, nos fazem refletir sobre a atração exótica de seus corpos. Esse uso abusivo e violento contra o corpo negro conduz a narrativa de um corpo selvagem como um animal que precisa ser domado. A cena que o Museu reproduz força uma mulher louca, sexualizada. Cabe, por fim, ressaltar que o esqueleto, cérebro e órgãos genitais de Sarah Baartman foram expostos por 160 anos no Museu de Antropologia em Paris. No ano de 1974, após várias lutas, seu corpo foi retirado. No entanto, a imagem da mulher louca, sexualizada, ainda segue como amostra de espetáculo no Museu da Loucura em Barbacena (MG). Fora da estigmatização da loucura, essa mulher poderia ser quem? Uma poetiza, professora, puta, curandeira? Panhadora de café? Dona de casa? Uma artista? Quem? A grade em frente à sua imagem seria para gerar um apagamento de sua existência? Para montar um cenário que frise um corpo sem ação? Ou para dispersar quem?

¹⁸⁰ FRAUSINO, 2017, p. 11-12.

Imagem 5: Grade em frente à fotografia
Imagem 6: Cadeado que se encontra se abaixo da mesma imagem



Fonte: registros do fotógrafo Reinaldo Ziviani no ano de 2017.

A partir do meu encontro com a fotografia enquadrada por Luiz Alfredo no ano de 1961 da mulher que apareceu sentada num muro com os braços e pernas frente a uma grade do hospício Colônia de Barbacena, reflito que o Museu, ao expor a imagem, apaga seu nome e sua história. A imagem pede por relatos e que sua estória seja contada ou pelas verdades que há na ficção. Este foi o meu ofício: escrever diante do encontro desencontrado. Sejam solidárias e nos coloquemos ali diante daquelas grades que atravessam seu corpo. Foi isso que fiz. A mulher Benta passa a ser a mulher atrás daquelas grades. Para Lélia Gonzalez: “E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo pra nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela pra tudo nesse sentido. Só que isso tá aí... e fala”¹⁸¹.

¹⁸¹ GONZALEZ, 2020, p. 70.

Benta, por ser mãe de pegação, isto é, parteira, vivia rodeada de gentes numa comunidade chamada Cajuru do Servo Lavras (MG)¹⁸². Por aquelas bandas, a maioria nasceu pelos conhecimentos e pelas suas mãos santas. Além dos partos, ela era de coser e rezava pelos outros, pelas pragas nas plantações e doenças, que davam nos gados dos fazendeiros. Era curandeira, limpava o corpo e tirava as dores, os encostos, as aflições, o tédio e os espíritos ruins. Tinha conhecimento acerca das plantas medicinais de toda aquela região. Benta vivia em função de seu ofício: cuidar das pessoas, ajudar a dar a vida, rezar, proteger e quebrar as maldições. Era de falar pouco. Muito atenta, tinha disciplina nas encomendas para os santos. Quando bebia cachaça, tinha, como costume, despejar metade para o santo no chão! Sua família tinha dificuldade de aceitar as práticas de fé de Benta. Quando ela ia fazer oferenda para os encantados¹⁸³ em outra língua, era motivo de medo e chacota para os filhos. Quando Benta completou 44 anos, passou a conversar com os encantados e dizia que eram seus mestres. Eram eles que a guiavam. Seu filho, padre Raimundo, começou a espalhar que a sua mãe estava ficando louca, doente da cabeça, pois a conversa em voz alta tratava-se de delírio, e não de reza. Raimundo tinha uma espécie de inveja da mãe. Isso se dava, porque ela conseguia, com seus ramos sagrados, espantar o mal, curar as pessoas e enchê-las de alegria. Benta até tentou transmitir seus conhecimentos para Raimundo. Queria fazer dele um curandeiro da região. Foi ele o escolhido para ficar com seu legado, mas Raimundo resolveu seguir os caminhos do celibato, algo que nunca foi problema para mãe, que sempre o apoiou. Porém, com o tempo, ele dizia que as práticas espirituais da mãe eram um pacto com o diabo. Raimundo se tornou, além de invejoso e idiota, um fanático religioso ao ver a igreja cada vez mais vazia e os fiéis nas festas de santos ao som de atabaque conduzidos pela fé de Benta, a sua mãe. Um certo dia, ele entrou em contato com o médico no hospício Colônia de Barbacena (MG) relatando a história da mãe com desdém e ranço. O médico, então, chegou à conclusão de que aquelas práticas, pelas quais a mãe de Raimundo tinha como ofício, eram crime. Raimundo, bravo, desconsiderou a opinião do médico e alegou que a questão da mãe não era jurídica, e sim de cabeça¹⁸⁴, uma

¹⁸² Comunidade presente no município de Lavras (MG).

¹⁸³ Um elemento central da pajelança cabocla, que teve forte influência ameríndia e, posteriormente negra, dando origem ao babaçuê.

¹⁸⁴ Há elementos históricos, que atravessam essa narrativa e estão elaborados por meio desta! Michel Foucault (2010) traz a disputa entre o judiciário e a loucura, diz sobre a imputabilidade do sujeito, esse limite do sujeito que pode ser responsabilizado por um crime e que não pode. Isso colocado, cabe ressaltar que ainda é um debate até hoje entre tal relação entre a psiquiatria e o judiciário. Ver com detalhes a aula de 15 de janeiro de 1975 na obra *Os anormais*, de Michel Foucault (2010).

vez que as vozes não a deixavam em paz nem na hora de dormir... O padre e o médico chegaram a um acordo naquele dia: internação¹⁸⁵! Ela, Benta, foi pega nos braços por seis homens policiais. Ela estava panhando alfavaca na horta e conversando com os encantados. Contudo, na imagem, eis Benta mãe de pegação, curandeira cantando:

Quando eu voltei para El Dourado
 Não sei se antes ou depois
 Quando eu vi a paisagem mutável, a natureza
 A mesma gente perdida em sua infinita grandeza
 Eu trazia uma forte amargura dos encontros perdidos
 E outra vez me perdia no fundo dos meus sentidos
 Eu não acreditava em sonhos, em mais nada
 Apenas a carne me ardia
 E eu não me encontrava
 Apenas a carne me ardia
 Gasolina, gasolina neles
 Gasolina neles
 Gasolina, gasolina neles
 Gasolina neles
 Gasolina, gasolina neles
 Gasolina neles
 Gasolina, gasolina neles¹⁸⁶.

Referências

AGAMBEN, Giurge. **O que resta de Auschwitz: O arquivo e a testemunha** (*Homo Sacer III*). Assmann. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. Organização e tradução Adalberto Mulher e Marcio Seligmann Silva. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2020.

¹⁸⁵ Ver, em “Os anormais”, o curso de Michel Foucault, a frequência desse acordo...não só com o judiciário, bem como com a igreja!!!!que diz sobre a possessão das ursulinas de loudun, a confissão.

¹⁸⁶ CARNEOSSO, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Tradução Renati Aguiar. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARNEOSSO, Angela. **Gasolina**. Believe Music (em nome de MambaRec). 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k0XzDN-Gv3A>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2010.

FRAUSINO, Sabrina dos Santos. **Saartjie Baartman entre a hipersexualização e as teorias sociais: a criação de uma vênus negra no século XIX**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano**. Organização Flavia Rios e Márcia Lima. Tradução Barbara Cruz, Carlos Alberto Medeiros, Catalina G. Zambrano e Tunã Nascimento. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

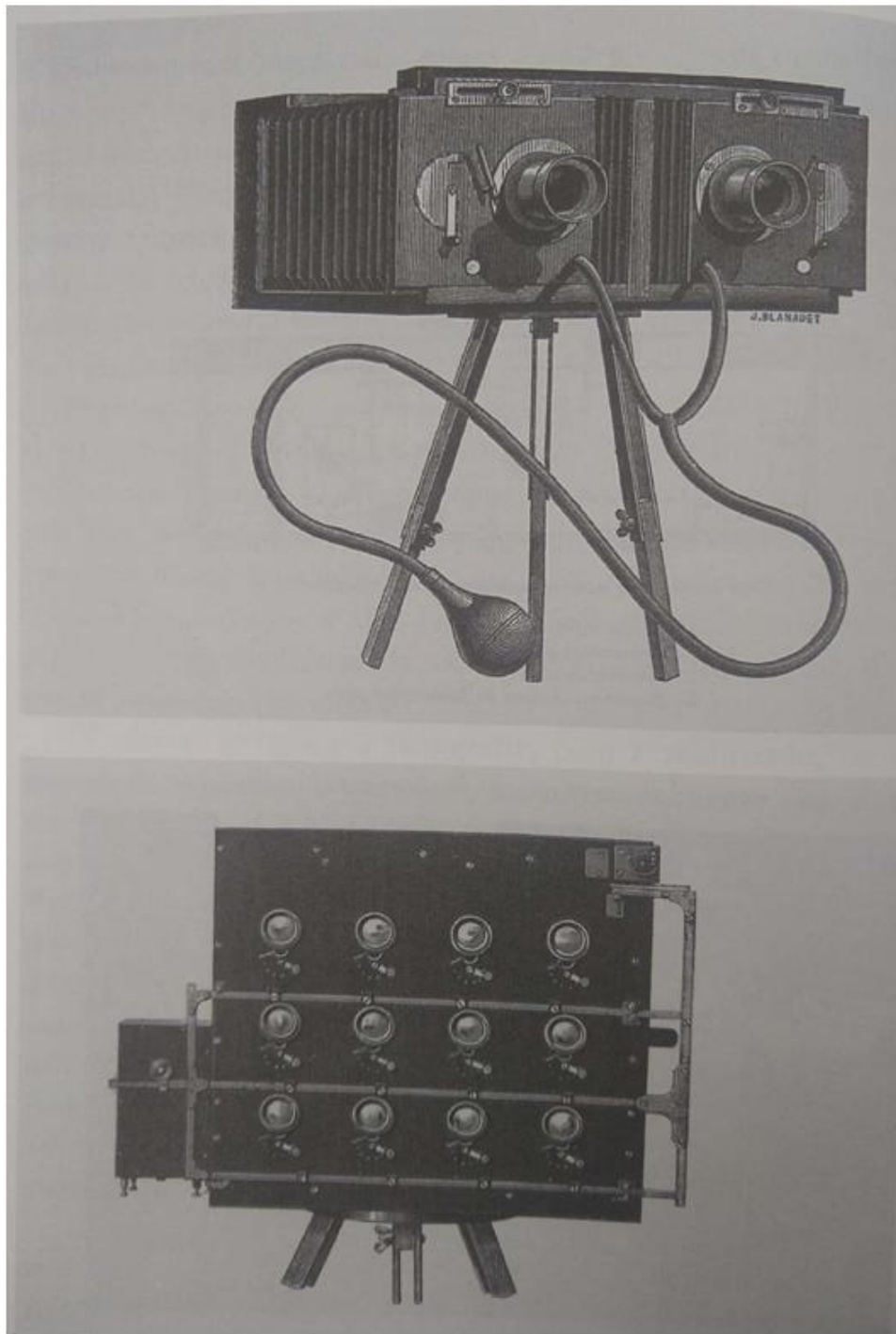
MARZANO, Maria Cristina Rietra. **Do trem dos doidos ao memorial de rosas: representações da loucura em Barbacena**. 2008. Dissertação (Mestrado)–Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2008.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

3 IMAGENS ANALISADORAS

Fotografias: apenas enquadramentos

Imagem 7: Câmera estereoscópica Imagem 8: Câmera com múltiplas objetivas



Fonte: Disponível na obra *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*, de Huberman (2015, p. 76).

(...)

Walter Benjamin¹⁸⁷, a partir do escrito de 1931, *A pequena história sobre a fotografia*, expõe a trajetória acerca da fotografia. O pensador ressalta que a fotografia é uma ferramenta, que nasceu num berço europeu. Ele pontua alguns conflitos e eixos, que foram se construindo a respeito da representação de imagens com a entrada da câmera fotográfica. A partir do texto benjaminiano, entende-se que, por meio do manuseio com a câmera, houve uma crise, que se deu entre a fotografia e a arte plástica. De início, naquela época, artistas tinham dificuldade de pintar de forma realista um autorretrato ou paisagem conforme o enquadro fotográfico expõe. Frente a essa dificuldade, alguns pintores deixaram, por exemplo, de pintar, e adquiriram uma máquina fotográfica. Com isso, Walter Benjamin força a leitora a refletir, se a fotografia passou, então, a ser entendida como uma arte? Se a mesma se distinguirá da estética da arte plástica, buscando seu espaço, diante de sua singularização e seus processos?

Walter Benjamin, a partir desse embate, pontua que, naquela época, a fotografia não foi vista como arte, tendo por fim, dificuldade de pensar uma obra de arte na projeção e repetição da imagem a partir da câmera. Assim, as pinturas realizadas ao ar livre sofreram impacto com a fotografia. À medida que as telas de paisagem foram sendo representadas pelo enquadramento da câmera, esperava-se que os fotógrafos, pudessem ser substituídos por um pintor. No ano de 1840, “[...] a maioria dos pintores de miniatura se transformou em fotógrafos”¹⁸⁸. Percebe-se que a câmera fotográfica captura o minúsculo, possibilitando um movimento de dissecação do corpo e distinguindo-o do olhar do pintor: “A natureza que fala à câmera não é a mesma que fala o olhar”¹⁸⁹. De acordo com o autor, a fotografia é o inconsciente ótico bem como o inconsciente pulsional da psicanálise. Ela, a fotografia, visualiza o tecido celular pelos quais opera a medicina por exemplo. As primeiras pessoas a posar para uma câmera, eram desprovidas de suas narrativas, não havia ainda a legenda

¹⁸⁷ BENJAMIN, 1987.

¹⁸⁸ BENJAMIN, 1987, p. 97.

¹⁸⁹ BENJAMIN, 1987, p. 94.

ou análise da imagem. Em suas palavras: “O rosto humano era rodeado por um silêncio em que o olhar repousava”¹⁹⁰. Diante desse acontecimento, surgiu o álbum fotográfico, depois a reprodução da imagem e demais experiências científicas ou médicas a partir da fotografia (como veremos adiante nas experiências do médico Charcot no hospício de Salpêtrière). Todavia, Walter Bnejamin¹⁹¹, é crítico em relação a projeção e reprodução (cópia), o autor referencia que esse processo faz com que se perca a aura da figura. A aura seria a sua autenticidade diante do aqui e agora. Ele comenta: “É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais próxima que ela esteja”¹⁹². Com isso, ao registrar uma tela artística, a fotografia se volta para uma reprodução, pois “[...] Se alguma coisa caracteriza a relação moderna entre a arte e a fotografia, é a tensão ainda não resolvida que surgiu entre ambas quando as obras de arte começaram a ser fotografadas”¹⁹³.

Imagem 9: Abaporu



Fonte: acervo pessoal. Replica da original

Esta tensão entre a arte e a fotografia teve início a partir do momento em que as pinturas de artes passaram a ser fotografadas a ponto de os pintores abandonarem os pincéis e partirem

¹⁹⁰ BENJAMIN, 1987, p. 95.

¹⁹¹ BENJAMIN, 1987.

¹⁹² BENJAMIN, 1987, p. 101.

¹⁹³ BENJAMIN, 1987, p. 104.

para os manuseios com a câmera. A fotografia passou, então, a ressuscitar o mundo belo, a se pautar em montagens (enquadramentos), e representações de rostos, no intuito de explicar o humano que aparece. Benjamin¹⁹⁴ nos ajuda, a refletir que a inserção da fotografia desde o início, foi pensada a serviço do valor de venda. A partir do uso que os registros fotográficos foram se pautando, em prol de paralisar o espectador, o mercado começou a investir em imagens, que chocam o espectador. No fim do texto, o pensador chama atenção para isso, e, também, para a composição e o uso da legenda como algo primordial, a fim de se fazer entenderem o contexto e a construção de uma determinada imagem.

As pontuações sanadas por Walter Benjamin são sugestivas para a conversa que teremos com Susan Sontag¹⁹⁵. Ela traz como questionamento que o choque, a partir da imagem, tornou-se um clichê. A fotografia, de acordo com a autora, não muda a opinião da expectadora, mas, transmite sentimentos. Sua provocação sugestiona se uma fotografia comunica a dor do outro de tal modo que, a partir da cena, do enquadramento, é possível que a expectadora mude de opinião ou avalie o acontecimento. Com ela, o discurso de Walter Benjamin cresce. As fotos ampliam as nossas ideias e assinalam o que vale a pena olhar e o que temos o direito de direcionar aos olhos. Em um dos seus escritos, intitulado *Diante da dor dos outros*, a autora nos convida a ter um olhar crítico acerca das imagens de guerra. Em sua perspectiva, há uma compulsão dos fotógrafos de registrar corpos mutilados, corpos nus, crianças mortas, cadáveres lacerados ou toda a miséria, que circunda a miséria da guerra: “[...] representar a guerra em palavras ou em imagens requer frieza aguçada e inabalável”¹⁹⁶. Penso em Sebastião Salgado, e nas fotos de Barbacena de Luiz Alfredo.

¹⁹⁴ BENJAMIN, 1987.

¹⁹⁵ SONTAG, 2003.

¹⁹⁶ SONTAG, 2003, p. 64.

Susan Sontag¹⁹⁷ inicia seu texto *Diante da dor dos outros* disparando uma conversa com a escritora, que sinalizou que uma mulher precisa ter um teto para escrever ficção.¹⁹⁸ Virginia Woolf, no ano de 1938, tomou a iniciativa de escrever sobre o caos da guerra na obra *Três Quinés*. Um advogado em Londres, ao ter acesso ao manuscrito, escreveu uma carta questionando-a: como em sua opinião vamos evitar a guerra?

Pois embora muitos instintos sejam tidos, em maior ou menor grau, como comuns a ambos os sexos, guerrear tem sido, desde sempre, hábito do homem, não da mulher. As leis e a prática desenvolveram essa diferença, seja ela inata ou acidental. Raramente, no curso da história, um ser humano foi abatido pelo rifle de uma mulher; os pássaros e os animais foram e são, em sua grande maioria, mortos por vocês, não por nós; e é difícil julgar aquilo de que não fazemos parte¹⁹⁹.

Virginia Woolf sabia muito bem o que uma guerra faz. Ela não estava errada quando afirmou que as fotos de guerra nos convidam a olhar o que uma guerra produz: “A guerra dilacera, despedaça. A guerra esfrangalha, eviscera. A guerra calcina. A guerra esquarteja. A guerra devasta”²⁰⁰. O fotógrafo, nesse sistema, seria aquele em busca de cenas, que estampem o que uma política sanguinária é capaz de fazer. Walter Benjamin ajuda a refletir nesse sentido:

No fundo, o amador que volta para casa com inúmeras fotografias não é mais sério que o caçador, regressando do campo com massas de animais abatidos que só têm valor para o comerciante. Na verdade, não está longe o dia em que haverá mais folhas ilustradas que lojas vendendo caças ou aves²⁰¹.

Com uma câmera em mãos, passa-se a busca por imagens que chocam, causam espanto e abalam. O trabalho do fotógrafo, esse profissional em busca de cenas, vai de encontro com a olhadela que espanta. Empregado a uma agência midiática, os enquadramentos de frente a dor dos outros tornam-se um negócio, lucro. A relação entre o fotógrafo e a fotografada se dá através do enquadramento.

197 SONTAG, 2003.

198 Ver em: “O teto é todo seu” de Virginia Woolf (2014)

199 WOOLF, 2019, p. 12.

200 SONTAG, 2003, p. 13.

201 BENJAMIN, 1987, p 104.

As fotos, às quais Virginia Woolf recebeu a respeito da guerra, atravessaram suas análises na obra *Três Quinésus*. Todavia, as imagens vieram sem legenda e análise, mas isso não impediu que ela pudesse lançar suas próprias análises e se afetar com elas. A proposta de seu texto foi assinalar que se espera, no mínimo, que ao ver imagens que calam, cause espanto diante da miséria que o outro se encontra. Com isso, espera-se que se lute para que cenas de horror e precariedade não tornem a acontecer, a se repetir. Virginia Woolf é muito clara ao dizer que a classe instruída, ao ter acesso a essas imagens, deve lutar para que esse acontecimento não ocorra mais. Susan Sontag faz alguns apontamentos dizendo que a fotografia não tem esse poder de mudar a opinião das pessoas diante de cenas trágicas, mas ela nos persegue em meio a produção de afetos, sentimentos.

Sontag diz que se espera, por exemplo, que as fotos de guerra venham acompanhadas por legendas, as quais sinalizem quem é o morto e quem o matou. Para alguns, a identidade é um fato primordial. Cenas de soldados mortos e de casas em ruínas são disparadores para atizar o ódio do inimigo. Assim, existe uma perversidade em ver os rostos que sangram. E, talvez, as imagens de guerra sejam um meio de disparar rastros do que seja capaz um sistema político. Um ato de violência pode produzir um líder, mártir ou herói:

De fato, há muitos usos para as inúmeras oportunidades oferecidas pela vida moderna de ver – a distância, por meio da fotografia – a dor de outras pessoas. Fotos de uma atrocidade podem suscitar reações opostas. Um apelo a favor da paz. Um clamor de vingança. Ou apenas atordoada consciência, continuamente restabelecida por informações fotográficas, de que coisas terríveis acontecem²⁰².

Disso, para Sontag mostrar a dor das outras pessoas tem como intuito despertar satisfação, prazer. Disso, ao ver uma imagem de pessoas que sangram, ou estão em uma situação de vulnerabilidade, somos atravessadas pela vergonha, ou pelo circuito de afectos de tristeza, choque e espanto? Ademais, quem são os rostos que enquadram, e quem tem estômago para encarar tais imagens de horror real?

²⁰² SONTAG, 2003, p. 13.

Judith Butler ressalta que os enquadramentos sugerem tipos de interpretações, ou eles tem uma ação “[...] que descarta ou mostra”²⁰³. Se para Susan Sontag a fotografia pode apenas perseguir mas não é suficiente para a mudança do comportamento, Butler diz que se uma fotografia não nos perseguir é porque ela não nos tocou! É porque a imagem pode apresentar que uma vida não foi perdida por meio do enquadramento: “Se não somos perseguidos, é porque não há perda, não houve vida que foi perdida”²⁰⁴. A fotografia, portanto, está ligada pelo seu tempo à condição de uma vida passível de luto. Através da imagem, podemos ser antecipadas pelo sofrimento ou pela morte dos outros.

Isso posto, parto para a estória de Augustine. Ela aparece em fotografias registradas no hospício de Salpêtrière na França, são imagens frutos de enquadramentos do saber médico, cenas, inserção de nome, legenda e análise. Podemos perceber aqui, como a fotografia foi utilizada como ferramenta para mais uma vez, enquadrar a dor dos outros.

Invenção da histeria no hospício Salpêtrière

Na França, no hospício Salpêtrière, a máquina fotográfica passou a ser “[...] um aparelho da subjetividade”²⁰⁵. Foi utilizada como um método e suporte para a doença mental pelo corpus médico. Georges Didi-Huberman, na obra *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*, narra histórias de mulheres compreendidas pelo saber médico como histéricas no hospício de Salpêtrière. O autor descreve como o saber médico produziu cenas de enquadramentos diante da dor dos outros.

²⁰³ BUTLER, 2018, p. 112.

²⁰⁴ BUTLER, 2018, p. 145.

²⁰⁵ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 93.

Foi num café de Paris, na França, na rue Saint-Jacques, onde Georges Didi-Huberman, conta haver um bolo de chocolate que é uma delícia, que se deparou com imagens de mulheres em preto em branco com gestos estranhos. Em um primeiro momento, não sabia quem eram aquelas mulheres, de onde eram ou o local onde as imagens haviam sido enquadradas. Eram imagens de sofrimento, atormentadoras, que ao mesmo tempo, causam beleza e dor ao olhar. Havia, entre essas imagens, o retrato de uma beleza ímpar, que viria a saber mais tarde se tratar de Augustine. Seus gestos estranhos no corpo eram o que Charcot chamava de “sintoma”. Foi a partir deste encontro com tais imagens que ele teve a curiosidade de pesquisar a iconografia das mulheres do hospício Salpêtrière, partindo das pistas dos manuscritos de Charcot e Freud, e contrapondo o modo como o discurso da histeria foi sanada pelos autores.

Nesse percurso, as fotografias colocam em análise uma produção de subjetividade, de um cenário de controle sobre o corpo da mulher. É diante dessa proposta que o primeiro livro de George Didi-Huberman²⁰⁶ foi publicado aos 30 anos. Segundo ele: “Nunca o reli. Poderia dizer que nunca o reli”²⁰⁷. Após a leitura da obra do autor, como esquecer o rosto de Augustine e os de tantas outras mulheres? O que fazer com a raiva após encontrar com Charcot e tantos outros médicos com suas práticas de abuso? Escrever livros como esse requer coragem, e o mesmo digo que ler livros como esse requer disposição. Didi-Huberman chegou a dizer que confrontou-se com a experiência que: “Sucedeu-me ouvir, no presente de minha pesquisa, os gritos de dor dos pacientes femininos e masculinos internados no pavilhão que cercavam a Biblioteca Charcot, onde eu estava explorando o arquivo de todas essas dores passadas”²⁰⁸.

O encontro com tal obra foi uma experiência que me fez refletir a respeito da fotografia no contexto do hospício. Se no hospício Salpêtrière os enquadramentos afirmavam, o controle,

²⁰⁶ DIDI-HUBERMAN, 2015.

²⁰⁷ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 395.

²⁰⁸ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 395.

a disciplina o horror real dos corpos taxados como histéricos, no hospício Colônia de Barbacena (MG), os registros fotográficos colocam a mulher num lugar de horror real também. As imagens das mulheres do hospício Salpêtrière eram acompanhadas com uma legenda e análise fotográfica. O mesmo não ocorre no hospício Colônia! Há ausência de nomes, e a narrativa de experiência das histórias das pacientes. O enquadramento apaga o não dito. Em tempos presentes, o acervo fotográfico de Luiz Alfredo é um arquivo de memória, traz a recordação de um tempo que passou e não passou! As imagens são vidas reais, passíveis de nos afetar e de nos perseguir, assim como as fotos do hospício Salpêtrière. Ambas imagens dos hospícios traz a luz os discursos e práticas do saber médico.

Foi nas reuniões de terça-feira, no hospício Salpêtrière, que Charcot abria as portas do teatro para os interessados na olhadela do corpo de mulheres em estado de histeria. O hospício passou a ser uma máquina de fabricar a histeria após o ano de 1862 e é considerado o maior hospício da França. Havia, atrás das grades, cerca de quatro mil mulheres enclausuradas, uma ação ao derradeiro caça às bruxas²⁰⁹: “Três mil, a partir de 1690! Três mil indigentes, vadias, mendigas, mulheres caducas, velhas fiandeiras, epiléticas, mulheres na infância, inocentes aleijadas e disformes, moças incorrigíveis loucas”²¹⁰. Esse número aumentou a partir do momento em que Charcot INVENTOU a histeria, a hipnose e passou a realizar apresentações com as mulheres no anfiteatro durante as aulas de terça-feira, as quais eram abertas para o público masculino da ciência. Ali, ele pode demonstrar o que um corpo histérico era capaz. Sigmund Freud era um dos homens que frequentava o espetáculo.

²⁰⁹ FEDERICI, 2017.

²¹⁰ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 33.

Os movimentos ocorridos, como “poses, crises, atitudes passionais, crucificações, êxtases, todas as posturas de delírio”²¹¹, partiam de uma ligação entre a histeria e a fantasia do saber médico. A fotografia cristalizou idealmente a ligação entre ambos. Instaurou-se uma reciprocidade da sedução. A clínica histérica transformou-se num espetáculo, numa invenção da histeria. O ato, no teatro, identificou-se com a arte, representações próximas ao teatro e à pintura. A hipótese de Didi-Huberman é de que havia médicos com insaciável apetite de cenas de horror, isto é, imagens da histeria e pacientes consentindo a performance de seus corpos

Imagem 10: Uma aula clínica na Salpêtrière



Fonte: Disponível na obra *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*, de Didi-Huberman (2015, p. 331).

As primeiras fotografias das loucas foram registradas no ano de 1851 no manicômio Condado de Surrey, em Springfield, pelo Dr. Hugh W. Diamond: “O certo é que, mais ou menos por toda a Europa, as loucas e os loucos passaram a ter que posar; suas fotografias eram tiradas, uma rivalizando com outras”²¹². A fotografia passou a ser um mecanismo

²¹¹ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 15.

²¹² DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 68.

para registrar as faces (rostos), a afeição, e fazê-las circular aos olhos de todos. O rosto humano perde sua aura para o rosto da loucura. Os médicos se colocam como policiais, que passam a investigar a aparência de um rosto, podendo tachar com o diagnóstico da loucura. As imagens eram encarregadas de legenda e de um texto de explicação.

Imagem 11: Iconografia fotográfica del grande Isterismo



Fonte: Disponível na obra *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*, de Didi-Huberman (2015, p. 174).

Charcot estava em busca da dramatização do corpo histérico. Mais do que interpretar e curar, ele desejava a criação de uma cenografia: “Precisava ter tudo na mesma cena, uma espécie de recinto de visibilidade, para seu olhar unificado”²¹³. A histeria foi o poço da desorientação para o saber médico. Chegaram a dizer que era manifestação demoníaca,

²¹³ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 193.

comportamentos decorrentes da farsa. Mas, seria a mesma farsa daqueles que inventaram a histeria? Charcot desejou que a histeria realmente existisse. Foi ele quem a separou dos ataques de epilepsia: “a histeria imita a histeria”²¹⁴. Charcot e Freud traçaram, em suas respectivas pesquisas, o foco na mulher histérica. Freud precisou passar pelas reuniões de terça-feira em Salpêtrière antes de inventar a psicanalítica: “Houve a necessidade do espetáculo e de sua dor de primeiro encher os olhos com eles”²¹⁵..

As mulheres tachadas como histéricas eram submetidas a práticas de tortura. Elas tinham que aspirar pelo nariz os piores odores, como óleos de enxofre e de petróleo, penas de galinha, pelos de homem e de bode, unhas, chifres de animais, pólvora, panos velhos e queimados. Tais métodos tinham como objetivo fazer o útero descer, repulsar para baixo. Eram praticadas fumigações na vagina, gritos altos sobre os ouvidos da paciente e puxões de cabelo. Essas práticas referenciadas foram sem sucesso para a tal medicina curativa da histeria: “[...] o problema é que nunca se pôde descobrir, de verdade, onde se aninhava a causa da histeria. Nunca se chegou sequer a descobrir, realmente, onde se aninhava ela, a histeria”²¹⁶.

Tocar a histérica foi uma maneira de encontrar respostas. No ano de 1857, o médico misógino, conhecido como Briquet, citou alguns métodos, como: compreensão do útero, esfregaduras das áreas genitais, masturbações e práticas de coito. Charcot voltou a fazer uso de algumas dessas práticas. Uma delas era mergulhar o punho na virilha da mulher e instrumentalizar a compreensão ovariana. Como, diante desses abusos, pudessem ter uma dialética da sedução? George Didi-Huberman comenta:

Como é que a relação de um médico com sua paciente, num asilo de 4 mil corpos ‘incuráveis’, como é que essa relação que, em princípio, era praticamente a única, ao lado do casamento, a autorizar, a instituir até, a

²¹⁴ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 113.

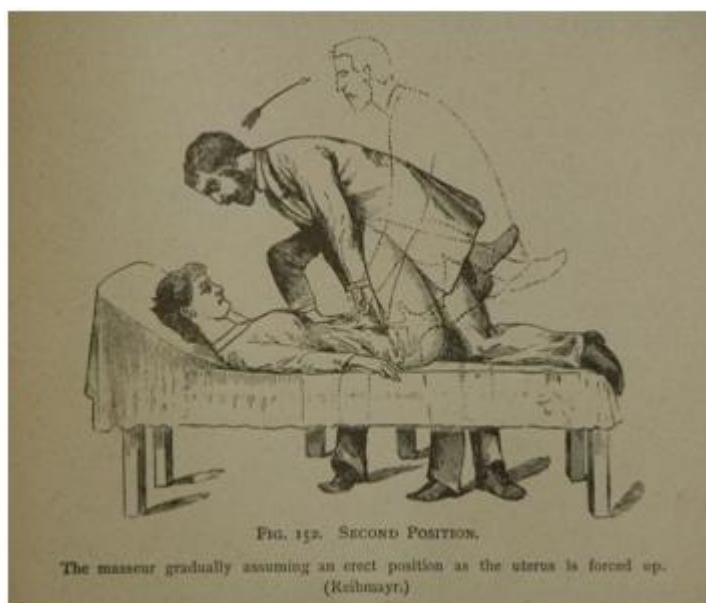
²¹⁵ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 115.

²¹⁶ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 105.

palpação dos corpos, como é, repito, que essa relação torna-se servidão, propriedade, tormento? Como foi que o corpo das pacientes veio a pertencer ao corpo médico, como pôde operar-se essa despossessão no que a própria histeria nos obriga a chamar de sedução?²¹⁷

A busca pelo orgasmo feminino era muito importante para a amenização dos sintomas da mulher histérica. Ele chegou a ser utilizado como remédio milagroso. Foi investido no discurso que os homens deveriam buscar o prazer da mulher. Ela só poderia vir a engravidar caso chegasse ao orgasmo. Imbuído com esse discurso, a mulher “[...] deve seu orgasmo ao homem. Se ela o ‘recusa’, se torna culpada”²¹⁸. De tal maneira, em busca do orgasmo, as mulheres passam a ser masturbadas em consultórios médicos. Eles passam a massagear, manualmente, a vulva e a região clitorial das pacientes, conduzindo ao gozo e ao relaxamento.

Imagem 12: Prática de masturbação até as pacientes chegarem ao “paroxismo histérico”



Fonte: Disponível em: <https://escolanomadeparamentescriativas.com/uma-leitura-relaxante-sobre-a-historia-do-vibrador/>

²¹⁷ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 251.

²¹⁸ GUATTARI, 1985, p. 36.

Entre movimentos repentinos, começou a haver lesões nas mãos e pulsos dos médicos. Diante dessa queixa, o médico George Taylor, no ano de 1869, criou “o manipulador” com intuito de descansar as mãos, que exerciam as práticas masturbatórias em suas pacientes histéricas. O manipulador era movido a vapor, ocupando uma sala inteira. No ano de 1880, Joseph Mortimer Granville planejou o primeiro vibrador. Este seria movido à manivela.

Imagem 13: Vibrador movido a manivela



Fonte: Wellcome Library, London.

Dessa maneira, entre gemidos, relaxamentos, gritos, arrepios e orgasmos, nasceu o consolo. Rapidamente, os vibradores passaram dos consultórios para as gavetas das mulheres. Em 1952, a histeria deixou de ser uma doença feminina, e o vibrador passou ser um aparelho, que estimula e gera o prazer. Martinha residente da cidade de São João Del-Rei (MG), venceu a vida vendendo consolo num período de chumbo no Brasil. Vejamos calmamente, detalhes dessa história, narrada pela Lucia Helana.

Martinha, a vendedora de consolos

Uma amiga, conhecida como Lucia Helena (escritora, filósofa, mestranda e ensaísta), num dia de quarentena por meio de uma ligação de telefone ao ouvir meus comentários sobre a histeria a partir da obra de Didi-Huberman, compartilhou comigo, a estória de Martinha: a

vendedora de consolos durante o período da Ditadura Militar. A mulher, que vendia seus produtos, advertia para outras mulheres que o seu produto só veio à tona, frente ao diagnóstico da histeria da época. A estória de Martinha parte de um contexto de conversa no celular de duas pessoas que tem apostado na política da amizade, que têm sido uma rede de apoio e cuidado durante a experiência da escrita, da pesquisa e da pandemia uma para outra! Essa amizade teve início nos corredores da universidade. Hoje, encontra com Lucia Helena, mestranda aos 66 anos de idade, é sempre se fortalecer nos encontros aos modos de Spinoza. Ela me transfere dias alegres e saudáveis! Quantas estórias a narradora Lucia já me transmitiu! Uma delas é sobre Martinha, que não está mais entre nós, mas que deixou rastros de sua existência no mundo.

A história, diz

de uma mulher preta, que residia no alto do morro num bairro periférico de São João del-Rei (MG), conhecido como Bonfim. Por ali, as pessoas tinham como de costume acordar com o Sol para ir para o trabalho! Desciam o morro cantando samba. Era, assim, de segunda a domingo. Uma das moradoras, conhecida como Martinha, saía para trabalhar assim que o Sol se punha. Sua rotina era diferente das demais vizinhas. A cena era das vizinhas subindo o morro após a jornada de trabalho e Martinha descendo para dar início à sua. Acompanhada de um sorriso e de uma energia, que contagiava qualquer um que topasse com ela na rua, Martinha ia à luta para pôr comida em casa. Não sabia quem era o seu pai, foi criada por uma mãe solo e tinha três irmãs. Era a caçula. Começou a ter conflitos com a mãe quando ela começou a fazer o uso de álcool descontroladamente. Era de beber até cair pelas ruas mineiras de São João del-Rei. Martinha foi criada ora pelas irmãs mais velhas, ora pela mãe. Tinha, como dom, iluminar a pobreza e a miséria com seu sorriso. Era divertida e educada. Com o passar do tempo, completou 13 anos. Seu corpo chamava atenção. Ela sentia a opressão desde muito nova ao carregar um corpo de uma mulher preta. Um senhor pai de família, fazendeiro, que residia no mesmo bairro que

Martinha, começou a agrada-la. Ele dava presentes a ela e a chamava para andar de caminhão. Certo dia, ele a convidou para dar uma volta. Ela topou! Ele a levou para uma estrada vazia, parou o caminhão e tentou ter relação sexual com Martinha sem o consentimento dela. Ainda virgem, a jovem se assustou com a força corpulenta daquele velho em cima dela. Atenta, enxergou uma árvore do lado de fora. Abriu a porta do caminhão e subiu em cima. Permaneceu ali por horas. O abusador convenceu Martinha a descer, prometendo levá-la embora. Ela estava com medo, chacoalhava os troncos da árvore e tremia. Embaixo da árvore, era um homem já de idade, com o pau duro de tesão por uma criança. Depois de muita conversa entre o abusador e a vítima, ela desceu da árvore, e ele cumpriu com o acordo de levá-la embora. Foi subindo de galho em galho, até que um dia não houve mais árvores e Martinha descobriu que estava grávida do fazendeiro. Ninguém nos arredores do seu bairro sabia quem era o pai da criança a não ser ela mesma. Martinha, aos 13 anos, sem pai, com uma mãe dependente de álcool, se apegou a vizinhas mais velhas em busca de carinho, afeto e apoio. As vizinhas do bairro a acolheram e deram suporte durante toda a gravidez. Quando o fazendeiro Raimundo soube da gravidez, não quis mais nada com ela e sumiu do mapa. Martinha foi trabalhar de faxineira. Tudo que pintava na área, ela fazia para sustentar a criança. Foi nessas tentativas para obter uma renda que apareceu um homem na porta de sua casa perguntando se ela não tinha interesse em vender consolos. Ela topou na hora! Criou como estratégia inserir uma revistinha do Avon junto com os consolos em uma bolsa de ombro. Saía às 17 horas em ponto todos os dias. Era o horário que conseguia encontrar as mulheres nas esquinas. Ela, então, chegava com a desculpa de vender Avon até apresentar os consolos para as clientes. Começou a ter uma renda boa com as vendas dos consolos. O fornecedor deixava vários consolos para ela, de vários modelos, tipos, tamanhos e cores. Ela, então, os revendia e ganhava uma boa comissão. Martinha foi pioneira nas vendas de consolos na época. Passava de casa em casa: *“Eu lembro que ela falou assim comigo: ‘Compra Lucinha, compra Lucinha! Pra cê vê! Tem um que é bom para caramba’.* Ela ficava incentivando as mulheres a usar, a experimentar”²¹⁹. Indo de casa em casa, de esquina em esquina, foi parada pelos policiais que a questionaram pelo fato de circular todos os dias no mesmo horário na rua. Ela não abaixou a cabeça e revidou mostrando a revista e os produtos do Avon para eles: *“Tô*

²¹⁹ HELENA, 2021.

trabalhando, tenho uma criança para cuidar, dá licença, uai!!!”²²⁰. Ao ter passado por eles, rachou de rir. “*O sorriso de Martinha e sua energia contagiante deixava desperceber sua vida sofrida e de luta*”²²¹. Lucia recorda que Martinha rachava de rir ao contar que, por uma das ruas pelas quais circulava:

Tinha uns maridos que traía a mulher, outro que era alcoólatra, outro que vivia chapado, drogado. Esses homens não trepavam com as suas esposas. Essas relações não tinham nada de prazer e de prazeroso. As amarras sociais e essa coisarada toda não deixam as mulheres tomarem uma decisão. Ela, então, a Martinha, vendia o consolo e, para a surpresa dos homens, as mulheres saíam na rua plenas, toda feliz, toda produzida, toda arrumada, cabelo bonitinho. Eles não entendiam nada, né? A princípio, parecia que aquele Avon que a Martinha vendia era milagroso, porque as pessoas ficavam com a autoestima muito elevada, né? Após a compra de tais consolos, só nós sabíamos que não era só os produtos do Avon que ela vendia.

Quantas mulheres vieram antes para outras fazerem o uso dos consolos que Martinha vendia? As estratégias que Martinha criou frente a sociedade opressiva, é semelhante as estratégias experimentada por Augustine no hospício Salpêtrière. O estupro, o sexismo, a opressão de gênero colocam ambas as mulheres num lugar de movimento de indentificação de violência, e buscas por caminhos, e linhas de fuga na medida que confrontam com uma masculinidade perversa e frágil.

Augustine e o discurso médico

Augustine é uma das que vieram antes de Martinha, ela foi paciente do hospício de Salpêtrière. Foi exilada na instituição antes dos seus 15 anos. Seu acervo de imagens traz uma legenda, narrativa completa e o roteiro do seu caso. Suas “[...] imagens derivam apenas de ilustrar, esclarecer e provar a veracidade do discurso clínico”²²². Olhar para as imagens de Augustine, é abrigar um afeto.

²²⁰ HELENA, 2021.

²²¹ HELENA, 2021.

²²² DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 128.

Imagem 14: Augustine

Fonte: Disponível na obra *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière* de Didi-Huberman (2015, p. 179, 196, 197-198, 201, 203-,207).

Imagem 15: Fotografia de Augustine reproduzida em fototipia na lâmina XIV



Fonte: Disponível na obra *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*, de Huberman (2015, p. 128).

Augustine foi internada devido a uma paralisia no braço direito e por ter ataques de histeria grave. Esteve sob a tutela de Charcot e de Bourneville. Foi fotografada recorrentemente, despertando a atenção dos médicos com a sua beleza: “É vaidosa, cuida do seu próprio

corpo, gosta de arrumar cabelo, que são abundantes, ora de um jeito, ora de outro; as fitas, sobretudo de cores vivas, são de grande alegria”²²³. Chama atenção, é loira, inteligente:

[...] é grande, bem desenvolvida (pescoço meio grosso, seios volumosos, axilas e púbis cobertos de pelos) decidida no tom e nos modos, de humor inconstante, barulhenta. Já não tendo mais nada dos modos infantis, exhibe quase o aspecto de uma mulher feita, mas nunca menstruou²²⁴.

Augustine foi uma obra prima, um tesouro: “Charcot fala dela como um exemplo regular, muito clássico, e Richer capricha nas tintas, como sempre, ao escrever que ela é aquela, dentre nossas doentes, em quem essas poses plásticas ou atitudes passionais têm mais regularidade”²²⁵. Mas, afinal, o que fez Augustine ser a estrela do hospício Salpêtrière? Foram ataques ao seu corpo dramático mediante os sintomas e atos? Ou, foi porque ela fazia o que eles exatamente queriam ver?

Os registros fotográficos eram utilizados como método clínico. Eram enquadradas as posições em movimento e gestos em estado de hipnose. Outros métodos para curar as histéricas, também, foram utilizados. Um deles diz sobre o trabalho com gesso conhecido como “contratura histeria”, sendo visto como a impotência motora, a rigidez involuntária. Joga-se o gesso nos membros: “O corpo histérico engessado era ainda mais digno de atenção, de ciência e de ternura, quem sabe”²²⁶.

²²³ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 128.

²²⁴ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 129.

²²⁵ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 171.

²²⁶ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 178.

Imagem 16: Molde de gesso para o museu de Charcot na Salpêtrière



Fonte: Disponível na obra *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*, de Didi-Huberman (2015, p. 182).

Nos corredores do hospício, foi produzido um discurso, que afirmava as falsas afirmações das histéricas estando em estado de alucinação. As alucinações de Augustine, por exemplo, diziam de cenas de estupros e ódio por homens. Essas cenas eram narradas ao público, o qual vinham assistir ao teatro na terça-feira. Mesmo as mulheres denunciando os abusos que vinham ocorrendo, suas narrativas não passavam de meras alucinações.

Augustine, ao discursar uma cena de estupro, seu médico clínico Bourneville a ignora enquadra seu discurso como fabulação histórica. É verdade? Não é verdade? O discurso visto como fabulação travava-se de uma cena de estupro, quando a jovem tinha 13 anos. O abuso foi cometido pelo seu patrão C., onde residia, na casa dele com a sua mãe, onde era amante de C. Augustine continua presa às suas alucinações apontando o que se passava ali e dando nome aos bois:

Porco! Porco! [...] vou contar ao papai... Porco! Que você é pesado! [...] Você está me machucando [...]. O.C. me disse que ia me matar [...] O que ele me mostrou, eu não sabia o que aquilo queria dizer [...] Ele abriu as pernas [...] Eu não sabia que era um bicho que ia me morder”²²⁷.

Nenhuma fotografia foi registrada dessas cenas que Augustine narra: “A iconografia fotográfica da Salpêtrière não mostrava nada da maneira como eram tocadas as históricas”²²⁸. Ela passou a encenar todos os estupros e as batalha que a assombravam. Ela os encenava repetindo toda a sua desgraça²²⁹. Suas encenações eram atos de resistência. Pelas salas do hospício gritava: “Tire essa cobra que você tem dentro das calças [...] isso é pecado”²³⁰.

A histórica vai tomando a cena sustentando o desejo do outro? Fomentando o desejo do Outro como sinalizou Lacan? Na minha concepção, a histórica vai se fazendo como um ato de sobrevivência no sentido de que ela vai transformando em deboche tudo o que a assombrava e que insistia em produzi-la. Ela vai resistindo e se contrapondo com o não saber médico sobre sua própria existência e modo de existir. Charcot dizia que os médicos viviam sobre o risco da sedução, em que históricas piscavam os olhos para eles. Minha hipótese é de que esse cativar o médico era uma estratégia utilizada, pois elas sabiam que, se não seduzissem o médico, eram enquadradas como incuráveis, “[...] e neste caso, para sempre, você não mais será exibida, mais escondida no escuro”²³¹. Médicos moribundos,

²²⁷ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 223.

²²⁸ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 249.

²²⁹ DIDI-HUBERMAN, 2015.

²³⁰ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 224.

²³¹ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 234.

ao verem uma mulher à sua frente, levantando seu vestido, se tranquilizavam, pois sabiam que estavam de frente à existência de um corpo histérico. Seduzir era, para a histérica, “levar o mestre pelo beijo”²³². Quando Freud viu uma paciente despida, ele disse: “Abster-se? Deixar subsistirem as necessidades e os desejos? Suores frios?”²³³. Freud criou a transferência, tentando encontrar pacto nessa ética e erótica, era preciso, disse ele, “manter a transferência”. Mas, Augustine dizia: “Psiu! Psiu [...]”

É muito confusa a hipótese de George Didi-Huberman na obra, porque ele diz que o acervo de imagem é comparado a uma obra de arte, tendo sido confeccionado entre o toque e o tormento. Eu diria entre o prazer e a dor. Ele segue afirmando: “[...] as histéricas de Salpêtrière realmente consentiram, sim, numa grande simulação do desejo, em montagens extraordinárias”²³⁴. Mas, a minha questão já parte para outro ponto. Essas mulheres, enquadradas como histéricas pelo saber medico, produziram um campo de forças e resistências dentro do hospício. Elas sabiam que poderiam morrer pela precariedade do hospício se não se colocassem a serem cobaias no laboratório de teatralização de Charcot. Elas aparecem na iconografia de Salpêtrière por um enquadramento, que foca na mais sublime beleza e gesto em crise de um corpo entupido de métodos violentos e abusivos no campo do saber. Assim sendo, elas performatizam como modo de sobrevivência e resistência!!! As fotos são, para mim, enquadramentos diante da dor dos outros. São fotos estratégicas, que não ousaram mostrar cenas que o corpo “convocado a carícias, até apalpações, eletrochoques, penetrações”, e outros métodos medonhos como hipnose, eletricidade, inalação de éter, clorofórmio, já que diversas histéricas morreram viciadas em éter, álcool ou morfina no hospício. Por pouco, Augustine não morreu de overdose:

No dia 3 de março, ela inalou 125 g de éter. Desse dia até 8 de março, teve mal-estar, ideias esquisitas na cabeça etc. Ontem à noite, das sete às nove horas, 17 ataques epileptiformes, seguindo por 8 ataques histeroepilépticos. Ao acordar hoje pela manhã, disse que estava como que embriagada. As nevralgias faciais a invadiram. Deram-lhe então injeções de morfina. Também se fazia grande uso, na Salpêtrière, de

²³² DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 235.

²³³ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 236.

²³⁴ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 251.

todos os brometos (cânfora, etila, potássio, sódio). E até de fumaça de trabalho, de cujo papel talvez nos lembremos, diga-se de passagem, na embrulhada transferencial de Dra. Mas enfim... Recordemos, em vez disso, nossos episódios de embriaguez, sem esquecer que a embriaguez foi feita para não parar²³⁵.

Esses episódios eram um prato cheio para o enquadramento fotográfico e, também, para a teatralização, haja vista que essas inalações movimentavam o delírio e reforçavam a visibilidade. Tratava-se de impor um rito de delírio ao corpo histérico, não visando a tratar, mas tornando a tratar. Todas essas experimentações realizadas por Charcot se tornam um espetáculo no anfiteatro, acometido de um recurso terapêutico. Os gritos de Augustine foram interpretados como ruídos, que imitavam um canto do galo. Em seu último registro, ela mostra a língua para seu médico Bourneville, para o fotógrafo Regnard e para Charcot!

Imagem 17: Início de um ataque de grito, 1878



Fonte: Disponível na obra *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*, de Didi-Huberman (2015, p. 367).

²³⁵ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 301.

O que pode o corpo de uma histérica? Um corpo que grita, vomita, delira amor, é interpretado por Freud como conversão e por Charcot como imitação. Não há nenhum médico que suporte um grito de uma histérica. O grito de Augustine tem uma mediação com o tempo, não com o tempo de deus, mas um tempo, que precisava ter sido trabalhado. Era preciso ter havido, ali, um trabalho de escuta e cuidado, de atenção para aos gritos e tantas outras queixa, que atravessava seu caso.

Por fim, Augustine foi colocada em numa cela por ter representado recaídas. Em 1880, 6 de abril, foi tratada como uma doente. Ela quebrou vidraças, fez escândalos e rasgou a camisa de forças. No dia 11 de junho, estando mais agitada e violenta, foi posta numa cela. Depois do manejo da sedução entre a paciente e o médico, ela renunciou ao tratamento, travestiu de homem e fugiu de Salpêtrière: “Seus guardiães, apesar de atentos, não perceberam nada. Fuga: recusa categórica”²³⁶.

Para tanto, histéricas, desviantes da norma, as “loca”, subjetividades mal comportadas, inclassificadas, são aqui inventadas pelo saber médico. Não passaram de uma invenção e de uma produção de subjetividade sobre a ótica do discurso, e do saber e da prática médica, pois “[...] tudo o que se quebra as normas, tudo o que rompe com a ordem estabelecida, tem algo a ver com o homossexualismo ou com um devir animal, um devir mulher etc.”²³⁷

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.v. 1.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: Quando a vida é passível de luto? Tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Revisão da tradução Marina Vargas. Revisão técnica Carla Rodrigues. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

²³⁶ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 386.

²³⁷ GUATTARI, 1985, p. 36.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Invenção da histeria**: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière. Tradução Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsões políticas do desejo. Tradução Suely Belinha Rolnil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HELENA, Lucia. **Ligação de celular**, 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolitic. **Public Culture**, v. 15, p. 11-40, 2003.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Não diga que estamos mortos: imagens arrebatadoras e a escrita dos restos

“São eles que morrem a gente apesar do que a gente combinamos”,²³⁸

*Esta encomenda é um exercício de experimentação, que narra cenas, que põe a imagem e escritos a conversar. Mas, que ao mesmo tempo, não fecha nada. Porque o exercício é lançar para a leitora o encontro com as cenas analisadoras. É um escrito, que abre como uma exposição em prol de produzir encontros e deslocamentos com as imagens arrebatadoras registradas nos **escombros do pavilhão Milton Campos.***

²³⁸ MOBANÇA, 2021, p. 29.

Cena 1: Entrada Pavilhão Milton Campos

Imagem 18: Pavilhão B



Fonte: acervo pessoal.

Uma arquitetura já em estado de ruínas encontra-se ao lado do Museu da Loucura de Barbacena (MG). Uma placa diz para não entrar. Ignoro e vou ao encontro do pavilhão Milton Campos, pertencente a uma das alas do hospício Colônia. Antes de chegar ao pavilhão, fui caminhando por um mato com meu sapato bicudo. Andava com dificuldade pelo matagal, tendo a sensação de um mal estar, um vazio. Devagar, pisava num lugar de memória. Pensei: o que aquele lugar, caindo aos pedaços pelo esquecimento, poderia me contar sobre o passado?

Logo, nunca poderemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas. Convém saber olhar como um arqueólogo. E é através de um olhar desse tipo – de uma interrogação desse tipo – que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados²³⁹.

Olhar para as ruínas, para os vácuos soterrados, esboroados, muros com marcas, é ver que os mortos matados pela precariedade manicomial estão ali. Repousam nas flores, no chão, no teto, nas paredes. As imagens, aqui compartilhadas, lembram que as vítimas do hospício Colônia passeiam por estes escombros e continuam a falar conosco. Assim, disparo uma conversa com as marcas das rachaduras nas paredes, teto, chão, rastros deixados nos escombros. Finalmente, que ue eles possam invadir este escrito e produzir ruídos, incomodar os vencedores, os marqueteiros produtores de uma memória maldita. Esses rastros e mascas, são fruto daquilo que não foi tão bem apagado, com os quais a histórica oficial ou dominante não soube o que fazer²⁴⁰. Isso colocado, que essas marcas possam ser um campo de força para uma escrita a partir dos restos da história.

Durante o caminho entre o Museu e o pavilhão, ao me aproximar da porta da entrada da ala Milton Campos, avistei uma cruz, que me deixou bem aflita! Lembrei da bendita carta de búzios, que uma cigana havia tirado para mim em Vila Velha (ES). Ela me disse: “Você tem uma energia boa, você vai pisar em muitos chãos, vai viver um relacionamento intenso, viu? Mas, mas... Você vai morrer cedo! Aproveita a vida garota!” Eu disse: “Vê aí se eu e a Claudinha teremos a oportunidade de um reencontro?” Ela me disse: “Não. Esquece ela, mulher!!! Você pesa o presente carregando o passado. Toma cuidado! Você pode perder oportunidades de viver grandes amores”. Eu, então, naquele dia, me calei! Olhei para aquelas mãos enrugadas e olhos cansados, que me olhavam. Ela era uma mulher misteriosa, que falava em tom baixo com o sagrado. Eu a olhei e a encarei sem medo! Disse: “Eu vou morrer como?” Ela respondeu com a voz bem baixinha: “Presta atenção: Olha para este céu, olha este dia lindo! Nunca aqui, nesta casa sagrada, e ninguém que lê

²³⁹ HUBERMAN, 2017, p. 61.

²⁴⁰ GAGNEBIN, 2009.

búzios sabe ao certo por onde os caminhos da vida vão nos levar. Vai embora **andar...** produza boasmemórias e movimentada a vida. Xô!!!” Desde então, andar, me por em movimento, é um verbo que me acompanha. A sensação que tenho é que estou sempre andando correndo para não perder os fios da vida que pulsa. Assim, aquela cruz, naquele dia, me fez refletir sobre o meu caminho. Quando parei para olhá-la, eu me pus a pensar na carta de búzios (risos). Continuei o caminho.

Cena 2: Encontro com a Cruz

Imagem 19: Escombros e cruz



Fonte: registro realizado no Museu da Loucura no ano de 2019. Acervo pessoal.

Ao entrar no pavilhão e habitar um lugar de memória, senti o cheiro do esquecimento dos escombros abandonados. Observei atenta, como uma arqueóloga escavando o passado, “o que vemos no presente, o que sobreviveu, com o que sabemos ter desaparecido”²⁴¹.

Cena 3: Rachaduras na parede

Os rabiscos e detalhes, e a luz que permeia por um buraco em formato de retângulo no ambiente foram propensos para chamar a minha atenção. A partir disso, interroguei sobre a breve memória do manicômio Colônia por meios destes rastros, que insistiam em berrar na medida em que me olhava quando eu os olhava. As rachaduras na parede pedem por atenção. Sou encantada por estas linhas, por estas marcas que se mostram na parede, por este raio de luz que espera por alguém. Quantas, estando neste local, não se olharam, não se viram, não se deixaram pôr os olhos nesta brecha na parede?

Imagem 20: Linhas de uma parede do hospício



Fonte: acervo pessoal.

Cena 4: Teto e o buraco negro

²⁴¹ HUBERMAN, 2017, p. 41.

O chão, as paredes e o teto não mentem. Agora, que não há ninguém ali a não ser eu, restou o teto deste lugar, que é devastador. É como se ele estivesse à procura de dizer algo! Ele grita no sentido de que algo se passou ali, e isto é imaginável, é inarrável aos meus olhos de narradora caçambeteira. Olhar a tal imagem e ir de encontro e experimentar um lugar de desconforto, é pensar em vidas mínimas, que foram exiladas numa arquitetura quadrado de enquadramentos produzidas pelo discurso da loucura. O que este pavilhão poderia vir a se tornar daqui a uns anos? Como será montado, qual discurso vão produzir para lembrar-se do hospício Colônia?

Imagem 21: Enquadramento de uma das alas do Milton Campos



Fonte: acervo pessoal.

Cena 5: Raiz e resistência

Imagem 22: Ala B9 – Pavilhão Milton Campos

Fonte: acervo pessoal.

“Não diga que estamos mortos”. Os rastros nas paredes da ala Milton Campos ainda pulsam vida. As ruínas ressoam um canto das vidas infames²⁴², que estiveram sobre estes enquadramentos de paredes. Mesmo que as estórias da maioria das pessoas que estiveram encarceradas no hospício foram roubadas, suas estórias estão nas paredes. É diante de fragmentos mínimos, que me encantam no sentido de pensar na raiz. Ela tem como função sustentar a planta. É responsável por absorver os nutrientes para fortalecer o seu crescimento. Sem raiz, não há vida. Em vista disso, uma raiz ramificada tem sustentado o que nestas paredes do hospício até o ano de 2019? Estes restos são marcas de suor, lágrima, digital de alguém, de uma vida, que viveu a experiência manicomial no corpo. “As rosas da resistência nascem do asfalto”²⁴³.

Cena 6: Portão de entra e saída

²⁴² FOUCAULT, 1992.

²⁴³ FRANCO, Marielle. Verdocumentário *Do início ao assassinato*.

Imagem 23: Corredor

Fonte: acervo pessoal.

As rachaduras berram em contar uma história maldita, mal contada pelos vencedores. A placa de entrada de proibida do pavilhão Milton Campos seria para dispersar o acesso às estórias, ao passado? Lanço indagações: é preciso que a sua arquitetura seja transformada em um monumento cultural para a entrada do público? A ideia é esperar o lugar de a barbárie virar lugar de cultura para poder aderir a visita? George Didi-Huberman frisa: “A cultura, portanto, não é a cereja do bolo da história; desde sempre é um lugar de conflitos em que a própria história ganha forma e visibilidade no cerne mesmo das decisões e atos, por mais ‘bárbaros’ ou ‘primitivos’ que estes sejam”²⁴⁴. Mas, veja bem, leitora, não vamos

²⁴⁴ HUBERMAN, 2017, p. 20.

nos esquecer destas imagens, das ruínas de uma das alas do hospício Colônia. Por aqui, muitas vidas passaram e deixaram rastros, que os tornam imorríveis mesmo que tentem apagá-los. Todas as vezes que pisamos nesse território, devêssemos pensar em acordar os mortos e refazer o que foi destruído.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Prefácio Stéphane Hachet. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo. Editora 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Tradução André Telles, inclui entrevistas do autor a Ilana Feldman. São Paulo: Editora 34, 2017.

FRANCO, Marielle. **Série Marielle**. Direção José Padilha na Globoplay, 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo 34, 2009.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

Lampejos de uma escrita a partir da imagem: ficcionando a estória

Existe a fronteira. Existe? A mentira é tão verdadeira quanto a verdade, pois a verdade é uma convenção de mentirosos²⁴⁵.

As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura. Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada. Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada. Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos: Que não são embora sejam. Que não falam idiomas, falam dialetos. Que não praticam religiões, praticam superstições. Que não fazem arte, fazem artesanato. Que não são seres humanos, são recursos humanos. Que não têm cultura, têm folclore. Que não têm cara, têm braços. Que não têm nome, têm número. Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local. Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata²⁴⁶.

²⁴⁵ CANÇADO, 1979, p. 9.

²⁴⁶ Eduardo Galeano em *O Livro dos Abraços*.

Imagem 24: Registro das “locas” da Colônia



Fonte: reprodução Luiz Alfredo. Revista *O Cruzeiro*. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/colonia-de-barbacena-o-holocausto-brasileiro-em-imagens.phtml>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material, há seis anos, me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura, delírio²⁴⁷.

Dou

início

ao começo de uma escrita engajada com a invenção e a transformação de si e do mundo, nas verdades que há em uma ficção. Rosimeire de Oliveira Dias, no posfácio da obra *As subjetividades em revolta*, de Heliana Conde, diz: “corajosa história ficcionada que não somente sabe do que está tratando, mas também tem a coragem da liberdade para poder ser e pensar de modos outros”²⁴⁸. Pegando esse gancho da autora, penso que a estória ficcionada é um ato político, na medida em que ela põe em confronto a política da

²⁴⁷ BARRETO, 1993, p. 23.

²⁴⁸ DIAS, 2020, p. 662.

memória do esquecimento. Neste manuscrito, a estória parte de personagens, que tiveram sua existência marcada pela precariedade manicomial. As personagens Flora, Hilda, Elza, Augusta, Guatá e Maria podem ser um produto das muambas que recolhi como caçambeteira ou, talvez, sejam o anjo da história com o rosto virado para o passado. Estas estórias podem ser histórias de uma catástrofe, que acumula os destroços, as ruínas, sendo arremessados/as nossos pés, leitora, no presente. Convido você a parar um tempinho com essas personagens, para acordar os mortos e refazer o que foi destruído. O Zaratustra, de Friedrich Nietzsche, sabe que a verdade é a grande mentira dos seres humanos. Ele diz: “Sim, eu queria que a terra tremesse em convulsões quando um santo cruzasse com uma gansa. Este saiu como um herói em busca de verdades, e enfim capturou uma pequena mentira enfeitada”²⁴⁹. Inventar a escrita é uma PISTA que Caetano Veloso disse uma vez a Maria Bethania, que se arrumava para ir à missa. O baiano prosseguiu: “Eu invento tudo, invento você, porque eu sou deus”²⁵⁰. Maria, naquele instante, foi interpelada pela voz de Caetano, dizendo que ele era deus e, por isso, poderia inventar tudo. Essa força de inventar as coisas, como diz Caetano, torna-se a invenção de outros mundos possíveis através da ficção.

A ficção sempre me intrigou nas estórias que me foram narradas. Enquanto uma criança que adorava ouvir estórias dos adultos, lembro que, após algumas estórias serem contadas a mim, eu logo questionava: “Será que isto aconteceu mesmo... de verdade? Será”? Tio Mané, por exemplo! Ele me despertava uma tamanha curiosidade mediante suas estórias a ponto de eu desejar que elas sempre fossem repetidas. Eu ficava questionando: “Isso é verdade! É verdade mesmo?” A resposta dele era que aquelas estórias foram passadas pelo avô de seu pai, que compartilhou com o pai e depois transmitiu para ele, filho. Ao referenciar o tio Mané, lembro-me de uma cena! Foi num dia em que ele estacionou sua moto velhinha em frente à casa dos meus pais, situada no interior de Minas Gerais. Na época, a minha avó paterna, Nilcia, morava num barraco, no fundo da casa onde a gente morava. Tio Mané foi visitá-la e tomar café. Assim que ele subiu em direção à sua casa,

²⁴⁹ NIETZSCHE, 2011, p. 40.

²⁵⁰ Entrevista com Maria Bethânia na *Conversa com Bial*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZqS0_-IXAU&t=2505s>. Acesso em: 23 jul. 2021.

passaram uns minutos e alguns policiais gritaram: “Oh, de casa!” Saí na rua para ver o que queriam. Eles estavam perguntando de quem era a moto. Eu olhei e respondi: “Não está à venda!” Todos riram. Em seguida... um deles disse: “Olha, esta moto está toda fodida. Não pode circular pela cidade sem placa, com pneu careca. Chama o dono, se não, a gente vai levar ela”. Eu, então, subi correndo para a casa da avó, toda esbaforida, e disse: “Tio Mané, tem um monte de policiais lá na rua. Parece que vão levar a moto do senhor!” Ele, então, continuou tomando o café como se nada estivesse acontecendo! Eu disse de novo: “É a polícia! Vão levar sua moto! Querem falar com cê!” Ele olhou para mim e disse: “Má é memo? Fiedeu!” Avó lançou uma gargalhada e disse: “Essas pessoas não têm mais o que fazer, não? Aqui, não tem bandido”. Então, o tio Mané sentou-se à mesa e pôs-se a beber café e contar estórias. Eu peguei uma xícara de café, aproximei-me de onde estavam e fui ouvi-los. Ficamos ali, os três, conversando um bom tempo, enquanto os policiais aguardavam o tio Mané contar estórias. As estórias do tio Mané eram mirabolantes, mas era tão bem narradas... O discurso dele fabricava verdades não ditas, falavam dos costumes de antigamente, do cotidiano da cidade. Eram fabulações ou fatos verídicos? Nunca soube ao certo dizer. O fato é que aquele homem era um narrador que transmitia experiências.

Sobre o ofício de narrar ou escrever ficção, Michel Foucault diz:

[...] nunca escrevi nada além de ficções. Com isso não quero dizer que elas estejam fora da verdade. Parece-me plausível fazer um trabalho de ficção dentro da verdade, introduzir efeitos de verdade dentro de um discurso ficcional e, de algum modo, fazer com que o discurso permita surgir, fabrique, algo que ainda não existe, portanto ficcione algo. Ficciona-se a história partindo de uma realidade política que a torna verdadeira; ficciona-se uma política que ainda não existe partindo de uma verdade histórica²⁵¹.

É fabulando, ou melhor, ficcionando a história, que apresento a você, leitora, a interpelação narrativa das personagens Flora, Hilda, Elza, Augusta, Guatá, Maria... mulheres exiladas no contexto do hospício Colônia de Barbacena (MG). Elas nascem de uma escrita imbuída na arte de narrar frente a imagem. Torno “eu”, autora, caçambeteira, narrando a imagem

²⁵¹ FOUCAULT, 1980, p. 75.

em primeira pessoa. Esta escrita é assim: “autoficcional”. Quando escrevia os textos, fui me afetando com as demais imagens, que trago aqui para vocês. Ao me defrontar com o que via, era primeiramente “eu” lidando com as minhas memórias, afetos que as demais imagens condicionavam em “mim”. Era como se essas imagens me “solicitassem um relato”²⁵²! A experiência de escrever estas narrativas foi desconfortável no sentido de que algumas coisas para serem escritas doem, desorienta, nos desloca para outro movimento mais de silêncio, e olhar atento ao cuidado da responsabilidade de assumir essas vidas vividas ficcionadas.

Senti, diversas vezes, certo incômodo no estômago, uma sensação de estar levando um soco! Um dia da “quarentena”, saí em busca de ajuda médica! Disse para o médico: “Sinto dor no estômago e acho que tem aver com a escrita da minha dissertação ou tem aver com os meus processos, sabe? Minhas crises pandêmicas”. O médico, então, ficou olhando com espanto, como se pensasse: “Que mulher loca!” E, talvez, naquele dia, eu tenha transloucado mesmo. Resultado! Saí do posto de saúde com uma receita médica! No caminho, peguei aquele papel e amassei com muita vontade! Suspirei forte e pensei comigo: “Tudo errado! Não é hora de crise! Repita isso: não é hora de crise!” Antes de retornar para casa, passei na casa da tia dos chás e disse a ela: “Preciso de ajuda! Quero plantar uns chás! Ora, tia... esses que deixam a gente mais calma, mais sensível e flutuando como se tivesse andando pelas nuvens, sabe?” Ela olhou para mim e disse: “Menina! Entra aí. Vou benzê ocê primeiro!” Depois da reza, ela arrumou algumas ervas de camomila, hortelã e alecrim. Cheguei à casa da vovó materna Libia com aqueles ramos em mãos. Ela olhou para mim e disse: “Que isso?” Eu disse: “CHÁ!” Passei a minha tarde trabalhando com a terra, plantando! Todas as tardezinhas, às 17 horas, eu me encontrava regando com água os meus chás e às 18 horas em ponto, debaixo de um pé de limão, eu me colocava em silêncio e ia ler em voz alta meus textos em companhia de um chá. Era a minha hora sagrada, hora de sentir, hora de ouvir, hora de cultivar os meus textos e ouvir em voz alta o que eu havia feito com as palavras. Tornava-me ali, naquelas tardes, uma narradora caçambeteira lendo o que inventei.

²⁵² Grifos meus.

Tais narrativas, que aqui comparecem, vem da força dos encontros com a música, dos filmes, das coisas que a gente também vive na pele. As narrativas de Flora, Hilda, Elza, Augusta, Guatá e Maria, vêm das marcas que nos compõe nesta vida regada aos bons encontros, embora a vida seja também feita pelo viés dos desencontros. As estórias narradas partem da inquietação de olharr as imagens sem nomes e legendas, que, agora, têm um nome, têm estórias e experiência para contar. As imagens que comparecem são de autoria de Luiz Alfredo, publicadas na revista *O Cruzeiro* no ano de 1961. Nessa medida, a ficção acarreta verdades na estória e repercute lampejos de luz num passado, que nos atormenta no presente. As memórias de Flora, Hilda, Elza, Augusta, Guatá e Maria são dignas e competentes de entrar na escrita da estória. São rastros de uma memória que luta para não cair no esquecimentos, como atesta Jean Marie Gagnebin: “O rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente”²⁵³.

***²⁵⁴

Neste exercício de experimentação de contar as estórias não contadas pela história, venho utilizando o termo “estória”! Tal escolha se dá ao pensar que todas as vezes que se utiliza o termo estória isso dispara uma sensação de que o seu uso não tem tanta serenidade como o uso de história. Assim, reflito sobre a importância de resgatar tal uso quando se trabalha com a contação de estórias ou com uma escrita ficcional. O termo “estória” foi cunhado por João Ribeiro no ano de 1901. A princípio, refere-se à ficção: ora mirabolante, inverossímil, narrativas ficcionais. Guimarães Rosa, através do seu processo criativo, traz a distinção de estória/história: “A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A Estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota”²⁵⁵. Nas palavras de Paulo Rónai: “Estória é o neologismo que distingue a história como conto, isto é, relato de acontecimentos fictícios da história como registro de acontecimentos reais da vida de povos e países”.

²⁵³ GAGNEBIN, 2009, p. 44.

²⁵⁴ O uso da estória

²⁵⁵ ROSA, 1985, p. 7.

***²⁵⁶

Todas essas experimentações tiveram como objetivo contar a estória a contraPElo no sentido de produzir arrepios nos pelos. Essa ótica parte do conceito, o qual Walter Benjamin ressalta sobre o conceito de história em uma de suas teses. Ele diz que a tarefa de uma narradora consiste em “escovar a história a contrapelo”²⁵⁷. Em outras palavras, é dizer o que ainda não foi dito. Eu me aproximo do conceito tão potente na obra benjaminiana e trago estórias que recolhi na minha caçamba que traz movimentos de arrepio dos pelos. Nessa perspectiva, tudo começou quando me choquei com dados da presente dissertação de Maristela Duarte, intitulada *Ares e Luzes para mentes obscuras: O Hospital Colônia de Barbacena: 1922-1946*. Tais dados me fizeram arrepiar os pelos ao encontrar com suas análises quantitativas, a respeito do levantamento das práticas que se deram no internamento de mulheres e homens. Os diagnósticos, que atravessaram as mulheres do Colônia nos anos de 1922-1946, são: alcoolismo 5,6 %; demência precoce 4,1%; epilepsia 7,0%; esquizofrenia 10,3; histeria 1,8%; idiotia 2,9%; mania depressiva 1,8%; oligofrenia 2,9%; psicose maníaco-depressiva 9,6%; não é louco 0,9%; nada consta 29,3%. A raça das internas do Colônia, segundo seu olhar, aponta: amarela 0,0 %; branca 47,0%; parda 31,2 %; negra 19,5 %; nada consta 2,3 %. Já as práticas que atravessam os homens são: alcoolismo 9,5 %; demência precoce 5,0 %; epilepsia 9,5 %; esquizofrenia 9,0 %; histeria 0,0 %; idiotia 4,0 %; mania depressiva 0,0 %; oligofrenia 4,0 %; psicose maníaco-depressiva 8,5 %; não é louco 0,0 %; nada consta 32,5%. A raça dos respectivos internos do Colônia: amarela 0,0%; branca 47,7%; parda 36,5%; negra 16,8%; nada consta 3,0%.

Frente a isso, a cotação confeccionada por Maristela Duarte, disparou incômodo(s) em mim. A observação que faço, a partir desse acontecimento, é que o fator NADA CONSTA, pode ser interpretado como um analisador preponderante no sentido que me fez pensar nas existências que foram apagadas, ou seja, os ninguém do arquivo manicomial. Também me fez pensar como essas vidas foram produzidas como números, e suas experiências e histórias foram apagadas. Tais vidas haviam sido enquadradas e

²⁵⁶ Dados de arrepiar os pelos.

²⁵⁷ BENJAMIN, 1985, p. 225.

apresentadas por “cotação” numérica (quantitativa), e não “contação”: “Quando lemos a respeito de vidas perdidas com frequência nos são dados números, mas essas histórias se repetem todos os dias, e a repetição parece interminável, irremediável”²⁵⁸. Dessa maneira, os dados que Maristela Duarte trouxe em sua dissertação são de arrepiar os pelos. Ao mesmo tempo, ela me dispara a pensar no apagamento de subjetividades não comportadas, inclassificáveis. Penso que as experiências das pessoas exiladas no hospício Colônia não sejam suficientes de serem contadas através de dados numéricos, pois é como se estivéssemos narrando pedaços de seus corpos. Os números passam e afogam as experiências! São vidas que viram números! Até que ponto os tais números podem nos afetar? Produzir o luto? Afinal, questionamos que vidas são essas por detrás dos números?

Nessa perspectiva, as narrativas ficcionais-reais (real x imaginário) partem aqui de narrar subjetividades não comportadas, que não cabem nos diagnósticos psiquiátricos. São insubmissas, desobedientes, afrontosas mediante o sistema heteropatriarcado, sexista, misógino, racista, heterossexual e normativo. Em suma, depois que Flora, Hilda, Elza, Augusta, Guatá e Maria se apossam de nós, indagamo-nos como é manchar a vida de alguém por meio de um diagnóstico da loucura, sentenciando-a à “morte” em um hospício? Fiquem com os sopros dessas mulheres. Que elas possam nos ensinar as verdades ficcionadas da vida. Que possam simplesmente existir, pois eu as imaginei mediante tempos em que me questionava sobre seus olhares, que me pediam notas, relatos de si, de mim! Chego à inconclusão que elas são pedaços de gentes espalhadas pelos sertões de Minas Gerais, que “ligavam Minas ao porto, ao mar, caminho de ferro, mandaram arrancar”²⁵⁹.

²⁵⁸ BUTLER, 2018, p. 29.

²⁵⁹ No ano de 1966, o governo militar decretou a desativação da Estrada de Ferro Bahia-Minas, que ligava Minas Gerais ao mar. Desde esse momento, várias cidades, que viviam em função dessa ferrovia e que nela tinham seu único meio de comunicação, ficaram no abandono, no esquecimento, quase em ruína (Grupo Corpo se juntou para um espetáculo, que nos conta a história da estrada de ferro que ligava Bahia a Minas).

Imagem 25: Hilda

Fonte: Hospital Colônia de Barbacena. Foto de Luiz Alfredo, 1961.

estou

toda

desajeitada hoje. Têm dias, eu abro os olhos para o Sol toda bagunçada de lembranças. Não sei se vou conseguir ser muito clara com as minhas palavras. Estou até tremendo, olha? Isto me ocorre, porque eu não quero falar de mim, quero dizer de uma amiga que conheci aqui. Ela se chama Juju. Éramos próximas. A gente contava causos, vivia se escondendo atrás dos becos do pavilhão “Zoroastro Passos”. A gente evitava ficar gritando ou tentar fugas no hospício. Quando as enfermeiras e freiras da igreja chegavam por aqui, eu e Juju dávamos no pé. A gente era distante delas e em silêncio. Só com a gente que as palavras saíam da boca. A Juju era calada, mas por dentro Ela era uma explosão. Ela foi criada por uma família judia. Dizia Ela que seus entes familiares vieram para o Brasil para fugir da guerra. Ela escrevia coisas lindas. Eram textos que dançavam rimando em si. Dizia ela que era Poeta (com P maiúsculo). Ela sempre ressaltava isso. A Juju era de andar pelo hospício com seu caderninho debaixo dos braços em silêncio. Todo mundo tinha um grande respeito por Ela. Ela dormia no cantinho do pavilhão “Zoroastro Passos” destinado

para mulheres indigentes. Toda manhã, ela mesma recolhia as folhas de capim e as punha no pátio para secar ao Sol. Ficava ali de olho no capim enquanto escrevia. A gente era amiga de outras vidas. Ela tinha um jeito meio estranho de falar, mas eu conseguia entender. Todos os dias, ao nos vermos, a gente se abraçava e eu sentia o calor do corpo dela. Era um jeito nosso de sentir que estávamos vivas. Depois, cada uma contava dos planos quando as portas do hospício fossem abertas, quando essa guerra tivesse fim. A gente imaginava que, um dia, a deusa iria descer aqui na Terra e nos salvar. O fato é que ela nunca apareceu. Juju dizia: “Se ela não vem, é porque nós é que somos as deusas”. A Juju era ressentida com um tal de **Raimundo**. Ele foi um amante dela e um dos responsáveis por encaminhá-la para o manicômio. Ele, também, era poeta e ambos trabalharam juntos em uma editora de livros. Juju tinha um sonho de publicar um livro. Ao pedir a **Raimundo** para revisar o texto, ele fez vários questionamentos a Ela dizendo que o texto era de uma doente mental, que aquela história era nojenta, que ela se rebaixou como mulher e como escritora. Ele aconselhou Ela a jogar a obra no lixo e escrever como uma Poeta, e não como uma amante vagabunda. Juju ficou mal nesse dia, terminou o expediente na sexta feira e não topou encontrar **Raimundo** no motel conforme era de costume. Ela invés disso, foi para um bar. Raimundo passou em frente a esse barzinho e viu Ela em uma roda de samba rodeada de homens. Ele teve uma crise de ciúmes, entrou no bar e tentou tirá-la à força. Juju ficou brava e disse para ele: “Você é um babaca que se acha deus, né? Eu não sou sua mulher, Raimundo! Vai cuidar da sua família!!!” **Raimundo** saiu dali enfurecido. Na segunda feira, ele a olhou com um olhar de hostilidade. Na sexta-feira, o senhor Zezinho, dono da editora Rumo ao Progresso da Pátria, chamou Juju até sua sala e a despediu. Orientou-a para que juntasse suas coisas e deixasse o emprego. Ele disse que a cidade toda estava comentando sobre a cena do bar, que não admitiria trabalhar com uma puta e que prezava pelos homens da sua editora. A Juju se recolheu em si e não disse absolutamente nada. Antes de sair, Ela questionou o senhor Zezinho se **Raimundo** também seria mandado embora. Ele respondeu: “Ora, ora, ele é um escritor de primeira, Julia! Até me disse ontem que está escrevendo um romance que vai se chamar *Piscatuntingã*”. “Mas, senhor Zezinho, esse é o título do livro que escrevi e solicitei a revisão de **Raimundo**!” “Ora, como você é atrevida, Julia!” Naquele mesmo instante, Juju não deixou isso a limpo, não né? Ela ficou esperando o **Raimundo** sair do expediente. Ela queria tirar a limpo essa história do livro dele ter o mesmo título de sua obra, haja vista que ele mesmo já havia

advertido que era um escrito de uma mulher doente! E não é que isso deu em barraco? Esse tal de **Raimundo** é um pilantra. Ele começou a gritar na rua que a Juju era uma doente mental, que estava em estado de delírio: “Primeiro, ela diz que é minha amante. Agora, me acusa de plágio? Ela só pode ter ficado louca. Louca. Louca...” Diante desse ocorrido, Ela não se conteve e disse que ele era um falso, dissimulado, um traidor. Naquele furdunço, o senhor Zezinho, ex-patrão de Juju, chamou a polícia. Ao chegar, os agentes pegaram o depoimento apenas de Zezinho e Raimundo. Ela foi levada para o hospício Raul Soares em Belo Horizonte (MG). Motivo? Loucura. Depois, eles a encaminharam para Barbacena (MG). O dia que Ela chegou aqui, na Colônia, Ela não falava com ninguém. Todo mundo pensava que, por Ela ser judia, Ela não sabia falar a nossa língua. Um dia, aproximei-me dela e entreguei-lhe uma rosa. Recebi em troca um sorriso e um “Obrigada, Hildinha!”. Então, depois desse dia, começamos a criar vínculo. Após, descobri que Ela falava e sabia muito bem o Português. Há exatamente alguns meses, estávamos nos esquentando ao Sol. Juju estava lendo um poema, que havia escrito naquela manhã. Ela começou a ler em voz alta e logo disparou a fazer uns gestos com as mãos. Outras mulheres foram chegando. Por fim, formamos uma roda. Éramos muitas. Na roda, avistamos uma enfermeira se aproximar. Ela foi em direção a Juju. Algumas de nós conseguimos nos dispersar, mas Juju não. Logo, vieram os guardas e mais enfermeiros em direção a Ela. Um deles pegou o caderninho de poemas de Juju. Eu vi tudo. Depois, levaram Ela para a sala de choque. Foi tudo muito rápido, sem nenhum motivo aparente. Essa prática era aplicada recorrente entre nós. Ela ficou uns dias sumida. Depois, voltou. Após o episódio, ficava andando para um lado e para o outro. Ela falava, às vezes, o abecedário todo na sua língua materna. Eu chorei muito quando vi minha amiga naquele estado. Eu dizia: “Ei! Ei! Você vai melhorar, Juju. Logo, logo, você volta. Fala Português, por favor”? Mas, passaram-se dias, meses. Até que vi Juju no chão, durinha, com os olhos abertos. Ela havia ido embora, não aguentou a barra e foi se encontrar com a deusa. Eu passei minhas mãos nos olhinhos dela. Pedi para ela que, quando chegasse ao céu, acordasse a deusa e pedisse para ela vir aqui salvar nós desse inferno. A Juju, que todos os dias falava comigo, que me abraçava e lia seus poemas para mim, que me ensinou a ler e aprendeu muito comigo também, permaneceu dias no pátio, passou a ser mais um cadáver estendido no chão. Antes de levá-la, porque eu sei que eles iriam tirá-la algum dia dali, porque quem morre aqui é lucro para eles e mais dor para nós, eu fui correndo tirar a sua jaqueta (branca) de frio. Aquele

cadáver no chão era mais um entre tantas que já se foram. Dessa vez, a morta era uma poetisa judia, que veio parar no hospício. Mataram-na por “escrever” como mulher, porque ele produzia alegria nesse espaço nas rodas com outras de nós. Ah, Juju, que saudades tenho docê!!! Como diz a canção:

*Amigo é coisa pra se guardar
Debaixo de sete chaves
Dentro do coração
Assim falava a canção
que na América ouvi
Mas quem cantava chorou
Ao ver o seu amigo partir.*

Mas, eu não vou esquecer a nossa amizade. Estou, neste momento, contando a sua estória. Eu já fiz uma promessa para mim mesma, sabe? Aonde eu vou, eu levo a jaqueta de Juju, que consegui tirar correndo antes das enfermeiras levarem seu corpo. Quando eu sair daqui, vou colocá-la de molho com água sanitária.

Imagem 26: Elza



Fonte: Hospital Colônia de Barbacena. Foto de Luiz Alfredo, 1961.

**quantos
eletrochoques**

a gente tem que levar para a velhice chegar? Eu conto os dias, meses e anos. Sei que algum dia ficarei velha. Devo envelhecer no hospício. Em meio à carniça dos médicos, eu sei que não sou louca. É dia após dias, gente de toda região chega no trem de doído e entra por esses portões, como se fossem gente doida, mas quem é mesmo doido são estes que compartilham com essa carniçaria aqui, tá me ouvindo? Cada dia que amanheço aqui, fico mais forte para encarar a existência. As fugas e o som de gentem que esperam pela abertura dos portões me faz ter esperança. Têm dias, fico atordoada ao ver a inquietação de minhas amigas, que esperam alguém da família vir retirá-las dessa prisão manicomial. Mas, se foi os mesmos que nos trouxeram, serão os mesmos que nos buscarão? O **doutor Raimundo** é um homem jeitoso, anda bem vestido, tem uma boa prosa. Ele me disse essa semana que, se eu me comportar, eu não ficarei no beco da morte (É um cômodo escuro, cheio de ratos. Eles jogam gente lá). Eu fui para lá quatro vezes já. O doutô me disse que semana que vem vai me chamar na sua sala. Ele gosta de encostar o pau duro na minha intimidade. Eu gosto de ir, porque lá eu consigo beber café quentinho e dou uma voltinha. Mas, depois que a plasma branca sai do doutô, ele grita comigo. Pede para eu sair imediatamente e me chama de putinha gostosa. Eu saio dali arregaçada, mas me sinto a dama de vermelho no manicômio. Mas, caralho! O que é ser putinha? Já perguntei para minhas amigas. Elas dizem que é gente que trabalha com as intimidades dando permissões. Ué, mas! Eu nuncadei permissão. O doutô já vem feito um cavalo em cima de mim, porra! Eu lembro o dia que o **doutô Raimundo** conversou com Dirceu no dia que chegamos nesse hospício. Era inverno. Estava muito frio. Eu estava com um palitô tão quentinho. O Dirceu, meu ex-homem, disse que eu estava ficando louca, que ele precisa dar um tempo de mim, que a situação em nossa casa estava insustentável, que estava havendo muito ciúmes de minha parte. Olha, eu e Dirceu casamos na igreja do vale do Cajuru em São João del-Rei. Eu tinha 13 anos de idade. Sabia? Ele, 28 anos. Ele era gentil, cavalheiro. Nunca havia aberto minhas pernas antes da permissão do padre no altar sagrado do senhor. Depois do casamento, ele começou a abri-la sem o meu consentimento sempre que ele chegava cachaçado em casa. Eu gritava na nossa cama: “Para, sai daqui! Eu não quero, porra! Você está me machucando!” Ele tampava minha boca e enfiava o caraio com tudo. Com o passar dos anos, eu já tinha até me acostumado. A gente se acostuma com a dor, não é? Mas, olha! O dia em que avistei atrás da igreja o Dirceu passando a mão nas intimidades de Marisa, assim que chegamos em casa, eu gritei com ele. Disse que iria

contar para o padre, para os vizinhos e para a minha família que eu estava sendo chifrada por ele. Depois disso, ele me disse que eu estava doente, que isso era começo de loucura. Uma espécie de delírio, entende? No dia 13 de junho, Dirceu disse que me levaria para um lugar para fazer um tratamento. Eu disse para ele: “Que lugar, homem?” “Para a Colônia. Fica em Barbacena. Vamos pegar o trem depois do almoço. No entardecer, já teremos chegado lá. É para o seu bem, Elza”. Eu vim obrigada e cá estou. Quando chegamos a Barbacena, eu senti um arrepio. Escutei gritos. O **doutô Raimundo** disse que estava tudo certo para o Dirceu. Ele pediu uns réis antes de adicionar os meus dados em um caderno. Disse que o hospício era o meu lugar, que eu iria ficar boa, mais calminha, que logo, logo, eu voltaria para casa. Vendo aquela conversa de Dirceu e o **doutô Raimundo**, eu até pensei que era doida mesmo, que precisa de tratamento. As enfermeiras pediram para eu me despirm e colocar uma camisola azul. Assim o fiz. Tirei brincos, colar, meu palitô e sapato. Dirceu disse para mim: “Mué, fica com deus!” Eu segurei o braço dele com força e disse para ele que aceitaria o caso dele com dona Marisa, que não espalharia para ninguém, que ficaria mais calma, em silêncio junto com as minhas galinhas e plantinhas. Dirceu era um homem de muitos bens. Ele prometeu a papai que cuidaria de mim. Ele era sistemático e seguia a tradição e costumes da época. De nada adiantou esse dito coração bom. Eu não fiquei com deus. Naquele dia, fiquei com o diabo. Têm várias histórias tristes aqui iguais à minha. A que mais se repete é de homens que trouxeram suas esposas para ficarem com amantes. Está tudo anotado no caderno do **doutô Raimundo**. Desse modo, entre ir para a sala de terapia de eletrochoque, eu prefiro ir na sala do douto dar uma voltinha e tomar café. Mas, queria que ele, o doutô, entendesse que não gosto de dar o cu sem meu consentimento. Olha para mim? Estou ficando velha. Olha para as minhas amigas? Nós estamos envelhecendo sem ver a cidade, as ruas, o cheiro do café, as novidades da cidade grande. Eu espero todos os dias que as portas sejam abertas e soltem a gente. Tenho esperança que um dia voltarei a cuidar das minhas galinhas e plantar girassol. Só não espero não estar tão velha e louca.

Imagem 27: Augusta

Fonte: Print. Documentário *Holocausto Brasileiro*, 2019.

meu

nome

é Augusta. O sangue latino corre sobre meu corpo. Minha vida é um tesão, porque eu me permito ser quem eu sou. Concorda? Podem me encarcerar aqui neste hospício, podem me tirar a rua, mas não conseguirão tirar o meu tesão. Minha querida mãe, dona Nazaré, e meu pai, José, sempre me disseram que um dia eu ainda iria me dar mal na vida e que o mundo iria desabar sobre a minha cabeça. Eles nunca apoiaram os meus comportamentos. Vestir saia e passar batom da minha irmã era algo inadmissível naquela casa em que morava eu, mamãe, papai e minha irmã. Mediante os conflitos com meu pai, que jamais aceitou ser pai de uma filha bicha-travesti, resolvi sair aos 15 anos de casa. Fui morar com uma amiga na cidade grande. Batalhei por um emprego. Um dia, consegui uma vaga para trabalhar na farmácia do **Raimundo**. Ele disse que ficou com peninha de a minha pessoa ter vindo da roça, de me avistar pelas ruas, requebrando toda desajeitada, vestindo trajes de mulher. Ele disse que isso não era legal, que, se eu quisesse o emprego, ele arrumaria uma vaga na farmácia. Porém, ressaltou que eu tinha que vestir o uniforme da farmácia, falar feito homem e não usar batom. Topei! Era uma oportunidade. Fiquei dois anos trabalhando com **Raimundo**. Mas, a nossa relação começou a se intensificar na farmácia. Às vezes, ele

atrasava o meu pagamento. Passei a não ter folga e nem horário de almoço. Quando ia questioná-lo, ele dizia: “Olha só, você deveria me agradecer por essa oportunidade, Augusto”. Um dia eu cansei, sabe! Eu não era Augusto. Era Augusta. Esse emprego só me fez mal. Fui muito despotencializada por **Raimundo**. Ele sentia prazer em me menosprezar, rebaixar. Uma semana antes de pedir demissão da farmácia, eu estava frequentando uma danceteria na rua 7 de setembro em Beagá. Telminha, minha amiga bicha-preta, me apresentou um moço chamado Rubel. A gente dançou a noite toda. Depois, fomos para um motel. Foi uma pegação danada, um fogo. Quando o dia amanheceu, Rubel se arrumou de pressa, não quis conversar comigo, não. Só me perguntou quanto era! Eu olhei para ele e disse: “Quanto é o que, garoto?” Ele respondeu surpreso: “Ora, o programa!” Depois daquele dia, ele deixou uma grana boa, e passamos a nos encontrar toda semana. Parece que toda vez que eu sentava naquele pinto duro, ou que ele me pedia para eu comer ele, as portas se abriam. Ora, caralho! Além de gozar gostoso, eu ainda ganhava por aquilo. Tornei nesse role, uma puta atrevida e bem gostosa. Passei a ganhar muito dinheiro com os trabalhos sexuais que realizava durante a vida noturna. A grana que entrava servia para pagar o aluguel, e sustentava uma vida digna. Do Rubel, passei a sair com outros caras. Alguns, eu sabia o nome. Outros, conhecia na hora. Era bom. Com alguns, conseguia gozar. Outros, não! Era, então, porra na minha boca e dinheiro na minha bolsa. Eu consegui organizar os meus clientes fixos e meus horários na rua também, né? Passei a digerir tudo isso como uma profissão. Eu tinha liberdade de ser quem era sendo uma puta-travesti. Não rua, eu não precisava me performatizar essa masculinidade ficcional para ganhar minha grana conforme **Raimundo** me obrigava na farmácia. Mas, nem tudo na vida são flores, não é? Fui educada no puteiro. Havia neste território muita alegria, mas, também, muitas violências e agressão por parte da polícia. Eu ficava esperta com essa gente fardada. Eu percebia que as mortes das minhas companheiras nunca foram divulgadas na TV ou nos jornais com seus rostos e suas histórias. Éramos sempre estampadas como homem cis gay, e nunca como mulheres travestis. Os números passavam a encobrir as nossas experiências, os nossos rostos. Quando a gente fazia o boletim de ocorrência, era sempre correr risco de ser presa, porque sempre foi, neste país hipócrita, proibido ser puta e mulher travesti. Era tudo escondido, e a polícia era o nosso maior inimigo na rua. Então, era tudo debaixo dos panos. Bom, eu vim parar aqui no hospício Colônia quando resolvi fazer um programa para o maldito do **Raimundo**, aquele traste,

meu ex-patrão. Foi uma fatalidade, mas ninguém manda no coração! Um dia, estava na esquina da rua 7 de setembro, era quarta-feira de madrugada, um fusquinha amarelo estacionou ao meu lado, abriu a janela e perguntou quanto era o programa completo. Informei ao cidadão o valor. Ele respondeu em seguida: “Entra aí!” Conheci imediatamente aquela voz. Ao abrir a porta do carro, dei de cara com o maldito do **Raimundo**. Eu não acreditei. Ele disse num tom alto: “Você consegue ser profissional aqui? Faz o seu serviço, que eu pago o dobro”. Entrei no fusquinha e perguntei se seria no carro ou no motel. Ele disse: “Aqui!” Paramos numa rua afastada. Ele pediu para eu comer ele. Ele saiu do carro e se debruçou no capô. Então, eu meti minha piroca com jeitinho. **Raimundo** gemia e pedia para eu falar sacanagens no seu ouvido. Após o ato sexual, ele me pagou o dobro além de ter me deixado em casa. Depois daquele dia, **Raimundo** passou a me ligar diariamente. Não passou alguns meses, eu virei amante dele. Às vezes, chegou a passar pela minha cabeça que ele iria ser meu homem, que eu poderia ser a mulher dele. Mas, não! Ele era um homem tosco, medíocre. No início, tudo estava bom. Depois, ele já não queria pagar e me tratava mal. Era agressivo comigo. Dizia que nenhum homem iria ficar com uma travesti e puta. Eu me apaixonei por um cara que sempre me rebaixou, diminui! Nunca me comeu gostoso, como eu comia ele. Porque eu insistia em permanecer ali? Lembro que um dia na cama, **Raimundo** disse que eu era dele, e ele meu. Era uma obsessão, e uma violência misturada. Eu ficava de cima dele. Cobrava atenção, carinho e que ele largasse a família, e me assumisse. Minha raiva havia se transformada numa paixão devastadora. Mas, não deu certo! Eu era apenas alguém que fazia ele gozar, que comia ele. Ele se cansar de mim! Quando a batata esquentou, ele não quis mais me ver e fugia de mim como o diabo foge da cruz. Foi, então, que a cidadezinha estava toda comentando que ele tinha uma amante, que era outro homem. Para acabar os boatos, ele, então, me entregou para a polícia! Estou no hospício por ter sido amante de um homem cis casado, que não me assumiu. Bom, eu nem sei porque eu insisto em falar deste monstro. Eu o enterrei da minha vida. Eu penso que o Estado tem uma dívida com as putas a ser paga, e que ele não pode ser pagar, porque ele é impagável. Tentam nos calar, nos tirar o tesão com eletrochoques, mas não conseguirão, porque cada uma de nós que morre, renasce de um jeito mais forte na outra. Então, eu tenho meu caderninho aqui, sabe? Faço programa dentro do manicômio, porra! Quando a gente sair daqui, eu faço questão de cobrar um por um...

Imagem 28: Maria²⁶⁰

Fonte: Print. Documentário *Holocausto Brasileiro*, 2019.

Eu

sou

a mais velha dentre meus 12 irmãos e me chamo Maria. Lá em casa, meus pais sempre deram o duro para colocar comida em casa. Como eu era a mais velha, ficava por conta de ajudar mamãe com as tarefas de casa. Papai levantava cedo com o Sol ainda escondido. Mamãe levantava da cama para pôr lenha no fogão e colocar a água para fazer o café. Logo, papai gritava: “Eh, mué! Hoje, o dia vai ser pesado”. Parece que todos os dias eram pesados para aquele homem, que levantava antes de o Sol nascer para trabalhar na fazenda. Quando o galo cantava, mamãe gritava: “Acordar, minha gente!” Tomávamos o café e cada um ia fazer sua tarefa do dia. Os homens sempre acompanhavam papai, e as mulheres sempre ficavam dentro de casa com a mamãe. Eu sempre tive vontade de acompanhar os homens! Eu vestia as camisas e calças de João, meu irmão mais novo! Mamãe e papai, por fim, cansaram de me proibir! Aceitaram eu vestir as roupas do João desde que eu não saísse fora de casa. Aos finais de semana, tinha o forró no Sô Chico. A gente se arrumava para curtir o baile. Íamos de charrete. Zezinho, meu irmão, é que levava a gente... Mas, para ir para o forró, tinha que pôr os vestidos, que mamãe fazia para mim! Eu tinha certa dificuldade de as pessoas me

²⁶⁰ Nome fictício. Maria é aqui esta sentada.

verem com aquelas roupas de florzinha. Então, meu irmão **Raimundo** era bem claro comigo, ou eu vestia vestimentas femininas, ou ele não me levaria, pois tinha vergonha de ver eu com roupas de meninos. Para ir ao forró então, eu tirava as botinas, a calça e a camiseta de João. Punha o vestido. Lá no forró, eu não gostava de dançar com meninos. Eles sempre chegavam de mansinho até mim e eu recusava. Eu ia mesmo era para ver a Julieta dançar. Ela dançava tão fofinho. Mas, nunca tive coragem de chegar nela e pedi-la para dançar comigo. Eu era muito tímida, viu? Ficava vermelha igual um tomate. A gente conversava bem pouco, mas, depois que o Zezinho, meu irmão mais velho, começou a mostrar interesses nela, as coisas mudaram. Ela ficava mais no jeito com nós. Certo dia, Zezinho a convidou para ir até a nossa casa comemorar o meu aniversário. Mamãe iria matar uma galinha e fazer um bailão. Zezinho, então, pediu ao pai de Julieta para deixá-la ir. E não é que o homem a liberou! Ela encomendou que a sua mãe fizesse um vestido para mim de aniversário. O vestido era de bolinhas vermelhas com estampa amarela. Quando ela me deu aquele presente, eu fiquei com vergonha. Disse: “Agredicida”. Ela sorriu. Nós, sorrimos. Zezinho pediu a papai para ligar a vitrola. Ao som de João Mineiro e Marciano, eu via Julieta dançar com Zezinho no meu aniversário na minha frente. Na próxima música, Julieta disse: “Deixa eu dançar com a aniversariante, Zé!” Ela pegou em uma das minhas mãos. Eu suava tão frio. Ela disse: “Você sempre fica me olhando e nunca chega perto. Você não gosta de mim, não?” Eu respondi: “Eu não sei dançar”. Ela, então, sorriu: “É fácil. Vou te ensinar”. Em postura de dança, a gente contava os passos enquanto sorriamos juntas e abraçadas uma na outra. Papai e mamãe logo gritaram: “Eh, Zezinho, vai lá. Nunca vi mué com mué dançar”. Zezinho se aproximou de nós. Mas, Julieta se recusou a dançar com ele, porque ela queria me ensinar e continuar abraçada comigo. Meu irmão perdeu a paciência, resolveu desligar a vitrola e chamou a Julieta para ir embora. Eu fui dormir em seguida! A festa acabou! Eu senti que havia feito algo de muito errado naquela noite. Mas, o olhar e o jeito de Julieta comigo foram diferentes! Fui dormir com o seu cheirinho. Acho que gostava de gostar dela. No final de semana, eu queria muito ir para o forró, mas Zezinho disse para painho que não iria me levar, porque eu estava dando muito trabalho por lá. Eu fiquei brava, né? Disse que iria dormir. Esperei mãe e pai irem para o quarto, arriei o cavalo e fui para o forró vestido com as roupas de João. Quando fui chegando, Julieta foi correndo me encontrar. Zezinho gritou comigo: “Ah,

mas que isso Maria?” “Isso o que Zé?” Julieta me pegou pelas mãos e fomos para a roda dançar. Os peões ficaram tudinho rindo de nós. Riam da minha roupa, do jeito como a Julieta me apertava forte. Foi subindo um calor, quando Julieta encostou os lábios nos meus! Os peões gritaram por Zezinho. A gente foi separada uma da outra como se a gente tivesse cometido um crime. Zezinho tirou a minha roupa na frente daquela gente de botina. Em seguida, me bateu muito com o chicote do cavalo. A Julieta foi embora correndo naquela confusão toda. Ao chegar em casa sem roupa, mamãe e papai ficaram do lado de Zezinho. Desesperado de raiva, meu pai arrancou a correia da cintura e me chicoteou umas quatro vezes. Foi mamãe que entrou na frente dele com uma nossa senhora Aparecida nas mãos pedindo pela santa para ele parar. Quem cuidou de mim naquele dia foi João, meu irmãozinho companheirinho. Ele me deu banho e ajudou a me deitar. Eu nem conseguia sentir dor. Só pensava naquele beijo que Julieta me deu. Só pensava nela, só nela. Ao amanhecer, mamãe pediu para arrumar minhas coisas, que a gente iria pegar o trem para Barbacena. Ela estava chorando e disse: “Fia, cê vai sarar e voltar logo”. Eu fui colocada à força no trem. Me adoeceram por causa de um beijo que dei na mulher que amava. Estou aqui no hospício desde o último dia que fui arrancada à força dos braços de Julieta. Eu só consigo pensar nela. Já tomei muito eletrochoque aqui por conta das tentativas de fugas! Quando eu sair daqui, quero encontrar Julieta e encostar os nossos lábios de novo. Vou pedi ela em casamento. Cês serão tudinho convidado, viu?

Imagem 29: Guatá



Fonte: Luiz Alfredo, 1961.

venho

de

um sopro, de um soco no estômago, de um orgasmo. Nasci na beirada de um rio Watu²⁶¹, conhecido como rio Doce, que fica entre Minas Gerais e Espírito Santo. Sou filha de indígenas. Na época, isso faz uns 10 anos, os agentes do Estado começaram a fazer parte do nosso cotidiano na Colônia Krenak. Os soldados ficavam vigiando e diziam que estávamos proibidos de fazer os nossos rituais, de fazer o uso de álcool, de falar a nossa língua²⁶². No ano de 1969, foi fundado um reformatório para indígena conhecido como Colônia Krenak²⁶³. Eu fui encaminhada para lá várias vezes. Motivo? Os não indígenas (soldados), que trabalham para o Estado, me viram fazendo *cunin*²⁶⁴ com outra mulher. Passei a ser uma presa política na instituição Krenak e vivi algumas experiências de assédio e violência sexual na Colônia. A mais intensa delas ocorreu com o capitão Pinheiro. Ele me chantageou e disse que se eu não deitasse com ele, ele iria me mandar para outra “Colônia”, longe dos meus parentes. Eu tive nojo dele. Quando ele se aproximou, querendo fazer *cunin*, eu meti um porrete na cabeça dele. Então, ele caiu e se feriu bastante. Eu fui pega por outros homens dali. Eles abusaram sexualmente de mim. O coronel não deixou que me matassem e me jogassem no Watu como fizeram com meus outros parentes. Ele telefonou para o médico **Raimundo** e combinou que iria levar uma mulher indígena com sinais de loucura, uma invertida, para o manicômio Colônia de Barbacena. Chequei aqui amarrada no carro da polícia. Ao entrar no pavilhão, fui acolhida por outras mulheres. Elas sempre andam em bando por aqui. Eu cheguei bastante machucada e não conversava com ninguém. Assustei-me com o lugar e com o povo não indígena. Com o tempo, fui me acostumando, fui fazer meus artesanatos com as folhas das árvores e pedras, e pus-me a escutar histórias do povo que vive aqui. Aqui, tem mais índio,

²⁶¹ “O Watu, esse rio que sustentou a nossa vida às margens do rio Doce, entre Minas Gerais e o Espírito Santo, numa extensão de seiscentos quilômetros, está todo coberto por um material tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que nos deixou órfãos e acompanhando o rio em coma. Faz um ano e meio que esse crime – que não pode ser chamado de acidente – atingiu as nossas vidas de maneira radical, colocando-nos na real condição de um mundo que acabou” (KRENAK, 2019, p. 39).

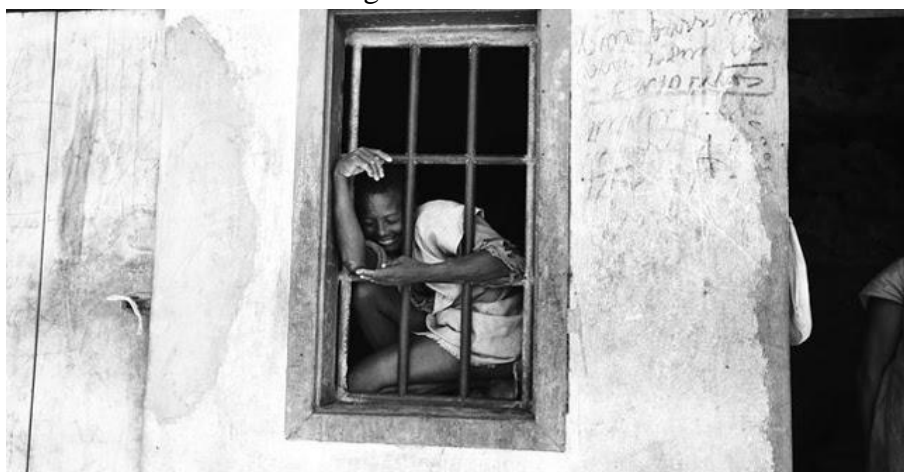
²⁶² “[...] não podia ser alegre, acender fogo, falar a língua, tomar um gole”. Fala de Dejanira Krenak, de 65 anos. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2016/01/24/da-prisao-na-ditadura-a-contaminacao-do-rio-doce-as-tragedias-dos-indios-krenak/>>. Acesso em: 24 set. 2020.

²⁶³ Reformatório camuflado de “Colônia”, criado no período de chumbo. O documentário *Krenak*, dirigido por Rogério Corrêa (2000), nos dá algumas pistas sobre esse episódio, no qual os Krenak foram perseguidos, torturados, assassinados e quase exterminados durante a Ditadura Militar (1964-1985).

²⁶⁴ Fazer *cunin* significa fazer amor (TREVISAN, p. 2015, 2018).

viu? E não tem problema de cabeça ou coisa do tipo. Eu sinto saudade da Nayã. Eu a amo! Sinto saudades de dormir com ela na rede e de fazer *cunin*. Quando sair daqui, eu quero olhar para os olhinhos de Nayã. Eu temo pela vida dela! A gente prometeu não morrer. O hospício é uma máquina de matar gente. Aqui, ninguém está interessado em cuidar de ninguém. Sempre que vejo uma mulher saindo da sala de eletrochoque, ou que sofreu algum abuso como estupro, eu corro para benzer ela. Faço os rituais que o Pajé Kiron me ensinou. Dá certo! Sempre me procuram aqui dentro para eu benzer. Dizem que sou bruxa, que cura a dor de existir no manicômio.

Imagem 30: Bernades



Fonte: Luiz Alfredo, 1961.

meu

pai

Raimundo sempre foi um homem bruto. Ele era famoso na região por resolver as coisas à base da espingarda. O dia que ele fazia uso da cachaça, era um inferno. Ele chegava em casa gritando e batia na mamãe na frente dos filhos. Com o passar do tempo, fui me silenciando, porque aquelas cenas me faziam morrer aos pouquinhos. Sempre me perguntava: “Por que um homem feito meu pai tem o direito de bater em uma mulher, que sempre cuidou tão bem de nós?” Eu não queria ser daquele jeito! Não queria ser homem, porra! Porque o homem com quem tive a oportunidade de conviver foi um monstro comigo. Eu amava cuidar do jardim, cozinhar e ajudar mamãe nas costuras. Foi a mamãe que me ensinou a costurar. Eu adorava fazer colcha de fuxico. Meu pai não aceitava que eu ajudasse mamãe nas encomendas de costura. Achava que eu tinha que trabalhar debaixo do

sol, pegar na enxada, ajudá-lo a tirar leite. Não teve escapatória, aos 16 anos, ele disse para mim: “Amanhã, você vai me ajudar no retiro com as vacas”. Então, gritei com ele: “Mas, papai! Eu tenho que ajudar a mamãe com as costuras!” Ele, então, gritou: “Você é homem, caraio! Homem pega na enxada! Veja Bernardo, com cinco anos, eu ajudava meu pai!!! Você vai aprender a trabalhar feito um homem, rapaz”. Eu achei ridículo aquele discursinho dele. Dormi chorando! Eu não sabia pegar na enxada. Eu tinha repugnância do cheiro de curral. Eu queria ir para cidade, ir para escola, conhecer outras pessoas! Mamãe, antes de dormir, tentou convencer papai dizendo que precisava de mim na costura. Ele, então, tampou a boca dela e depois gritei alto: “Vai limpar essa porra na sua bunda, vadia”. Passei, então, a levantar de madrugada! Ia para o curral tirar o leite com outros piões. Meu pai sempre gritava comigo quando falava fino e manso. Ele dizia: “Fala igual homem, Bernardo”. Com o tempo, os piões foram se acostumando! Todos ali riam da minha cara. Já desconfiavam que eu era bicha. Certo dia, pela manhã, era segunda-feira, meu pai contratou um rapaz para se juntar com outros piões nas tarefas. Ao avistá-lo pela primeira vez, meu coração acelerou. Ele era um homem bonito, educado, doce com as palavras. Com o passar dos meses, comecei a sentir desejos sexuais por ele. Ele se chamava Juliano. Sempre me ajudava e se mostrava disposto a me ensinar. Quatro meses trabalhando na fazenda de meu pai, Juliano realizou um de seus sonhos! Comprou uma moto Vespa. No dia em que foi trabalhar com a sua motinha, ele estava alegre e me chamou para ver o pôr do sol. Eu fui. Me acomodei na garupa daquele rapaz. Pude sentir o vento sobre meu rosto. Eu segurava na sua costela. Senti seus pelos no peitoral. Ao chegar na serra, sentamos próximos. Ele, então, pediu licença para falar mal de meu pai, dizendo que o achava misterioso! Eu sorri, apenas. Depois que o Sol se pôs, tomei a coragem de me aproximar dos lábios de Juliano! Ele ficou vermelho e tímido. Perguntou se eu estava certo disso! Consegui apenas responder: “Uhum”. Então, nos beijamos. Senti o gosto do cigarro na saliva e o volume da sua piroca encostando na minha coxa. Foi me dano um suador, oxii! Eu fiquei excitado! Sabe? Não queria parar. Ele, então, me convidou para ir para casa dele. Era próximo de onde estávamos. Eu quis ir! No caminho, já sabia que a gente iria fazer amor! Era minha primeira vez. Eu confiava naquele homem! Ele sabia o que estava fazendo! Foi na sua cama que senti desejada! Na segunda-feira, agimos como se nada tivesse acontecido. Tínhamos cautela e cuidado com os outros piões e, principalmente, com meu pai. Mas, cá entre nós, a gente sempre dava umas escapulidas, né? Sumíamos do

nada na hora do expediente de serviço. Mas, acontece que, um dia, a casa cai! Meu pai ficou sabendo por meio de boatos no bar que o Juliano gostava de homi! Então, meu pai, chegou bruto em casa. Dizia com voz debochada que descobriu que Juliano era bicha, que os homens da venda estava comentando. Minha mãe disse: “Olha, **Raimundo**, fica na sua! Isto não é problema seu, homem”! Eu fiquei aflita, ansiosa. No outro dia de trabalho, meu pai reuniu os homens em roda para dizer que não admitia trabalhar com viado”. Juliano e eu gelamos. Os homens começaram a rir. Ninguém estava entendendo nada. As coisas estavam quentes por aqueles dias. Eu e Juliano resolvemos não nos ver, dar um tempo até a poeira baixar. Ficamos um mês sem se encontrar. No dia 13 de outubro, eu iria fazer 18 anos. Queria passar meu aniversário com Juliano. Ele era o único que me entendia por aquelas bandas. Comentei com mamãe que iria passar com meus amigos e primos. Mas, estava mentindo. Eu iria para casa de Juliano! Mamãe, então, disse que meu pai iria me dar um presente, que era para eu não marcar nada por enquanto. Ao entardecer, meu pai disse que era para eu me arrumar, colocar uma botina e a minha melhor roupa, que iríamos comemorar meu aniversário em bom estilo. Achei aquela fala dele muito estranha. Foi então, que na noite do dia 18, meu pai me levou para a “Zona”. Na hora, não acreditei! Havia ali alguns amigos dele e muitas mulheres. Eu não estava me sentindo bem e disse para ele que iria embora. Ele pegou no meu braço e disse: “Bernardo, é hoje! Vou te dar de presente sua primeira noite com uma mué. Você pode escolher qualquer uma. Vamos!” Eu comecei a tremer. Fiquei com vergonha. Havia muita gente me olhando. Meu pai gritou: “Vamos lá. Escolhe, Bernardo!” Eu tive medo. Eu fui ao banheiro e não queria sair dali. Se eu não escolhesse nenhuma mulher, meu pai iria me espancar ali mesmo. Então, olhei para o espelho, pedi proteção a Nossa senhora (Exu), rezei uma Ave Maria... Saí rápido do banheiro e puxei pelo braço uma mulher negra, alta. Entramos em um quarto. Até hoje, eu consigo lembrar do cheiro dela. Ela me abraçou. Eu tremia como uma vara verde. Ela, então, se despiu e veio até mim. Fechei os meus olhos. Então, ela disse: “A gente não vai fazer nada que você não queira”. Ela sentou na cama e disse: “Deita aqui no meu colo, porra!” Eu só sabia chorar. Ela passou as mãos no meu rosto: “A gente vai ficar aqui assim até passar uma hora. Ninguém precisa ficar sabendo que a gente não trepou. Você vai me prometer que vai ser quem você é! Se conhecer e buscar seu caminho? Eu pude escolher os meus caminhos! Ninguém precisou pôr o dedo na minha cara e dizer o que eu tinha ou não que gostar, garoto!” Uma hora depois, eu saí daquele quarto! Meu pai veio em minha

direção me cumprimentar! Dizer parabéns: “Eh Bernardo, estou orgulhoso de você. Agora, você é um homem completo meu filho”. Eu fui para casa me sentindo um lixo. Depois dali, meu pai espalhou para todos os piões que eu havia trepado pela primeira vez. Comecei a notar que Juliano começou a me evitar. Cheguei a dizer para ele: “Heiiii, Ju! Não aconteceu nada entre eu e aquela mulher aquele dia na zona”. Ele continuou me ignorando. Eu não entendia qual o motivo daquele teatro todo dele. Eu comecei a desconfiar que Juliano poderia estar com outra pessoa, sabe? Ele passou a me evitar constantemente! Mas, foi uma fatalidade e ao mesmo tempo, importante o nosso último encontro! Fico até aflito só de lembrar. Olha o meu suador? Foi assim... Na sexta-feira, meu pai dispensou os peões mais cedo e disse para eu ir para casa ajudar mamãe com a janta, que logo, logo, chegaria. Eu corri e disse para Juliano que podíamos ficar mais um tempinho lá para conversar se ele quisesse. Ele disse que não estava afim, que teria que ajudar meu pai na organização do curral. Achei que alguma coisa ali não estava se encaixando. Deixei o curral e subi devagar. Me escondi atrás de uma moita. Fiquei esperando todos os piões irem embora. Notei que Juliano havia permanecido por lá junto com meu pai. Ao passar meia hora, resolvi me aproximar. Imaginei que meu pai poderia agredir ou mesmo matar Juliano naquele dia! Aos poucos, fui me aproximando e pude escutar gemidos. Ao chegar mais perto, avistei meu pai masturbando Juliano. Eu saí fora da realidade. Era demais para mim! Ali mesmo, criei coragem. Fui lá aonde eles estavam e disse: “Papai, a janta está pronta”. O DESGRAÇADO gritou: “Porra, Bernardo, o que você está fazendo aqui?” Juliano se vestiu e saiu em seguida... Eu subi para casa acabada, chorando, não consegui pregar o olho naquela noite! Pela manhã, minha mãe entrou no meu quarto e disse que meu pai mandou me avisar que não precisava ir trabalhar amanhã. No almoço, ele agiu como se nada tivesse acontecido. Eu pensei que meu pai era um louco! À noite, depois das 18 horas, eu estava me arrumando para ir tirar satisfação com Juliano, e foi aí que o padre Vicente apareceu lá em casa! Chamou pelo meu nome. Logo, cinco peões me colocaram à força no carro da polícia junto com o padre Vicente. Foi meu pai **Raimundo** que tramou tudo com o padre! Ele queria dar um fim em mim. Perguntei no caminho ao padre Vicente para onde estávamos indo. Ele disse apenas: “Hospício Colônia!” Em seguida, disse que as coisas que eu andava fazendo era contra a moral da igreja, que ser um sodomita era pecado aos olhos de Deus. Foi aqui, então, na Colônia, que pus para fora tudo que eu não podia ser na casa do **Raimundo**, sabe? Aqui, me aceitam como sou! Ninguém me questiona se sou

homem ou mulher! Eu simplesmente vivo um dia após o outro! Eu já disse para a irmã Dulce da igreja que não quero sair daqui, porque lá fora tem vários **Raimundos**, que são “mais” doentes do que os médicos aqui de dentro. Foi preciso um bom tempo para eu esquecer Juliano! Foi meu primeiro amor, né! Atualmente, tenho vários namorados aqui, tá? Deixa eu fazer as contas aqui na mão. Acho que são cinco. Era seis, mas o Zé banana brigou comigo, ontem...

Referências

BARRETO, Lima. **Diário de um Hospício**: Cemitério dos vivos. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.v. 1.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: Quando a vida é passível de luto? Tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Revisão da tradução Marina Vargas. Revisão técnica Carla Rodrigues. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: Os poderes do luto e da violência. Tradução Andreas Lieber. Revisão técnica Carla Rodrigues. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CANÇADO, Laura Lopes. **Hospício é Deus**: Diário 1. Rio de Janeiro: Record, 1979.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter PálPelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Das revoltas às insubordinações de ficcionar história. In: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. **As subjetividades em revolta**: Institucionalismo francês e novas análises. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.p. 660-664.

DIDI-HUBERMAN, Gorges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

DUARTE, Maristela. **Ares e luzes para mentes obscuras**: o Hospital Colônia em Barbacena: 1922-1946. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

FOUCAULT, Michel. Interview with LucetteFinas. In: MORRIS, M.; PATTON, P. (Ed.). **Michel Foucault**: power, truth and strategy. Sidney: Federal Publications, 1980.

LOURAU, René. **Analista Institucional em Tempo Integral**. Organização Sonia Altoé. São Paulo: Hucitec, 2004.

NIETZCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PEREIRA, Melissa de Oliveira; PASSOS, Gouveia Raquel (Org.). **Luta antimanicomial e feminismo**: Discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 1. ed. esp. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1988.

SPINOZA, Tomaz Tadeu. **Ética**. 2. ed., 9. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

4 MEMÓRIAS MALDITAS E PERIGOSAS: ARQUIVIVÊNCIA

A menina que menstruava e foi parar no hospício Colônia

Para Libia Vilas Boas (vovó materna)

O silêncio assunta reflexão quando vovó Libia Vilas Boas enche um balde de água e sai pela casa à procura de plantas para regar. Vovó silencia! Eu, ao seu redor, procuro pelo barulho das suas palavras. Todas as vezes no cotidiano que se é em silêncio, educo-me mais sobre o mundo, aprendo a me despedir do chão que habito.

[...] Sou uma velha animada, tenho esperança, fé em deus. Gosto de festa, de sorrir e de dançar. Gosto de comprar vestido. Minha cabeça sempre foi boa. Tenho uma boa memória. Acho que nem caduca eu vou²⁶⁵.

Há

75

anos, Libia Vilas Boas nascia nas mãos de uma parteira conhecida como Dica, uma mulher alta de pele preta. Ela, a Libia, narra que, antes de a parteira Dica realizar os procedimentos do parto, era de costume beber um litro de cachaça. Após o nascimento da criança, Dica corria na cozinha, acendia o fogão à lenha, punha a arruda para queimar junto com a cachaça e açúcar. Em seguida, dava para a mulher após o parto. Os saberes da parteira Dica deram a vida a muitas crianças, umas delas foi Libia Vilas Boas, minha avó materna.

Lembro que meus avós caminhavam até a casa de minha mãe para irmos para a roça aos finais de semana. Eu era uma criança que já sabia andar e falar. Andávamos por cerca de uma hora e meia a pé. Íamos pela linha de trem em direção ao sítio. Vovô Geraldo seguia na frente. Eu e vovó Libia ficávamos para trás. Eu ia com um pedaço de graveto em uma das minhas mãos e o fazia de cajado! Quando cansava, abria os dois braços e ia me equilibrando pelos trilhos do trem. No meio do caminho, após andar quase uma hora, éramos tomadas pela sede. Era tarefa da vovó Libia achar um poço de água. Ao achar, fechávamos as mãos em formato de concha e apanhávamos a água e a levávamos até a boca. Ao chegar à roça, avistávamos a casa de pau a pique. Vovô ia se trocar e calçar sua

²⁶⁵ VILAS BOAS, 2021.

botina para ir ao mato, e a vovó ia catar lenha para acender o fogão, fazer o café e preparar o almoço. Eu era de inventar brincadeiras. Amava descobrir os ninhos dos passarinhos. Quando o sol esquentava, pedia à vovó para me levar para nadar na bica d'água! Depois, seguíamos um caminho pelos trilhos, que levava para um poço debaixo dos pés de bambu. Ali, eu e aquela mulher, minha avó, ficávamos juntando barro e pedras de modo a barrar a água no intuito de dar mais volume, fazer o poço ficar mais fundo. Foi assim que, parando a água com pedra e barro, aprendi a nadar! A vovó conta que a primeira palavra, que falei ao avistar um rio foi “água”! “Onde eu nasci passa um rio”²⁶⁶.

Recordo que, quando chovia na roça, a gente corria e se enfiava debaixo da mesa da cozinha. Meus avós me distraíam debaixo da mesa contando estórias! Os trovões nunca me amedrontavam e nem as goteiras da chuva gelada, mas sim as estórias de assombração, que ambos narravam! Quando passava a tempestade, vovô era de arrumar confusão com vovó. Ele tinha um marca-passo no coração. Sempre que a coisa ficava branca, ele pegava um soquete de feijão e ameaçava bater aquele troço de madeira no coração. Vovó sofria com o machismo e com as manias compulsivas de seu companheiro! Rememoro que, quando íamos nos organizar para ir embora da roça no domingo de tardezinha, vovô se punha a beijar todos os santinhos da casa, colocava uma colher de alumínio em todas as trincas da janela e conferia tudo umas quatro vezes. Era assim. Caso não fizesse esse ritual, não conseguia se arrumar para ir embora. Meu avô era branco e tinha os olhos verdes. Eu lembro que tudo que a gente compartilhava com aquele homem ele se punha a dizer: “Larga disso”. Ele foi um homem reservado. Era de guardar dinheiro debaixo do colchão. Suas coisas eram organizadinhas na sacolinha com nozinho. Ele faleceu por motivos de coração. Precisou fazer o uso de marca-passo. Após quatro anos tendo auxílio do aparelho para bombear o seu sangue, quando foi realizar a troca, pegou uma infecção no hospital.

²⁶⁶ VELOSO, 1967. Composição *Onde eu nasci passa um rio*.

Meus avós, que eram acostumados a andar pelas linhas de trem, foram caminhar pelas ruas da cidade mais populosa do Brasil: São Paulo. Naquela época, não havia celular como no presente. As ligações eram feitas num orelhão de rua. Era a vovó quem ligava para uma de suas irmãs. Ela era responsável por passar notícias deles. A vovó conta que não era nada fácil estar em São Paulo! Dizia que a cidade grande os assustava! Ambos tinham que omitir suas identidades, alegava ser paulistanos. Ela dizia que quase não se alimentava e passava o dia todo sentada numa poltrona no hospital esperando por notícias de meu avô. Às vezes, ela chegava até a dormir por lá! Levava uma manta e por lá ficava! Eles chegavam a permanecer dois meses em São Paulo. Quando chegavam de ambulância a Minas Gerais, a família toda os esperava. Vovó descia primeiro, muito magra e com olhar de tristeza, e logo meu avô, com uma boa feição! Dez anos se passaram, ao retornar em São Paulo para fazer os mesmos procedimentos, avô Geraldo veio a falecer. Vovó passou a ser viúva! Não veste vermelho, porque diz que guarda o luto até hoje do seu companheiro.

Com a voz mansa, sotaque mineiro, aos 75 anos, Libia Vilas Boas carrega consigo muitas estórias. Ela é um arquivovivência, uma mulher que produziu, em seu contexto extremamente conservador e machista, práticas de sobrevivências e cuidados de si. Filha de um homem muito bruto, ela sabe o cheiro da opressão, do sexismo e do machismo! Na adolescência, pegou na gaveta de seu pai cartas, que ele trocava com uma amante, que, por sinal, havia sido sua professora na época. Foi com ela que vovó Libia aprendeu a ler e escrever. Ao ler aquelas cartas para a sua mãe Adamar, foi tomada pela raiva. Teve a iniciativa de começar a escrever cartas para a amante do pai. Pedia ao senhor Juarez, dono de um bar, que, ao ir até a cidade, pudesse entregar a carta para a tal professora. Ela conta dando risadas sobre esse acontecimento! Viveu boa parte da sua vida na zona rural. Foi criada na “inchada”²⁶⁷, capinando em lavouras e apanhando café! Um dia, ela me disse que chegou a ter uma conversa com a sua mãe, Adamar. Disse a ela que preferia casar com uma mulher, pois seria mais fácil sua vida! Sua mãe, em seguida, disse que era proibido: “Mulher com mulher, vira jacaré”. Aos 26 anos de idade, começou a namorar. Dentro de

²⁶⁷ Optei por usar “inchada” ao invés de “enxada”, pois, aqui, o termo se coloca no sentido das mãos que aumentam de volume.

seis meses, casou-se com Geraldo Tavares. Eles se conheceram na cidade de Macuco (MG) numa festa de São Pedro! Foram 35 anos de casamento. Escolheu deixar a roça e ir viver na cidade, numa casa de dois cômodos, em prol de cuidar de seus pais já na velhice. Entre socos e amor, ela enterrou seu marido. Após sua morte, foi inventar a vida sendo viúva. Com um pé na cidade e outro na roça, ela se fez um arquivo-vivo, que circula pela cidade. Em sua casa, em uma de suas gavetas, guarda um arquivo muito rico de cartas, que trocava com a sua única filha na época em que não havia redes sociais, *WhatsApp*. As cartas ressaltam o cotidiano, os acontecimentos que atravessavam a vida rural e o afeto entre mãe e filha!

Imagem 31: Carta 1 frente: De Roseni das Dores para Libia Vilas Boas

Sexta-feira 8 h da noite Olá mãe.

Como vai? Tudo bem.
Espero que vai tudo ótimo.
Mãe não deu para mais ir para ai
Cristina, porque eu estava com muito serviço
e cansada.
A tia mãe com a Anáudia esteve aqui em casa
e demorou ir embora.
Eles chegaram às 1 e saiu 4 horas
depois eu ainda fui assar quitanda
e acabei tarde fui passei Santa de noite.
Eu estou apitada ainda.
A Gíssica também
mãe a Gíssica caiu da cama
foi um golpe na cabeça.
Mais já passou.
Ela tá muito ardeia tudo qui rel
que precisa.
Mãe aquele dia que mais veio vai
domingo. Assim eu cheguei cheguei visito
não deu tempo de fazer nada.
Mãe o vô com a vô mandou para cidade.
O Vô João vai fazer a mudança de
casa. A tia Tatiana vai mudar para
casa da vô de lá. Vai ficar melhor
para ela porque a casa é mais grande.
Mãe a senhora vendeu quantos
dovados? Mãe tá surtindo a noite enterro
não deixô o vô dormir.

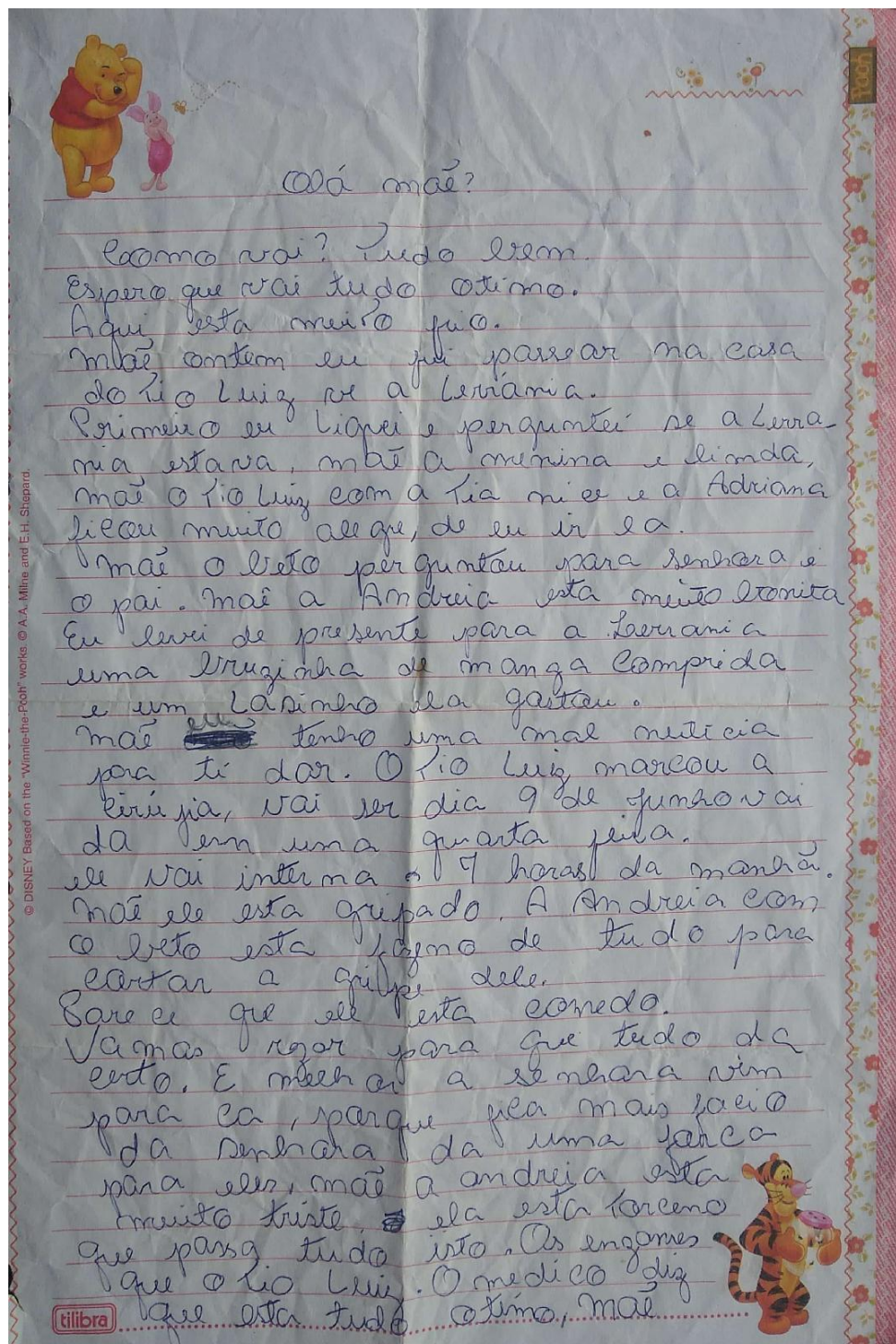
Fonte: Acervo pessoal Libia Vilas Boas

Imagem 32: Carta 1 verso: De Roseni das Dores para Libia Vilas Boas

mãe a fazeil vai a casa de novo
 tem 200 vagos.
 mãe se ai estiver qu'isso manda
 uns para mi.
 mãe eu estou morrendo de saudade
 da senhora é do pai
 achei falta de mãe e para ai.
 mais não dava por causa do
 choro e eu com a tati gripada
 qualquer dia eu vou ai
 mãe tenho um tanto de coisa
 para contar para senhora do
 que por volta de lá.
 depois eu conto para senhora
 mãe um beijão.
 A gisela manda um
 beijinho para senhora
 e o pai.
 Se estiver noiva de mi
 escreve.
 Vou com
 muita
 saudade.
 Com
 carinho
 qui am
 Rose.

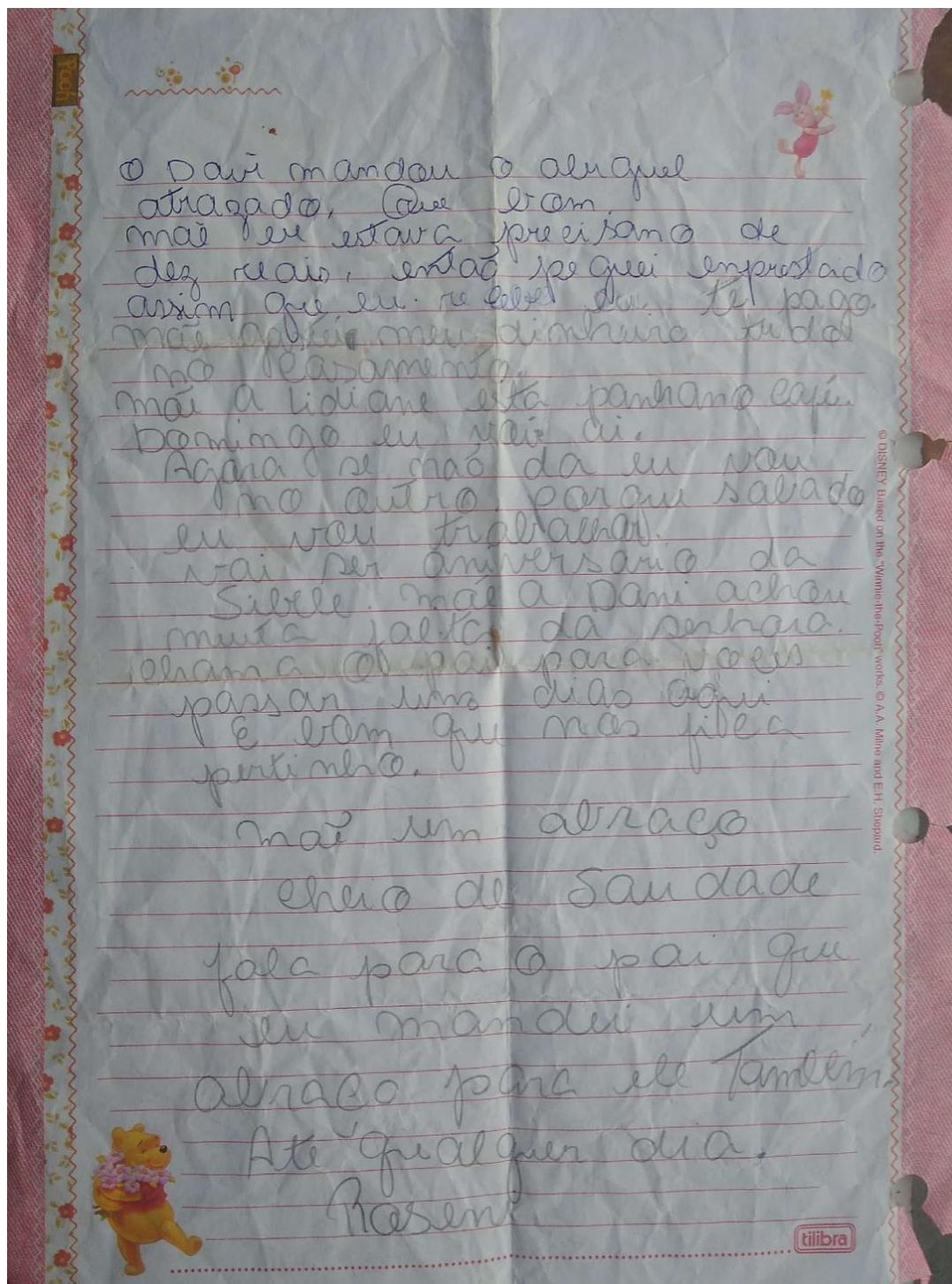
Fonte: Acervo pessoal Libia Vilas Boas

Imagem 33: Carta 2 frente: De Roseni das Dores para Libia Vilas Boas



Fonte: Acervo pessoal Libia Vilas Boas

Imagem 34: Carta 2 verso: De Roseni das Dores para Libia Vilas Boas



Fonte: Acervo pessoal Libia Vilas Boas

Desse modo, as vivências de Libia Vilas Boas são práticas feministas, que se reverberam num contexto da zona rural, na medida em que ela se confrontou com práticas machistas de sua época, as quais repercutiram na violência de gênero: “No seu uso recente mais simples, ‘gênero’ é o sinônimo de ‘mulheres’”²⁶⁸. Ir para a lavoura de café, levantar às 3 horas da madrugada para tirar tarefa na roça, andar uma hora e meia com o botijão de gás nas costas e receber socos e empurrões de seu companheiro são algumas cenas de violência conjugal e de exploração, que nos fazem refletir que ser mulher, filha e esposa colocou Libia num lugar de cuidadora do outro. De acordo com Marilena Chauí²⁶⁹, as mulheres são marcadas por seus corpos no sentido de que são obrigadas, em alguns contextos, a prestar serviços e cuidados aos outros, isto é, aos homens.

Definidas por seu corpo, as mulheres estão destinadas ao processo que agarra todos os corpos em nossa sociedade para discipliná-los, torná-los dóceis, rentáveis, produtivos, de sorte que o ‘instinto materno’, ao mesmo tempo em que mantém as mulheres num suposto mundo natural, as transforma em produtoras, como todos os demais, a ideologia do ‘amor materno’ e da ‘sensibilidade’ tendo aqui o papel dissimulador que outras ideologias têm para os outros produtores²⁷⁰.

Libia camuflou essas práticas rastejando feito uma cobra rasteira, “que canta pra levantar, levanta pra cair, rasteja pra golpear”²⁷¹. Hoje, aos 75 anos de idade, o que pode Libia Vilas Boas? O que ela tem para nos contar?

Foi numa tardezinha tomando um café com ela que a convidei para ver o documentário *Em busca de Judith*, edição de Pedro Sá Morais, protagonizado por Jessica Barbosa. Trata-se da performance de uma mulher preta, que habita os escombos de um dos pavilhões do hospício desativado, conhecido como Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. O mesmo hospício, que encarcerou Bispo do Rosário e Lima Barreto. A performance de Jessica Barbosa visa a contar a estória de sua avó paterna Judith, que foi internada no hospício Jurandir Moreira. As discriminações de gênero, raça e classe foram categorias, que

²⁶⁸ SCOTT, 2019, p. 49.

²⁶⁹ CHAUI, 1985.

²⁷⁰ CHAUI, 1985, p. 45.

²⁷¹ QUEBRADA, 2021.

influenciaram o diagnóstico da psiquiatria de Judith na época. A protagonista (Jessica Barbosa), ao habitar um pavilhão em ruínas, em prol de nos contar outra narrativa sobre sua avó, que passou 12 anos de sua vida exilada no manicômio, se permite dançar mediante os escombros do hospício. Essa estória começa quando Jessica, até os seus 32 anos de idade, não sabia qual era a estória exata da sua avó paterna. Um dia, sua mãe, ao visitá-la, entregou um livro, que continha a foto de Judith. Logo, Jessica veio a saber pela sua mãe: “Quando seu pai tinha 40 dias de vida, sua avó foi internada num manicômio, Juliano Moreira, em Salvador²⁷², e ficou lá até morrer. Treze anos depois, até os 43 anos de idade, dela se sabe pouco mais do que o nome: Judith”²⁷³. Após isso, ela vivia se questionando: por quais motivos a avó foi parar no hospício! Alguns contam que, ao ter parido um filho, ela tentou sufocá-lo. Já outros, que ela era louca. Outras dizem que foi a depressão pós-parto. Mediante tantas narrativas, Jessica desejou conferir o prontuário de sua avó.

O prontuário só pode ser retirado pelo filho, senhora... É melhor você ligar para a diretoria, anote o número aí por favor. Oh, [...] Só com a Rosimelde ou com a [...] ixi! Foi almoçar, não sei que horas volta, não!!! Oh, filha, acho isso difícil. Os prontuários ficavam num antigo hospital. Eu nem sei se eles ainda têm o arquivo²⁷⁴.

Como se observa na cena narrada na película, Jessica não conseguiu ter acesso ao prontuário da avó. Após isso, foi buscar informações de mulheres, que foram internadas na mesma época que Judith. Ela, então, produziu o próprio diagnóstico da avó, que lhe foi negado, sendo descrito como: **cor:** parda ou negra, **estatura:** mediana, **filhos:** cinco, o mais novo com 40 dias de idade, **profissão:** costureira, **requerente da internação:** o marido afirma que a esposa apresentou crise de agitação psicomotora e episódio de violência psicótica, chegando a atentar contra a vida de seu filho mais novo, delírios religiosos, vítima de possessão e bruxaria. O ofício de Jessica, como narradora, traz como ética a narração da estória de vida de sua avó. Ela assume uma narrativa política, que rompe com a história oficial a respeito de Judith, seu ofício torna-se “Decifrar e recolher os

²⁷² Hospício de Salvador, foi criado em 1874, conhecido como hospício São João de Deus, passando por fim, a ser denominado como Hospital Juliano Moreira.

²⁷³ BARBOSA; MORAES, 2021. Documentário *Em busca de Judith*.

²⁷⁴ BARBOSA; MORAES, 2021. Documentário *Em busca de Judith*.

restos”²⁷⁵. Ela constrói estratégias a partir da arte, para abrir outras brechas para contar essa história. Haja vista, que de frente ao silêncio da estória da avó, da negação do seu próprio prontuário, ela constrói um roteiro político, o qual há um discurso que interpela a narrativa oficial, que afirma que sua avó não faleceu no hospício como uma ninguém. Ao contrário disso, ela saiu do hospício e voltou não como paciente, e, sim, como costureira. Dessa maneira, o filme é um campo de força, que produz um movimento no sentido de habitar os escombros dos manicômios e recontar estórias malditas pelos vencedores da história. Dessa maneira, o documentário, como campo de força, se alastrou naquele fim de tarde na casa da Líbia Vilas Boas. Ela foi tomada pelo afeto ao conhecer a história de Judith! Lembrou-se da sua prima Maria Vilas Boas, que foi internada no hospício Colônia de Barbacena (MG)! Então, sentei-me ao seu lado para escutar essa estória.

Foi num lugarejo conhecido como Tabuões, localizado na zona rural na cidade de Lavras (MG), que Líbia e sua mãe Adamar Vilas Boas saíram de tardezinha para visitar a prima Maria Vilas Boas: *“Ela era uma moça bonita, ativa, clarinha, de cabelos longos pretinhos. Muito boazinha e inteligente”*²⁷⁶. Ela havia chegado do hospício Colônia. O motivo de sua internação foi por menstruação! Líbia conta que, naquela época, quando a menstruação não descia, ou quando a mulher sentia muita cólica, era utilizado o “sina piso”. Ela explica como o preparava: abria-se um pano, jogava pimenta, alho, casca ou sumo de laranja. Após isso, enrolava-se o pano na panturrilha da perna e entrava debaixo das cobertas, permanecendo o dia todo deitada. Antes de a Maria ter embarcado no trem de doido para Barbacena (MG), ela havia feito o “sina piso”, tomado chá de sabugueiro e ido lavar os cabelos no tanque.

*O povo conta que a Maria estava menstruada. Após lavar a cabeça no tanque, ela ficou perturbada. Ela ficou muito mal, ficou loca! Queria fugir, não queria parar em casa, agredia as pessoas, chorava. Na roça, era difícil ter um doutor, médico*²⁷⁷.

²⁷⁵ GABNEBIN, 2009, p. 118.

²⁷⁶ BOAS, Líbia Vilas, entrevista, 2021.

²⁷⁷ BOAS, Líbia Vilas, entrevista, 2021

Libia, conta com detalhes os discursos, que eram produzidos na época. Caso a mulher lavasse a cabeça no período menstrual ou tomasse o chá de sabugueiro, o sangue subiria pela cabeça. Durante o período menstrual, era proibido visitar alguma gestante, pois tal comportamento poderia azedar o seu leite. A menstruação, naquele período, era tida como uma doença. Homens morriam de medo de ter relação sexual com uma mulher menstruada. Se caso a mulher engravidasse no período menstrual, a criança tinha chances de nascer amaldiçoada. Libia compartilha que era comum usar paninho ou costurava-se almofadinha para tamponar o sangue. Essas práticas eram conhecidas como “tampão menstrual”.

Em tempos de absorventes, OB, coletor, ainda prevalecem alguns discursos falaciosos a respeito do tema, como: tomar limão, chá de casca de cebola, vinagre suspende a menstruação, chás de boldo, hortelã, salsa, canela faz a menstruação atrasada descer, absorvente OB pode tirar a virgindade, transar no período menstrual causa infecção sexual, tomar sol menstruada faz mal e mulheres ficam inchadas no período menstrual. Essas experiências durante o período menstrual foram motivos de encarceramentos e opressões em hospícios.

É o caso da Maria Vilas Boas. Ela foi criada por uma família mineira, de classe baixa, na zona rural. Sua atitude de lavar a cabeça no tanque estando menstruada surtiu o efeito de que o seu sangue haveria subido pela cabeça. Após lavar os cabelos, Maria começou a ter comportamentos desviantes ou não esperados para uma adolescente em sua época. A família então recorreu ao benzedor Zé Ana, que se encarregou de oferecer ajuda a Maria. Libia disse que “*havia muita fé em curandeiro, padre e médico naquela época*”²⁷⁸. Maria ficou um bom tempo tratando com Zé Ana. Depois, ela foi passar uns tempos na casa dele, até ele dizer para a família que não tinha o que fazer no caso dela, que era para deportá-la no trem de doido para Barbacena (MG). Ele mesmo se encarregou de ligar e arrumar uma vaga para Maria no hospício Colônia. Ela permaneceu seis meses lá.

²⁷⁸ BOAS, Líbia Vilas, entrevista, 2021.

Foi sangrar nos pavilhões do hospício! Por lá, não se fazia o “sina piso”. No pavilhão das mulheres, havia um pé de algodão. Nos períodos menstruais das internas, elas enrolavam algodão em um galinho e faziam de absorvente interno. Maria encontrou outras mulheres, que expeliam sangue pelas pernas. Elas ficavam em bando. Uma ajudava a outra a lidar com os dias, que os hormônios enlouqueciam e entravam numa tensão pré-menstrual, conhecida como a famosa TPM. Era, então, cheiro de menstruação que se misturava com o cheiro de abandono, esquecimento. Quando Maria Vilas Boas voltou para casa, Libia disse:

Maria não voltou perturbada, mas, bem dizer, morta. Magríssima. Queimaram os cabelos dela com o eletrochoque. Ela chegou de cabelo curto, crespo, magrinha. Ninguém conhecia. Alguns chegavam a perguntar baixinho para sua mãe: ‘Essa é a Maria, memo?’ Todo mundo muito assustado! Foi uma tristeza para todo mundo²⁷⁹.

Maria voltou pedindo para seu pai plantar um pé de algodão na horta. Voltou mais velha e carregava um corpo manchado pelas práticas manicomialais. Tinha falta de ar a ponto de não conseguir conversar. O último encontro de Libia e sua mãe Adamar com Maria foi muito sensível! A cena que ela narra é:

Lembro que Maria falou assim para a mãe: ‘Oh, Adamar, lá eu não comia, não comia! Eles não me davam comida. Eu bebia só um pouquinho de café, só um pouquinho de café. Um pouquinho de comida uma vez no dia. Eu quase morria de fome lá’. Ela estava tão fraca que sentava na cama com ajuda e ela não aguentava mais falar. Ela não tava com falta de ideia, porque fazia tudo direitinho. Ela adoeceu lá e voltou ruim que não aguentava falar²⁸⁰.

Libia e a bisavó Adamar, ao se despedirem de Maria, disseram que deus iria ajudá-la a ficar boa. Ao chegar em casa, vovó escutou sua mãe dizendo para seu pai que a Maria não ia escapar, que a Maria ia morrer, porque ela estava ruim demais. Dentro de 15 dias, foi

²⁷⁹ BOAS, Líbia Vilas, entrevista, 2021.

²⁸⁰ BOAS, Líbia Vilas, entrevista, 2021.

comunicada a morte de Maria. No final da conversa com Líbia, perguntei a ela qual mensagem ela deixaria para a sua prima Maria. Muito emocionada, ela, então, disse:

Talvez, Maria, se você tivesse pegado com outro médico melhor, às vezes, eles não tinham matado você. Porque o seu médico não te curou, ele detonou com você, ele acabou com você. Te deixou tudo manchada, magra. A gente via seus ossos Maria, as suas juntinhas. Cê era uma moça gorda. Quando a gente te viu, você estava como uma criança sentada na cadeira todo encolhida queixando da fome que passou no hospício. Te enfraqueceram tanto que não teve jeito de sobrevivência depois que cê saiu de lá.

Depois que enterraram Maria Vilas Boas, ninguém mais falou sobre o assunto. Esses acontecimentos se transformaram num segredo. Maria caiu em esquecimento por constrangimento e vergonha dos próprios familiares. “ENTERROU, MORREU, ACABOU²⁸¹”. Depois de sua partida, o povo daquela região do Estabouões plantou vários pés de algodão.

Referências

BARBOSA, Jessica; MORAES, Pedro de Sá. **Documentário *Em busca de Judith***. 2021.

BOAS, Líbia Vilas. **Entrevista**: A menina que menstruava e foi parar no hospício Colônia. Lavras, MG, 2021.

CHAUÍ, Marilena. Participando do Debate sobre Mulher e Violência. In: FRANCHETTO, Bruna;CAVALCANTI, Maria Laura V. C.;HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Perspectivas Antropológicas da Mulher 4**. São Paulo: Zahar, 1985.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

QUEBRADA, Linn da. **Álbum**: Trava língua. Composição: Cobra rasteira, 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceito fundamentais. Editora: Bazar do Tempo. Rio de Janeiro, p. 49-81, 2019.

281BOAS, Líbia Vilas, entrevista, 2021.

VELOSO, Caetano. **Álbum:** Domingo: Gal e Caetano. Composição: Onde eu nasci passa um rio. Universal Music Internacional, 1967

A sambista e a cidade dos loucos

Para Carla de Jesus

Imagem 35: Carla de Jesus

Fonte: acervo pessoal de Carla de Jesus. Registro cedido para compor a tessitura da narrativa.

Ei, mulher! Te liguei pelo seguinte... Você não precisa me mandar termo²⁸² nenhum para eu ler por duas circunstâncias: primeiro, porque estou sentada debaixo das cobertas, aqui tá um frio do capeta. Entendeu? Na verdade, é três circunstâncias. Segundo, porque meu celular não abre nenhum arquivo. Então, eu teria que levantar aqui da minha cama, abrir no meu notebook.. Você não merece isso tudo! Desculpa, porque eu confio em você, né, minha filha! Primeiro eu falo, depois eu assino. Pode ser? Não vou levantar daqui nem fudendo²⁸³ ...

Piranha do tinder! Meu pó de café acabou tem mais de uma semana! Entendeu? Meu pó de café acabou... Agora, cê me conta? Cê acha que eu vou à rua em plena pandemia buscar pó de café? (risos!) Eu não vou. A gente mora muito longe. Eu fico aqui tomando chá sem problema nenhum. Tem chá de mate, camomila, erva cidreira. Eu, agora, nas compras, compro bastante chá para dar conta! Para dormir (espirro!), (espirro). Meus primeiros 'bons-dias' são para os espirros! Isto já faz 40 anos que eu acordo assim (espirro). Isso é energia de viver²⁸⁴.

era

domingo

O dia que sentei debaixo do pé de limão para conversar com Carla de Jesus (mulher cis, preta, heterossexual, sambista, psicóloga, costureira, feitora de pão, mãe de João Arthur e Maria Julia, além de ser mãe cachorreira (Luna †, Felipe †, Zodíaco, Manu e Maria) e gateira (Coraline, Bia, Joana †, Tatiana, Alice e Marielle).

Fui afetada com a sua fal-ação por meio de uma ligação de celular, que durou duas horas e meia. O que Carlinha teria para jogar na caçamba de lixo? O que desejaria nos contar? Ela começa a narrar com um timbre forte, voz alta! Foram duas horas e meia jogando merdas sagradas na caçamba! A sambista imaginava que tudo que tinha a contar era um trem sem importância, pois eram suas teias de aranha! Suas cenas traumáticas sobre o hospício Colônia! Quem teria interesse nisso? Eu respondo para ela que toda “caçambeteira” há de

²⁸² Carla se refere ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver em anexo).

²⁸³ JESUS, 2021.

²⁸⁴ JESUS, 2021.

ter interesse em escutar e recolher estórias, muambas que, para muitas, são vistas como quinquilharia sem utilidades, mas, para uma caçambeteira, são pérolas preciosas.

Carla de Jesus carrega um corpo político. O seu jeitinho de andar tem um quebrado. Ela deseja ser tambor daqueles que se permitem dançar nas ruínas. Ao se levantar da cama, reza a sua oração: “*Negro entoou, Um canto de revolta pelos ares, No Quilombo dos Palmares, Onde se refugiou*”. Ela é uma construidora de quilombos e cria novas condições de existência. Intenta na nossa conversa a não falar dos calos e feridas dos seus pés, que toda dançarina traz como marca. Prefere dizer sobre os chãos, que dançaram samba e produziram suas andanças! A artista e terapeuta Lygia Clark, em uma de suas obras, intitulada *Caminhando*, vai dizer que o caminho se faz caminhando, reforçando adiante: faça você mesmo o seu próprio caminho. Ela, a sambista Carlinha, passou a rasteira em Lygia Clark, pois não é de fazer caminho sozinha, não!!! É uma mulher, que carrega um corpo político. Está sempre em bando em busca de encontros potentes. Permitiu-se ir costurando seu caminho desde o dia em que foi abandonada dentro de um táxi na cidade de Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro. A mulher, que acompanhava Carla no taxi, se retirou deixando anotado o endereço numa sacola de pão do destino em que o taxista deveria entregá-la. Carla foi parar no endereço de um homem sob encomenda. O homem, que a recebeu, passou a ser, então, seu padrinho.

Seria esse o motivo de ela ter um olhar, que está sempre à procura de algo? Seu olhar é atento! É estatelado. Íris da cor preta escura. No sol, seus olhos ficam castanhos. Estaria seu olhar à procura de quem? Do quê? Não, não... teatralizaremos o desejo desse olhar inquietante como reportado ao termo faltante²⁸⁵ ou a metáfora ao familismo. Ao contrário,

²⁸⁵ O desejo não remete ao símbolo da representação da falta ou da ausência! Pelo contrário, ele é entendido aqui como produção. Desejo não é aquilo que produz fantasmas, pai e mãe, como induz o inconsciente como teatro na Psicanálise: “O desejo produz, ele produz o real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das

seu olhar é faminto por atabaques, bumbos, pandeiros e cavaquinhos. Tem fome de rodas de mulheres, das mães de santo e da Bahia, onde esteve no ano de 2019 pela primeira vez e pôde se sentir num quilombo, em casa. A sambista se permite dançar com as suas dores, que são tantas. Ela se reinventa e produz outros mundos possíveis. É praticante da clínica do esquecimento²⁸⁶... Lembrar-se das cenas de abusos sexuais, que lhe foram cometidos pelo homem que a criou, para quê?

Deixe-me enterrar os traumas, que me fizeram sangrar e falar dos sambas. Não quero falar de morte, de dor, da ferida, entende? Quero falar do que eu fiz para dar conta do que doía. Quero falar de vida, das linhas de fuga, que eu reinventava morando em uma instituição religiosa gerenciada por freiras franciscanas portuguesas no mesmo tempo que o hospício Colônia fabricava a loucura²⁸⁷.

O convento, ao qual Carla se refere, produzia controle e disciplina sobre os corpos. Convivendo na cidade das “locas”, ela nos conta que ali, em Barbacena (MG), não havia somente o hospício, não!

Na época do hospício, havia muitos sambas que ocorriam na cidade. Tinha os movimentos negros, as festas agropecuárias, festa das rosas, festa do clube do cavalo. A pegação rolava solta. Havia, também, a sacralidade dos terreiros! As/os as/os doidas/os circulavam na cidade. Elas/es não corriam atrás da gente. Ao contrário! Éramos nós que tínhamos medo e corríamos deles/as. A loucura era nossa²⁸⁸.

A sambista, ao se lembrar da loucura, diz que esse acontecimento era visível e ao mesmo tempo silenciado na cidade. Tal marasmo vinha, principalmente, das escolas e da universidade privada – FUPAC²⁸⁹ – destinada à formação nos cursos de Direito e Medicina.

Eu creio que eles mesmos se faziam valer da loucura daquele povo ali, porque diziam abastecer a própria faculdade deles, né? Havia comércio de cadáveres. A gente vê que tem uma Faculdade de Medicina em Barbacena-MG até hoje comandada pela família Bonifácio Andrada, uma

sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 43).

²⁸⁶ RAUTER, 1998.

²⁸⁷ JESUS, 2021.

²⁸⁸ JESUS, 2021.

²⁸⁹ FUPAC: Faculdade da Fundação Presidente e UNIPAC: Faculdade da Fundação Presidente Antônio Carlos.

família política na cidade! Os mesmos são fundadores da FUPAC, que hoje é UNIPAC^{290,291}.

Enquanto a cidade acontecia, ali se fazia acontecer a fabricação da loucura naquele território: “Cada um vivia como podia, convivendo ali com aquela desgraceira toda, naquela cidade gelada no inferno”²⁹². Os picos de luz na cidade eram recorrentes devido aos eletrochoques, que eram aplicados nos loucos da FHEMIG²⁹³: “Havia dias que não tinham aulas por falta de luz! E estava tudo bem, ninguém questionava, não fazia nada, porque ninguém tinha uma visão crítica sobre aquilo!”²⁹⁴ Na época em que a sambista residia em Barbacena, não houve ensinamentos transmitidos sobre as práticas do hospício. Veio saber que aquelas cenas, que a atravessavam, feriam os Direitos Humanos, depois de anos, quando foi ser estudante do curso de Psicologia noturno na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Quando escutou pela primeira vez nas aulas de Psicologia Social e Comunitária os nomes da doutora Nise da Silveira, de Franco Basaglia e de Michel Foucault, o curso de Psicologia a fez ter uma visão crítica sobre a loucura. Em suas palavras:

Deixe-me saber que sabia menos mesmo, e daí? Mas, pera, aí...! Não foi eu quem dava o diagnóstico da loucura. Não era eu quem gerenciava a cidade de Barbacena (MG). Eu era uma jovem cidadã, sambista, preta, que circulava pela cidade. Era estudante da Escola Agrotécnica. Um pouco hoje que sei aos 40 anos, sendo psicóloga, mãe de dois filhos²⁹⁵, residindo na cidade de São João del-Rei (MG), integrante do grupo Musa, sei que sabia pouco, mas o suficiente para estranhar a normatização da loucura que tratava as pessoas ali, pior que bicho, e ‘Gente é pra brilhar e não pra morrer de fome’²⁹⁶.

Sendo mãe solo de um casal, Carla de Jesus dá um conselho de como criou seus filhos com pouco dinheiro e oportunidades na época. Ela transmitiu alguns ensinamentos: todas as roupas das crianças eram ganhadas e de brechó (até hoje é assim). Em casa, fralda de pano ou pelados com plásticos embaixo. Maisena. Sempre, lavava a bunda de seus filhos no

²⁹¹ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

²⁹² JESUS, Carla, entrevista, 2021.

²⁹³ Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais.

²⁹⁴ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

²⁹⁵ E como possibilidade de uma linguagem neutra.

²⁹⁶ Canção *Gente*, composição de Caetano Veloso.

tanque desde o primeiro dia de vida! Zero de algodão, zero de paninho e zero lenço umedecido. Fraldas descartáveis só se fosse demorar muito tempo na rua. Na casa de amigos e parentes, usava o tanque, também, para lavar as nádegas das crianças. Zero de bico e mamadeiras. Sapatos só quando começavam a andar e só quando saíam de casa. Sua filha mamou até os cinco anos e seu filho até os três anos. Dá-lhe peito. Outra dica, que ela diz, é: tenham horta em casa... Hoje, a menina dela tem 19 anos e o filho 15. UFA!!! Foi sua avó MATERNA, VÓ ELVIRA, que lhe ensinou que *“criança você não limpa, você lava na água fria”*²⁹⁷.

É com essas novas condições de criar a existência que Carla de Jesus vai nos contar que, antes de ser mãe, na sua adolescência, se mudou para a cidade dos loucos, que sediava o hospício, com a intenção de fugir dos abusos sexuais e violências e ter a sua liberdade. Era nas ruas barbacenenses que ela circulava e cagava de MEDO de gente doida na rua. No cotidiano da cidade, relembra que esbarrava com um homem alto, preto, careca, que vivia andando desnorreado pelo sinal da Avenida Bias Fortes, que, virando à esquerda, iria dar na rua da Escola Agrícola, onde estudava. Ele usava uma sacolinha de plástico para tampar o pinto, pois tinha pavor de ficar nu na rua. Estava sempre procurando panos ou sacolas de plástico pelo chão da cidade com intuito de cobrir seu órgão genital. Aquele homem tinha a seguinte representação para a sambista: era um doido de rua, que vivia na sua desconexão: *“Se você me perguntar: o que ele falava? Eu não sei. Entendeu? Eu, sinceramente, nunca parei para ouvir ele, nunca parei para falar com ele! Eu cagava de medo dele, né?”*²⁹⁸ Algumas crianças, que saíam para brincar na rua pela tarde, tacavam pedra nele e saíam correndo. Era um tipo de diversão naquela época para aquela menina barbacenense! Algumas vezes, esse homem se encontrava vestido; outras, quase pelado. A sambista diz: *“Não de modo nu com o peru de fora! Era como se estivesse com uma fralda. Sabe, um bebê que bota uma frauda? Tipo uma frauda de pano, mesmo! Tinha um pano ou uma sacolinha ali com aquele homem tampando a parte íntima dele”*. A sambista passava rápido e com o coração disparado de medo dele! Uma vez, a turma da Escola Agrícola,

²⁹⁷ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

²⁹⁸ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

onde ela cursava o curso de picadinho de couve²⁹⁹, foi fazer uma visita de campo na cozinha industrial da FHEMIG³⁰⁰. Era um lugar enorme com cheiro de gente abandonada e esquecida. No tal local, havia uma placa sinalizando: ATENÇÃO! NÃO ATRAVESSAR PARA O OUTRO PAVILHÃO. A curiosidade de uma adolescente a impulsionou a invadir o local junto com mais duas colegas! Logo, deram de cara com a cena de um pavilhão enorme com várias pessoas nuas, caídas no chão; outras andando para um lado e para outro. A sambista, ao olhar aquela cena, pensou no homem do sinal, aquele que vivia andando para um lado e para outro com uma sacolinha no pinto! Concluiu: a FHEMIG é um lugar que guarda gente doida. Essas pessoas aqui são doidas iguais ao homem do sinal! Num instante, uma mulher se aproximou dela e disse-lhe baixinho: *“Estou toda desconjuntada, filhinha! Vê eu? O que fizeram comigo? Seu sapato é bonitinho. Dá ele pra mim? Mas, cê corta minhas unhas do pé primeiro?”*³⁰¹ Naquele instante, a sambista olhou para os pés da mulher já idosa de cabelos crespos. Ela cheirava a xixi. Seus pés estavam muito inchados e com bolhas. Suas unhas do pé estavam em estado de calamidade! Essa cena a marcou! Em seguida, foi chocalhada de modo bruto por duas funcionárias a se retirar do local!

A sambista lembra-se dos pés até hoje daquela mulher e do seu cheiro de xixi. Carrega um sentimento que a tal mulher está esperando por ela até hoje para cortar suas unhas e ganhar um sapato. A sambista sabe o que é ficar esperando por algo e isso não ser concretizado em sua existência. Por ser filha adotiva, esperou por muito tempo a volta de sua mãe! O que ela sabe dessa estória é que Tânia Boccaletti, é carioca e uma dentista, essa mulher fez de tudo para adotá-la, porém, por interferência de seu padrinho, não houve sucesso. Com o passar do tempo, aprendeu que o tempo nos deixa sobre os dois pés. O tempo é

²⁹⁹ Os estudantes que cursavam a formação técnica na Escola Agrotécnica de Barbacena eram conhecidos, entre eles, como: quem cursava processamento de dados era botãozinho, agropecuária, raspa bosta e ergonomia doméstica, pica-couve. ECONOMIA DOMÉSTICA.

³⁰⁰ Cabe dizer que o hospício Colônia foi o primeiro Hospital Psiquiátrico de Minas Gerais, fundado no ano de 1903. Primeiramente, era conhecido como Assistência aos Alienados de Minas Gerais. Na cidade, a população referia como “Assistência”. Depois, ficou conhecido como Hospital Colônia de Barbacena ou “Colônia”. A partir de 1977, passou a integrar a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG) como uma de suas unidades hospitalares.

³⁰¹ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

“compositor de destinos, tambor de todos os ritmos, tempo, tempo, tempo, tempo vou te fazer um pedido: tempo, tempo, tempo, tempo”³⁰².

Foi a vida enraizada no tempo, como um acontecimento que se põe em movimento, e acontece o tempo todo, que a levou para os cuidados de outra família. O tal homem, a quem ela foi entregue por um taxista, passou a ter sua guarda e construiu um vínculo de padrinho. Aos sete anos de idade, foi uma criança retirada de um berço carioca para amanhecer em terras mineiras. Mudou-se para Tiradentes (MG) com o tal padrinho. Ele passou a estuprá-la dos 11 aos 18 anos de idade. O padrinho era um homenzinho, que se dispunha ser cordial, gentil e bondoso. Era pai de santo, conhecido como pai João. O abusador dava água quando ela tinha sede e a espancava caso não houvesse relação sexual. Foi aí que Carlinha recebeu do tempo, compositor do destino, uma informação preciosa sobre a possibilidade de ir cursar o ensino médio e o ensino técnico na cidade de Barbacena (MG) em tempo integral! Estudar em Barbacena (MG) seria uma oportunidade de ela sair daquele inferno, de cortar a convivência com o abusador. Passou a estudar obsessivamente! Era manhã, tarde, noite e madrugada para passar na prova. No dia do processo seletivo, foi o próprio abusador quem a levou:

*Eu estava toda vestida de azul! (risos)! Porque eu amo azul, amo! Eu lembro que coloquei uma roupa toda azul, uma sandália transparente da melissa (era uma sandália, que na época tinha salto). Eu tinha várias cores dessa sandália. No dia da prova, eu coloquei a minha azul! Coloquei uma calça azul colante no corpo, que era na época uma moda por causa do latino (aquele cantor, né?). Era da abertura de uma novela. Foi uma música que ele fez, e tinha também aquela moda do lurex, que era aquela moda dos anos 70! Então, a minha calça brilhava, tipo aquelas meias lurex (risada)... e uma blusa azul, né?*³⁰³

A menina, que estudou compulsivamente para fugir do abusador, conseguiu pleitear uma vaga. Foi classificada em segundo lugar! ELA foi a primeira mulher preta a deixar a escola de Tiradentes (MG) para dar continuidade no curso na Escola Agrotécnica de Barbacena (MG). Foi morar na Fundação Porphiria e José Máximo de Magalhães, coordenada por

³⁰² *Oração ao tempo*, composição de Caetano Veloso.

³⁰³ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

freiras franciscanas portuguesas! Era um lugar caro para morar. Ficava localizada no centro de Barbacena (MG). Sentia-se vigiada e controlada na instituição. As freiras tinham uma visão moralista, que devia a vida o tempo todo. “*Não podiam ouvir falar a palavra ‘peru’ que elas ficavam tudo doidas*”³⁰⁴ (gargalhada). Todas aquelas práticas das freiras eram regadas pelo discurso religioso.

Imagem 36: Fundação Porphiria e José Máximo de Magalhães (Pensionato)



Fonte: disponível em Fundação Porphiria e José Máximo de Magalhães.

A mesma instituição, por meio da disciplina, fabricava corpos submissos mediante seus preceitos e dogmas: “*Forma-se, então, uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos*”³⁰⁵. A sambista diz que era tudo regrado ali naquele lugar. Caso as regras não fossem cumpridas, havia punição! Não podia jantar dentro do quarto, banho quente até as 22 horas, depois era água fria, não podia circular nas áreas internas, o cardápio do almoço era o mesmo da janta! Não podia fumar. Usar droga, nem pensar. Não podia estar com o quarto bagunçado, fechar a porta com chave, não se relacionar sexualmente com

³⁰⁴ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

³⁰⁵ FOUCAULT, 2013, p. 133.

outras mulheres. Ou seja, tudo que não era coisa de Deus para as freiras, era proibido de praticar ou pensar: “*Eram umas freiras bem boazinhas, sabe? Freiras filhas da puta!!!*”³⁰⁶ Caso fizesse alguma coisa citada anteriormente, levava punição. Os pais eram chamados, faziam reunião e as estudantes estavam dispensadas de permanecer naquele local. Mas, a sambista sambava com aquelas regras toda! Ela e seu bando se reinventavam e criavam outros possíveis mediante as normas impostas pelo convento!

*Então, a gente fechava o quarto quando as freiras iam dormir! Não podia uma estar dentro do quarto da outra também (risos). Aí, pronto, a gente ia para o quarto uma da outra! Tipo assim: às vezes, botava 20 dentro de um quarto que era para quatro, né? A gente acendia um baseado e trancava a porta (gargalhada)! Botava as músicas profanas! Porque não podia nem ouvir música naquele lugar! A gente gostava muito das músicas do ‘É o Tchan’. Então, ficávamos: ‘Bota a mão no joelho, dá uma baixadinha e vai mexendo gostoso, balançando a bundinha’ (gargalhadas). Várias vezes, as freiras espancaram a porta para gente abrir ... e a gente tentando desaparecer com o cheio de maconha com incenso. Entendeu?*³⁰⁷

Aí, era punição na certa! Tinha o famoso DF, conhecido como o “dorme fora”. Por ser menor de idade, só se tivesse a autorização dos pais para usar o DF. Ela, a Carlinha, usava o DF toda semana! Amanhecia nos sambas de Barbacena: “*O samba sempre foi muito forte. Lá era terra de preto, né? Essa parte do candomblé, samba, pagode, várias culturas afro circulavam na cidade dos loucos*”. *O samba moía, bombava, minha filha! A gente saía de um, ia quicando para o outro*³⁰⁸. A sambista trocava beijo por entrada vip nos sambas! Ela solucionava o problema de não ter dinheiro! Era, pois, proibida pelas amigas de parar de ficar com Aluizio, conhecido como peixe, que ELA diz que deveria seu apelido ser peixe morto. Isso porque, enquanto Aluizio estava tocando, ela beijava o samba inteiro!

A cidade dos sambas, da loucura e das rosas foi deixada por Carlinha em prol de morar junto com um homem, que passou a ser seu marido, pai da sua primeira filha. Saiu daquela cidade com o título de rainha do samba! Ninguém tirou esse troféu por mais que tentassem.

³⁰⁶ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

³⁰⁷ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

³⁰⁸ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

É com essas cenas de uma vida de acontecimento que não deixa de acontecer que a sambista deixou a cidade dos loucos com o seu troféu de melhor sambista da cidade e com arrocho no peito de não ter dado o seu sapato e cortado as unhas do pé da mulher que encontrou no hospício! São rastros e cenas de um cheiro, um olhar, um pé, o homem com uma sacolinha de plástico no pau, o pavilhão lotado de gente nua falando sozinha, os picos de energia que nos narra Carla de Jesus, que naqueles tempos de fabricação da loucura, “a loucura era nossa”³⁰⁹, pois o/a Louco/Louca só se fossem os grupelhos da ditadura científica com seus preceitos eugenistas e higienistas, que enquadravam quem era e quem não era normal. O médico psiquiatra torna-se, assim, um dos piores juízes para julgar a vida, haja vista que é ele capaz de sentenciar, mediante um diagnóstico, a retirada da/do louca/louco do meio social.

O homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência; e se alguma coisa o preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a ideia de que alguma demente podia achar-se ali misturada com a gente de juízo³¹⁰.

A gente se despede lendo os sorrisos de Maria Julia e João, filhos da Carla de Jesus. O sorriso como resistência, como produtor de forças, de luz, de sensações de afetos, de possíveis, de respiros, de achar e encontrar nos cacos e ruínas sentidos para seguir sorrindo.

³⁰⁹ JESUS, Carla, entrevista, 2021.

³¹⁰ ASSIS, 1882, p. 28.

Imagem 37: Maria Julia e João (filhos de Carla de Jesus)



Fonte: acervo pessoal de Carla de Jesus. Registro cedido para compor a tessitura da narrativa.

Referências

ASSIS, Machado de. **O alienista**. Literatura Brasileira. Escala, 1882. (Coleção Grande Mestres).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010. (Coleção Trans).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JESUS, Carla. **Entrevista A sambista e a cidade dos loucos**. Lavras, MG, 2021.

LARK, Lygia. **Lygia Clark & Hélio Oiticica**: Cartas, 1964-74. Organização Luciano Figueiro. Prefácio Silvano Santiago. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998.

RAUTER, Cristina. **Clínica do Esquecimento**: Construção de uma Superfície. 1998. Tese (Doutorado)– Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

O homem que perdeu os dentes de ouro na Colônia

Para Adilson Casarino e Maria Madalena Casarino

Imagem 38: Sebastião Casarino



Fonte: Adilson Casarino. Acervo pessoal. A foto foi cedida para compor a tessitura da narrativa.

Bom dia, meu irmãozinho querido! Pensei que você tinha morrido. Nunca mais falou comigo! Credo... Até seu irmão, lá, que some, que não fala com a gente, de vez em quando, fala comigo! Você sumiu. Estava te esperando³¹¹.

O povo antigamente eram de contar muitas estórias. Às vezes, hoje, eu fico lembrando as coisas que o pai contava, Adilson. A menina da tia Ana foi para Barbacena (MG). Eles nem apresentaram o corpo dela. É outro caso que você pode contar... Entendeu? Ela tinha 31, 32 na época. Eles levaram ela. Inclusive, o dia que ela foi internada, eu estava junto. Eu estava passeando. Aí, eu fui visitar a tia Ana. Eles levaram ela e ela nunca mais voltou. E eles não deram satisfação do corpo dela, da morte dela, o que fizeram com o corpo dela. Tá! Sumia. Sumia, sim, pessoas muito pobres, ninguém tinha dinheiro, ninguém tinha um advogado, entendeu? Mediante esta realidade, as pessoas sumiam³¹².

Então, o que eu sei... é que papai relatava, que lá em Barbacena (MG), eles jogavam as pessoas lá. O tempo que ele ficou lá, ele tomou choque. Mas, logo ele melhorava, não sei se é por causa dos choques que ele tomava, não sei, só sei que ele relatava isso. Ele via bastante coisa lá, via os helicópteros descer para pegar os corpos. O povo brigar por casca de laranja. Ele tinha dente de ouro na boca. Voltou para casa sem os dentes, tá? Os dentes que faltavam na boca dele? Foram todos arrancados lá. Isto, eu me lembro de ver os dentes de ouro dele. Naquela época, usava muito, né? Era chique ter dente de ouro na boca³¹³.

O homem

que

rasgava saquinhos de arroz, açúcar e pó de café jogava-os no chão “dizendo que tinha veneno”³¹⁴, por esses motivos, foi internado no hospício Colônia de Barbacena (MG) pela família. Ao fugir do hospício, começou a quebrar pedra numa pedreira para pôr dinheiro no bolso para criar as nove filhas/os.

A estória de Sebastião Casarino se confunde com a estória de muitos e muitas brasileiro/as, se confunde com a estória do Brasil, que prometeu inclusão, mas produziu exclusão, segregação em manicômios. Foi os tais comportamentos mal comportados de Sebastião

³¹¹ Áudio de *WhatsApp* compartilhado por Maria Madalena Casarino (2021), filha de Sebastião Casarino.

³¹² Áudio de *WhatsApp* compartilhado por Maria Madalena Casarino (2021), filha de Sebastião Casarino.

³¹³ Áudio de *WhatsApp* compartilhado por Maria Madalena Casarino (2021), filha de Sebastião Casarino.

³¹⁴ CASARINO, Adilson, 2021.

que o fizeram ser despejado no hospício. Ele, o Sebastião, passou a ser enquadrado pelo saber médico como vândalo, e por assim dizer: louco! Mas, foi o exílio no hospício, que o curou de suas crises forasteiras. Depois que conheceu a precariedade do hospício, criou coragem para fugir, e criar os nove filhos.

Esta estória vai ser narrada por mim, caçambeteira. Foi transmitida para minha caçamba de lixo no meu cotidiano, num domingo no Sítio da Alegria, situado na cidade de Lavras (MG). Era domingo de sol e céu azul. Tive um encontro com o arquivo-vivo narrador Adilson Casarino, que aprendeu o ofício de contar estória numa pedreira junto com seu pai Sebastião Casarino. Hoje, Adilson é vendedor ambulante, vive pelos cantos de Minas Gerais contando estórias, transmitindo experiências. É um homem branco, casado e tem dois filhos. A narrativa de seu pai é contada e recontada por ele nos territórios da cidade. Adilson traz cenas de experiências muito fortes e sensíveis sobre o hospício Colônia. Ele tinha seis meses quando o pai foi parar na instituição. Seu pai narrava o que viveu no hospício Colônia quando Adilson já estava jovem. Depois, na fase adulta, o contador de estórias presenciou cenas quando ia até a cidade de Barbacena (MG) atender clientes. Isso faz 22 anos segundo ele! “Via homens e mulheres nus correndo e fugindo dos maus-tratos do hospício pela cidade”³¹⁵.

É preciso ter ouvidos de uma caçambeteira frente a quem quer narrar alguma estória sobre a loucura. Tornamo-nos, assim, testemunha, um ser marcado, encarregada de pôr o outro dentro de si. É exatamente isto que uma caçambeteira faz ao receber pedaços de gentes que lhe são transmitidos em sua caçamba de lixo: põe dentro de si e os espalha narrando suas estórias, saberes e vivências. O lugar da testemunha, para Jean Marie Gagnebin, é:

[...] aquela que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por

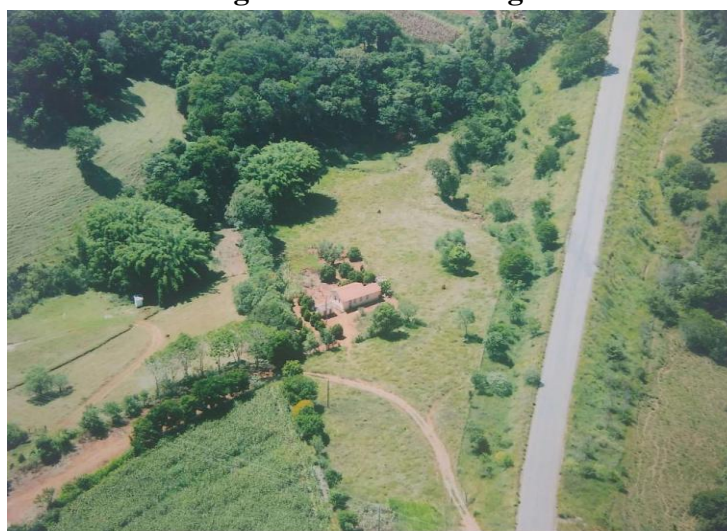
³¹⁵ CASARINO, Adilson, 2021.

compaixão, mas porque somente a indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente³¹⁶.

Dessa maneira, a caçambeteira tem como ética, ao escutar a memória do passado, não deixa-lo morrer, cair em esquecimento. Então, contar a estória, ouvi-la e transmiti-la é um ato de resistência, e assim por dizer, político. Neste território onde piso, e de onde venho, é um território, que rima com contação de estórias, com possibilidades de conexão a partir da narrativa. Território esse das panhas de café, do trabalho na lavoura, das plantações, do cozinhar em coletivo na beirada do fogão à lenha.

Falar sobre as experiências de Sebastião Casarino é fazê-lo viver no derradeiro presente. Ele está presente mesmo já morto. Minha avó paterna Nilcia e vovó materna Libia me ensinaram a ser sensível em fazer viver as pessoas, não as deixar morrer mesmo que já tenham morrido. Sua estória foi espalhada numa mesa na roça com mais de 15 pessoas. Uma delas, era eu, uma narradora caçambeteira... Vou contar com detalhes sobre o lugar onde estávamos e sobre meus afetos ao ouvir o narrador Adilson Casarino e os áudios via *WhatsApp* de sua irmã Maria Madalena Casarino, também narradora.

Imagem 39: Sítio da Alegria



Fonte: registro de Roseni das dores de Souza Felizardo, 2021, cedida para compor a tessitura desta narrativa.

³¹⁶ GAGNEBIN, 2019, p. 57.

Ir para a roça aos finais de semana sempre foi algo praticado pela minha família assim como ir à praia para os capixabas. Na roça, a gente respira o cheiro do mato, cozinha em coletivo no fogão à lenha, bebe cerveja e escuta estórias. Os mais jovens têm curiosidades de um tempo que já se passou, mas que traz marcas no presente ao ser recordado. Os causos são, assim, passados de geração em geração como se fossem um anel³¹⁷.

No tempo de meu avô Geraldo, ele morria de ciúmes das terras. Ninguém podia tocar nas coisas dele. Depois que faleceu, minha mãe passou a cuidar da casa e das plantas do sítio. Tiveram a ideia de fazer um *Instagram*, *Facebook*, em prol de alugar o sítio aos finais de semana. Hoje, o sítio, além de ser um lugar público ao mesmo tempo privado, é composto por terras que possibilitam zonas de encontro. Segredos foram ali enterrados e desenterrados. Cada parede diz um pouco de nós. Na infância, ir para este sítio era um processo árduo. Nem todos os domingos, a gente conseguia ir devido ao fusca fundido de papai. Ele saía bem cedinho com aquele carro sem chave, todo arremedado na gambiarra. O carro fazia um barulho da porra. Só papai conseguia emendar os fios e fazer o carro funcionar. Aos domingos, saía da cama cedinho para tentar dar tranco no carro. Descia os morros do bairro Bandeirantes (risos). Recordo que havia vezes que ele não conseguia voltar; outras, a gente escutava o barulho do fusquinha e saíamos esbaforidas... Entrávamos com muita rapidez e íamos pelas estradas à fora para a roça. A mamãe ia sempre com um rosário na mão puxando o terço. Na volta, meu pai embriagado, enfiava o fusquinha no desbarrancado. Era confusão na certa. A gente descia, descanso com os pés no chão, e mamãe a “loca”, ia jogando as comidas fora e gritando com meu pai. Os meus pés bem como os das minhas irmãs ficavam melados e sujos de feijão e arroz. As estradas de terra, pelas quais a gente passava, não mudaram nadinha. A gente é que “desveio” no processo. Parafraseando Manuel de Barros, a nossa imaginação não tem estrada, tem desvio e desver³¹⁸.

³¹⁷ BENJAMIN, 1987.

³¹⁸ “Pois, minha imaginação não tem estrada. E eu não gosto mesmo de estrada. Gosto de desvio e de desver”. Manoel de Barros, em carta a José Catelo, publicada no *Jornal Valor Econômico*, em 18 março de 2012. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2011/02/manoel-de-barros-natureza-e-sua-fonte.html>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

O sítio, está situado entre os municípios de Lavras (MG) e Ijaci (MG) e fica na beirada da rodovia. Essa rodovia foi construída pelo Decreto-lei nº 3.365/41, que garante, constitucionalmente, a desapropriação de terras ou imóveis por utilidade pública ou necessidade pública. A Constituição permite essa interferência no bem de um terceiro mediante uma negociação, que envolve uma indenização prévia em dinheiro. Os agentes, que têm o poder de desapropriar uma terra, são a União, o Estado, os Municípios, o Distrito Federal e os Territórios. Mas, afinal, o que pode ser desapropriado? Qualquer bem móvel e imóvel, privado ou público, que diz respeito à necessidade ou utilidade pública. A desapropriação, em outras palavras, seria um roubo institucionalizado. Bom, no caso do Sítio da Alegria, houve partes do terreno que foram desapropriadas. Partes como a cachoeira, o moinho de fubá e partes de uma mata rica em biodiversidade foram desapropriados e (matados) em prol da construção da rodovia BR. Estas terras, ricas em água, aves e flores, foram apagadas para serem transformadas em um caminho forçado e imposto. Essa troca não tem nenhum dinheiro que pague! Matar uma cachoeira deveria ser um crime contra a humanidade bem como expulsar aves de seu habitat natural. O poder do Estado em busca do progresso segue com as desapropriações de terras como também de gentes.

Foi meu avô materno, Geraldo Tavares Vilas Boas, quem fez os acordos com os agentes do Estado. Na época, sua saúde mental ficou bem prejudicada. Foi um período traumático. Ele não conseguia dormir à noite e não podia ver ninguém desconhecido entrando no sítio, pois se punha a imaginar que seria alguém interessado em roubar suas terras. Essas terras vieram de herança de antepassados e foram adquiridas com muita luta, trabalho e suor. Os agentes do Estado não tiveram cuidado algum em escutar as experiências das pessoas, que residiam neste território na época. Ofereceram uma permuta, que não paga essa dívida. Quando se mata um território rico em biodiversidade e vidas, é interpelada pelo apagamento de suas estórias culturais. Essa dívida é impagável.

Lembro-me de meu avô triste, dizendo: “*Eles querem apanhar as terras de graça*”. O moinho, onde era fabricado o fubá, que era o ganha-pão de meus vovozinhos, foi derrubado sem nenhuma sensibilidade sobre suas sobrevivências. Depois do tombamento do moinho, vovó Libia nunca mais fez bolo de fubá.

O crime³¹⁹ da passagem da rodovia BR deixou muitas marcas e memórias aos seus respectivos moradores. Não houve acordos por parte do Estado, e, sim, imposição e muitas conversas “para boi dormir” quando diziam que a rodovia geraria empregos com a construção da fábrica de cimento para as pessoas que tiveram suas terras desapropriadas. Todavia, não foi isso que aconteceu. As pessoas prejudicadas pela passagem da rodovia BR tinham por lei as escrituras de seus bens e foram, mesmo assim, desapropriadas. Minha avó narra que os oficiais de Justiça chegaram em viaturas da polícia com algumas pessoas de terno e pastas em mãos (advogados): “*Há polícias nas fronteiras entre as coisas*”³²⁰. A cena que ela narra é que chegaram com seus cadeados do diabo, tirando o cadeado dos donos e passando a se dizerem donos daquela terra por parte da Lei nº 3.365/41.

O Brasil é um Estado de falácias, não protege os cidadãos, mas os persegue em busca de lucro destruindo riquezas naturais e orgânicas em prol do capital. Judith Butler ressalva:

[...] recorrem ao Estado em busca de proteção, mas o Estado é precisamente aquilo do que elas precisam ser protegidas. Estar protegido da violência do Estado-Nação é estar exposto à violência exercida pelo Estado-Nação; assim, depender do Estado-Nação para a proteção contra a

³¹⁹ Estou chamando este acontecimento de crime entendendo que existiu um processo de anulação das subjetividades, das memórias e da vida cultural das pessoas, que estavam sediadas neste território. O Estado não teve nenhum cuidado com essas vidas, gerando, por fim, até danos mentais aos donos das terras desapropriadas.

³²⁰ MOBANÇA; MATTIUZZI, 2019, p. 23.

violência significa precisamente trocar uma violência potencial por outra³²¹.

Se preciso for, secar cachoeiras, destruir moinhos e matas em nome do progresso, eles farão em nome de Leis, de imposição, de poder e mais poder, em nome de deus e do lucro. Assim, a qualquer momento, territórios e vidas podem ser desapropriados³²².

É neste território da zona rural que pude escutar a narrativa de Sebastião narrada pelo seu filho Adilson. Posteriormente, ouvi áudios de *WhatsApp* de sua irmã Maria Madalena, que narrou cenas, que recorda sobre seu pai. No dia em que me encontrei com Adilson, chegamos à roça bem cedinho. Eu fui, em seguida, abrir as janelas da casa de adobe, e minha avó foi juntar lenha no terreiro de modo a acender o fogão. Logo, logo, o café já estava quentinho na mesa, e mamãe se pôs a amassar pão de queijo. Eu fui ler o livro *Calibã e as bruxas*, de Silvia Federeci. Tenho, como de costume, aonde vou, tern como companhia algum livro na bolsa. Quando o sol esquentou naquele dia lindo, estávamos animadas para preparar o almoço no fogão à lenha. Foi chegando gentes, até quem um carro branco apontou na porteira. Todas nós nos colocamos na janelada frente para ver quem era. Ia chegando Adilson, avô paterno da Iara Casarino. Fomos para a mesa. Eram estórias para lá, estórias para cá. A gente escutava tudo com muita atenção. Estávamos acompanhadas de uma boa cachacinha e muitas pessoas queridas. Eu me retirei da mesa para preparar uma caipirinha. Fui em busca de apanhar alguns limões na horta. Ao retornar para a mesa, senti uma apreensão de todas/todos ali! Alguns davam risadas, outras estavam com uma afeição séria... Eu olhei aquela cena e imaginei: “*Que diabos de bebida esse povo bebeu?*” Mas, eu me enganei! Não era o efeito de álcool. Estavam todos afetados com a contação que Adilson narrava na mesa. Ele fazia gestos, vibrava, abaixava a cabeça com postura de indignação. Ria! Às vezes, os olhos lagrimejavam. Adilson Casarino contava a estória de seu pai! Aproximei-me de um modo devagar, sentei-me à mesa e pus-

³²¹ BUTLER, 2018, p. 47.

³²² Ora, os vieses dos diagnósticos DSM, CID e protocolos seriam desapropriação de uma vida! Onde há todo o amparo de jurisprudência, agentes como polícia, práticas micropolíticas higiênicas e saber médico disposto a aderirem com a desapropriação de uma vida num hospício.

me a escutar com atenção. Cada vez que eu escutava aquele homem, mais afetada eu ficava!

Adilson perguntava: Quem tem medo de gente doida? Ele nos contava que seu pai era doido, que furava saquinhos de arroz, de açúcar e de pó de café e os espalhava na terra dizendo que tinha veneno. Quando Sebastião embarcou no trem de doido para Barbacena (MG), Adilson tinha seis meses e a sua irmã mais velha, 14 anos na época. Sua mãe Elza Casarino segurou as pontas sozinha, criando os nove filhos. Sebastião experimentou no corpo os maus-tratos do hospício. Levou muito choque e foi tratado como ninguém. Via que, pela madrugada, os helicópteros desciam no pavilhão para buscar os cadáveres e se perguntava: para onde iam levá-los? Sebastião, também, narrou a experiência de ver a cena dos internos e internas brigarem por restos de casca de laranja para se alimentarem. Foi nesse lugar sombrio que ele perdeu todos os seus dentes de ouro. Sebastião foi entendendo que estava num lugar errado e na hora errada.

Um dos seus irmãos foi visitá-lo no hospício para levar a notícia que a sua esposa Elza Casarino havia falecido. Depois que ficou ciente da notícia, tudo mudou para Sebastião! A morte da mulher o moveu a planejar sua fuga do hospício, a fim de encontrar os nove filhos:

O pai subiu nas costa de um doido alto, pegou na beirada do muro e caiu do outro lado da rua. Havia uma senhora que ficou com muita dó dele, pois viu que ele estava nu. Ela, então, deu umas roupa para ele se vestir. Ele embarcou no trem de ferro. O comprador aproximou dele. Ele abaixou a cabeça, porque não tinha nenhum centavo no bolso, porque estava saindo fugido do hospital de Barbacena, né? Se ele não foge, ele ia morrer, porque, lá, eles matava, memo, né? O cobrador ficou com dó dele e fingiu que não o viu! Chegou em Garcia, sabe-se lá onde é o diabo dessa Garcia, onde faz baldeação. Com a cabeça fraquinha, ele pegou para Campo Belo (MG). Chegou cedinho na casa da mãe. Então, a estória é essa que ele contava³²³.

³²³ CASARINO, Adilson, 2021.

Ao chegar em casa, soube que as/os filhas/filhos estavam todas/todos espalhadas/espalhados. Havia interesse de alguns parentes em criar apenas os meninos. Isso fez Sebastião ficar muito puto. Ele dizia que “*seus filhos não eram cachorro para ficar dando pro outros*”³²⁴.

Depois dessa loucura toda, Sebastião chegou a tempo à missa do sétimo dia de sua esposa com os nove filhos. Ele permaneceu por algum tempo na cidade de Campo Belo. Depois, resolveu deixar a cidade e ir para Cerradinho (MG). Largou o emprego na firma onde estava trabalhando, onde tinha um bom salário, INSS. Não quis ficar num lugar que lembrava sua esposa.

Começou a trabalhar numa pedreira e ganhava pouquinho, mas foi o suficiente para criar todos os filhos e filhas. Para não deixar os filhos mais novos passarem sofrimento nas mãos dos irmãos mais velhos, para evitar brigas entre eles/elas etc., Sebastião levava os filhos mais novos com ele para o serviço na pedreira. Um deles era Adilson, que, na época, tinha três anos, o outro filho tinha cinco e o último, sete. Sebastião ficava o dia todo pajeando e trabalhando.

Como ensinamento, dizia para os/as filhas/filhos que deveriam orar sem cessar e que o dinheiro era inimigo do homem. Não era para almejar a riqueza, querer ter muito dinheiro, que isso era prejudicial à vida. Outro ensinamento é, quando fossem falar algo a alguém, se isso não gerasse força a pessoa, era melhor ficar calado. Isto é, “*Quando não tiver nada de bom para falar para os outros, fiquem calados*”³²⁵. Em síntese, Adilson revela que seu pai

³²⁴ CASARINO, Adilson, 2021

³²⁵ CASARINO, Adilson, 2021.

*saía de dentro dos ranchos, saía debaixo de chuva para não deixar as crianças ouvir adultos sem tato na língua falando palavrão, falando besteira, falando de mulher, de sexo. Ele saía com os filhos e ficava debaixo de chuva, da lona, de árvore para não deixar os filhos ouvirem essas narrativas*³²⁶.

Sebastião criou os filhos sem agredi-los. Criou-os com a transmissão de experiências. Ficou 20 anos ser ter nenhuma crise em Cerradinho. Maria Madalena, sua filha, acredita que, pelas bênçãos de deus, a mãe, ao morrer, iluminou alguém para ficar com os filhos/filhas, e esse alguém era o doidinho do Sebastião, que, por sinal, de doidinho conseguiu criar nove filhos numa época em que havia pessoas que morriam de fome, e ainda não se pode esquecer que há pessoas que ainda morrem de fome neste país. Finalmente, os dentes de ouro de Sebastião foram desapropriados pela Lei nº 290, de 1900327. Encerramos incitando as palavras de seu filho mais novo:

Morreu com 87 anos, morreu sem ter nenhum inimigo, ou pessoas que falassem mal dele. Nunca falou mal de ninguém. Nunca brigou com ninguém. Nunca ofendeu ninguém. Nunca desagradou ninguém. Nunca fintou ninguém. Recordo que meu pai pagou uma conta depois de 50 anos. 50 anos ele ficou devendo uma cesta básica numa venda antigamente. Isto não saía da cabeça dele. Ele me chamou a pouco tempo para pagar. O dono da venda já tinha morrido. A venda já tinha fechado. Nós, então, fomos na casa dos filhos do homem da venda, e ele fez questão de pagar. Na época, foi uma cesta básica de mais ou menos uns R\$140,00 reais”.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. Tradução Sergio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: Quando a vida é passível de luto? Tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Revisão da tradução Marina Vargas. Revisão técnica Carla Rodrigues. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASARINO, Adilson. **Entrevista**: O homem que perdeu os dentes de ouro no hospício. Perdões, 2021.

³²⁶ CASARINO, Adilson, 2021.

³²⁷ Lei que criou o hospício Colônia de Barbacena (MG).

GABNEBIN, Marie Jeanne. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SILVA, Denise Ferreira da. A dívida Impagável. In: **Carta a leitora preta do fim do mundo por Jora Mbança e Musa Michelle Mattiuzzi**. 2019.

Imagens de incêndios na infância: a estória de Verinha

Para Vera das Dores

Minha mãe foi uma mulher muito bonita. Quando ela estava bem de saúde, dizem que foi muito bonita, sabe? Diz que a galera chamava ela de Martha Rocha³²⁸.

Ela, a criança, a jovem, a mulher Vera, está cumprindo com a vida. A coragem de contar de si, de falar de suas memórias, é uma arte. Com tempo, conseguimos elaborar os traumas, as cenas, os arrastões, arranhões na pele pela p-a-l-a-v-r-a. É, Verinha, tem gente que tem mãe, tem gente que espanta mãe. Tem gente que vive sem. Abaixa a cabeça, levanta a cabeça e construa mundos sem pai e sem mãe. Faz dos maus encontros, e bons encontros um bom uso. A vida é essa travessia que nos embala a desejar viver. Você tem apostado nela, carregando estórias e saberes a nos dizer (Diário de campo, 13-08-2021).

Encontrei-me com Vera das Dores em sua residência. Nosso encontro foi adiado três vezes por motivos de pandemia. Isso sucede de nossas subjetividades, estar à flor da pele em tempos pandemônicos. Foi em uma quarta-feira que lhe enviei uma mensagem sugerindo um encontro na lanchonete, que ela administra em frente à Prefeitura de Lavras (MG). Os lavrenses comentam que a melhor coxinha pode ser degustada lá. Vera, então, me orientou a ir até a sua casa e me passou o endereço. Chamei o uber e fui até o seu encontro naquela tarde. No caminho, conversava com o motorista sobre estes tempos tão catastróficos e singulares. Depois, compartilhei a temática da minha pesquisa e disse que estava indo para o encontro de mulheres narradoras (arquivos-vivos), que tinham memórias para narrar a respeito da história da loucura. Ele, então, me disse que era importante registrar essas narrativas e transmitir essas experiências. Quando saí do carro, bati a porta e o agradei chamando-o de Walter Benjamin (Nós, então, rimos!)³²⁹.

³²⁸ Maria Martha Hacker Rocha foi uma rainha da beleza, eleita a primeira Miss Brasil em 1954. Aos 18 anos, participou do Miss Bahia, vencendo o concurso. Em 26 de junho de 1954, foi eleita Miss Brasil, no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

³²⁹ Diário de campo, 23 de junho de 2021.

Ao chegar à rua onde se localiza a casa de Vera, ela já me aguardava do lado de fora. Ao entrar para a cozinha, deparei-me com uma mesa de café, que me aguardava. Havia duas garrafas de café com e sem açúcar, e bolachinhas na mesa. Vera quis contar sua estória, falar de si, de suas memórias e vivências, sendo filha de Maria das Dores de Souza, que mais morou em hospícios do que na sua própria residência. Vera tem cabelos curtos, é mineira, branca, de classe média, heterossexual, reside na cidade de Lavras, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), foi candidata a vereadora no ano de 2021 no município, e tem cinco filhos³³⁰.

Vera recorda que, um dia, foi retirada da cama pelos braços de sua mãe e colocada no terreiro³³¹. Após isso, sua mãe atçou fogo no colchão! O fogo do incêndio é uma cena que a acompanha como se aquela cena tivesse ocorrido ontem. Foi depois deste ato de incendiar o colchão que Maria, sua mãe, começou a tocar o terror na cidade e assustar as pessoas. Ela passou a ter como hábito dar a filha para os outros: “*Oh, fulano, quer procê?*” Arrastava a menina pelas ruas como se fosse um saco de batatas. Somente o seu tio Carlinho, já falecido, conseguia tirar a criança dos braços de sua mãe. A criança Vera cresceu lidando com os discursos que a mãe era doida, que seus atos eram porque sua cabeça não era boa e que sua saúde mental era debilitada. As pessoas da região tinham como opinião que o lugar da Maria não era na rua assustando, fazendo bagunça, e sim no hospício. Com oito anos, um senhor, conhecido como Paulo, parou Vera na rua e a agrediu verbalmente! Ela revidou: “*Senhor Paulo, eu não tenho culpa! Ninguém segura a mamãe*”³³².

Quando os vizinhos da rua chamavam a Maria de doida, ela tacava pedras ou corria atrás. Fazia isso, “*porque mexiam com ela*”³³³. Maria gostava mesmo era de uma esquina. Ficava

³³⁰ Estou utilizando aqui e, entendendo possibilidade de usar como linguagem neutra.

³³¹ Espaço de terra plano.

³³² DORES, 2021.

³³³ DORES, 2021.

o dia todo sentindo a brisa do vento no rosto, produzindo, ali, possíveis. Quando os familiares iam chamá-la, ela ficava enfezada. Vera apanhou inúmeras vezes por chamar a mãe para ir para dentro de casa! Em Minas Gerais, os mineiros têm como hábito ficar na esquina esquentando ao sol, conversando, contando estórias ou refletindo sobre a arte de existir. A esquina foi um dispositivo de criação, de suspiros, de possíveis para Milton Nascimento e os irmãos Borges (Marilton, Márcio e Lô Borges). O grupo compôs canções, que trazem os rastros da mineiridade do território que habitaram.

Vera disse: “*Mamãe fez coisas que até o diabo dúvida!*” (risos)³³⁴. Contou que, uma vez, houve um enterro de ciganos. Maria, ao avistar o choro da cigana, sentiu-se muito incomodada por ela não aceitar a morte. Não suportou ver e ouvir (gentes que chora). Ao ter que lidar com isso, entrou no cemitério e meteu o coro na cigana: “*Bateu para valer, para valer*”³³⁵. Depois da confusão toda, o silêncio pairou no cemitério! Ninguém mais chorou ali! Todos deram no pé! “*Mamãe vivia entrando debaixo dos porões das casas para fazer bagunça. Antigamente, era muito costumeiro construir casas com porões*”³³⁶. À noite, ela entrava debaixo dos porões e acendia fogo para se esquentar do frio. As pessoas se assustavam, tinham medo e, logo, acionavam a polícia dizendo que havia uma doida pondo fogo na casa dos outros.

Esses comportamentos malcomportados foram motivos para Maria ser retirada das ruas e ir para o hospício. Vera se lembra de como eram os encaminhamentos da mãe para o hospício Colônia. De acordo com ela, era uma “penumbra”³³⁷, entre a luz e a escuridão! Sua mãe, Maria, é assim uma mulher bruscamente iluminada pelas badernas, queixas das vizinhas, da cidade, da família, da presença da polícia. Ela se mostra por meio da penumbra da luz, que ora ilumina, ora apaga sua existência.

³³⁴ DORES, 2021.

³³⁵ DORES, 2021.

³³⁶ DORES, 2021.

³³⁷ DORES, 20021.

Era muito sacrificado! Tinha que juntar o dinheiro para pagar os policiais para ir com ela. Tinha que chamar dois, três soldados! Tinha que pagar eles. Era uma luta. Ela era presa e levada para cadeia. Isso aí, eu tenho marca até hoje! Me marca muito! Punha ela atrás das grades! Entendeu? Ela ficava lá presa³³⁸.

Prendendo a mãe, a criança Vera também era presa. Ela se lembra que ia levar comida e roupas para ela. Perguntava para onde iriam levá-la e se ela iria melhorar a cabeça. Ela, Maria, então, gritava: “*Eles não vão me matar! Não vão*”. Era prisão de dois a três dias para Maria até a família arrumar dinheiro emprestado para pagar os agentes da polícia para levá-la no trem de doido para Barbacena (MG).

Vera conta que a sua mãe era de lutar com a polícia. Ela os punha para correr. “*Ela lutava com eles. Assustava-os. Eles não gostavam de ir quando a família chamava*”³³⁹. A lembrança que ela tem é de sua mãe correndo atrás deles num morro ladeira. Isso era costumeiro. Ela enfrentava. Ia para o confronto.

Após Maria ter ido para o hospício, Vera acreditava que a mãe poderia voltar, algum dia, curada. Ela conhece a dor de ter que ficar longe de mãe. Além disso, com o tempo, teve acesso à dor de ter recibo a notícia que sua mãe havia falecido no hospício Colônia. Ela narra a cena:

Ontem, mesmo, a gente estava lembrando disso, eu com a minha tia Therezinha! Ela tinha um namorado, né! Ela tinha marcado de jantar com ele. Estava saindo de casa para encontrá-lo. Quando ela estava saindo, a polícia chegou na porta de casa e perguntaram a ela: ‘O que você é da Maria das Dores?’ Ela respondeu: ‘É minha irmã, por quê?’ ‘É porque ela faleceu! A gente veio avisar, mas a gente não pode trazer o

³³⁸ DORES, 2021.

³³⁹ DORES, 2021.

*corpo, porque não teve condições! Ela foi enterrada como indigente lá mesmo*³⁴⁰.

Depois de alguns dias, chegou uma carta, endereçada do hospício para a família, alegando que Maria das Dores de Souza havia falecido. A carta com seu nome dizia que o seu falecimento se deu por motivos de desidratação! Agora, era só a jovem Vera no mundo, sem mãe, sem pai. Passou a aceitar seu destino, passou a elaborar o luto e conviver com a angústia de não ter tido o direito de enterrar sua mãe.

(silêncio...)

Mas, foi por meio de um samba de Osvaldo Nunes que Maria das Dores retornou a sua atual residência, cantando. Com ela, havia um bando de “locas”:

***Voltei,
Aqui é meu lugar,
Minha emoção é grande,
A saudade era maior,
E voltei pra ficar.***

Retornou à sua casa, onde vivia e dormia sua mãe Nair Cândida de Jesus, sua filha Vera e seu tio. “*Dormiam todos juntos. Ali, não tinha água, não tinha luz. Tinha que buscar água na mina. A luz era de lamparina*”³⁴¹. Foi nesta casinha e nestas condições que chegou Maria cantando samba com seu bonde. Naquele noite, uma de suas amigas rezou a noite inteira aos pés do São Benedito. Outra cochichou a noite inteira:

Foi um caos, sabe? As loca falou a noite inteira. Quando o sol se pôs, a gente chamou as autoridades para levá-las de volta. Uma delas sabia de onde era! Outra já não sabia quem era, de onde era! Outra, não estava bem de saúde, não! As autoridades levaram elas novamente para o

³⁴⁰ DORES, 2021.

³⁴¹ DORES, 2021.

hospício! A mamãe ficou! Depois disso, ela é internada no Paulo Minicucce³⁴² algumas vezes. Depois, não internou mais³⁴³.

Finalmente, o São Benedito sabe mais dessa estória do que eu ou do que você, leitora. O santo negro, de família pobre e descendente de africanos escravizados na Etiópia, encontra-se até hoje no quarto de Maria! Completa 70 anos de existência. Quanta coisa esse santo sabe? Ele é o psicólogo de Maria. Ela só conversa com ele. Vez ou outra, ela concede alguém entrar em seu quarto e fazer uma reza ou pedido. Após ter fugido do hospício com suas amigas, ela confessou à sua filha como tudo ocorreu, nas palavras de Vera: *“Elas, as seis amigas, furaram o muro com o cabo de vassoura, furaram e saíram para a estação! Pegaram o trem”*³⁴⁴.

Falar de infância para Vera é pensar que a dela foi “roubada!”³⁴⁵ Mas, afinal, que infância é essa, que, sonhada por Vera, ela perdeu? Falar de sua juventude é lembrar que a mãe estava internada no hospício e que, aos 15 anos, o dentista Zé Pato arrancou todos os seus dentes da boca. Ela havia quebrado um dos dentes da frente. Ao ter procurado por ele, este arrancou-lhe todos os dentes alegando que Vera não iria ter condições de arrumar os demais. Esse fato a marcou muito: *“Se houvesse alguém para ter me instruído na época”*³⁴⁶. A dor de perder todos os dentes da boca é a mesma dor de ter a mãe atrás das grades, de não a ter próxima para levá-la ao dentista. Mas, quantos loucos e loucas não perderam seus dentes? A loucura não está somente no hospício, ela atravessa as práticas do cotiadiño de uma cidade!!!!

Esta ira e esta rebeldia de Maria, narradas por sua filha, a levaram para a cadeia e, logo, para o hospício. É enquadrada pelo saber médico e jurídico. Mas, afinal, quem foi o

³⁴² Foi um hospício ativo na cidade de Lavras (MG).

³⁴³ DORES, 2021.

³⁴⁴ DORES, 2021.

³⁴⁵ DORES, 2021.

³⁴⁶ DORES, 2021.

inimigo de Maria das Dores de Souza? O hospício, a prisão, a família, a igreja, o médico, o juiz ou a polícia? Seu maior inimigo é uma sociedade manicomial, em que o poder circula, e produz vontades de verdade, seja por meio dos saberes ou dos extradiscursos³⁴⁷. Onde Maria, Vera estivesse, o poder estaria em seu meio, haja vista que sua procedência permeia as relações, seja macro ou micro, num sentido de que exerce um “[...] controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos”³⁴⁸. Nas palavras de Michel Foucault:

O interessante da análise é justamente sugerir que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível. Daí a importante e polêmica ideia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que detêm o poder e de outro aqueles que se encontram alijados dele³⁴⁹.

A partir disso, Michel Foucault nos ajuda a entender que o poder não está focado apenas num lugar, em uma pessoa; isto é, no Estado, hospício, família, prisão etc. Pelo contrário, o poder é produzido e parte de práticas ou de relações com o próprio poder. Assim, o poder é como feixes de luz que, por um instante, iluminam. A mulher infame, confrontada com o poder, é intimada a falar e a se mostrar³⁵⁰. Nessa perspectiva, poder é, por fim, uma relação, não um objeto, ou algo que se localiza com alguém, mas com todas, todos, todes. A partir disso, confrontando com os micropoderes solapam a refletir sobre os processos de resistência, que vêm primeiro que o poder. A resistência se mostra a partir das linhas de fuga, das práticas de extratragia. A fuga no cabo de vassoura cometida por Maria seria uma prática de resistência por exemplo. Assim, qualquer confronto com o poder, que se resumir em luta, em esquivas, torna-se processos de resistência, haja vista que a resistência também é força produzida além de ser anterior ao poder: “O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra a sua energia, encontra-se efetivamente onde elas se confrontam com o poder”³⁵¹.

³⁴⁷ “Foucault articula os saberes com o extradiscorso, sejam em instituições como o hospital, a família e a escola, sejam, em um nível mais global, as transformações político-sociais, sobretudo na época da Revolução Francesa” (MACHADO, 2019, p. 9).

³⁴⁸ MACHADO, 2019, p. 14.

³⁴⁹ MACHADO, 2019, p. 17.

³⁵⁰ DELEUZE, 2013, p. 138.

³⁵¹ FOUCAULT, 1992, p. 92.

Vera assumiu o ofício de cuidar de sua mãe desde os três anos de idade. Além de cuidar dela, trabalhava vendendo panela, apanhando café... Fez de tudo um pouco nesta vida. Tudo mudou quando se casou no dia 19 de julho aos 17 anos. Quando foi se casar, o juiz disse que se a mãe dela não assinasse não haveria casamento! Com os convites já espalhados pela cidade, Vera tomou a iniciativa de ir até o hospício Paulo Minicucci, onde sua mãe estava internada. Disse a ela que a tiraria dali desde que assinasse direitinho o seu nome no papel. Foi feito um trato entre a filha e a mãe: caso Maria assinasse, ela a tiraria do hospício. Ela, a mãe, então, falou num tom de alegria para filha: “*Eu assino, eu assino*”³⁵². Do hospício, Maria foi para o cartório! Assinou direitinho o seu nome! Depois de assinar, não voltou mais para hospício algum. Ela passou a se entreter com seus netos e parou de assustar a cidade. Assumiu seu ofício de ser avó de cinco netas e netos e de ajudar Vera nos cuidados da casa.

Assim, às brechas do poder, que conduziu o corpo de Maria como indigente e morto, ao mesmo tempo criou sua assinatura como necessária ao contrato do casamento viabilizado pelo estado jurídico. A fragmentação, que produz Maria louca indigente e morta, e, em seguida, através da escrita de seu nome, exige sua assinatura cúmplice dos mecanismos do Estado; agora Maria não “loca”, mas mãe.

Vera criou o filho e as filhas numa casa de três cômodos. Imaginou que, ao se casar, iria sair da pobreza, que poderia mudar de vida! Mas, ela se enganou. Após 17 anos de casamento, acabou se separando. Ao tirar a mãe do hospício para se casar, acabou descasando e assumiu seu ofício de prestar cuidados à mãe. Hoje, Maria toma remédios e não tem mais crises. É Vera quem dá banho, lava a roupa e dá atenção e carinho para a mãe. Ao chegar em casa todos os dias, Maria se direciona à filha dizendo: “*Já chegou? Já*

³⁵² DORES, 2021.

trabalhou?”³⁵³. Até hoje, Vera não sabe quem é o seu pai. Na escola, sofria muito preconceito: “Fia sem pai”, “Fia de mulher doida” e “Antigamente, as coisas eram muito severas, NÉ? Tinha que ter pai, tinha que ter uma mãe. Mas, vencemo, NÉ?”

Desse modo, as cenas de Maria das Dores, narradas por sua filha, são marcas da memória de um país, de uma mulher que confrontou e produziu práticas de resistência. Suas espertezas, fugas e trapaças são símbolos de luta de uma mulher, que, conseguia driblar a estrutura social em que se encontrava. Enquadrada como “loca”, fugiu das práticas do hospício, a partir de um cabo de vassoura.

Referências

DORES, Vera das. **Entrevista**. Lavras, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. 9.ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 7-34.

³⁵³ DORES, 2021.

A vassoura da bruxa e sua fuga no hospício: Maria das Dores contra seu tempo

Para Maria das Dores de Souza

Imagem 40: Chafariz situado na praça Augusto Silva (Lavras, onde Maria se banhava)



Fonte: acervo pessoal da autora.

“Eu tô viva, eles não me mataram, eu continuo viva,
ASSUSTANDO GENTES”³⁵⁴

Vera (filha): Comeu pão, né?

Maria das Dores: Comi

Caçambeteira: Olho bonito, né?

Vera: É, o olho dela é azulzinho.

Maria das Dores: Ah, já vou embora...

Verinha: Não, pera aí. Ela vai conversar com cê um cadinho.

Caçambeteira: Oi, Maria queria conversar com cê!

Vamos bater um papo.

Maria das Dores: A minha vida tá boa.

Caçambeteira: É?

Maria das Dores: É...

Verinha: E quando você fugiu de Barbacena?

Maria das Dores: Eu não fugi, não

(suspirando forte).

Maria das Dores: Eu nunca fugi de lá.

Caçambeteira: Risos.

Caçambeteira: O que você fazia lá?

Maria das Dores: Nada.

Verinha: O que você fazia lá? Conta para ela?

Maria das Dores: Lá, não fazia nada. Lavava uns trens lá!!!

Maria das Dores: Lavei e fui de trem.

Caçambeteira: Você veio de trem?

Maria das Dores: Vim de ônibus.

Verinha: Veio de ônibus?

(Maria, inclinou todo o corpo para frente de forma que estava a me encarar.)

Verinha: Senta para trás, porque você vai cair.

Maria das Dores: Agora, eu vou embora.

Caçambeteira: Não, Maria, fica aí.

Maria das Dores: Não!

Verinha: Fica mais um cadinho.

Maria das Dores: Não! Você não tem nada pra me dar para comer.

Verinha: Então, senta aí que eu te dou

(suspiro forte).

Verinha: Senta que eu te dou. Ela não tá enxergando mais.

Verinha: Cê quer uma torradinha de pão?

Maria das Dores: Não.

Verinha: Uma bolacha?

Maria das Dores: Bolacha, não!

³⁵⁴ Fala de Maria das Dores ao saber que o hospício Colônia a matou por meio de uma carta e pelo aviso da polícia.

Verinha: Ela só gosta das coisas boas
(suspiro forte).
 Caçambeteira: Está sentindo frio?
 Maria das Dores: Tô.
 Caçambeteira: Tá frio, não, tá?
 Maria das Dores: Tá...
 Caçambeteira: Seus olhos são muito bonitos, Maria! Azul...
 Verinha: Fala para ela quando você internou em Belo Horizonte.
 Maria das Dores: Internou, eu! Um dia! Né?
 Caçambeteira: Hum...
 Maria das Dores: (tosse.).

Caçambeteira: Cê lembra o dia que você fugiu lá do hospício de Barbacena?
 Maria das Dores: Eu não fugi, não! Eu não fugi. Eles iam buscar a gente lá, né?
 Verinha: Cê trouxe as mulheres para cá? Cê lembra?
 Maria das Dores: Dá uma coisa para eu comer, aí?
 Verinha: Bolacha. Pode ser?
 Maria das Dores: O que você tem sem ser bolacha?
 Verinha: Só bolacha...
 Maria das Dores: Então, me dá!!!
 Verinha: Cê trouxe as mulheres para cá. Uma delas rezou no pé do São Benedito a noite toda. Cê lembra?
 Maria das Dores: Lembro. Ah! Eu vou embora.
 Caçambeteira: Prazer te conhecer, tá?
 Maria das Dores: Tá, obrigada.
 Verinha: Cuidado para descer a porta.
 Caçambeteira: Ela tá fortuna, né?
 Verinha: Tá, 82 anos.
 Caçambeteira: Nossa! Tem uma presença forte!
 Verinha: Foi muito bonita. Cuidado para descer e não cair.
 Caçambeteira: É, ela não consegue narrar. A gente precisava ter criado um vínculo.
 Verinha: Não, ela fica nervosa.
 Verinha: Vou ligar para minha Tia Terezinha. Nós vamos lá para ela te contar
(Diário de campo, mês de junho, 2021).

No dia 23 de junho de 2021, na cidade de Lavras (MG), pude conhecer Maria das Dores de Souza, uma sobrevivente do hospício Colônia. Ela é mineira, nasceu no Cajuru do Cervo (Lavras/MG). Em uma tardezinha, tomeu café com ela, um arquivo-vivo. Quando avistei, pus-me a prestar atenção nos seus gestos, cheiro, tosses e suspiros. Ao vê-la pela primeira vez, sua presença me arrebatou. Maria se aproximou e sentou-se numa cadeira de frente a mim. Ao conversar, curvava-se para frente, impondo sua força, sua presença: “*Não mexe comigo, que eu não ando só*”³⁵⁵.

³⁵⁵ Canção de Maria Bethânia *Cartas de amor*.

Foram sua filha (Vera das Dores) e sua irmã (Theresa das Dores) que narraram suas memórias. Maria no ano de 2021, encontrava-se com 82 anos de idade. Ela conseguiu fugir do hospício Colônia! Correu da morte! Tentei conversar com ela. A mensagem que ela deixa é que eles não a mataram, ela ainda está viva e continua assustando as pessoas. Ao ouvir o nome da cidade de Barbacena (MG), imediatamente se levantou e não quis conversa! Disse que não fugiu. Foram eles que fugiram dela, matando-a, mas esqueceram de enterrá-la.

A irmã de Maria, conhecida como Thereza das Dores, vive hoje na mesma rua que a irmã. É viúva e reside em Lavras (MG). Fui recebida em sua casa. Naquela tarde em Minas, ela estava disposta a narrar suas vivências, memórias em tempos de pandemia. Ela disse que carrega dor de gente, que está jogada neste mundo para sofrer e para sorrir. Já sofreu muito na vida, mas também acumula muitos sorrisos. Além de ter que enfrentar a pandemia, ela acabou de se despedir de um tratamento de um câncer. O câncer doeu e foi embora. Agora, vive a dor de ter um filho preso. Sua vida é como “*Um balaio de gato! Fofinha do céu...*” (gargalhadas).³⁵⁶ Thereza também comenta da dor de ter que abrir a porta de sua casa e acolher sua filha toda roxa após ter sofrido agressão do marido:

É uma história que não tem fim..., porque a vida não tem limites! Ter filha mulher dói, né? Elas pensam que, ao casar, os machos vão colocar um tapete vermelho para elas pisarem, que vão as proteger das porretadas da vida, mas acaba que, no fim das contas, são elas que têm que fugir deles ou se não... Eles as matam! Eu sempre digo para elas, apanhou, corre para casa da mãe! Porque tem tanto homem que não suporta ver o brilho de uma mulher? Não suporta ver uma mulher fazendo fuxico com as suas dores e dançando na vida? Além de fazer conchas com a dor, elas, as mulheres, criam filhos, arrumam casa, cozinha e, se brincar, ainda trabalham fora para pôr bens materiais e comida dentro de casa. Uma mulher que se ergue pela manhã e passa o dia todo sonhando, curtindo a vida, brocha qualquer machinho (risos). A mulher tem força,

³⁵⁶ DORES, Thereza, 2021.

*tem luz, tem determinação de viver. Homem é fraco. Precisa bater para mostrar sua masculinidade de merda!!*³⁵⁷

Thereza narra cenas que causaram desconforto em si e em toda sua família. A estória é da sua irmã “loca”, que vivia assustando e dando muito trabalho para a família. Depois que Maria foi internada no hospício Colônia, ela ia visitá-la e saía de lá arrasada com a situação que via: “*Lá, era um sofrimento, fofinha! Era como uns cemitérios de antigamente!*” Vera, ao ouvir sua tia nesse instante, comentou: “*Lá, funciona até hoje! Fez um museu*”. Thereza disse: “*Sei lá. Eu nem sei o que é aquilo hoje. Deus me livre! Cruz credo!*”³⁵⁸

Segundo Vera e Thereza, o ofício de Maria das Dores de Souza, era assustar a cidade. Corria atrás das pessoas com um machado e uma enxada. “*Todo mundo tinha medo dela, todo mundo corria para dentro e trancava a casa*”³⁵⁹. Ela era uma Maria Macho, seu jeitinho desobediente, a levou para prisão e, depois, para os hospícios. Vera das Dores, vai dizer que sua mãe era ruim da cabeça. Já Thereza: “*Era loucura, e das brabas! Das brabas!*”³⁶⁰ Ia tomar banho no chafariz, na praça Augusto Silva, na cidade de Lavras (MG). Despia-se para banhar, cantando, e adorava deitar e esquentar sol nua em público. “*Ela ficava nuazinha, pelada dentro da água*”³⁶¹. Era a polícia que policiava seus banhos. Ao avistá-la nua, ela era levada na viatura para casa. Sua mãe Nair Cândida de Jesus sofria muito com os seus comportamentos rebeldes: “*Minha mãe saía andando no mato. Perdia-se na beirada do rio. Uma vez, a encontramos com um corte no pé! Teve que dar 14 pontos! Ela não conseguia voltar. Ela estava na beirada do rio! Ali, saiu sangue que tinha que sair*”³⁶². Quando Maria dava um sumiço do mapa, a família colava cartazes nos postes da cidade e punha recado na rádio da cidade. Mas, por onde andava Maria? Ela estava andando pelas linhas de trem, estava procurando rios e porões para descansar à noite. Andava cerca de semanas rumo a outras cidades à procura de esquinas e de gentes para

³⁵⁷ DORES, Thereza, 2021.

³⁵⁸ DORES, Thereza, 2021.

³⁵⁹ DORES, Thereza, 2021.

³⁶⁰ DORES, Thereza, 2021.

³⁶¹ DORES, Thereza, 2021.

³⁶² DORES, Vera, 2021.

assustar. *“Ela deu muito trabalho. Muito trabalho. Muito trabalho mesmo! Sabe o trabalho de se chorar? Chorar?”*³⁶³.

Ela gostava de rolar na rua. O cabelo loiro agarrava no asfalto. Ela era de deixar seus rastros por onde passava, seja de sangue, seja através dos fios de cabelos loiros. Uma vez, o carro atropelou um cachorro. Maria o pegou pelas mãos e o rasgou nos dentes. O homem que atropelou o animal, ao avistar aquela cena, pôs-se a correr na hora! Ela comia cachorro morto, mas não era ela que os matava. Eram eles que os atropelavam. Da rua, ela jogava pedra nas casas e nas pessoas! *“Ela quebrava a casa das pessoas. Ela quebrava mesmo”*³⁶⁴. O que ela achava no lixo, ela comia. Rasgava bicho morto nos dentes. Arrancava a roupa na rua. Agredia as pessoas e derrubava casas. Era preciso juntar cinco policiais nela. Ela os jogava tudo no chão. Vivia discursando que ia roubar as criancinhas da sua família e ia levá-las para São Paulo.

Pela agressividade, rebeldia, desobediência e raiva, ela foi encaminhada para o hospício Colônia. Depois da fuga, foi para o Raul Soares em Belo Horizonte; posteriormente, para o Paulo Minicucci (Lavras/MG). *“Minha irmã mais morou em hospícios do que em casa”*.

Quando a família arrumava os papéis para Maria ir para Barbacena (MG), ela era encaminhada para a Delegacia de Lavras (MG). Ficava presa na cadeia, onde era o antigo fórum da cidade. Uma vez, Thereza foi com o filho e levou Vera para visitá-la! Após ter saído da cadeia, eles pegaram uma tempestade na rua. Era trovão e fios arrebatando... Até que então, Thereza caiu no chão e ficou sem a pele das palmas da mão. O sofrimento de ver a irmã naquela situação doía o corpo de quem era próximo. Era a dor de ver a irmã

³⁶³DORES, Thereza, 2021.

³⁶⁴DORES, Thereza, 2021

presa. Era a dor de vê-la sendo levada para o hospício e voltando mais agressiva e rebelde. Era a dor de ter que arrumar dinheiro para encarcerar a irmã. Era a dor de perder a pele das palmas das mãos após visitar a irmã naquela situação. *“Era sofrimento demais. Nem sei te falar”*³⁶⁵. A família chegou a questionar o que os médicos tinham a dizer sobre o comportamento de Maria. Foi respondido: *“Loucura! Loucura das loucas agressivas. Ela derrubava os policiais, médico, quem fosse!”*

A família tinha que dar uma quantia em dinheiro para a polícia. Era Nair Cândida de Jesus quem saía pedindo dinheiro emprestado, porque *“a gente era muito pobre! Muito pobre mesmo. Nós passávamos fome. A mãe, então, arrumava dinheiro emprestado para pagar o policial”*. O dinheiro, disse Thereza, era para amarrar Maria no trem. Ela ia amarrada e para os agentes da polícia pagar lanches no caminho. Chegando a Barbacena (MG), Maria *“sofreu demais, tomou muito choque! Foi muito sofrimento. Isso foi ano! Anos de sofrimento”*³⁶⁶.

Maria tinha dentes de ouro muito bonitos. Um dia, disse para sua mãe Nair Cândida de Jesus: *“Eu não estou ficando boa da cabeça. A única coisa que eu não quero é levantar a mão para a senhora”*. A primeira crise que ela teve, ela foi para cima da mãe! *“Mamãe vivia roxa devido às agressões da Maria”*³⁶⁷. Depois que ela foi para o hospício, ela perdeu todos os dentes de ouro.

Thereza conta que, devido aos sofrimentos, sua irmã fugiu do hospício com mais algumas mulheres! Um dia, a polícia parou Thereza e perguntou se ela era irmã da Maria das Dores de Souza. Ele abaixou a cabeça e disse: *“Infelizmente, ela faleceu! Morreu!”* Ela, então,

³⁶⁵ DORES, Thereza, 2021.

³⁶⁶ DORES, Thereza, 2021.

³⁶⁷ DORES, Thereza, 2021.

perguntou: “*Mas, e o corpo?*” Ele disse: “*Teve que ser enterrada lá mesmo! Como indigente*”³⁶⁸. Para trazer o corpo de Barbacena até Lavras, na época, era preciso desembolsar muito dinheiro! A família, então, foi informada do falecimento, não tendo o direito de enterrar Maria.

Foi nessa mesma época que a família se deparou com Maria. Era ali um fantasma? Além dela, havia mais seis mulheres, segundo Thereza, “*pior que ela, tá?*”³⁶⁹. Maria, então, foi informada pela família que o hospício havia comunicado seu falecimento. A família havia até mandado fazer uma sepultura no cemitério de Lavras (MG) em seu nome! Ela, então, foi até o cemitério. Ao avistar a cruz e a cova com seu nome: † *Maria das Dores de Souza*, pegou a cruz e gritou alto que não morreu. Foi para cima do coveiro com tudo e disse que eles a mataram, mas se esqueceram de enterrá-la: “*Eu tô viva, olha! Não me mataram*”³⁷⁰.

Essa subjetividade marginal, rebelde, incapaz de autocontrole, desejos insaciáveis de Maria, lembra a caça às bruxas, mulheres que atuaram com a manifestação de um corpo enlouquecido, rebelde, não comportado, que escapam do modelo da feminilidade, pois o exemplo a ser seguido é a “[...] a mulher e esposa ideal, passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas”³⁷¹. A caça insana à figura da Maria pode se resumir no discurso da bruxa, que traz traços da disciplina sobre o corpo feminino, amedrontado ao sair fora do padrão normatizado. Nesse ponto, ao invés de as mulheres serem queimadas na fogueira condenadas por bruxaria, conforme ocorreu no período da inquisição, essa prática se atualiza no Brasil com o ataque e a perseguição às mulheres através da condenação da loucura por meio do saber psiquiátrico. As mulheres passam, assim, a serem encarceradas atrás das grades em cadeias ou hospícios. A psiquiátrica higiênica cria um clima intensamente misógino³⁷². Essas mulheres não comportadas foram aquelas que tentaram produzir outras práticas de vida não convincentes

³⁶⁸ DORES, Thereza, 2021.

³⁶⁹ DORES, Thereza, 2021.

³⁷⁰ DORES, Thereza, 2021.

³⁷¹ FEDERICI, 2017, p. 205

³⁷² COSTA, 1989.

aos olhos da sociedade da época. Maria, sendo mãe branca, solo, pobre, solteira e agressiva não reproduz a definição da feminilidade de sua época. De acordo com Silvia Federici³⁷³, esse período da caça às bruxas foi referendado nos séculos XVI e XVII, em especial na passagem do feudalismo ao capitalismo. O corpo passou a ser visto como uma máquina de trabalho. As mulheres foram obrigadas a entrar nessa disciplina e foram as que mais sofreram com essa transição. No episódio de expropriação da terra, o capitalismo produziu violência, fome, extermínio e escravidão. Especialmente no quesito de divisão de gênero, foi travada uma guerra entre o corpo proletariado. O extermínio das bruxas surgiu como analisador para derrubar as mulheres, tirá-las do poder, subvertê-las à disciplina e ao controle de uma figura masculina. Tirando sua ocupação econômica, ficaria fácil extirpá-las. Nas palavras de Silvia Federici:

As mulheres eram acusadas de serem pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras. A língua feminina era especialmente culpável, considerada um instrumento de insubordinação. Porém, a principal vilã era a esposa desobediente, que, ao lado da ‘desbocada’, da bruxa e da ‘puta’, era alvo favorito de dramaturgos, escritores populares e moralistas³⁷⁴.

O sistema capitalista heteropatriarcal, heteronormativo e heterossexista consistiu em atacar a figura das mulheres, “[...] resultando na construção de uma nova ordem patriarcal, que defino como o ‘patriarcal do salário’”³⁷⁵. Com esse sistema capitalista posto, as mulheres tiveram dificuldades para se sustentarem financeiramente. Elas foram confinadas ao trabalho reprodutivo forçosamente e ao trabalho doméstico sem serem reconhecidos como trabalho. As mulheres, que viviam na precariedade, passaram a liderar revoltas por comida. Elas faziam alianças com outras mulheres e compartilhavam saberes, que evitavam a gravidez ou causavam o aborto. Parteiras, videntes e curandeiras tinham conhecimentos sobre os corpos e sabiam quais ervas deveriam indicar às outras mulheres. A partir desses gestos e de outras ousadias obscenas para a época, ocorreu, com intensidade, a perseguição às ditas bruxas, sendo estas identificadas com subjetividades rebeldes, inclassificáveis e não comportadas. Assim, o Estado declarou guerra às mulheres, que exerciam controle sobre seus corpos, e chegou a criar, como disciplina, o controle sobre a reprodução das

³⁷³ FEDERICI, 2017.

³⁷⁴ FEDERICI, 2017, p. 202.

³⁷⁵ FEDERICI, 2017, p. 129.

mulheres. Curandeiras, parteiras, putas, criadas e mendigas passaram a ser alvo da sangria! O que se vê nessas práticas cruéis da época é misoginia, feminicídio e sexismo: “[...] foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens – excessivamente emocionais e incapazes de se governar e tinham que ser colocadas sob controle masculino”³⁷⁶. A caça às bruxas se perpetuou na história, a fim de criar uma subjetividade, que colocasse a mulher refém do poder patriarcal. O movimento produziu a política do medo e da violência. Nas fogueiras, não estavam somente os corpos de bruxas, mas, em si, as experiências, que as mulheres haviam adquirido, sendo passadas de geração para geração, de mãe para filha, conhecimentos a respeito de ervas, meios contraceptivos ou aborto, e magias para alcançar o amor. Cabe ressaltar que homens, também, foram queimados na fogueira. Eram os mais pobres, os miseráveis, os vagabundos, os praticantes de sodomia, os párias sem-terra! Todavia, a maioria que foi atingida por essa guerra de morte foram as mulheres. O ataque ao corpo da mulher e a produção da política do medo e da violência deram início às práticas de heresia, o que “[...] passou a ser associado aos crimes reprodutivos, especialmente à ‘sodomia’, ao infanticídio e ao aborto”³⁷⁷. Na ótica do povo herético, a figura de deus já não era sustentada no corpo de um clero. Isso se perpetuava devido à ganância, à corrupção e aos comportamentos escandalosos do clero. Assim, a bruxa passou a ser alvo da perseguição aos hereges, aos corpos rebeldes, que só ocorreu na medida em que discursos da caça às bruxas foram tomando forma. As mulheres, que foram queimadas na fogueira e perseguidas, foram aquelas que tinham controles sobre seus corpos e que possuíam saberes sobre ervas e remédios curativos, e aquelas acusadas por realizarem rituais e encontros com o capeta, os famosos sabás.

A mesma perseguição da caça às bruxas, que perseguiu os corpos inclassificados, se atualiza num contexto da saúde mental, no qual várias mulheres foram encarceradas em hospícios por não seguirem as normas da época, por não serem comportadas, por burlarem as regras e por desejarem viverem suas vidas de outras formas. Isso tudo as fez se chocarem com o poder manicomial, com os eletrochoques, com a precariedade manicomial

³⁷⁶ FEDERICI, 2017, p. 201-202.

³⁷⁷ FEDERICI, 2017, p. 79.

e com um saber médico e jurídico, o qual sustenta que a loucura tem rosto, gênero, raça, classe, sexualidade. Desse modo, os discursos sustentam práticas de perseguição, caça às bruxas, às mulheres, na medida em que chocam com subjetividades não subordinadas ao sistema, aos modelos padrões. A psiquiatria brasileira com apostas eugenistas e higienistas lança a caça às bruxas de modo que aquelas que não fossem recatadas e do lar eram propensas a serem enquadradas por um diagnóstico da loucura.

A bruxona Maria, que usou o cabo de sua vassoura para escapulir do que a estava matando, não fugiu do hospício. Fugiu da morte antes de ela a pegar! Escapou dos eletrochoques, dos abusos e da precariedade de práticas, que enfraquecem e moraliza a existência. Sua raiva se manifesta no corpo por motivos, que, aqui, não foram acessados, mas se trata de uma raiva, que, apesar de tudo, a faz afirmar: “*Minha vida foi boa, minha vida está boa*”³⁷⁸. A estória de Maria não termina aqui. É inacabada. Ela é uma testemunha, uma sobrevivente de três sangrias: hospício Colônia (Barbacena), Raul Soares (Belo Horizonte) e Paulo Minicucci (Lavras). Vera e Thereza dizem que, de tanta oração que a família fez, principalmente sua mãe Nair Cândida de Jesus, que pediu, pediu, pediu a deus e ao São Benedito, hoje, Maria das Dores de Souza só faz o uso de Haldol³⁷⁹.

Refências

COSTA, Jurandir. **Ordem médica e norma familiar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

DORES, Maria de Souza. **Entrevista**. Lavras, 2021.

DORES, Thereza. **Entrevista**. Lavras, 2021.

DORES, Vera. **Entrevista**. Lavras, 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução Coletivos Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

³⁷⁸ SOUZA, 2021.

³⁷⁹ Haldol é indicado para o alívio de transtorno do pensamento, de afeto e de comportamento como: acreditar em ideias que não correspondem à realidade (delírios); ouvir, ou ver, ou sentir coisa que não está presente (alucinações); confusão; agitação psicomotora.

INCONCLUSÃO

Tirando a caçamba da rua

(Estas são as nossas histórias)

Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela³⁸⁰.

A experiência de pesquisar novas formas de habitar com (e pesquisar com) traz a alegoria de uma narradora caçambeteira, que narra as práticas e discursos do hospício mineiro Colônia, situado em Barbacena (MG). A tessitura da escuta de uma caçambeteira possibilitou recolher memórias, lembranças e segredos de pessoas, que foram sufocadas pelo poder manicomial. Por trás de um diagnóstico da psiquiatria, vidas foram enquadradas como “loucas” por uma produção de discurso ocasionadas por vontades de verdade. Tais existências infames foram restritas pelo olhar do poder, acusadas de desordem, anormalidade. Essa intervenção, por meio de um poder político nas relações cotidianas, tornou-se aceitável, familiar e até mesmo desejada. Desse modo, as relações entre discurso, poder, verdade e vida cotidiana estabelecem uma produção de subjetividades não comportadas, inclassificáveis. As infâmias das subjetividades não comportadas, como lavar a cabeça no período menstrual, furar saquinhos de arroz e café e assustar as pessoas, dizem das muambas que juntei aqui no presente trabalho. Aparentemente, as vidas das mulheres infames Maria das Dores e Maria Vilas Boas, e a vida de um homem infame, Sebastião Casarino, em suas narrativas, são grandiosas, singulares e denotam “a tomada do poder sobre o ordinário da vida”. Tendo este viés do louco/louca estabelecido entre o poder, o discurso e o cotidiano, a loucura é enquadrada por um saber médico e por práticas moralistas, que atravessam uma prática política higienista no Brasil. De tudo isso, ao ouvir histórias sobre a loucura e seus enquadramentos, propus pensar na “loca” não no sentido de doente, de insana, de anormal, mas de vida singular, de potência, de força de fabricação da existência, de resistência nesse contexto do hospício. Estas existências mínimas ensinaram que há fases na vida em que a gente tem que dar uma de “loca”, cavucar os muros manicomiais com um cabo de vassoura ou pular muros apostando no bando, na política da amizade, para fugir dos enquadramentos das normas que caducam, adoecem, enfraquecem e engessam a vida. Essas histórias sobre o Hospício Colônia de Barbacena, até o momento,

³⁸⁰ Evaristo, 2006.

não estavam nos livros; estavam nas memórias, na narrativa das pessoas. O meu ofício de narradora trapeira caçambeteira foi (re) contá-las, coletá-las e transmiti-las. Dessa maneira, estas narrativas, que aqui compõem e atravessam a temática da loucura, são estórias que arrepiam os pelos, que dizem de uma cidade, que compõem lugares inteiros. Aqui, não é a história das famílias Souza, Dores, Guimarães, Castro, Rodrigues, Alvez (NÃO). Estas são as nossas histórias. Isto é, não é a história privada de um sujeito ou de outro! Estas histórias falam de uma cidade, de um país. Elas, as memórias narradas, são, por fim, de todas, todos, todes. Elas salientam processos de colonização, processos racistas, homofóbicos, sexistas e classistas. As imagens nos mostram as mulheres, que foram encarceradas por não poderem inventar outros modos de viver a não ser a produção de práticas comandadas pelo padrão! As imagens tornam-se fotografias da memória de homens e mulheres infames. Elas são dispositivos para os textos de narrativas bem como da escrita feminista, implicada e engajada na reinvenção e transformação de si. O exercício da experimentação de transmitir experiências através da política da narrativa, tendo como alegoria a caçamba de lixo, torna este trabalho receptível ao encontro de histórias, que não têm limites, são inacabadas, inconclusas, pois, ao porém a caçamba na rua, as narradoras virão no sentido de narrar suas experiências de si sobre o hospício. Ao mesmo tempo, este trabalho dá pistas, que possibilitam pensar na escrita situada na produção de vida, de saúde e não sitiada pela moral que rebaixa e adoce a vida. É uma escrita polvoada de gentes, que produziu na pesquisadora caçambeteira narradora sapata, através das micropolíticas cotidianas, outras possibilidade de pesquisar/intervir, outras vivências num contexto acadêmico, que anula e mata nossas avós. Dessa maneira, a ética da caçambeteira consistiu em trilhar caminhos e produzir brechas contando histórias a contrapelo. As narrativas têm como eixo um manuscrito borrado pela escrevivências. Têm como pista a política da narrativa, que deu gancho às pessoas, que aqui compartilharam suas experiências a apostas nesta pesquisa. Elas tiveram o desejo de contar suas vivências, quiseram que seus nomes verdadeiros aparecessem, foram, por fim, as primeiras leitoras de suas vivências narradas.

Finalmente, digo a vocês que escrever uma dissertação requer coragem e fôlego! Chego aqui, a estas linhas inconclusas (Ufa!). Apesar de tudo, eu vim aqui contar histórias. Nas

palavras de Jota Mombaça: “Não vim aqui cantar a esperança [...] Então, eu vim para cantar à revelia”³⁸¹. “Aqui, debaixo de um limoeiro, apesar de retrocessos na saúde mental, da COVID-19, de tempos de Governo Bolsonaro, eu vim para contar histórias, e que elas sejam recontadas quantas vezes for para não esquecermos que estas são as nossas histórias: NOSSAS. A loucura, como discurso de uma prática de saber e poder, é algo que se coloca como NADA CONSTA nas narrativas, que aqui foram compartilhadas, o que camufla a vergonha de uma psiquiatria higienizada, com a sua brutalidade, que asfixiou gentes, que, apesar de terem combinado de não morrer, foram matadas. Por fim, o hospício Colônia de Barbacena (MG) NÃO MORREU: “São eles que morrem a gente apesar do que a gente combinamos”. Suas práticas estão presentes ainda nas nossas relações. Os arquivos vivos não nos deixam esquecer que o trem de doido ainda continua a atravessar a cidade. A qualquer momento, podemos ser desapropriadas com diagnósticos, normas, leis, saberes, verdades sobre os nossos modos de vida. Mas, não nos esquecemos de que, matadas e morridas, aos modos de Conceição Evaristo, “A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER”.

nossas respostas não estão em caçambas de lixos higienizadas, e sim naquilo que é poroso, sujo, que fede e que está sempre em movimento na cidade, que ora joga, ora recolhe. que traz sempre um marca, um rastro de uma vida ambulante, que vive a escapular das normas e poderes. estes rastros vão sempre a nos incomodar, vão nos fazer entrar num ônibus e viajar por 15 horas para fazer uma prova de mestrado. são as dúvidas e inquietações que nos levam a defrontar com uma porta fechada, fazendo retornar um ano depois, para, então, ser aprovada no mestrado, e aqui espalhar lixos sagrados!!!

Referências

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 89-128.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

³⁸¹ MOMBAÇA, 2021, p.14.

MORAIS, Marcia. Pesquisar: verbo ou substantivo? Narrativas de ver e não ver. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, n. 6, p. 174-81, 2011.